

HISTORIA UNIVERSAL.

TOMO SEGUNDO.

1897
1802
0095

HISTORIA UNIVERSAL.

PRIMEIRA PARTE: HISTORIA ANTIGA.

ESCRITA EM FRANCEZ

PELO ABBADE MILLOT;

E TRADUZIDA EM VULGAR

POR J. J. B.

Professor de Lingua Franceza no Real Collegio de Alcobaça.

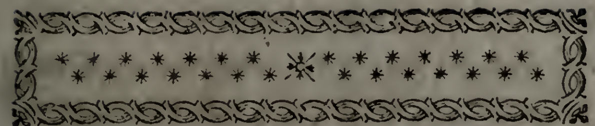
Segunda Ediçaõ, correcta, e emendada.

TOMO SEGUNDO.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1802
Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

Historia Testis temporum; Lux veritatis; Vita memoriæ; Magistra vitæ; Nuncia vetustatis.

Cicero.



HISTORIA UNIVERSAL.



CONTINUAÇAÕ DA HISTORIA GREGA.

LIVRO IV.

Desde o Reinado de Filippe, até ao dominio dos Romanos na Grecia.



CAPITULO I.

Reinado de Filippe de Macedonia, até ao estabelecimento do seu poder na Grecia.

A [illegible] nia [illegible] za [illegible] de [illegible]

Attendido o estado de decadencia, em que a Grecia se achava, só faltava haver hum Principe taõ habil, como guerreiro para a sobjugar. Este Principe appareceo. Nós vamos vêr levantar-se, e engrandecer-se insensivelmente huma Monarquia, quasi desconhecida ate áquelle tempo, fraca,

ca, desprezada, e desprezivel em quanto naõ teve por Senhor hum Homem grande. Posto que os Reis de Macedonia pretendessem descender de Hercules, os Gregos naõ os reconhecendo como seus nacionaes, os tratavaõ como barbaros. Havendo mais de quatrocentos annos, que aquelle Reino subsistia, quasi sempre necessitou da protecçaõ ou de Sparta, ou de Athenas, sem ter parte na gloria daquellas Repúblicas. Porém, quando as circunstancias saõ favoraveis, hum unico genio basta para causar revoluções. Thebas acabava de o experimentar.

Antes de J. C. 360. Filippe eleito Rei, em lugar de seu sobrinho.

Depois da morte de Amyntas II. (375 annos antes de Jesu Christo) a Macedonia sempre esteve exposta ás perturbações, e á discordia. Perdiccas, hum dos seus filhos, a quem pertencia o Throno, morrendo em huma guerra contra os Illyrios, dous concurrentes, Pausanias, e Argeo, pretendiaõ reinar em lugar do mancebo Amyntas, filho daquelle Principe. Filippe, irmaõ de Perdiccas, tinha sido, como temos visto, levado em refens para Thebas, quando Pelopidas pacificou o Reino. Filippe fugio entaõ para a sua Patria, governou algum tempo como tutor de seu sobrinho, e foi eleito Rei pelos Macedonios, os quaes necessitavaõ de hum Homem, e naõ de hum

me-

menino para restabelecer os seus negocios.

Filippe, de idade de vinte e quatro annos, discipulo de Epaminondas, assim que appareceo no Throno, logo se mostrou digno de occupallo. Hum dos seus primeiros cuidados foi disciplinar o seu Povo, e educallo para a guerra. Filippe inventou a falange, que era hum corpo de seis para sete mil Homens, de dezeseis de fundo, armados com grandes piques, de tal sorte proporcionados, que os da ultima linha excediaõ á primeira em dous pés, e todas juntas formavaõ huma frente inaccessivel, e impenetravel. Os soldados, a quem Filippe tratava com bondade, ou a quem chamava seus camaradas, e a quem dava o exemplo em tudo, chegáraõ a ser outros tantos Heroes debaixo das suas ordens. Pausanias, e Argeo se víráõ logo obrigados a abandonar as suas pretenções á Coroa.

Filippe disciplina os Macedonios.

Sua falange.

O valor, e a sciencia militar naõ eraõ as unicas qualidades, pelas quaes Filippe descobria o caminho da sua grandeza. Filippe unia ao valor, e á sciencia militar huma politica profunda, ainda mais capaz de servir a sua ambiçaõ. Athenas deixou-se sorprender pelas suas promessas, concluio com elle hum tratado, e o vio logo apoderar-se de Anfipolis, Colonia Athe-

Sua politica profunda, e artificiosa.

Atheniense, da qual fez huma barreira contra a Grecia. Já Filippe pretendia engrandecer-se, e dominar. A astucia, a corrupçaõ, e a arte de semear a discordia, de fazer, ou de quebrar allianças por interesse seu, de negociar com vantagem, e de empregar as armas sómente a tempo; finalmente, todos os meios, que o engenho póde inventar, legitimos ou naõ, para chegar ao seu fim, faziaõ a força principal daquelle Principe.

Filippe achou minas de ouro na Macedonia, as quaes deraõ mais de mil talentos de renda; e das quaes fez o grande instrumento da sua politica, comprando por toda a parte partidarios, e traidores. » Toda a fortaleza, dizia o mes-
« mo Filippe, se póde tomar, com tan-
« to, que nella possa entrar qualquer ma-
« cho carregado de dinheiro. » Se o Oraculo de Delfos lhe respondeo, como refere Suidas: *Combate com dinheiro, e tudo sujeitarás*; seguramente aquelle Oraculo naõ era inspirado pela justiça.

Filippe naõ empren-
de senaõ
depois de
r pensa-
em tu-

» A maior parte das emprezas naõ
« tem bom exito, esta he huma obser-
« vaçaõ do Abbade de Mably, porque as
« principiaõ a executar no mesmo instan-
« te, em que se concebe o seu projecto.
« Naõ prevenindo com antecedencia os
« obstaculos, nada se acha preparado pa-

« ra

« ra os vencer. Em vez de estar apto para « resistir aos primeiros accidentes, que so-« brevem, muitas vezes se achaõ oppri-« midos com elles; obedece-se aos suc-« cessos, em lugar de ser senhor delles: « e a politica taõ incerta, como a fortu-« na, naõ tem já regra alguma. » Esta reflexaõ todos os dias se verifica. Filippe, meditando os seus projectos, combinando os meios com os obstaculos, e unindo todas as partes do seu systema, soube senhorear a fortuna: os Homens de Estado naõ poderiaõ propôr-se modelo melhor, se a alma de sua politica naõ fosse a ambiçaõ.

Filippe grangea a si o partido dos Thessalios, e accommette Olyntha.

Filippe livra a Thessalia dos Tyrannos, que a opprimiaõ, e grangea por este modo o amor de hum Povo, de quem espera grandes serviços. Com effeito, a cavallaria Thessalia, junta com a sua falange, lhe deo huma grande superioridade. Filippe para pôr em defensa o seu Reino, faz-se Senhor de algumas Cidades de Thracia. Olyntha, Colonia de Athenas, era para Filippe huma conquista muito importante. O mesmo Filippe a sitía, depois de ter enganado os Olynthios. Estes imploraõ o soccorro de Athenas. Filippe tinha em Athenas pensionarios vendidos aos seus interesses.

Antes de J. C. 347.

Com tudo a Eloquencia de Demos-

the-

Os Athenienses naõ mandaõ soccorros sufficientes.

thenes, seu maior, e mais terrivel inimigo, desperta o sentimento do patriotismo. Mandaõ-se soccorros, porem insufficientes; augmentaõ-se-lhes outros mais, os quaes ainda naõ bastaõ: em lugar daquellas tropas mercenarias, de quem se queixavaõ os Olynthios, manda-se que os Athenienses partaõ, os quaes naõ sahiraõ melhor da sua empreza. Olyntha he entregue por dous traidores. Filippe aproveita-se da traiçaõ, e despreza os seus Authores. Aquelles traidores, ultrajados pelos proprios Macedonios, pedíraõ justiça ao Rei, de quem recebêraõ a seguinte resposta: *que vos importaõ os discursos dos Homens grosseiros, que nomeaõ todas as cousas pelo seu nome?*

Demosthenes inimigo declarado de Filippe.

Se Demosthenes tivesse nascido em hum seculo melhor, ou a sua Patria tivesse conservado todo o ardor, que mostrava pela gloria, e pelas grandes emprezas, teria provavelmente opposto huma barreira invencivel aos progressos do ambicioso Macedonio. Demosthenes, Orador vehemente, nervoso, intrepido, lançava raios sobre os seus adversarios; abrazava os seus ouvintes com o fogo, de que era animado, e reduzia a pó, para assim dizer, as razões,com que o contrariavaõ: os nomes de gloria, de liberdade, de bem publico, tinhaõ na sua boca huma força, á qual naõ se

se podia resistir. O seu odio contra Filippe foi sem limites; Demosthenes prevendo os seus intentos, sómente pensou em os impedir.

Infelizmente Athenas tinha degenerado, até ao ponto de ser apenas reconhecida. A brandura, e a indolencia prendiaõ com cadeias o amor da liberdade; huma multidaõ de almas venaes entregavaõ-se á corrupçaõ; as Magistraturas, e os empregos eraõ a recompensa da intriga, ou da baixeza; soldados mercenarios combatiaõ em lugar dos Cidadaõs; o Povo, ludibrio da lisonja dos Oradores, estava contente com tanto que lhe dessem prodigamente louvores, e tudo quanto podesse concorrer para os seus divertimentos; o furor dos espectaculos exhauria o Thesouro publico.

Os Athenienses haviaõ-se feito incapazes de grandes cousas.

Pericles, fazendo distribuir para aquelles jogos mil talentos, os quaes todos os annos se reservavaõ, tinha exceptuado ao menos os tempos de guerras. Porém Eubulo, opposto a Demosthenes, mandou prohibir, sob pena de morte, que se interrompesse a distribuiçaõ, e os fundos da guerra chegáraõ a ser, por huma Lei singular, o alimento da vaidade. Duas vezes accommetteo Demosthenes indirectamente aquelle abuso, pedindo que se nomeassem Commissarios para examinar, e pa-

O Theatro absorvia os fundos da guerra.

e para abolir as Leis perniciosas ao Estado. Vãs tentativas! os Athenienses queriaõ-se divertir: o Theatro os interessava mais do que a Patria. *

Politica imprudente de Demosthenes.

Quando hum Povo se acha corrupto por este modo, naõ se póde delle esperar esforços magnanimos, e constantes, taes quaes eraõ necessarios para vencer a Filippe. O Orador devia dirigir-se sobre as conjuncturas. O mesmo Orador, mais ardente que sabio, obra como se Athenas fosse a mesma, como era no tempo dos Aristides, e dos Themistocles. Veremos os tristes effeitos do seu zelo. Demosthenes pareceo já máo politico em o negocio de Olyntha; porque necessitavaõ-se de acções decisivas: e propôz sómente mandar hum corpo de dous mil Homens, para fazer simples incursões. Este era o meio de irritar hum inimigo poderoso, e de naõ lhe impedir os projectos, que meditava. Já Filippe havia tentado fazer-se Senhor das Thermopylas, a porta da Grecia. Finalmente achou a occasiaõ de estabelecer alli o seu poder.

Hu-

* Segundo Plutarco (*De glor. Athen.*), as representações de algumas Tragedias custavaõ maiores sommas de dinheiro, do que aquellas, que seriaõ necessarias para a defeza da Grecia contra os Persas. Plutarco exclama contra a imprudencia de sacrificar o bem do Estado ao Theatro.

Huma guerra, a qual se chama *Sagrada*, por ter huma côr falsa de Religiaõ, e por ser misturada de Fanatismo, destruia a Grecia havia quasi dez annos. Tendo os Foceos, visinhos do Templo de Delfos, lavrado algumas terras consagradas ao Deos, que nellas se adorava, os outros Povos visinhos, ou fosse para vingar Apollo, ou fosse por algum motivo occulto de animosidade, armáraõ-se logo contra elles. (Antes de Jesu Christo 355.) O conselho dos Anfictyões os condenou depois, como sacrilegos. Elles sustentáraõ a sua acçaõ, pretendendo usar dos seus direitos, e authorisando-se tambem de hum Oraculo. Quasi toda a Grecia tomou partido; Sparta, e Athenas em seu favor; Thebas, e outros muitos Póvos, a favor do Templo. Combatiaõ-se como furiosos. Os Foceos prizioneiros dos Thebanos, eraõ mortos, como impios abominaveis. Os prizioneiros Thebanos eraõ mortos cruelmente por direito de vingança. Filippe via de longe aquella grande paixaõ de furor de huns contra os outros, e applaudia-se de huma divisaõ taõ favoravel á sua politica. Tanto mais se enfraqueciaõ os Gregos a si mesmos, quanto mais certo estava Filippe de os domar: e mostrando-se neutro, pensava em utilizar-se das suas contendas.

Guerra Sagrada contra os Foceos.

Furor de ambos os partidos.

Os

Filippe declara-se, e engana os Athenienses.

Os Thebanos, muito fracos contra os seus inimigos, finalmente lhe pedem soccorro; e Filippe declara-se. Os Athenienses, cançados da guerra de Thracia, lhe mandaõ huma Embaixada para contratar a paz: Filippe corrompe os Embaixadores; apodera-se das Cidades, em quanto elles se demoraõ no caminho; assigna o Tratado, quando lhe naõ restaõ mais conquistas para fazer, rejeita comprehender nelle os Foceos, cujo sacrilegio lhe serve de motivo especioso de invasaõ. Filippe chega logo ás Thermopylas, faz-se senhor da passagem, e entra na Focida, nada lhe resiste; os Foceos até entaõ indomaveis depõem as armas; Filippe dá fim, sem combater, á guerra *Sagrada*, e adquire huma brilhante reputaçaõ, que ambiciosamente desejava para chegar ao seu fim.

Antes de J. C. 346. Filippe dá fim á guerra Sagrada.

Filippe he admittido no numero dos Anfictyões.

Filippe tendo ajuntado o Conselho dos Anfictyões, dicta-lhe huma sentença, a qual ordena arruinar todas as cidades da Focida, e de proscrever todos os sacrilegos. Os Foceos saõ excluidos do Conselho Anfictyonico, Filippe pede o seu lugar. O mesmo Filippe, alem da vantagem de ser nelle admittido, obtem tambem á Intendencia dos Jogos Pythicos, tirada aos Corinthios, por terem defendido os profanadores. Nunca Principe al-

gum

gum soube aproveitar-se melhor da superstição dos Povos.

Já em outro tempo tinha havido huma primeira guerra *Sagrada*, a qual os Spartanos emprendêraõ para tirar aos Foceos a guarda do Templo de Delfos, e para a dar aos Delfios. *Pericles* restabeleceo os primeiros no seu privilegio; e aquella guerra naõ causou grande mal, porque o Fanatismo naõ entrou nella. Eu a indico neste lugar sómente por ter occasiaõ.

Antiga guerra Sagrada.

CAPITULO II.

Fim do Reinado de Filippe de Macedonia.

Filippe já naõ era estrangeiro entre os Gregos. A qualidade de Anfictyaõ o fazia membro do seu corpo; os Gregos tinhaõ começado a respeitallo, e a obedecer-lhe; a opiniaõ alhanava os caminhos para as suas emprezas: o que era muito. As intrigas, e a força podiaõ em pouco tempo aperfeiçoar a obra. Aquelle Principe sagaz dissimulou ainda, com receio de inspirar a desconfiança, e de atemorizar os animos ao mesmo tempo, que importava conservallos. Filippe voltou para a Macedonia, naõ para esperar socega-

Filippe forma novas emprezas.

gadamente pelas occasiões, mas para se preparar por meio de Conquistas. As suas armas entráraõ pela Illyria, pela Thracia, e pelo Chersoneso. Mais atrevido á propoçaõ que se fortificava mais, apoderou-se de huma parte da Ilha de Eubea, (Negroponto) á qual chamava *as cadeias da Grecia*, por confinar quasi daquella parte com o Continente. Demosthenes declarou-se alta, e poderosamente contra elle; *as Filippicas* despertáraõ os Athenienses. Filippe naõ deixou de sitiar Perintha, e Byzancio, com a idea de causar a fome em Athenas, que extrahia da Thracia a maior parte dos seus viveres.

Filippicas.

Ao mesmo tempo o Rei de Macedonia por meio de huma carta muito eloquente, se esforçou por persuadir que respeitava religiosamente os Tratados, os quaes se violavaõ a seu respeito; reprehendendo especialmente aos Athenienses de sollicitarem a corte da Persia. » Vossos Pais, lhes disse Filippe, reprehendiaõ aos filhos de Pisistrato, como « hum crime irremissivel, de terem chamado os Persas contra os Gregos; « e naõ vos envergonhais de fazer aquillo mesmo, que condemnastes sempre « nos vossos Tyrannos. » He verdade que Demosthenes os tinha excitado para aquelle

Filippe reprehende aos Athenienses, o terem implorado o soccorro dos Persas.

le passo. O Orador naõ cessou de formar invectivas contra os Athenienses, até os obrigar a se armarem. Annunciou a victoria; e prometteo a total ruina de Filippe. O General Chares, homem sem credito, avarento, e sensual, o qual fora mandado soccorrer Bysancio, e Perintho, naõ tendo tido successo algum bom, os alliados naõ quizeraõ nem ao menos recebello, taõ indigno era do mando; noneáraõ o illustre Focion para occupar o seu lugar. Os Athenienses parecêraõ outros Homens debaixo das ordens daquelle Chefe taõ virtuoso, como grande militar. Filippe teve a prudencia de se retirar. Os Perinthios, os Byzantinos, e os Póvos do Chersonese, mostráraõ o seu reconhecimento, ordenando por authoridade publica, que se dessem coroas de ouro aos Athenienses.

Demosthenes faz tomar as armas.

Focion he nomeado General.

Focion, discipulo de Plataõ, verdadeiro Filosofo assim pelos seus costumes, como pelos seus principios, merece hum dos primeiros lugares entre os Heroes da Grecia. Focion a todos os seus talentos unia todas as virtudes. A sua eloquencia Laconica, em que as palavras eraõ, por assim dizer, outras tantas razões, convencia, e abatia frequentemente a Demosthenes, cuja perigosa politica naõ approvava; este Orador chamava a *Fo-*

Retrato deste grande Homem.

cion o Grande destruidor dos seus discursos. O mesmo Focion, inimigo da guerra, porque previa as suas consequencias, foi encarregado quarenta e cinco vezes do mando das tropas: nada prova melhor a confiança, que se fazia do seu zelo, e da sua capacidade. Com tudo a sua rigida probidade parecia ser a censura dos costumes de Athenas. Focion em lugar de lisongear o Povo, combatia quasi sempre os seus sentimentos. Hum dia em que Focion pronunciára hum Discurso Oratorio, vendo-se applaudido por todos; *acaso tenho eu dito alguma tolice?* perguntou elle a hum dos seus amigos; taõ convencido estava da imprudencia dos Athenienses.

Sua politica preferivel á politica de Demosthenes.

Desejando sómente o verdadeiro bem da sua Patria, Focion aconselhava sempre a paz, posto que continuamente se necessitasse delle para a guerra. Demosthenes, cobarde em os combates, e afouto na tribuna, ateou sempre o fogo da guerra, persuadindo que della dependiaõ a salvaçaõ, e a honra da Patria. Póde-se julgar pelo seu caracter, qual merecia maior confiança. Pelos factos melhor se julgará. Por ventura Tourreil, a quem Rollin copiou, devia de tomar os discursos de Demosthenes por base do seu excellente Prefacio Historico? O que vem a ser quasi o mesmo, como se se relatasse qualquer

cau-

causa seguindo o arrazoado de hum unico Advogado.

Hum sacrilegio verdadeiro, ou supposto, commettido pelos Locrienses de Anfyssa, os quaes foraõ accusados de ter lavrado as terras Sagradas junto ao Templo de Delfos, ateou a guerra com pretexto de Religiaõ. Filippe pretendia ser eleito General dos Gregos, contra os Profanadores, e seus sequazes. Os seus pensionarios obráraõ com feliz successo; o conselho dos Anfictyões deo-lhe aquella qualidade, e naõ podia servir melhor a sua politica. Filippe se apresenta logo na Grecia; toma Elatea, a Praça mais importante da Focida: e parece com aquella Conquista ameaçar Thebas; ao menos segundo o parecer de Demosthenes, o qual inflamma no mesmo instante os Athenienses, e os obriga a propôr huma alliança aos Thebanos, seus inimigos, e alliados de Filippe. Demosthenes eleito Embaixador voa a Thebas. A pesar da eloquencia de Python, Embaixador do Rei; Demosthenes inspira aos Thebanos o seu enthusiasmo; os dous Povos ligaõ-se contra o Macedonio. Entaõ he que Focion deo esta resposta a hum Cidadaõ fogoso, que lhe perguntou, se elle se atrevia ainda a fallar de Paz. *Sim eu me atrevo; e sei, naõ obstante, que tu me obedecerias*

Nova guerra de Religiaõ na Focida.

Demosthenes faz concluir huma alliança com os Thebanos contra Filippe.

Focion condemna Demosthenes com razaõ.

rias no tempo da guerra, e que eu te obedeceria no tempo da paz. Demosthenes applaudia-se de que por meio da alliança de Thebas a guerra se faria fóra da Attica. *Seria necessario pensar*, respondeo prudentemente Focion, *primeiramente sobre os meios de vencer, do que no sitio do combate: isto he o que desviaria de nós a guerra, porque se ficamos vencidos, temos todas as infelicidades ás nossas portas.*

Antes de J. C. 338. Batalha de Cheronea ganhada por Filippe.

A prudencia já naõ tinha lugar algum. Hum ardor incrivel apenas permettia reflectir sobre o perigo. Debalde se espalháraõ alguns Oraculos de máo agouro. Demosthenes ridiculizou aquelles Oraculos, dizendo que a Pythia *filippizava*. Os Athenienses apressaõ a sua marcha, e os Thebanos unem-se com elles. Filippe, depois de ter inutilmente offerecido a paz, penetra pela Beocia dentro. Combate-se junto á Cheronea com forças quasi iguaes. O batalhaõ *Sagrado* de Thebas foi roto pelo mancebo Alexandre, o qual tendo sómente dezesete annos, já muitas vezes se tinha mostrado digno de seu Pai. Hum dos Generaes Athenienses rompe da sua parte algumas tropas, e vai em seu alcance, como se a batalha estivesse ganhada. *Os Athenienses naõ podem vencer*, disse Filippe, á vista daquella imprudencia. O mesmo Filippe manda avan-

çar

çar a sua falange contra aquelle corpo desordenado, e derrotando-o, alcança huma victoria decisiva. Demosthenes larga as suas armas para fugir. Focion naquella occasiaõ tinha sido excluido do mando; e Athenas sempre teve que allegar para sua reprehensaõ hum duplicado erro, de naõ se ter aproveitado dos seus conselhos, e de se ter privado dos seus serviços. Focion ao menos inspirou o animo em a infelicidade.

Este Principe usa da victoria com moderaçaõ.

Refere-se que Filippe, esquentado com o vinho, e extraordinariamente alegre da sua victoria, puzera em Musica, por modo de insulto, as primeiras palavras do Decreto que Demosthenes mandára passar contra elle. Accrescenta-se que o Orador Demades, hum dos seus prisioneiros, lhe dissera com huma generosa liberdade: *Dando-te a fortuna o papel de Agamemnon, como naõ te envergonhas de representar a papel de Thersitas?* e que o vencedor agradecêra muito esta lembrança a Demades. Este lance de moderaçaõ naõ lhe fez tanta honra, como o modo com que tratou os vencidos. Filippe mandou para a sua Patria os prisioneiros Athenienses sem resgate, e renovou o antigo tratado com a Republica. Bella resposta ás injúrias, que contra elle tinhaõ proferido na Tribuna Orato-

toria! Filippe concedeo a paz aos Beocios, porem deixando guarniçaõ em Thebas. Huns, e outros conhecêraõ que se Filippe era hum politico perigoso, naõ era hum Barbaro. Por ventura aquelles Republicanos teriaõ sido capazes de tanta humanidade, e de tanta prudencia?

Processo de Demosthenes, e de Eschines.

A inconstante Athenas entregou-se como antecedentemente ao Orador, o qual a tinha precipitado. Demosthenes foi encarregado do cuidado de restabelecer os muros de Athenas, e de ter cuidado dos provimentos da Cidade. Huma Coroa de ouro foi a recompensa dos seus trabalhos. Isto he o que deo lugar ao famoso processo, que Demosthenes sustentou contra Eschines. Os seus arrazoados saõ conhecidos por todos os que amaõ a Eloquencia. Nelles se admira o modo, com que Demosthenes justifica a ultima guerra. *Naõ, Athenienses*, exclama Demosthenes, *naõ, vós naõ faltastes ao vosso dever expondo-vos pela liberdade, e pela salvaçaõ da Grecia. Eu o juro pelos nossos antepassados, por aquelles valerosos guerreiros, que combatêraõ em Marathonia, em Plateas, em Salamina, e em Artimisia, e por outros muitos Heroes, cujas cinzas descançaõ em os públicos monumentos.* Nada faltava a este argumento, senaõ fazer os Athenienses dignos dos seus antepassados. Porém Fo-

Justificaçaõ de Demosthenes, a respeito da ultima guerra.

cion

cion tinha razaõ de lhes dizer. *Eu vos aconselharei a guerra, quando vós a poderdes sustentar; quando vir os mancebos cheios de valor, e de obediencia, os ricos contribuir voluntariamente para as necessidades do Estado, e os Oradores naõ roubar o Publico.*

Filippe, arbitro da Grecia, como sempre desejára, ou a fim de conservar aquelle imperio, ou a fim de dilatar as suas Conquistas, ou a fim de se immortalizar por meio da empreza mais gloriosa, e mais propria para dissipar o odio, e as prevençóes, resolveo voltar as suas armas contra o Rei da Persia, cujo Throno esperava abalar, e talvez tambem derrubar. Para esta expediçaõ fez-se nomear Generalissimo dos Gregos. Filippe consultou o Oraculo, o qual respondeo como de ordinario em termos ambiguos, os quaes se podiaõ applicar a todos os successos: *O touro está já coroado, o seu fim he chegado, e logo vai ser sacrificado.* Filippe julgou, ou por melhor dizer persuadio, que o Deos lhe annunciava a victoria. Apressou o matrimonio de sua filha Cleopatra, a fim de empregar sómente as suas occupaçóes nos seus projectos de Conquistas. Porém o termo dos seus dias estava determinado. No meio das Festas do casamento Filippe foi assassinado publicamente

Filippe emprende a guerra contra os Persas.

Antes de J. C. 336. Filippe morreo assassinado.

te por Pausanias, Cavalleiro moço, a quem Attalo, Tio de Cleopatra, deshonrára brutalmente, e a quem o Rei recusára fazer justiça. Filippe morreo, victima daquella vingança, depois de ter reinado vinte e quatro annos, aos quarenta e oito annos de idade.

Alegria indecente de Demosthenes, e dos Athenienses.

Demosthenes, avisado occultamente da sua morte, correo para o Conselho, fingindo ter tido hum sonho mysterioso, o qual annunciava alguma felicidade extraordinaria. Assim que se espalhou a noticia do successo, huma alegria indecente se manifestou por toda a Cidade: da qual o Orador deo o exemplo, ainda que havia poucos dias que sua filha tinha morrido. Demosthenes mandou fazer sacrificios aos Deoses em acçaõ de graças, e ordenou por authoridade publica que se désse huma Coroa a Pausanias, assassino de Filippe. Hum excesso taõ infame descobre o caracter de Demosthenes. Aquellas grandes maximas, que Demosthenes publicava na Tribuna Oratoria, eraõ menos a expressaõ dos seus sentimentos, do que os meios, pelos quaes fazia triunfar as suas paixões.

Vicios de Filippe misturados com grandes qualidades.

A Historia argue Filippe de vicios indignos do Homem honrado, de intemperança, de devassidaõ, e de perfidia. Filippe dizia: *Os meninos se divertem com brincos*

cos, e os Homens com juramentos; dito que tambem se attribue a Lysandro. A sua primeira regra sempre era o interesse, e ninguem lhe excedeo em todas as astucias de huma Politica artificiosa. Porém Filippe nada teria conseguido sem humas qualidades eminentes. Se de huma parte o condemnamos, da outra o devemos admirar. A profundidade do seu engenho, os recursos de sua prudencia, a intrepidez do seu valor, a humanidade, e ainda a justiça, de que Filippe frequentemente deo provas, fazem reconhecer nelle o Discipulo de Epaminondas.

Filippe tinha muito bem experimentado as utilidades de huma educaçaõ excellente, para que as naõ procurasse para hum filho, nascido com as mais felizes disposiçóes. Fazer de Alexandre hum guerreiro era pouco para Filippe, o qual pretendia que fosse hum Homem illustrado, Aristoteles, o primeiro Filosofo do seculo, devia ser o Mestre, e Instructor de Alexandre. Assim que este Principe nasceo, Filippe se julgou feliz se lhe podesse assegurar hum tal Mestre. A carta que o mesmo Filippe escreveo ao Filosofo, he huma liçaõ para todos os Reis: *tenho hum filho; dou graças aos Deozes, menos por mo terem dado, que por permittirem que elle nascesse no tempo de Aris-*

Sua vigilancia pela educaçaõ de Alexandre.

Sua carta a Aristoteles.

Aristoteles. Lisonjeo-me que vós o fareis digno de me succeder, e de governar a Macedonia. Alexandre era filho de Olympias, ao depois repudiada. Inquietando os outros filhos de Filippe a Alexandre a respeito dos seus direitos á successaõ, recebeo este hum dia de seu Pai o parecer seguinte: *Tende paciencia, meu filho, e conduzi-vos taõ bem á vista de vossos irmãos, que a Coroa pareça ser para vós, antes o effeito do vosso merecimento, que da minha eleiçaõ.*

Parecer que deo a seu filho.

Seu amor pela verdade.

Entre hum grande número de acções singulares, que se referem de Filippe, as seguintes saõ verdadeiramente memoraveis. Hum criado de Filippe, repetia-lhe todos os dias antes de dar audiencia: *Lembra-te que és mortal.* O mesmo Filippe, conhecendo o valor da verdade, ainda quando esta offende o amor proprio, dizia que os Oradores de Athenas lhe tinhaõ feito hum grande serviço, emendando-o dos seus defeitos, á força de lhos arguir. Hum prisioneiro tendo afoutamente vituperado a Filippe, a respeito de ser vendido: *Dê-se a liberdade a esse Homem*, disse Filippe, *eu ignorava que elle fosse meu amigo.*

Sua moderaçaõ.

Empenhavaõ-se com Filippe para que expulsasse hum Homem honrado, que o arguia. *Vejamos primeiro*, respondeo Filip-

lippe, *se lhe temos dado causa para isso.* Aquelle atrevido Censor era pobre; Filippe o soccorreo; os vituperios mudáraõ-se em louvores, e Filippe disse entaõ com muita sabedoria, *dos Principes depende o fazer-se amar, ou aborrecer.* De bom grado accrescentaria eu, que o fazerem-se amar, he para os Principes a cousa mais facil.

Sua justiça.

Huma Mulher, a quem Filippe condemnára, ao sahir de hum grande banquete, exclamou que appellava *para Filippe em jejum.* Filippe examinou novamente a causa, e reparou a sua injustiça. Outra mulher do Povo, differida de dia em dia, com o pretexto que naõ tinha tempo de lhe dar audiencia, lhe disse finalmente, *deixa pois de ser Rei.* Filippe logo a despachou, e foi dahi em diante mais exacto no primeiro dever do Reinado.

Desprezo injusto, que Demosthenes fazia de Filippe.

Tal era este Principe, do qual Demosthenes fallava em termos taõ desprezivcis. » Onde está, dizia Demosthenes, « a indignaçaõ que manifestais a respeito de Filippe; o qual mui longe de « ser Grego, e de pertencer aos Gregos « por parte alguma, mui longe tambem « de ter huma origem illustre entre os « Barbaros, he hum miseravel Macedonio, filho de hum lugar, donde jámais

sa-

IV. Filippica. Traduc. de Olivet.

« sahio hum bom escravo? » Neste passo se conhece a vaidade do Atheniense. Filippe mostrava-se bem superior, quando galanteando a respeito do uso absurdo de eleger cada anno dez Generaes, dizia: *Eu em toda a minha vida naõ pude achar senaõ hum unico General* (Parmenion); *porem os Athenienses achaõ dez todos os annos.*

CAPITULO III.

Reinado de Alexandre até a batalha de Arbella.

Mocidade de Alexandre, presagio de grandes cousas.

ERA necessario hum Alexandre para succeder a Filippe. A mocidade do primeiro annunciava grandes cousas. As lições de seu Pai, juntas com as lições de *Aristoteles* *, tinhaõ educado, e disposto o seu genio para a Politica, para a guerra, para a Filosofia, e para as Letras. O seu gosto pela Iliada de Homero era o gosto de hum Heróe. A sua paixaõ pela gloria era manifesta a respeito do genero de gloria, que lhe convinha, e per-

Sua paixaõ pela gloria.

* Alexandre dizia ser *devedor a hum de viver, e a outro de viver bem.* O que naõ era reconhecer tudo o que devia a seu Pai. Porém Alexandre era cioso da gloria de Filippe, e lembrava-se do seu divorcio com Olympias.

e perguntando-lhe os seus amigos se naõ disputaria o premio dos jogos Olympicos, de que Filippe tinha sido taõ cioso, respondeo, que o faria sem duvida, se devesse ter Reis por antagonistas. Nada descobrio melhor o seu caracter, e a sua alma, do que o modo com que entreteve hum dia os Embaixadores do Rei da Persia.

Sua conversaçaõ com dois Embaixadores da Persia.

Em lugar de fallar com os Embaixadores a respeito das maravilhas da pompa Asiatica, objecto da curiosidade de tantos Homens já feitos, Alexandre se informou do caminho da Asia Superior, da distancia dos lugares, das forças da Naçaõ, da natureza do governo, e do procedimento do Monarca. Refere-se que os Embaixadores todos admirados, fallando entre si diziaõ: *Este Principe he grande; o nosso he rico.* Os Homens de espirito penetrante podiaõ de semelhantes reflexões vivas, e engenhosas presagiar as suas emprezas, e a sua grandeza.

Sua ambiçaõ.

Alexandre naõ dissimulava a ambiçaõ, que o devorava. Com a noticia de alguma acçaõ grande, ou de alguma façanha de Filippe: *Meu Pai tomará tudo*, dizia Alexandre aos seus amigos, *e naõ nos deixará nada a fazer.* Semelhantes Homens saõ ou a gloria, ou o flagello do Genero Humano, conforme empregaõ

mal,

mal, ou bem os seus talentos, e o seu poder.

Antes de J. C. 336. Alexandre he desprezado, e faz-se temer.

Quando Alexandre subio ao Throno da idade de vinte annos, todos os Povos sujeitos por seu Pai julgáraõ ser livres. Os Barbaros pegáraõ desde logo nas armas. Demosthenes, mais experimentado na arte de convencer, do que na arte de conhecer os Homens, animou os Gregos para se unir contra *hum rapaz*, *e hum tonto*, (tal era o modo, com que Demosthenes tratava á Alexandre,) cuja fraqueza expunha o seu proprio Reino a grande perigo. Os Macedonios, assustados por causa daquelles movimentos, aconselhavaõ ao Principe, que se valesse dos meios de insinuaçaõ, e de doçura: Alexandre julgou dever antes lançar por terra os seus inimigos por meio de estrondosas acções. Os Triballos, os Illyrios, os Thracios, os Getas, e outros Barbaros, foraõ castigados pela sua atrevida imprudencia. Depois daquelle ensaio de firmeza, e de valor o vencedor cahio sobre a Grecia.

Alexandre destroe Thebas.

Thebas tinha morto cruelmente huma parte da guarniçaõ dos Macedonios. Alexandre apresenta-se defronte de suas muralhas; offerece o perdaõ, com tanto, que lhe entreguem os culpados; e derrotando os Thebanos infelizmente obstina-

nados, toma a Cidade, e abandonando-a á pilhagem a destroe. Alexandre conservou a liberdade aos Sacerdotes, e aos descendentes de Pindaro; porém quasi trinta mil Cidadaõs foraõ vendidos. Terrivel castigo da rebelliaõ!

Valor de huma Mulher.

Timoclea, Mulher de Thebas, tendo sido violada por hum Capitaõ, mostrou-lhe hum poço, onde tinha, dizia ella, lançado o seu dinheiro, e as suas joias. O Capitaõ chega-se ao poço; aquella valerosa Mulher o precipita nelle, e o mata ás pedradas. Alexandre sendo informado do caso, em lugar de castigar a Mulher, lhe concedeo a liberdade.

Alexandre perdoa a Athenas.

Athenas, timorata com aquella noticia, manda pedir a paz. Demosthenes era da Embaixada, e enchendo-se de medo no caminho separou-se dos seus Collegas. Que contrariedade dos seus sentimentos com os seus discursos! Alexandre, o qual queria que logo lhe entregassem dez Oradores, dos mais ardentes contra elle, contentou-se com o desterro de Caridemes: Alexandre mostrou a sua clemencia para com Athenas, assim como mostrára a sua vingança contra Thebas.

Alexandre faz-se declarar Generalissi

Alexandre, Senhor da Grecia em huma unica campanha, ajunta em Corintho os Deputados de todas as Cidades, e pro-

mo contra os Persas. e propondo-lhes o grande intento de sobjugar o Imperio dos Persas, se faz nomear Generalissimo daquella expediçaõ. Filippe apenas tinha chegado a occupar aquelle posto em todo o seu Reinado. Os principaes Cidadaõs, e os mesmos Filosofos o vieraõ entaõ felicitar. Naõ apparecendo Diogenes, Alexandre teve a curiosidade de hir vêr hum Homem taõ singular, que affectava o desprezo de tudo o que os outros Homens procuraõ. O mesmo Alexandre foi testemunha da sua altiva independencia no centro da pobreza, e naõ pôde deixar de dizer: *Se eu naõ fosse Alexandre, quizera ser Diogenes.*

Alexandre visita Diogenes.

Temeridade desta empreza.

Alexandre voltando para a Macedonia, apressou os preparativos, e a partida. Naõ quiz casar por naõ perder o tempo nas bodas. Fez prodigas as liberalidades, que exercitou com os officiaes, cujo amor, e affecto lhe era taõ necessario. Hum dos Officiaes perguntando-lhe o que reservava para si: *a esperança*, respondeo Alexandre. Antipatro foi encarregado de guardar a Macedonia com o numero de quasi treze mil Homens. O exercito do Rei era sómente de trinta e cinco mil Homens, porém tropas excellentes, commandadas por Capitães antigos, e excellentes. Alexandre partio, sem outro fun-

do

do para a guerra, senaõ com setenta talentos, e viveres para hum mez.

Temeridade desta empreza.

Conforme todas as regras da prudencia, emprender com taõ fracos meios a Conquista da Asia, era huma louca temeridade. Qualquer infelicidade podia causar a perda da Macedonia. Alexandre contava sobre a sua fortuna, e sobre a fraqueza do Monarca, cujo Throno pretendia invadir, com o pretexto de vingar a Grecia tantas vezes insultada pelos Persas.

Estado do Imperio dos Persas.

Havia muito tempo que o imperio de Cyro ameaçava ruina. A sua grandeza excessiva era hum principio de destruiçaõ; ao qual se uniaõ os vicios do Governo, a escravidaõ dos Povos, e a depravaçaõ dos Principes. Os Satrapas, muito apartados da Corte, eraõ quasi outros tantos Reis independentes. Huma multidaõ de Povos, os quaes sómente eraõ communs na escravidaõ, formavaõ hum corpo sem harmonia, sempre promppto para se dissolver. O grande Rei naõ era, senaõ hum Despotico effeminado, em huma Corte cheia de crimes.

Ocho, Tyranno, assassinado.

Depois da morte de Artaxerxes Mnemon (361), Ocho seu filho, e seu Successor, manchado com o sangue de dous irmãos, tinha mandado enterrar viva sua irmã Ocha, com cu-

ja filha casára. O seu insaciavel furor tinha-se exercitado em todas as cabeças as mais illustres. A Fenicia, e o Egypto rebelláraõ-se. Sidon foi queimada pelos seus proprios Cidadãos; o Egypto vencido experimentou barbaridades horrorosas; e vio os seus Deoses insultados, e os seus archivos tirados dos Templos. Bagoas, Eunuco Egypcio, sendo o Confidente, e o Ministro de Ocho, vingou algum tempo depois a sua patria, com o homicidio daquelle Tyranno. Bagoas deo-lhe por Successor Arsés hum dos filhos do Rei, e logo o assassinou.

Dario Codomano.

O mesmo Bagoas substituio a Arsés Dario Codomano, (336) Principe da Casa Real, a quem teria assassinado do mesmo modo, se Dario naõ prevenisse o seu intento, castigando-o a tempo. Este Principe, com excellentes qualidades, era falto de politica, e de valor. Os seus erros contribuíraõ para o feliz successo do Rei de Macedonia; porém ha humas circunstancias fataes, em que os erros parecem inevitaveis, ainda para Homens superiores.

Antes de J. C. 334. Alexandre na Asia.

Alexandre passa o Hellesponto, e chegando á Frygia, honra a sepultura de Achilles, e mostra invejar a duplicada felicidade daquelle Heróe, por ter tido em toda a sua vida hum amigo fiel, e de-

e depois da sua morte hum cantor admiravel. O mesmo Alexandre cheio do enthusiasmo, que inspira a gloria dos Homens grandes, passa o Granico á vista do exercito inimigo, e o obriga a fugir. Aquella arriscada acçaõ, além de se conformar com a impetuosidade do seu animo, lhe pareceo necessaria para inspirar o terror aos Persas. Alexandre naõ ignorava, que a opiniaõ muitas vezes decide do successo, e que algumas vezes tudo depende do primeiro passo.

Sabios, e prudentes conselhos de Memnon, os quaes naõ foraõ abraçados pelos Persas.

Se se tivessem regulado pelo parecer de Memnon de Rhodes, o melhor General de Dario, ter-se-hia evitado o combate, e arruinando as Terras ter-se-hia causado a fome aos Gregos, cujo exercito carecia de provimentos. O Satrapa da Frygia oppôz-se á Memnon, a fim de livrar as Terras da sua Provincia. Sem aquelle Satrapa, Alexandre precipitava-se infallivelmente. A que cousas está unida a sórte dos Imperios? hum conselho os póde perder, ou salvar. Memnon aconselhou depois a seu amo, que fosse fazer a guerra na Macedonia, a fim de obrigar o vencedor a hir defender os seus proprios Estados; projecto tanto mais judicioso, quanta era a ruina, que Sparta, e outros Póvos da Grecia, desejavaõ ao Macedonio. Dario approvando o

conselho, encarregou da execuçaõ ao proprio Memnon. Porém tendo este General morrido no sitio de Mitylene, a sua morte fez abandonar o unico meio, que restava para desviar a tormenta.

Alexandre toma Tarsa.

Já a Asia Menor estava sujeita, posto que Memnon tivesse defendido em pessoa as Praças de Mileto, e de Halicarnasso. Alexandre tinha mandado para Macedonia a maior parte da frota, ou porque fosse a despeza muito consideravel, ou a fim de pôr os seus soldados na necessidade de vencerem, ou de morrerem. Os seus rapidos successos justificáraõ aquelle atrevimento. Voltando Alexandre de Cappadocia para Tarsa, passou livremente pelos desfiladeiros estreitos da Cilicia, os quaes abandonou o inimigo, sem se atrever a esperar por elle. O mesmo Alexandre se apossou das riquezas de Tarsa, antes que fossem consumidas pelo fogo; porque os Persas principiavaõ a queimar a Cidade.

Sua doença, e sua força de alma.

Em Tarsa he, onde Alexandre depois de se ter banhado, coberto de suor, em o Cydno, teve huma doença mortal, da qual o curou Filippe seu Medico. Parmenion tinha escrito a Alexandre que aquelle Medico tendo-se deixado corromper o devia envenenar. O aviso era falso, porém capaz de o agitar cruelmente.

Ale-

Alexandre mostrou a carta a Filippe, e ao mesmo tempo tomou huma bebida, que elle lhe apresentava. *O unico favor, que vos peço*, lhe disse o Medico, *he que socegueis o vosso animo: a vossa cura me justificará.* Alexandre, se fosse dotado de hum espirito menos constante, estava perdido. Ou o temor, ou a desconfiança o teria morto: o seu valor de animo o salvou.

Antes de J. C. 332. Imprudencia de Dario.

Dario avançava-se imprudentemente para combater. Em lugar de esperar pelos Gregos, como o aconselhavaõ, nas vastas planicies de Assyria, onde teria podido fazer manobrar livremente todas as suas tropas contra elles, Dario entrou no Cilicia pelo passo de Amano, e metteo se em hum desfiladeiro, onde a maior parte do seu exercito naõ podia manobrar. Os Despoticos soffrem com impaciencia todo o conselho, que mortifica o seu orgulho. Charidemes, Atheniense refugiado na Persia, padeceo-a-pena de morte, por ter dado hum conselho, que deveriaõ ter seguido. A batalha de Isso confundio logo a presumpçaõ do grande Rei. Dario aprendeo á sua custa, que hum innumeravel exercito mal disciplinado, e peior conduzido, nada vale contra excellentes soldados mandados por hum Heróe. Sómente trinta mil Gregos,

A batalha de Isso.

que

que Dario tinha a seu soldo, podiaõ disputar a victoria. Alexandre os rompeo, depois de ter dissipado o resto. Dario ao menos mostrou valor, e naõ fugio senaõ depois de ter visto atravessados de feridas os cavallos do seu carro. A perda dos Persas se avalia em cento e dez mil Homens; Quinto-Curcio reduz a perda dos Macedonios a quatrocentos e sincoenta.

Observações a respeito dos Historiadores de Alexandre. Quinto-Curcio pouco digno de credito.

Devemos aqui observar, quanto he pouco digno de fé aquelle Author elegante. As suas descripções, e os seus discursos estudados bastariaõ para inspirar desconfiança; as suas descripções mais parecem Fabulas, do que Historia. Além daquelle defeito essencial, encontraõ-se no seu Livro erros palpaveis. Descrevendo, por exemplo, a marcha pomposa de Dario, a qual se tomaria por huma Festa, Quinto-Curcio faz apparecer hum carro consagrado a Jupiter, e orna o carro do Rei com estatuas, que representaõ os Deoses; como se os Persas naõ tivessem em horror a Idolatria. He de admirar que Rollin copiasse Quinto-Curcio, em hum Seculo illustrado pela Critica, e em huma Obra destinada para sólidas instrucções.

Arrio mais judicioso.

Entre as frequentes contradicções dos Historiadores de Alexandre, o parecer,

e o

e o juizo de Arrio deveria sempre prevalecer, quando por outra parte se ignorasse, que elle escreveo seguindo Ptolemeo, e Aristobulo, Capitães do mesmo Alexandre. Arrio refere a visita, que fez o vencedor ás Princezas, suas prisioneiras, o engano de Sysigambis, lançando-se aos pés de Hefestion, cuidando ser o Rei de Macedonia; as excellentes palavras daquelle Rei: *Naõ, minha Mãi, vós naõ vos enganastes; porque Hefestion tambem he Alexandre.* Porém Arrio sem certificar o facto, como os outros Historiadòres, contenta-se em dizer: « que « ha tanta dignidade nesta acçaõ, que « se nós a naõ devemos crêr, ao menos « desejar a sua certeza. « Arrio naõ falla de Abdolonymo, o qual Alexandre tira da sua horta, para o fazer Rei de Sidon. Por ventura ter-lhe-hia escapado hum facto taõ notavel? O seu silencio he huma prova negativa, tanto mais forte, quanto se contradizem entre si os Authores, que delle fallaõ. As palavras, que Quinto-Curcio põe na boca de Abdolonymo, naõ saõ menos instructivas. Alexandre perguntando-lhe, com que paciencia supportára a miseria: *Queiraõ os Deoses*, respondeo Abdolonymo, *que eu possa sustentar o pezo do Reino com a mesma força! estas mãos tem provido a todos os meus*

Successo de Abdolonymo provavelmente fabuloso.

meus desejos: sem ter nada, nada me faltou.

Thesouros de Dario, tomados em Damasco.

Sigamos o fio da Historia, da qual nos he necessario apartar alguns momentos, a fim de se evitarem os precipicios, a que nos expõem os Historiadores infieis. Alexandre depois da batalha de Isso passa para a Syria. Parmenion se apodera de Damasco, onde os Thesouros de Dario estavaõ encerrados. Refere-se, que se acháraõ em Damasco despojos para carregar sete mil bestas de carga; que havia trezentas e vinte nove concubinas do Rei da Persia, e quatrocentos e noventa e dous Officiaes, destinados para o seu luxo, e divertimentos. Aprestos de guerra, os quaes sómente podiaõ annunciar huma derrota. Dario escreveo ao vencedor huma carta altiva para lhe pedir novamente sua Mãi, sua Mulher, e seus filhos, e para o exhortar a acabar huma guerra injusta. A resposta muito differente em Arrio, e em Quinto-Curcio, respira o orgulho da victoria: onde Alexandre falla, como Soberano da Asia, e como tal pretende ser reconhecido.

Alexandre em lugar de hir no alcance de Dario, marcha para Tyro.

Alexandre deveria ter hido no alcance do inimigo, sem lhe dar tempo de respirar. Em lugar de tomar aquelle partido marcha para Tyro; onde pretende entrar para fazer hum sacrificio a Her-

Hercules. Os Tyrios suspeitosos lhe fechaõ as suas portas, a colera lhe inspira o intento de as forçar. Outras razões moviaõ Alexandre áquella grande empreza: elle pretendia fazer-se Senhor do Mar, ou para conquistar o Egypto, ou para conter os Gregos, de quem tinha motivos para desconfiar, porque se tinhaõ encontrado em Damasco Embaixadores de Sparta, de Athenas, e de Thebas encarregados de huma negociaçaõ com os Persas. Aquelle Conquistador causava-lhes naquelle tempo maior inquietaçaõ do que o grande Rei.

Sitio, e tomada de Tyro.

A nova Tyro, edificada em huma Ilha defronte da antiga, parecia inconquistavel sem frota. Alexandre, a quem nenhum obstaculo descorçoava, emprende unir a Ilha com o Continente por meio de huma calçada. Infinitos trabalhos adiantaõ a obra; porém os Tyrios, e as ondas a destroem. Principia-se de novo a trabalhar com ardor. Os Sidonios, e outros Povos, que foraõ tratados favoravelmente por Alexandre, lhe procuráraõ finalmente baixeis. Alexandre aperta o sitio. Todas as qualidades de maquinas de guerra se empregáraõ de huma, e de outra parte. Tanto os sitiadores, como os sitiados mostraõ igualmente a sua habilidade, e o seu valor. Depois de sete mezes

zes de resistencia, a Cidade foi tomada de assalto. Quasi oito mil Tyrios foraõ degolados; trinta mil prisioneiros foraõ vendidos, e o Conquistador fez o seu sacrificio a Hercules sobre as ruinas de Tyro.

Relaçaõ de José a respeito da viagem de Alexandre a Jerusalem.

Alexandre, conforme José, o Historiador dos Judeos, marcha depois para Jerusalem, resoluto a tratar esta Cidade do mesmo modo, por lhe ter negado viveres, com o pretexto do juramento, que tinhaõ dado ao Rei da Persia. O Pontifice Jadolo veio ao caminho ter com Alexandre, paramentado com os vestidos pontificaes; o qual, cheio de respeito á sua vista, prostrou-se para adorar o nome de Deos, que Jadolo trazia escrito em huma lamina de ouro; certificando que aquelle mesmo Pontifice lhe apparecêra em outro tempo em sonhos, e lhe promettêra a Conquista da Asia. Hum facto taõ maravilhoso deveria ser confirmado por outro qualquer testemunho: do qual a Escritura naõ falla, nem os Historiadores profanos, os quaes com tudo tem espalhado outros muitos prodigios.

Alexandre no Egypto.

A Cidade de Gaza, valerosamente defendida por Betis, naõ podendo resistir aos esforços de Alexandre, este passou ao Egypto, onde foi recebido com gran-

grandes demonstrações de alegria. Os Persas tinhaõ-se feito odiosos no Egypto, especialmente desprezando a Religiaõ da Terra. Alexandre permittio aos Egypcios o viverem segundo os seus costumes, e as suas Leis; este era o meio de os obrigar a amar o seu dominio. Huma louca vaidade o conduzio ao Templo de Jupiter Ammon, por entre as arêas ardentes, onde sincoenta mil Homens do exercito de Cambyses tinhaõ sido sepultados. Todos os Historiadores certificaõ que Alexandre se livrou daquellas arêas por huma especie de milagre. Alexanbre pretendia, segundo dizem, ser reconhecido por filho de Jupiter; o Oraculo lhe deo aquelle titulo; porque quem lhe podia resistir? Porém Olympias sua Mãi escreveo-lho galanteando, que a naõ confundisse com Juno. O mesmo Alexandre fundou Alexandria no Egypto; empreza digna de hum Homem grande, e mais gloriosa sem duvida que a sacrilega lisonja do Sacerdote de Jupiter.

Alexandre parte para o Templo de Jupiter Ammon,

Alexandria edificada por ordem sua,

CA-

CAPITULO II.

Fim do Reinado de Alexandre. — Sua morte.

Alexandre rejeita os offerecimentos de Dario.

A FORTUNA he hum terrivel veneno para as almas: viraõ-se os seus estranhos effeitos em hum Heroe, o qual parecia destinado para ser a admiraçaõ do Universo. Dario por meio da segunda Embaixada tinha offerecido a Alexandre dez mil talentos, e sua filha em casamento, com todas as terras situadas entre o Eufrates, e o Hellesponto. A prudencia naõ permittia vacillar. Parmenion disse, que se fosse Alexandre acceitaria aquelles offerecimentos. *E eu tambem*, replicou o Rei, *se fosse Parmenion.* Alexandre os desprezou, querendo ter tudo, e expondo-se por este meio a perder tudo. Quinto-Curcio refere, que Alexandre dissera, que *o Mundo naõ podia supportar nem dous Soes, nem dous Senhores.* Porém estas palavras saõ as de hum declamador, e que tudo exaggera a fim de brilhar.

Antes de J. C. 331. Batalha de Arbella.

Dario teve o tempo para ajuntar setecentos para oitocentos mil Homens. Alexandre, acompanhado sempre da fortuna,

na, passou o Eufrates, e o Tigre sem obstaculo, e apresentou-se defronte do inimigo. Alexandre confiava-se no valor das suas tropas. O conselho, que Parmenion lhe deo, que accommettesse de noite, lhe teria feito perder aquella vantagem. Alexandre respondeo com tanta prudencia, como com grandeza de alma, que lhe naõ convinha occultar a victoria. A famosa batalha de Arbella completou os seus felizes successos. A ala esquerda mandada por Parmenion esteve em perigo, a cavallaria de Dario já pilhava o campo. Alexandre, vencedor do outro lado, mandou ordem a Parmenion que naõ se inquietasse da bagagem, e que sómente cuidasse em vencer. Esta ordem produzio o melhor effeito; a victoria logo foi completa. Arrio conta quasi trezentos mil mortos do exercito inimigo; e menos de mil e duzentos do exercito dos Macedonios. Dario, entre infinitos Homens, tinha muito poucos soldados. Esta foi a causa das suas infelicidades. O valor naõ lhe faltou no tempo da acçaõ; porém vio-se obrigado a fugir, por causa da fugida do seu exercito.

Morte de Dario. Qualidades deste Principe.

Naõ se pódem negar os louvores, muito menos a piedade, áquelle desgraçado Principe, victima da ambiçaõ alheia, generoso, pacifico, e reduzido á sorte, que

que merecem os Tyrannos. Dario depois de ter passado hum rio fugindo, naõ consente que se desfaça a ponte, naõ querendo conservar a sua vida á custa da vida dos seus vassallos, os quaes deixaria expostos ao ferro dos inimigos. O mesmo Dario sendo depois atraiçoado por Besso, hum dos seus Satrapas, recusa confiar a guarda da sua pessoa aos Gregos do seu partido, com o receio de deshonrar os Persas. Dario sempre perseguido por Alexandre, e assassinado por Besso, morre encarregando hum Macedonio (se dermos credito a Plutarco) de agradecer ao seu inimigo as graças, que tivera para sua Mãi, Mulher, e filhos.

Os Macedonios corrompidos por causa das suas Conquistas.

Babylonia, Suza, Persepolis, e Ecbatana, já estavaõ no poder do Conquistador. As immensas riquezas que Alexandre achou naquellas Cidades corromperaõ logo as suas tropas, e o incendio do palacio de Xerxes em Persepolis deve-se considerar como hum preludio dos excessos, em que o mesmo Alexandre se hia precipitar. Arrio naõ falla da meretriz Thais; a qual, segundo outros Escritores, lhe inspirou aquella barbaridade em hum convite desordenado.

Excessos de Alexandre.

Apenas se acharáõ daqui em diante vestigios alguns dos sentimentos virtuo-

tuosos, dos quaes Alexandre tinha dado tantas provas. Os vicios, a crueldade, e a ingratidaõ denigrem toda a sua gloria. Alexandre, o qual se tinha visto antecedentemente naõ querer outros cosinheiros, senaõ o exercicio, e a sobriedade, passa os dias, e as noites em os banquetes. Affecta o luxo, e os ornatos daquelles Reis da Persia, taõ despreziveis aos seus olhos. Despreza o vestido, e os costumes dos valerosos Macedonios, instrumentos das suas victorias, e querendo fazer-se adorar, se expõe ás murmurações, e á rebelliaõ.

Conspiraçaõ.

Forma-se no seu campo huma conspiraçaõ, da qual sendo avisado Filotas, filho de Parmenion, naõ a descobre, porque a julga ser falsa. Filotas he castigado como hum traidor. O seu verdadeiro crime era ter offendido o orgulho do Rei por meio de huma altivez imprudente. O illustre Parmenion, taõ estimado de Filippe, e sem o qual Alexandre naõ teria executado acçaõ alguma consideravel, he assassinado por ordem do Rei, provavelmente com receio que naõ vingasse o seu filho. Tal era comtudo a admiraçaõ dos soldados para com Alexandre, que com huma só palavra desarmava os sediciosos.

Morte de Parmenion, e de seu filho.

Novas expedições.

Alexandre adianta as suas Conquistas

tas até a Bactriana, e a Sogdiana, onde Besso tendo-se feito intitular Rei, he castigado dos seus crimes. Os Scythas, a pezar da sua reputaçaõ de invenciveis, saõ derrotados. Calo infinitas individuações, observando que as flores, com que Quinto-Curcio as carregou, degradaõ a dignidade da Historia.

Homicidio de Clito.

O que nos interessa mais, e o que serve de huma grande liçaõ para todos os Homens, he o horroroso espectaculo, que apresenta o homicidio de Clito. Este bello Official, amado de Alexandre, a quem salvára em hum combate, conservava a soberba liberdade dos costumes antigos. Hum banquete, onde Clito a mostrou excessivamente, foi a occasiaõ da sua morte. Alexandre esquentado por causa do vinho, louvando as suas façanhas, e abatendo as proezas de Filippe, seu Pai, Clito descuidou-se até chegar a offendello com acções de indignaçaõ, e de desprezo. O orgulhoso Monarca o mata atravessando-lhe o peito com hum dardo. Os remorsos, e a desesperaçaõ seguem-se logo immediatamente áquella acçaõ; porém os Cortezãos chegaõ ao ponto de os dissipar. Decide-se por hum Decreto, que o homicidio de Clito era hum acto de justiça, e desde entaõ a liberdade ficou quasi anniquilada em todos os corações.

Os

Os Macedonios com tudo naõ se abatiaõ, como os outros Gregos humildes, até prostituir ao Rei as honras Divinas. Hum Cortezaõ tendo-lhes proposto de o fazer, Callisthenes, Filosofo animoso, e inflexivel, o refutou com hum discurso, cheio de verdade, em o qual Alexandre achou sómente hum espirito de rebelliaõ. Callisthenes experimentou logo a sua vingança: pois o suppozéraõ complice de huma conspiraçaõ, cujo author Hermoláo tivera tido intelligencias com elle. Callisthenes foi posto em huma masmorra sem prova alguma; onde morreo por causa daquelle crime imaginario, deixando ao Rei a vergonha eterna de huma injustiça meditada.

Callisthenes castigado por ter dito a verdade.

Se Alexandre tivesse a politica, e a prudencia de seu Pai, procuraria estender menos as suas Conquistas, do que as fazer firmes, e sólidas, e naõ abraçaria senaõ o que se póde conservar pela força humana. Porém tanto mais o favorecia a fortuna, quanto mais se entregou ao delirio do orgulho. Os limites da Monarquia Persiana lhe parecêraõ muito estreitos: Alexandre imaginando dever caminhar sobre os passos de Hercules, e de Baccho, emprendeo sobjugar as Indias. Naõ o seguiremos na sua marcha. Os perigos, que soffreo, augmenta-

Antes de J. C. 327. Ambiçaõ excessiva de Alexandre.

Alexandre quer conquistar a India.

riaõ pouca cousa a idea, que nós temos formado do seu valor. Taxilo, hum dos Reis daquelle Continente, veio ter de seu moto proprio com Alexandre, e lhe fez, segundo Plutarco, este singularissimo discurso: « Que necessidade temos nós de » nos combater, ó Alexandre, se vós » naõ pretendeis roubar-nos nem a nossa » sa agua, nem o nosso alimento, as » unicas cousas, pelas quaes huns Homens » mens sensatos devem punir? Em quanto » to ao que chamaõ riquezas, se eu sou » mais rico do que vós, estou prompto » para vos fazer parte dellas; e se sou » menos rico consinto em vos ser obrigado. » gado. » Alexandre recebeo os seus presentes, encheo-o de liberalidades, e concedeo-lhe a sua amizade.

Discurso de Taxilo.

Porém Poro, outro Rei Indio, mais altivo, e mais valeroso, dispunha-se para rechaçar o Conquistador. Este passa o Indo, chega á margem do Hydaspe, além do qual Poro o esperava com hum exercito numeroso. Alexandre engana o inimigo com hum estratagema, atravessa felizmente aquelle grande Rio; e derrota os Indios, a pezar dos seus elefantes, e do valor do seu Rei. O vencedor ordena que se conserve a vida áquelle Principe, o qual se defendia como Heróe. Poro he conduzido á presença de Alexan-

Poro vencido.

xandre, que lhe pergunta como quer ser tratado? *Como Rei*, responde Poro. *Consinto que sejas tratado como Rei por amor de mim mesmo*, replica Alexandre. Cumpre a palavra, e adquire em Poro hum fiel alliado.

Alexandre depois de tantas fadigas, e de incriveis proezas, obrigado a retroceder os seus passos, naõ querendo as tropas seguillo para aquellas incognitas Terras, embarcou-se no Indo para ver o Oceano. O fluxo, e o refluxo admirou os Pilotos, os quaes ignoravaõ aquelle fenomeno. Alexandre visitou duas Ilhas pequenas, a fim de poder jactar-se de huma expediçaõ inaudita. Isto he tudo quanto Alexandre alcançou daquella empreza a respeito da India.

Alexandr[e] obrigado [a] voltar, vi[-] fita o Ocea[-] no.

Se he verdade, como se diz, que Alexandre passando o Hydaspe exclamára: *Oh Athenienses, julgarieis vós, que eu me expozesse a tantos perigos a fim de merecer os vossos louvores?* Se Alexandre desejava sobreviver a si mesmo algum tempo, para ser testemunha da impressaõ, que faria a leitura da sua Historia; a razaõ devia ensinar-lhe a se immortalizar por meio de monumentos uteis, e a preferir huma gloria sólida ao vaõ estrondo de huma fama, a qual eterniza tanto o vituperio, como os elogios. Erostrates a fim de im-

Reflexões a respeito das suas Conquistas.

mortalizar o seu nome, tinha queimado o Templo de Efeso; por ventura hum Conquistador destruidor naõ era semelhante a Erostrates?

O que Alexandre fez na Persia, quando voltou.

Alexandre, quando voltou para a Persia, esforçou-se em remediar as desordens, excitadas por causa da sua ausencia. Castigou Governadores corruptos; reprimio sedições de tropas; casou com duas Princezas do Real Sangue; e para unir ambos os Povos, obrigou os Macedonios a semelhantes allianças. O mesmo Alexandre desceo ainda pelo Rio Euleo, até o Oceano; formou novos projectos de Conquistas; emprendeo novas incursões; porém já estava chegado ao seu fatal termo. A morte de Hefestion seu valido *, causada por hum excesso de vinho, naõ o tinha feito nem mais moderado, nem mais prudente: Alexandre morreo do mesmo modo em Babylonia, tendo de idade trinta e tres annos. Refere-se, que perguntando-lhe os seus Capitães a quem deixava o Imperio, Alexandre respondêra, *ao mais digno*; accrescentando, que antevia as sanguinolentas exequias, que lhe

Antes de J. C. 323. Sua morte.

* *Hefestion ama Alexandre*, dizia este Principe; *e Cratero ama o Rei.* Cratero era hum Cortezaõ virtuoso, o qual conservando os costumes Macedonios se interessava na verdadeira gloria de seu senhor. Razaõ, porque se empregava Cratero para tratar com os Macedonios, em quanto Hefestion tratava com os Persas.

lhe fariaõ. Tantas Conquistas naõ terminàraõ com effeito, senaõ em guerras civís, e na rotura inevitavel de hum Imperio, infinitamente vasto para ficar entre as mãos de hum unico Homem.

Noticias falsas de veneno.

As vozes de veneno, espalhadas alguns annos depois da morte daquelle Principe, eraõ, segundo a observaçaõ de Plutarco, ficções de gentes, que imaginavaõ dever dar *hum fim tragico a este grande drama.* A sua doença tinha durado trinta dias; o seu diario existia. O mesmo Author observa, que Alexandre entrára em Babylonia, desprezando os prognosticos funestos dos Caldeos; e que naõ obstante, se preoccupou tanto dos terrores da superstiçaõ na molestia, que o Palacio se encheo logo de Sacerdotes, e de agoureiros. Taõ abatidos saõ algumas vezes os espiritos fortes á vista do perigo.

As paixões tinhaõ corrompido Alexandre.

Alexandre he huma grande liçaõ para os Homens, e para os Reis: os quaes vem nelle tudo o que póde a cegueira da fortuna em huma alma generosa, e magnanima, que teria servido de modelo aos Heróes, se naõ fosse inficionada pelo vicio. Aquella passagem rapida do bem para o mal, da sabedoria, e da prudencia para a loucura, da moderaçaõ para o furor, e da gloria para o opprobrio, fa-

fará tremer o Homem racionavel á borda do abysmo, que cavaõ as paixões. O Heróe Macedonio merecia em parte a resposta daquelle Pirata, ao qual Alexandre perguntou, que direito tinha para infestar os Mares: *O mesmo que tu tens para infestar o Mundo. Porém chamaõ-me salteador, e corsario, porque ando a corso em hum pequeno navio; e a ti chamaõ-te Conquistador, porque andas a corso com huma frota.*

Elogio deste Principe por Montesquieu.

Naõ devo dissimular, que o célebre Montesquieu he o panegyrista de Alexandre. » Se he verdade, diz elle, que a » victoria lhe deo tudo, Alexandre tam- » bem fez tudo para alcançar a victo- » ria. Em o principio da sua empreza » pouca cousa deixou ao acaso; quando » a fortuna o fez superior aos successos, » a temeridade foi algumas vezes hum dos » seus meios..... Alexandre resistio áquel- » les, que pretendiaõ que tratasse os » Gregos como senhores, e os Persas co- » mo escravos: naõ cuidou, senaõ em » unir ambas as Nações, e em fazer per- » der as distincções do Povo conquista- » dor, e do Povo vencido;... Alexan- » dre tomou os costumes dos Persas, a » fim de naõ destruir os Persas, fazen- » do-lhes tomar os costumes dos Gregos, » .... Parecia, que Alexandre naõ ti-

» nha

» nha conquistado, senaõ para ser o Mo-
» narca particular de cada Naçaõ, e o
» primeiro Cidadaõ de cada Cidade.....
» A sua maõ fechava-se para as despezas
» particulares, e se abria para as despezas
» publicas. Acaso era necessario regular
» a sua casa? era hum Macedonio. E se
» era necessario pagar as dividas dos seus
» Soldados, dar parte da sua Conquista
» aos Gregos, e fazer a fortuna de qual-
» quer Homem do seu exercito; era
» Alexandre. Fez duas pessimas acçóes;
» queimou Persepolis, e matou Clito:
» as quaes fez célebres por causa do seu
» arrependimento, de forma que se es-
» quecêraõ das suas acçóes criminosas,
» para se lembrarem do respeito, que es-
» te Principe tributava á virtude.» (*Espirito das Leis*, *Liv.* 10, *Cap.* 14.

Alexandre merece mais vituperio, do que elogios.

Por muitos creditos, que tenha o nome de Montesquieu, a maior parte daquellas idéas parecem mais engenhosas, que sólidas. O talento de Alexandre sem duvida era vasto, porém o impeto violento da sua ambiçaõ era pouco capaz de hum systema de prudencia. Alexandre sempre foi bem succedido; porém muitas vezes necessitou de huma felicidade, que naõ se póde alcançar sem temeridade. Sobjugou os Persas, os quaes o despotismo dos seus Reis havia preparado para ou-

tro

tro jugo; porém cançou a paciencia dos Macedonios a pezar do enthusiasmo, que lhes inspiravaõ as suas victorias. A fundaçaõ de varias Cidades em differentes terras, principalmente a de Alexandria no Egypto, prova que Alexandre tinha grandes idéas; porém » Alexandre naõ con-
» siderava aquellas Cidades, diz o Ab-
» bade de Mably, senaõ como os tro-
» feos, que os Gregos costumavaõ le-
» vantar em os lugares, onde ganhavaõ
» alguma batalha.» A sua continencia, e o seu respeito á familia de Dario, lhe fazem muita honra, porém póde-se acaso duvidar que a serie da sua vida naõ fizera perder inteiramente o lustre daquellas primeiras virtudes? Finalmente se Alexandre meditava levar a guerra á Africa, á Sicilia, e á Hespanha, depois de ter conquistado a India até quasi ao Ganges; naõ he esta huma prova de que naõ conheceo os limites, em que se devem conter as humanas emprezas?

Avaliemos as cousas pela sua verdadeira utilidade. Louvemos Alexandre por ter querido fazer seccar as lagoas de Babylonia, e profundar em Babylonia hum lago para huma frota numerosa; louvemos os seus projectos de Marinha, e de Commercio; porém confessemos que Alexandre fez muito maior mal do que

bem,

bem, naõ sómente aos Povos vencidos, mas aos seus proprios vassallos, os quaes deixou para servirem de victima da discordia. O seu Imperio foi logo dividido; a sua familia despojada, e extincta, e pareceo ter sómente trabalhado para a fortuna dos seus Generaes.

CAPITULO V.

Discordias em Athenas. ---- Fim de Demosthenes, e de Focion. ---- Demetrio Falereo.

EM quanto duravaõ as Conquistas de Alexandre, a Grecia, ainda que em huma especie de lethargo, fez alguns movimentos pela sua liberdade. Sparta rebellou o Peloponneso; (330) porém Antipatro, que governava em Macedonia, suffocou aquella liga com huma grande victoria, tirando aos alliados toda a esperança de sacudir o jugo.

Liga do Peloponneso contra os Macedonios.

Passados alguns annos Harpalo, Governador de Babylonia, receando, que Alexandre, quando voltasse da expediçaõ da India, o castigasse das suas injustiças, e das suas violencias, passou o mar com sinco mil talentos, e retirou-se logo a Athenas, onde empregou os seus Thesouros em

Harpalo pretende corromper os Athenienses.

em grangear os Oradores, cujas almas venaes unicamente se moviaõ do seu interesse. Harpalo achou Focion incorruptivel. Este grande Homem no seio da sua pobreza, fazendo elle mesmo na sua casa, com sua mulher, as ordinarias funcções dos domesticos, já tinha enjeitado cem talentos a Alexandre. *Elle vos ama, como o unico Homem de bem*, lhe diziaõ os Enviados do Monarca. *Alexandre me deixe pois ser Homem de bem, e queira que eu como tal seja reputado*, respondeo Focion; mais rico, segundo o pensamento do judicioso Plutarco, podendo passar sem huma igual quantia, do que o Principe, que lha dava.

Focion incorruptivel.

Demosthenes, cuja alma fraca, e mercenaria degradava os talentos, naõ resistio ao dinheiro de Harpalo. A sua prevaricaçaõ indignou o Povo; o Areopago o condemnou. Demosthenes preso para pagar a condemnaçaõ pecuniaria, fugio, e mostrou no seu desterro huma pusillanimidade desprezivel. Os Athenienses lançáraõ fóra Harpalo, quando Alexandre se preparava para os vir castigar em pessoa.

Demosthenes corrompido.

Athenas, ainda conservava a pezar do seu abatimento, a inquietaçaõ, a petulancia, e o impeto violento, que lhe haviaõ attrahido tantas infelicidades. Athenas

Antes de J. C. 323. Louco procedimento dos

nas pretendia sempre ser livre, sem ter nem a virtude, nem o valor, que requer a liberdade. Para lhe fazer pegar nas armas era sómente necessario hum transporte de paixaõ, e qualquer desgraça para a opprimir de terror. A imprudencia dos seus procedimentos devia acabar a sua ruina. Á primeira noticia, que se espalhou da morte de Alexandre, os Athenienses manifestaõ o seu jubilo, e julgando-se libertos do jugo da Macedonia, naõ respiraõ senaõ guerra, e vingança. Os Oradores ateaõ o fogo por toda a parte. O sabio, e prudente Focion debalde emprega os seus esforços para suspender a violencia do incendio. Por mais que Focion diga: *Se Alexandre morreo hoje, ámanhã, e tambem depois de ámanhã morto estará: temos tempo para deliberar com prudencia.* Ninguem lhe dá attençaõ; mandaõ-se Deputados a todos os Povos da Grecia, para os obrigar a fazer huma liga. Demosthenes ainda desterrado pondo-se em campo, e rebellando o Peloponneso, he mandado vir gloriosamente do seu desterro; enchem-o de honras; levanta-se o estandarte da guerra.

Athenienses depois da morte de Alexandre.

Focion naõ os póde desviar da guerra.

Antipatro achava-se sómente com cousa de treze mil combatentes, taõ exhaurida estava a Macedonia por causa das recrutas, que Alexandre della tinha tirado.

Antipatro os sobjuga.

do. Antipatro naõ obstante avançou a sua marcha contra os Gregos; e ficando derrotado, se recolheo em a Cidade de Lamia na Thessalia *, esperando que os Generaes da Asia viessem a soccorrello. Leonato chegou primeiro, e morreo em huma batalha. Leosthenes, General Atheniense, estava triunfante. Todos por zombaria perguntavaõ a Focion, se naõ quereria ter executado humas taõ excellentes emprezas? *Sim*, respondeo Focion, *e ter aconselhado o contrario.* Focion previa as consequencias de huma confiança presumpçosa; e dizia, *quando deixaremos nós de vencer?* Com effeito aquelles principios de felicidade naõ serviraõ, senaõ para embotar a disciplina. Cratero unio-se com Antipatro. Huma fatalidade consternou os alliados, os quaes abandonáraõ os Athenienses, para tratar separadamente. Athenas logo recebeo Leis: onde Antipatro abolio a Democracia, restabeleceo o Governo Aristocratico, pôz guarniçaõ no porto de Munychia, e requereo injuriosamente que se satisfizessem todos os gastos da guerra.

Morte de Demosthenes.

Demosthenes, o qual lhe devia ser entregue, tinha fugido, e envenenou-se com o receio de cahir nas suas mãos. Es-

* Dalli he que vem o nome de guerra *Lamiaca.*

Este Orador havia vencido a natureza, a fim de adquirir a perfeiçaõ da Eloquencia. Demosthenes governou muito tempo a sua Patria com o dom da palavra, porém acaso o funesto enthusiasmo, que lhe atecou, póde se pôr em parallelo com a prudente politica de Focion? E quando Rollin lhe attribue *huma sagacidade maravilhosa, a qual lhe mostrava os successos futuros, e remotos, como se estivessem presentes*, por ventura naõ se diria, que a derrota de Filippe, e de Alexandre havia verificado os seus prognoticos? Os Athenienses erigíraõ-lhe huma Estatua com a seguinte inscripçaõ: *Oh Demosthenes, se tu tivesses tido tanta força, como juizo, nunca o Marte Macedonio teria dominado na Grecia.* Melhor teriaõ feito selhepozessem: *Se tu tivesses tido tanto juizo, como engenho, e eloquencia.*

A precipitaçaõ funesta aos Gregos.

A demasiada precipitaçaõ occasionou a desgraça daquella Republica. Contender com os Generaes de Alexandre ainda unidos, e acostumados á victoria, era huma loucura. Em quanto a discordia os tivesse armados huns contra os outros, ter-se-hia achado a occasiaõ de combater com vantagem. A Grecia, unida contra huns inimigos, que trabalhavaõ para se destruir entre si, teria podido recuperar a sua independencia: porém quando che-

gou

gou a occasiaõ de obrar, a mesma Grecia se achou sem forças.

Divsiões entre os Capitães de Alexandre.

O Imperio de Alexandre chegou a ser hum vasto theatro de guerra, e de revoluções: Arideo, seu irmaõ natural, tinha sido reconhecido por seu successor, juntamente com hum filho novamente nascido de Roxana, huma das Mulheres do Conquistador. O primeiro era incapaz de sustentar a Coroa: e a ambiçaõ naõ podia respeitar os direitos de hum menino.

Perdiccas, Regente; depois Antipatro.

Perdiccas, encarregado do Real annel, e da Regencia, excitou o ciume dos outros Capitães, antecedentemente seus iguaes, occupados todos dos seus projectos de grandeza. Cada hum, no seu Governo, se queria fazer Senhor absoluto; cada hum podia formar para si hum Estado. Antigono, Governador da Lycia, da Panfylia, e da grande Frygia, mais ambicioso do que os outros, foi o primeiro, que se moveo contra Perdiccas. Antigono empenhou no seu partido Antipatro, Cratero, e Ptolemeo, Governador do Egypto. A guerra ateou-se. Perdiccas foi assassinado no Egypto pelos seus proprios Officiaes. O habil Ptolemeo rejeitou a Regencia, que o teria exposto á inveja, sem lhe dar poder algum; a Regencia passou para as mãos de Antipatro, cuja morte excitou novas discordias.

Cas-

Cassandro, filho de Antipatro, General da Cavallaria, furioso porque seu Pai morrendo, lhe preferíra Polysperchon, e o associára sómente áquelle antigo Capitaõ, querendo apoderar-se por força de huma authoridade, que considerava injustamente, como seu patrimonio, formou hum partido com Ptolemeo, Antigono, e Seleuco. Polysperchon julgou attrahir a si os Gregos, perdoando, e chamando por hum Decreto todos os desterrados; ordenando que as Cidades tornassem a tomar o seu antigo Governo, e restabelecendo a Democracia em Athenas. Este Decreto despertou a inquietaçaõ dos Athenienses, os quaes coroáraõ todas as suas injustiças.

Polysperchon, novo Regente, se esforça por grangear o partido dos Gregos.

Tudo devia fazer Focion taõ amado, como respeitavel: a sua virtude, a sua velhice, a sua gloria, e os seus serviços. Porem Focion seguia o partido da Aristocracia, a qual sómente podia refrear o furor popular. Tanto naõ era necessario para lhe supporem crimes. Os Declamadores soltaõ-se. Focion he suspeito, tiraõ-lhe o mando do exercito, he accusado de traiçaõ, e condemnado em huma Assemblea tumultuosa. O mesmo Focion perguntado, segundo o uso, de que pena se julga digno, pede a morte, com tanto que se perdoe aos demais accu-

Focion accusado injustamente.

Sua morte.

cusados, suspeitos, e innocentes como elle. Todos saõ condemnados a beberem a cegude. Focion antes de a beber, a unica ordem que dá para seu filho, he que se esqueça da injustiça dos Athenienses. Tal foi o fim de hum Heróe Filosofo, que possuia em o mais alto gráo a politica, a sciencia da guerra, o valor, e a virtude; o qual, até á idade de mais de oitenta annos, servíra a sua Patria nos exercitos, e nos conselhos, e o qual igualando a Socrates na sabedoria, o excedia na importancia dos empregos publicos, que occupára.

Acções de probidade de Focion.

Sitemos ainda dous lances da sua probidade, pois que o merecimento da Historia consiste principalmente em propor grandes modelos. Charicles, seu genro, tendo sido chamado perante a Justiça por ter recebido dinheiro de Harpalo, Focion naõ quiz advogar em seu favor: *Eu te fiz meu genro*, lhe disse elle, *mas para as cousas decentes* .... Antipatro, que o amava, e o respeitava, fazendo-lhe hum dia algumas perguntas pouco justas, Focion respondeo-lhe valerosamente: *Antipatro naõ póde ter em mim hum amigo, e hum lisonjeiro.* Os Athenienses erigiraõ huma Estatua a *Focion.* Aquellas Estatuas lhes reprehendiaõ continuamente os seus attentados contra a virtude, e naõ os emendavaõ.

Ao

Ao mesmo tempo que os Athenienses se entregaõ deste modo ás intestinas dissensões, sem prever cousa alguma, e sem darem ordem a nada, Cassandro se faz senhor do Pireo, impondo-lhes condições de paz. Cassandro põe guarnição na fortaleza; restabelece a Aristocracia; e manda eleger hum Cidadaõ para presidir ao Governo. Elegêraõ Demetrio Falereo, discipulo de Theofrasto, engenho cultivado pelas Sciencias, cuja probidade, e cujas luzes concorrêraõ igualmente para o bem publico. Demetrio governou dez annos com tanta moderaçaõ, como justiça, insinuando-se no animo do Povo sem o lisonjear, e reformando os abusos sem o irritar. As rendas augmentáraõ-se, e a Cidade foi ornada de edificios, para utilidade dos Cidadãos; porque Demetrio naõ approvando as fastosas despezas de Pericles, procurava em tudo a utilidade; o mesmo Demetrio reprimio o luxo, que naõ servia senaõ para a vaidade, e effeminaçaõ.

Antes de J. C. 317. Cassandro dá Leis aos Athenienses.

Governo prudẽte de Demetrio Falereo.

Demetrio pôz toda a sua attençaõ em os costumes, porque delles depende o feliz estado da Sociedade. Queria que a Mocidade fosse educada na virtude, mais do que em outra qualquer especie de merecimento; que respeitassem seus Pais em caza, e que estando sós se res-

Sua attençaõ em reformar os costumes.

peitassem a si mesmos. Os mesmos mancebos contidos pela paternal authoridade, e dominados por aquelles sentimentos de honra, os quaes naõ permittem fazer occultamente aquillo mesmo, de que em público se envergonhariaõ, chegariaõ a ser dignos dos seus antepassados, se a Legislaçaõ podesse extirpar em pouco tempo os vicios de huma Naçaõ corrompida.

Antes de J. C. 306. Demetrio Poliorcetes restabelece a Democracia em Athenas.

Más tudo mudou logo de face. Demetrio Poliorcetes, filho de Antigono, apresentou-se alguns annos depois no porto de Athenas, annunciando que seu Pai o mandava para libertar os Athenienses, e tornar-lhes a restituir a Democracia. Demetrio Poliorcetes foi recebido com todas as demostrações de alegria; e os Athenienses prodigos em lisonjas, lhe deraõ o titulo de *Deos Salvador*. Demetrio de Falera chegou a ser o objecto do odio, como se tivesse sido hum traidor, ou hum tyranno. Faziaõ-lhe hum crime de ter consentido guarniçaõ Macedonia em a fortaleza por espaço de dez annos. Este era tambem o crime de Focion. Hum, e outro tinhaõ cedido á força, julgando por outra parte aquelle freio necessario para reprimir o impeto violento do Povo. As Estatuas de Demetrio foraõ derrubadas. Os Historiadores referem que se lhe haviaõ

Demetrio Falereo he tratado indignamente.

viaõ levantado trezentas e sessenta Estatuas.

Demetrio Falereo tinhá procurado a protecçaõ do Poliorcetes, para se retirar. Sabendo do ultrage feito ás suas Estatuas: *Ao menos os Athenienses naõ poderáõ*, disse Demetrio Falereo, *destruir as virtudes, que foraõ a causa de más terem levantado.* O mesmo Demetrio Falereo condemnado á morte por contumacia, passou para o Egypto, onde Ptolomeo lhe concedeo sua amizade; e onde os seus trabalhos litterarios sobre objectos de Politica, e de Moral, augmentáraõ a sua gloria, consolando-o das suas desgraças.

Seu retiro.

CAPITULO VI.

Guerra entre os Capitães de Alexandre. ---- Divisaõ do seu Imperio. ---- Irrupçaõ dos Gaulezes.

AS divisões, e as guerras dos Capitães, ou dos Successores de Alexandre, formaõ hum longo tecido de successos, cujo quadro apresenta sómente intrigas, batalhas, e homicidios; objectos uniformes, que de continuo se encontraõ a cada passo na Historia. Discorramos de hum

Guerra entre os Capitães de Alexandre.

hum golpe de vista sobre os factos principaes. Polysperchon tinha tornado a chamar Olympias, Mãi de Alexandre, retirada no Epiro, em cuja protecçaõ pretendia fazer o seu apoio. Esta cruel Princeza vinga-se do divorcio de Filippe, mandando matar o Rei Arideo, sua Mulher, e huma multidaõ de Cidadãos. Cassandro acode, e sitiando-a, e fazendo-a prisioneira, a manda assassinar. Eumenes, Governador da Cappadocia, e da Paflagonia, fiel ao Real Partido, entregue por traidores a Antigono, foi morto na prisaõ. O Mancebo Rei Alexandre, filho do Conquistador, Roxana sua Mãi, e Hercules, seu irmaõ, morrem assassinados. Deste modo as Conquistas do mais célebre Heróe paraõ no homicidio de toda a sua familia, e na usurpaçaõ de todo o seu Imperio.

Toda a sua familia exterminada com homicidios.

A batalha de Isso na Frygia decide a sórte dos competidores, em a qual Antigono perde a vida, e Demetrio seu filho foge com as reliquias do exercito. O Imperio divide-se entre os vencedores. Ptolomeo tem o Egypto, a Lybia, a Arabia, a Palestina, e a Cele-Syria; Cassandro a Macedonia, e a Grecia; Lysimaco a Thracia, a Bithynia, e algumas outras Provincias; e Seleuco o resto da Asia, até ao Rio Indo. Este ultimo Reino,

Antes de J. C. 301. Batalha de Isso.

Divisaõ entre Ptolomeo, Cassandro, Lysimaco, e Seleuco.

no, o mais poderoso dos quatro, he chamado o Reino da Syria, porque Antioquia, edificada por Seleuco na Syria, chegou a ser a residencia dos Seleucidas.

Procedimento dos Athenienses a respeito de Poliorcetes.

Demetrio Poliorcetes, guerreiro imprudente, e despojado de quasi todos os seus Estados, depois da derrota de seu Pai Antigono, se lisonjeou de achar hum recurso em o reconhecimento dos Athenienses. Porém estes fecháraõ as suas portas áquelle *Deos Salvador*, a quem antecedentemente adoravaõ. Principiando os seus negocios a restabelecerem-se, Athenas foi obrigada a recebello, posto que tivesse prohibido sob pena de morte, propôr a mesma paz. A moderaçaõ, com que Demetrio Poliorcetes tratou aquelle povo infiel, merece maiores elogios do que todas as suas façanhas.

Demetrio usurpa a Macedonia; e he privado do Reino.

Cassandro morre depois de ter governado como Rei a Macedonia, onde Polysperchon naõ tinha podido conservar-se. Ambos os seus filhos disputaõ a successaõ entre si. Hum delles chama Demetrio a seu soccorro; este o mata, e se faz acclamar Rei. Desthronizado Demetrio por Pyrrho, e por Lysimaco, morreo de paixaõ, e por causa da sua vida licenciosa.

Famoso sitio de Rhodes.

Demetrio tinha-se feito famoso particu-

ticularmente no sitio de Rhodes, que durou hum anno, e acabou por hum Tratado com os Rhodios. Refere-se, que aquelle Povo tirára trezentos talentos das maquinas de guerra, que Demetrio lhe deo; e que aquelle dinheiro fora empregado para fazer o famoso Colosso do Sol, de cento e sincoenta pés de altura, o qual foi derrubado por hum tremor de Terra sessenta e seis annos depois. O Pintor Protogenes, habitando em hum arrabalde de Rhodes, trabalhou sem inquietaçaõ todo o tempo que o sitio durou. Admirandose Demetrio da sua ousadia: *eu sei*, lhe disse o Pintor, *que tu declaraste a guerra aos Rhodios, mas naõ ás Artes.* Com effeito Protogenes foi admirado, e protegido por Demetrio.

Ptolomeo faz florecer o Egypto.

He hum espectaculo pasmoso vêr no centro dos crimes, da ambiçaõ, e dos horrores da guerra, exercitar as Bellas Artes, as Letras, e as Sciencias o seu suave imperio sobre aquelles mesmos, que fazem tremer o Genero Humano. Em o mesmo tempo Ptolomeo Soter, o mais estimavel dos Successores de Alexandre, animava os talentos, e fazia dominar a razaõ no Egypto. Alexandria lhe era devedora do *Museo*, especie de Academia de Sabios, cuja celebridade augmentou cada vez mais. Ptolomeo fundou aquella fa-

Academia, e Biblioteca de Alexandria.

famosa Bibliotheca, aquelle Thesouro immenso de litteratura, no qual deixou a seu Successor cem mil volumes, e no qual finalmente se contavaõ setecentos mil. O Egypto, illuminado deste modo pela Grecia, a qual tinha tirado da barbaridade, adquirio o gosto da verdadeira formosura, e as solidas luzes superiores áquellas, com as quaes o mesmo Egypto se ensoberbecia haviaõ tantos Seculos. A unica torre de Faros, edificada para a segurança da navegaçaõ, merecia ser mais admirada, do que as inutéis, e enormes Pyramides. Ptolomeo, dous annos antes da sua morte, cedeo a Coroa a seu filho Ptolomeo Philadelpho, o qual, seguindo os seus mesmos passos, apressou os progressos do Commercio, e das Sciencias. Porém o principio do seu Reinado foi manchado com huma injustiça, que foi mandar matar Demetrio de Falera, por ter aconselhado a seu Pai, que naõ largasse o Throno.

Torre de Faros.

O fim tragico de Lysimaco, e de Seleuco completou os horrores, que temos referido. O primeiro, enganado por sua segunda Mulher Arsinoe, madrasta furiosa, tinha mandado matar seu filho Agathocles, cunhado de Arsinoe; Lysimaco tinha-se feito taõ abominavel, que os seus principaes Officiaes, tendo-se retirado

Fim tragico de Lysimaco, e de Seleuco.

do para a Corte de Seleuco, o obrigáraõ a armar-se contra elle. Lysimaco foi morto em huma batalha. O mesmo Seleuco, Senhor dos seus Estados, foi assassinado por Cerauno, irmaõ do Rei do Egypto, ingrato a tantos beneficios, de que Seleuco o cumulára, e enriquecêra. (280) Seleuco, intitulado Nicator, por causa das suas victorias, he louvado como hum Protector das Letras. Elle mandou entregar aos Athenienses a sua Bibliotheca, de que Xerxes os despojára.

Cerauno usurpa as suas rendas.

O perfido Cerauno, a fim de se segurar da successaõ de Lysimaco, casa com Arsinoe, manda degollar seus filhos entre os seus proprios braços, e depois a desterra para a Samothracia. Cerauno acabou ás mãos dos Gaulezes, os quaes inundáraõ logo a Grecia. Antigono Gonatas, filho de Demetrio Poliorcetes, fez-se Rei de Macedonia. Huns crimes atrozes causáraõ quasi todas aquellas revoluções; e quando os culpados naõ fossem castigados, por ventura sería menos odiosa a sua memoria? Eis-aqui pois o fruto das Conquistas de Alexandre!

Antigono Gonatas.

Antes de J. C. 278. Irrupçaõ dos Gaulezes.

Em o estado de abatimento, em que se achava a Grecia, esta devia naturalmente naõ poder resistir a hum diluvio de Gaulezes, que repentinamente vio cahir sobre si com furor. Este Povo valero-

roso, e barbaro, arrastado pela sua inquietaçaõ natural, ou por outras causas pouco conhecidas, procurava estabelecimentos longe. Havia mais de hum Seculo, que Brenno, hum dos seus Chefes, tinha atemorisado até a mesma Roma. Hum segundo Brenno, entrou pela Grecia, passou as Thermopylas, e marchou para Delfos a fim de roubar o famoso Templo de Apollo. *He justo*, dizia Brenno, *que os Deoses repartaõ suas riquezas com os Homens, os quaes necessitaõ mais dellas do que elles, e fazem dellas hum melhor uso.*

Bréno pretende roubar o Templo de Delfos.

Posto que os Gregos tivessem feito alguns esforços contra Brenno, huma fatalidade os havia logo espalhado. O Ceo pareceo combater pelo Templo, e aquelle feliz acaso os salvou. Huma grande tempestade, seguida de hum tremor de Terra, atemorisou tanto os Gaulezes, que cheios de hum terror panico em as trevas da noite, se matavaõ huns aos outrss. O perigo do Templo tinha ajuntado os Gregos, os quaes aproveitandose da occasiaõ, accommettêraõ os inimigos, e os derrotáraõ. Brenno ferido, e desesperado, matou-se a si mesmo, cravando hum punhal no seu proprio peito. Se se deve dar credito aos Historiadores, de cento e sessenta e sinco mil Homens,

Derrota dos Gaulezes, cheia de prodigios.

mens, nem hum escapou. O interesse dos Sacerdotes, e o amor dos prodigios evidentemente alteráraõ, e augmentáraõ os objectos; e Rollin mostra maior piedade do que juizo, quando insinúa que a Vingança Divina pôde manifestar-se em semelhante occasiaõ, de hum modo milagroso. Por ventura o verdadeiro Deos teria castigado pois por meio de milagres o desprezo de Brenno para com os Deoses do Paganismo?

Gaulezes estabelecidos na Asia.

Outro exercito de Gaulezes passou o Hellesponto, e empenhou-se no serviço de Nicomedes, Rei de Bythinia, o qual, depois de se ter aproveitado dos seus serviços, lhes deo a Terra, que se chamou depois Galacia, ou Gallo-Grecia na Asia Menor.

CAPITULO VII.

Liga dos Acheos. —— Arato. Agis. Cleomenes. —— A Grecia sobjugada pelos Romanos.

A GRECIA, antes de cahir debaixo do dominio de Roma, ainda nos offerece hum grande espectaculo na liga dos Acheos, e nos esforços de Agis, e de Cleomenes, a fim de resta-

tabelecer os antigos costumes em Sparta.

Quando a Achaya sacudio o jugo do Reinado, seguindo o exemplo dos outros Gregos, as suas Cidades formáraõ huma confederaçaõ taõ util, que huma perfeita igualdade desterrou a sua emulaçaõ, e a sua discordia. Hum Senado commum regulava os negocios publicos. Dous Pretores, que todos os annos se elegiaõ, presidiaõ, e mandavaõ os exercitos: tinhaõ hum conselho composto de dez pessoas, sem o qual nada podiaõ emprender. A alma desta liga era a justiça. Como o seu fim se encaminhava unicamente á segurança dos Cidadãos, a ambiçaõ nunca já mais a perturbou. Os Acheos governando os Reis de Macedonia, Successores de Alexandre, perdêraõ a sua liberdade, assim como a maior parte dos seus visinhos. Cada Cidade teve seu Tyranno, ou huma guarniçaõ estrangeira; e a liga foi inteiramente desunida, a qual até áquelle tempo naõ se compunha, senaõ de doze Cidades pequenas, e pouco conhecidas do Peloponneso.

Liga antiga dos Acheos, desunida no tempo dos Reis de Macedonia.

O amor da liberdade resuscitou. Algumas daquellas Cidades expulsáraõ os Tyrannos, e renováraõ a alliança. A Republica recobrou novamente a sua primeira

Anno de J. C. 280. Arato forma novamente a liga.

ra forma, e se augmentou logo por meio da sociedade de diversos Póvos, que dividiraõ as suas vantagens. Hum Chefe sagaz, e virtuoso a fez taõ celebre como poderosa. Arato, mancebo valeroso, animado com o zelo da Patria, tendo libertado Sicyone, sua Patria, do Tyranno Nicocles, que a opprimia, e receando que ficasse sendo victima das sedições, a fez entrar na liga dos Acheos. Arato mostrou-se digno do Governo: e foi eleito Pretor, dignidade, que naõ se dividia já em duas cabeças. Posto que aquella Dignidade fosse annual, a authoridade ficou sempre nas suas mãos.

Seu caracter.

Engenho elevado, magnanimo, vivo, e admiravel na occasiaõ, Arato tinha o defeito de ser vagaroso, e timido na frente de hum exercito, quando considerava de sangue frio o perigo, e as difficuldades de huma empreza. Arato unia em si, segundo o sentimento de Polybio, qualidades totalmente contrarias, naõ sendo nunca o mesmo Homem, assim que mudavaõ as circunstancias.

Antes de J. C. 244. Arato pretende expulsar os Macedonios da fortaleza de Corintho.

O seu odio para a Tyrannia lhe fez emprender libertar o Peloponneso, e fazer da liga dos Acheos huma barreira invencivel contra as invasões. O Rei de Macedonia estava Senhor da fortaleza de Corintho, donde ameaçava toda a Grecia.

cia. Arato forma o atrevido projecto de expulsar os Macedonios da fortaleza. Hum Homem obriga-se a conduzillo, por huma vereda occulta, até debaixo da praça. Sessenta talentos deviaõ ser o premio do feliz successo: era necessario depositallos antes nas mãos de hum Banqueiro; e Arato naõ os tinha. O mesmo Arato, para suprir aquella falta, empenha a sua baixella, as joias de sua Mulher, e todas as suas preciosidades. Arato compra, diz Plutarco, o maior perigo á custa de toda a sua riqueza, sem que ninguem soubesse o segredo, e sem outro algum penhor, senaõ a esperança de servir á Patria; generosidade, que excede a todas as proezas heróicas. Infinitos obstaculos se apresentaõ; a fortaleza situada sobre hum escabroso rochedo parece inaccessivel; Arato penetrando nella dissipa a guarniçaõ. Os Corinthios o honraõ como seu libertador, e fortificaõ a liga, unindo-se a ella.

Sua heroica generosidade.

Arato consegue a sua empreza.

Arato naõ teve o mesmo exito nas suas tentativas a favor de Argos. Aristippo a tinha na escravidaõ; Tyranno cruel, desconfiado, sempre cercado de guardas, e sempre tremendo. Este monstro soltou varios assassinos contra Arato; porém inutilmente, porque o amor dos Cidadãos velava na sua segurança. O Pretor o accom-

Argos naõ entra na liga.

commetteo, e perdeo huma batalha. O mesmo Pretor ganhou huma batalha, em que Aristippo morreo. Argos naõ obstante, ficou debaixo do jugo de outro Tyranno. O Tyranno de Megalopolis, chamado Lysiades, cuja alma nada tinha de Tyranno, se deixou convencer com as exhortações de Arato. Lysiades depóz voluntariamente o seu poder, e obrigou a sua Cidade a entrar na liga dos Acheos. O Rei do Egypto os protegia contra a Macedonia.

O Tyrãno de Megalopolis se depõe volũtariamẽte.

Sparta corrompida pela avareza.

Huma grande revoluçaõ, que succedeo em Sparta, mudou os negocios do Poloponneso. Aquella Republica, perdendo os seus costumes, tinha perdido toda a sua força. Lysandro tinha-lhe introduzido juntamente com o ouro huma fatal corrupçaõ. O Eforo Epilades acabou de corromper tudo, fazendo publicar huma Lei, pela qual se permittia a cada qual dispor dos seus bens. O mesmo Epilades naõ procurava senaõ desherdar hum filho, de quem estava descontente, e pôz realmente toda a sua Patria em confusaõ. Naõ subsistindo mais a divisaõ das Terras, os ricos invadiraõ logo a herança dos pobres; a miseria do Povo cresceo cada vez mais; as Artes mecanicas, chegando a ser necessarias para a subsistencia, fizeraõ abandonar todos os anti-

gos

gos exercicios ; a avareza desvaneceo todos os principios de honra, e de probidade; as dividas, e as vexações arrastáraõ a maior parte dos Cidadãos. Sparta contou sómente setecentos Cidadãos, seiscentos dos quaes naõ possuiaõ censo algum.

Agis emprende restabelecer as Leis de Lycurgo.

O Rei Agis, descendente do famoso Agesiláo, Principe moço, educado na molleza, intentou remediar aquellas desordens. Hum enthusiasmo de virtude lhe fechou os olhos a respeito dos obstaculos. Agis, julgando poder restabelecer as Leis de Lycurgo, as principiou a praticar. Porém os grosseiros costumes do tempo de Lycurgo, eraõ mais proprios para se sujeitar a huma severa legislaçaõ, do que huns costumes inficionados pelos vicios. As circunstancias pediaõ precisamente outro plano de reforma: e he mesmo provavel, que o antigo Legislador se precipitasse naquelle plano. A Mocidade, ardente ou para o bem, ou para o mal, entregou-se ás impressões do mancebo Rei, cujos heróicos sentimentos eraõ proprios para transportar os corações: ao mesmo tempo que aquelles, aos quaes hum dilatado costume corrompêra, tremiaõ de medo com o nome de Lycurgo, segundo a expressaõ de Plutarco, *como escravos fugiti-*

Impossibilidade desta reforma.

ti-

tivos, que se conduzissem para seus Senhores.

Abolição das dividas, porem a divisão das terras não se faz.

Com tudo Agis soborna sua Mãi, e alguns Cidadãos principaes, e propõe a divisaõ das Terras. Leonidas, seu collega, excitado pelas mulheres, e pelo seu proprio interesse, combate aquella proposta. Hum Eforo accusa Leonidas de ter violado as Leis. Naõ se atrevendo aquelle Principe a comparecer, deo-se o Reinado a Cleombrotes, seu genro, que segue o mesmo parecer de Agis. As difficuldades venciaõ-se. Todos os pobres desejavaõ a reforma; porém o Eforo Agesiláo, cheio de dividas, enganou ambos os Reis, persuadindo-lhes que abolissem as dividas, antes de tratar das terras. Todos os contratos, sendo apprehendidos, foraõ queimados na Praça publica. Agesiláo disse rindo-se, *que nunca tinha visto hum fogo taõ excellente.* Em quanto á divisaõ das terras, o mesmo Agesiláo achou pretextos para a demorar.

Tudo muda na ausencia de Agis.

Entre tanto os Acheos, alliados de Sparta, pedem soccorro contra os Etolios, Povo feroz, e saltcador, o qual ameaçava o Peloponneso, donde era muito visinho. Agis parte com as tropas, e faz admirar a antiga disciplina da sua Patria: porém voltando, acha huma deploravel mudança. Leonidas he restabeleci-

cido pelos sediciosos; e Cleombrotes expulsado. O mesmo Agis refugia-se em hum Templo. Huns perfidos amigos achaõ meios para se segurar da sua pessoa, e o conduzem para a prisaõ. Os Eforos em as perguntas que lhe vem fazer, lhe perguntaõ, se se arrepende de ter querido fazer innovaçóes no Estado; ao que Agis responde, que nem o apparato da morte o faria nunca arrepender de huma empreza taõ excellente. Entaõ, sem respeito á Dignidade de Rei, que sempre parecêra infinitamente respeitavel, condemna-se aquelle virtuoso Principe ao supplicio. Hum dos executores derramando lagrimas: *Cessa de me lamentar*, lhe disse o Rei, *soffrendo huma morte injusta, sou mais feliz do que os meus homicidas.* Sua Mãi, e sua Avó tinhaõ vindo para o ver na prisaõ. Os barbaros as fazem entrar, e as enforcaõ sobre o cadaver de Agis. Sparta, manchada com semelhantes horrores, he o exemplo mais terrivel de revoluçóes moraes, causadas pelo vicio, e pelo desprezo das leis.

Agis he condemnado á morte, e executado.

Leonidas sobreviveo pouco tempo áquella catastrofe. Seu filho Cleomenes, a quem tinha obrigado a casar por força com a viuva de Agis, era de hum caracter vivo, confiado, ambicioso, e capaz dos maiores projectos. Cleomenes ama-

Antes de J. C. 242. Cleomenes abraça o projecto de Agis.

amava a sua Mulher, e as conversações da Princeza o excitavaõ para executar a reforma. Ou fosse por virtude, ou fosse por ambiçaõ, ainda que as suas acções naõ davaõ indicios de hum Homem muito virtuoso, Cleomenes abraçou aquelle projecto com ardor, fazendo delle o fundamento da sua Politica. A guerra pareceo-lhe com razaõ hum meio necessario pará chegar ao seu fim; pois necessitava valer-se da força, naõ estando dispostos os corações para a persuasaõ. Algumas hostilidades dos Acheos, os quaes pretendiaõ obrigar Sparta, e a Arcadia a entrar na sua liga, lhe deraõ hum pretexto para os accommetter. Cleomenes sómente com sinco mil Homens, lhes apresentou a batalha. Arato tinha vinte mil Homens, e com tudo retirou-se. O mesmo Cleomenes, soberbo com aquelle primeiro successo, repetia o antigo dito de hum Rei de Sparta: *Os Spartanos naõ perguntaõ pelo numero dos inimigos, porém onde estaõ.*

Cleomenes declara a guerra aos Acheos.

Huma victoria, que alcançou depois contra os Acheos, augmentou a sua confiança. Cleomenes, depois de voltar para Sparta, chama Archidamo, irmaõ de Agis, o qual tinha fugido. Cleomenes, segundo Plutarco, pretendia collocar Archidamo no Throno, porém os homici-

Violencias de Cleomenes.

das

das de Agis o assassináraõ. Polybio, quasi contemporaneo, attribue pelo contrario a Cleomenes o assassinio de Archidamo, e refere as suas circunstancias. Todos convem que aquelle Rei mandára matar os Eforos pela mesma via. Estranho modo de dar vigor ás Leis de Lycurgo! Os Eforos abusando criminosamente do seu poder, faziaõ tremer os Principes. Porém acaso hum acto violento de Despotismo para os abolir, naõ devia fazer tremer o Povo? Oitenta Cidadãos foraõ desterrados depois daquella execuçaõ. Naquelle tempo era facil ter dominio nos votos.

Divisaõ das Terras.

Cleomenes he o primeiro, que põe os seus bens em commum; os seus amigos o imitaõ; as terras dividem-se como antigamente. Restabelece os exercicios, e os communs banquetes: e nomea para seu Collega, a seu irmaõ Euclidas. Até áquelle tempo, os dous Reis tinhaõ sido de dous ramos differentes dos Heraclidas; e aquella innovaçaõ tambem foi hum golpe de politica para se fazer Senhor do Estado. Naõ acho em parte alguma, que Cleomenes proscrevesse o ouro, e a prata, assim como Lycurgo. Se a sua idéa era o restabelecimento dos Costumes antigos, era necessario extirpar aquella semente de corrupçaõ. O exemplo do Prin-

Usos antigos restabelecidos.

cipe podia inspirar a prática da frugalidade, da simplicidade, e da paciencia; naõ o nego: com tudo era para temer, que hum exemplo contrario naõ desfizesse tudo, menos que naõ o fizessem impossivel com a proscripçaõ total das riquezas.

Cleomenes pretende dominar os Acheos.

O Rei de Sparta se dispunha particularmente para tomar novamente a superioridade, da qual a sua Republica tinha gozado por espaço de muitos seculos. Cleomenes pedio o mando aos Acheos. Arato naõ o queria ter por Senhor; com tanta maior razaõ, que teria provavelmente sido tyrannico o seu Imperio. O Pretor, naõ julgando ter força sufficiente para resistir aos Spartanos, recorreo ao Rei de Macedonia, de quem sempre se mostrára o maior inimigo. Por este meio, conforme Plutarco, Arato escureceo a gloria de trinta annos de prudencia, e sabedoria, devendo ser menos intoleravel para os Gregos o jugo de Sparta, do que o jugo dos Macedonios. Este Escritor naõ deixa de confessar, que Arato cedeo ao tempo, *o qual manda áquelles, que parecem mandar.* Com effeito a liga estava quasi prompta para se dissolver, taõ grande era o odio, que tinha aos Spartanos, se se tivesse tomado outro qualquer partido. Polybio o dá a entender,

Arato chama os Macedonios para o Pelopóneso.

der, e o seu testemunho naõ deixa duvida alguma. Já Cleomenes se havia apoderado de Corintho, quando Antigono Doson, Rei de Macedonia, foi chamado para o Peloponneso. Deraõ-lhe em penhor a fortaleza de Corintho: naõ lhe podiaõ entregar penhor mais precioso.

Antes de J.C. 223. Cleomenes vencido em Selasia.

Por muito temivel que fosse aquelle novo inimigo, Cleomenes se assenhoreou, quasi á sua vista, de Megalopolis, e o foi insultar debaixo dos muros de Argos. Porém reduzido depois a defender a Laconia, falto de viveres, e de dinheiro, Cleomenes quiz aventurar huma acçaõ decisiva. A famosa batalha de Selasia, em que Cleomenes foi derrotado por Antigono, destruio os seus projectos, e as suas esperanças. Filopemenes de Megalopolis, muito moço naquelle tempo, contribuio muito para a victoria, accommettendo hum corpo de Spartanos, contra o parecer dos Officiaes superiores, e tambem contra a ordem do Rei. Antigono affectou reprehender o Capitaõ; o qual lançou a culpa em Filopemenes. *Esse mancebo*, lhe disse entaõ o Rei, *conduzio-se como hum grande Capitaõ, porque se aproveitou da occasiaõ, e vós, Capitaõ, obrastes como hum mancebo.* Aproveitar da occasiaõ de vencer he sempre obedecer ao Ge-

Acçaõ atrevida de Filopemenes.

General, com tanto que o successo justifique o que parece desobediencia, á primeira vista.

Cleomenes retira-se para o Egypto, conservando-se para a Patria.

Cleomenes chegando a Sparta, depois da sua derrota, aconselhou aos Cidadãos que recebessem Antigono, ao qual naõ se podia resistir. Naõ querendo elle mesmo soffrer a lei do vencedor, se embarcou para o Egypto, a fim de hir ter com Ptolomeo Evergetes, de quem esperava soccorro. Hum dos seus amigos o exhortava a acabar antes as suas desgraças por meio de huma morte voluntaria. Cleoménes respondeo, que morrer por temor de huma falsa infamia, ou por desejo de huma falsa gloria, era cobardia; que a morte devia ser huma acçaõ, e naõ a fugida das acções; que elle se julgava obrigado a reservar-se para o serviço da Patria; e que depois de se ter perdido toda a esperança, seria facil morrer. Evergetes, movido da sua grandeza de alma, o teria soccorrido, se a morte o naõ tivesse impedido.

Cleomenes excita os Egypcios á rebelliaõ.

Governando Ptolomeo Filopater, seu Successor, Cleomenes suspeito em huma Corte voluptuosa, naõ sómente se vio logo sem recurso algum, mais ainda guardado á vista. Entaõ Cleomenes com treze amigos, que lhe ficavaõ, toma a resoluçaõ de acabar desesperadamente,

Ten-

Tendo enganado os seus guardas, corre pelas ruas de Alexandria, convidando os Egypcios para a rebelliaõ. Ninguem se move. Os Spartanos mataõ-se huns aos outros, a fim de evitar o supplicio. O corpo de Cleomenes foi pregado em huma cruz, e sua Mãi, e seus filhos mortos cruelmente. Tito Livio chama a Cleomenes o primeiro Tyranno de Sparta. Talvez que merecesse antes este nome, que o titulo de reformador.

Sua morte.

Sparta, depois da batalha de Selasia, cahio nas mãos de Antigono, o qual a tratou de hum modo, de que lhe resultou muito maior gloria, do que aquella que a victoria lhe alcançou, permittindo-lhe que se governassem segundo as suas Leis, e naõ exercitando acto algum de severidade. As mudanças feitas por Cleomenes naõ podiaõ subsistir, porque o fundamento dos costumes permanecia corrupto. Esta Republica, antigamente o reparo da liberdade dos Gregos, teve Tyrannos particulares, e desappareceó de algum modo na Historia dos Póvos celebres. A geraçaõ dos Heraclidas se extinguio em Agesipolis, Successor de Cleomenes.

Sparta cahe em hum inteiro esquecimento.

A confederaçaõ dos Acheos, pelo contrario, sustentou-se, por causa da prudencia de Arato: o qual teve toda a confian-

Antes de J. C. 215. Filippe,

Rei de Macedonia, manda envenenar Arato.

fiança de Antigono; e depois teve no principio, a confiança de Filippe, Successor daquelle Principe, e alliado de Annibal. Filippe foi logo corrompido pelos lisonjeiros; e chegando a ser-lhe odiosa a probidade de Arato o mandou envenenar. *Eis-aqui o fructo da amizade dos Reis*, disse o illustre Grego, experimentando o effeito do veneno. Os Acheos armáraõ-se contra Filippe, e Filopemenes deo hum novo lustre á Republica: a qual conservou o amor da liberdade, ainda quando a mesma Roma principiava a dominar naquella Regiaõ, como o veremos em outro lugar. A tomada de Corintho por Mummio (146) annunciou a total ruina daquella liberdade, que tinha produzido tantos exemplos de Heroismo; e a Grecia chegou logo a ser huma Provincia Romana com o nome de Achaya. Todas as differentes Historias vaõ agora entrar novamente na Historia de Roma.

Filopemenes sustenta a confederaçaõ.

« A Grecia opprimida com o pezo « das suas proprias divisões, e do poder « Romano, diz o Abbade de Mably, con- « servou huma especie de Imperio, po- « rém muito honorifico, sobre os seus « vencedores. As suas luzes, e o seu « gosto para as Letras, Filosofia, e Artes, « a vingáraõ, para assim dizer, da sua

A Grecia, sobjugada pelos Romanos, exercita sobre elles o Imperio das Letras.

« rui-

« ruina, e sujeitáraõ ao seu turno a so-
« berba dos Romanos. Os vencedores
« chegáraõ a ser os discipulos dos venci-
« dos, e aprendêraõ huma lingua, que
« os Homeros, os Pindaros, os Thucy-
« dides, os Xenofontes, os Demosthe-
« nes, os Platões, os Euripides, &c. ti-
« nhaõ aformoseado com todas as gra-
« ças do seu entendimento. Huns Orado-
« res, que já encantavaõ Roma, foraõ
« beber entre os Gregos aquelle gosto
« subtil, e delicado, talvez o mais raro
« de todos os talentos, e aquelles se-
« gredos da Arte, que daõ ao engenho
« huma nova força; em huma palavra fo-
« raõ educar-se no talento encantador de
« aformosear tudo. Nas Escolas de Fi-
« losofia, onde os Romanos mais distin-
« ctos se despojavaõ das suas preoccu-
« pações, aprendiaõ a respeitar os Gre-
« gos; levavaõ para a sua Patria o seu
« reconhecimento, e a sua admiraçaõ, e
« Roma fazia mais suave o seu jugo;
« temia de abusar dos direitos da victo-
« ria, e por meio dos seus beneficios
« distinguia a Grecia das outras Provin-
« cias, que sobjugára. Que gloria para as
« Letras, ter livrado a terra que as culti-
« vou, das desgraças, de que os seus Legis-
« ladores, os seus Magistrados, e os seus
« Capitães naõ a podêraõ livrar! As mes-

« mas

« mas Letras saõ vingadas do desprezo,
« que lhes mostra a ignorancia, e tem
« a certeza de ser respeitadas, quando se
« encontrarem taõ justos avaliadores do
« merecimento como os Romanos. » (*Observ. a respeito dos Gregos.*)

He necessario estudar aquillo que interessa o entendimento humano.

Estas judiciosas reflexões nos conduzem a fazer algumas individuações a respeito das Artes, da Litteratura, da Filosofia, e das Sciencias. Naõ podendo profundar materias taõ interessantes, procuremos aproveitar-nos dos seus primeiros principios, e formar dellas huma justa idêa; as mesmas materias saõ infinitamente mais uteis, do que todas aquellas narrações de guerras, de combates, de intrigas, de pequenas mudanças, que se tiraõ da immensidade das cousas humanas, para formar dellas Bibliothecas, onde a razaõ naõ acha quasi nenhum alimento; e do que todos aquelles grandes Catalogos de nomes, e de datas, com que se opprime cruelmente a memoria, sem dar ao entendimento as Noções mais importantes. Saber palavras naõ he nada; saber fatos indifferentes he como nada; e saber o que interessa a Humanidade, he a verdadeira Sciencia do Homem honrado.

LI-

LIVRO V.

Em que se trata das Artes, da Litteratura, e das Sciencias dos Gregos.

CAPITULO I.

Das Artes da Grecia.

§ I.

Agricultura, Commercio, e Nevegaçaõ.

Utilidades da Agricultura.

OS Gregos, adquirindo as instrucções, logo conhecêraõ todas as utilidades da Agricultura, para a qual tinhaõ mostrado tanta aversaõ, quando apenas provavaõ os primeiros fructos da Sociedade. Da Agricultura depende a felicidade das Nações situadas em huma terra fertil. A abundancia das producções naturaes attrahe os outros bens, ou impede sentir a sua falta. Os outros bens, sem os frutos da terra, naõ saõ senaõ hum pezo; o que se vê na fabula de Midas, algumas vezes realizada com tristes experiencias. Razaõ, porque os sabios Filosofos da Antiguidade, particularmente Xenofon-

fonte, se applicáraõ áquelle objecto, que deveriaõ profundar mais. As suas instrucções limitaõ-se á pratica ordinaria. Naõ hé necessario crer, conforme o testemunho de Plinio, que hum graõ de trigo produzia muitas vezes cem espigas na Beocia, e no Egypto, para se convencer dos recursos, que se tiraõ da terra bem cultivada. O maior producto na propria Sicilia, segundo Cicero, era de dez por hum.

Preço dos frutos.

O terreno da Attica sendo pessimo, excepto para as oliveiras, que os Athenienses cultivavaõ cuidadosamente, supriaõ estes áquelle defeito com as suas Colonias. Bysancio, conforme Demosthenes, dava-lhes cada anno quatrocentos mil medimnos de trigo. O medimno, que corresponde a tres alqueires de quasi vinte arrateis de pezo cada hum, naõ se vendia senaõ por sinco drachmas: donde se segue, que o dinheiro era raro, e que se vivia muito barato. Hum boi, no tempo de Solon, vendia-se sómente por sinco drachmas; hum porco, no tempo de Socrates, por tres drachmas. Taõ modico era o preço das cousas necessarias para a vida.

Commercio dos Athenienses.

Com tudo Athenas, depois da expediçaõ de Xerxes, entregava-se ao Commercio. A marinha lhe tinha aberto os

seus

seus canaes; porém era muito limitado. Xenofonte, no seu *Tratado das Rendas*, exhorta os Athenienses para que nada desprezem a fim de o fazer florecente; para que favoreçaõ aquelles, que o exercitaõ, Cidadãos, ou estrangeiros; para que lhes adiantem dinheiros, se for necessario, com as seguranças convenientes, e para que lhes dem navios: Xenofonte suppõe (o que devia ser huma regra de Governo,) que a riqueza dos particulares faz a riqueza do Estado: e sobre tudo recommenda de trabalhar nas minas da sua terra, sendo as materias, que entre si se achaõ, e a industria em as pôr em obra, o fundo mais util de Commercio.

Se as riquezas fazem a felicidade de hum Estado.

Naõ fallo de Corintho, nem das Colonias Commerciantes, taes como Syracusas. Sabemos geralmente, que estas eraõ ricas, e corruptas. Os modernos aperfeiçoáraõ muito a Theorica do Commercio. Naõ se póde duvidar, que o Commercio procura grandes recursos para os Estados, quando se dirige sobre bons principios. Porém como se tem podido imaginar que a opulencia fosse a base da felicidade dos Estados? como se tem podido desprezar os costumes, a educaçaõ, as Leis, e abandonar os Cidadãos a huma funesta depravaçaõ, a fim de recon-

concentrar a Politica no circulo apertado das finanças, e rendas do Estado? A Historia dá mil exemplos de Nações corrompidas pelas riquezas, as quaes nunca estiveraõ mais perto da sua ruina, senaõ quando pareciaõ dispôr dos Thesouros do Universo.

Commercio de Alexandria: canal de communicaçaõ com o Mar Vermelho.

Alexandria, no tempo dos Ptolomeos, fez-se logo taõ florecente com o Commercio, que escureceo Tyro, e Carthago. Hum canal de communicaçaõ, que Philadelpho mandou cavar desde Copto até ao Mar Vermelho, guarnecido com estalagens para a commodidade dos Mercadores, attrahio todo o Commercio da Asia Meridional. O Egypto livre em fim da sua antiga superstiçaõ, gostou tanto do Mar, quanto o tinha aborrecido. A Marinha de Philadelpho consistia em cento e vinte náos de huma grandeza extraordinaria, e em quatro mil navios.

Marinha, e Navegaçaõ.

A Marinha tinha-se aperfeiçoado muito, depois da invasaõ dos Persas. Os navios, ou as galeras consideraveis tinhaõ diversas ordens de remos, e continhaõ quasi duzentos Homens. Naõ intento aclarar as difficuldades a respeito daquellas ordens de remos, postos obliquamente, e algumas vezes muito multiplicados sómente para ostentaçaõ. Contento-me em ob-

observar alguns factos pertencentes á Navegaçaõ. A frota de Alexandre, vindo pelo Indo abaixo, chegou a Susa dez mezes depois, tendo navegado tres mezes pelo Rio, e sete pelo Mar da India, de Patala para Susa. Os Gregos até aquelle tempo naõ tinhaõ conhecimento do Oceano. Ao depois, a passagem da costa de Malabar para o Mar Vermelho fez-se em quarenta dias, segundo Plinio (*Liv. VI. Cap.* 23.) Alexandre, e os seus Successores julgavaõ que o Mar Negro communicava com o Oceano. Esta ignorancia deve-nos admirar menos, do que as atrevidas Navegações dos navegadores, em hum tempo em que havia taõ pouco soccorro entre tantos obstaculos. O Globo era incognito, e por consequencia naõ tinhaõ por onde se guiar pelos Mares.

§ II.

Arquitectura, Escultura, Pintura, e Musica.

QUANDO as riquezas introduziraõ o gosto do luxo entre hum Povo industrioso, basta hum engenho poderoso para fazer brilhar as Bellas Artes. Pericles as animou todas. Estas continuáraõ por

Arquitectura.

por espaço de dous seculos a produzir Chefes de obra. A Arquitectura levantou aquelles soberbos monumentos, cujas proporções encantaõ a vista, ao mesmo tempo que os corpos sólidos Egypciacos naõ podiaõ deixar de causar pasmo, e admiraçaõ. As tres ordens de Arquitectura Grega, a Dorica, a Jonica, e a Corinthia, subsistem como huma regra immudavel. A ordem Toscana he grosseira. A Composta, posto que mais ornada que a Corinthia, he menos perfeita. As Gothicas bellezas naõ saõ senaõ brilhantes defeitos. Foi necessario tornar á nobre simplicidade dos Antigos, a fim de igualar, ou a fim de exceder as suas obras. Que difficuldades naõ venciaõ elles? Em o tempo de Thucydides ainda se ignorava o uso dos guindastes.

As tres Ordens Gregas as mais perfeitas.

Sumptuosos Edificios saõ huma despeza ruinosa para os Estados, se naõ se procede com elles com huma sabia, e prudente economia. Vitruvio refere huma Lei de Efeso, que prevenia grandes abusos. O Arquitecto, antes de emprender qualquer obra publica, devia declarar o seu preço, e empenhar todos os seus bens. Se a despeza naõ excedesse do ajuste, o Arquitecto era recompensado; se importasse huma quarta parte mais, o Publico pagava o excedente; e se impor-

Lei de Efeso para os Arquitectos.

tasse

tasse mais da quarta parte, era por conte do Arquitecto.

A Escultura aperfeiçoada por Fidias.

A Escultura, antes de Pericles, naõ tinha produzido quasi nada que naõ fosse informe. Assim as Estatuas dos Gregos, como as Estatuas dos Egypcios, tinhaõ os braços pendentes, pegados ao corpo, as pernas, e os pés juntos hum com outro, sem gesto, sem postura, e sem elegancia. Fidias de Athenas aperfeiçoou esta Bella Arte, pois ajuntava muitos conhecimentos com hum talento superior. Huma Estatua, que Fidias tinha feito para ser collocada sobre huma columna, pareceo horrenda; a Estatua de Alcamenes, seu competidor, pareceo admiravel: *Collocai-as onde devem estar*, disse Fidias. Entaõ se vio a superioridade, que lhe dava a Sciencia da Optica. A sua Minerva de ouro, e de marfim, de altura de trinta e nove pés, tendo-o exposto á ingratidaõ de Athenas, Fidias vingou-se com o seu Jupiter Olympio, o qual fez em Elida, e cuja idéa tirára de Homero.

Outros Escultores celebres.

Myron de Athenas, Polycteto, e Lysippo de Sicyonia, Praxiteles, e Scopas de Paros, tambem foraõ Escultores muito celebres. Contavaõ-se mais de seiscentas obras de Lysippo. Alexandre naõ permittia que ninguem fizesse a sua Es-

Lysippo.

tatua senaõ Lysippo, assim como tambem naõ permittia que ninguem o retratasse senaõ Apelles. As duas Venus de Praxiteles eraõ admiraveis. Praxiteles deixou a sua eleiçaõ, pelo mesmo preço, aos habitadores de Cos, os quaes preferiraõ a menos formosa á outra, por estar a primeira composta, e a outra descomposta; exemplo de pejo, que seria louvado, ainda entre os Spartanos. Os nossos grandes Artistas modernos estudaõ a natureza em as Estatuas antigas, muitas das quaes escapáraõ ás injurias do tempo. Nada faz maior honra ao gosto dos Antigos.

Pintura na Grecia. Maravilhas mais que duvidosas.

Os milagres, que Plinio, e outros Authores referem da Pintura Grega, naõ se pódem provar, e parecem tanto menos criveis, que da propria confissaõ de *Plinio*, os *Gregos* empregavaõ sómente quatro cores, branca, amarella, vermelha, e negra. Os Gregos conheciaõ na verdade aquella privaçaõ imperceptivel de luzes, aquelle claro-escuro, que occupa o meio entre a claridade, e as sombras, que faz sahir as figuras, e faz apparecer os fundos; porém temos fundamento para duvidar, que elles tirassem daquelles conhecimentos os mesmos effeitos, que se admiraõ nos nossos tempos. Frutas pintadas, que os passaros

vem

vem picar com o bico, cavallos pintados, que fazem rinchar os cavallos, saõ talvez maravilhas, das quaes Plinio carregou muito a sua obra. Que teria dito o mesmo Plinio, se tivesse visto os paineis de Rafael, e de Rubens?

Differẽtes espécies de pintura.

A pintura *encaustica* consistia em applicar, por meio do fogo, em madeira, ou em marfim, ceras de differentes côres. O Conde de Caylus achou novamente o seu segredo. Os Antigos naõ conheciaõ a pintura a oleo. Plinio dá a entender que antes de Nero, os mesmos Antigos naõ pintavaõ em pano; e certifica, que os grandes Mestres raras vezes pintavaõ a fresco. Temos diversos pedaços de mosaico da Antiguidade, que naõ se poderiaõ admirar como paineis.

Pintores célebres.

Polygnotes.

Entre os Pintores célebres, basta nomear Polygnotes, a quem o Conselho dos Anfyctiões agradeceo, por hum Decreto, por ter pintado gratuitamente a guerra de Troia em hum portico de Athenas; e o qual, em virtude do mesmo Decreto, devia ser isento de pagar cousa alguma por toda a parte, por onde passasse; Apollodoro, que inventou a Magica do claro-escuro, e antes do qual, segundo Plinio, nenhum painel suspendia os espectadores; Zeuxis, que depois de ser muito rico, dava as suas obras,

Apollodoro.

Zeuxis.

porque, dizia elle orgulhosamente, *naõ havia quem as pudesse pagar*; Parrhasio, a quem Zeuxis reconheceo, segundo dizem, por seu vencedor, depois de ter sido enganado com huma cortina, que pintára; Panfilio, que sendo o primeiro que ajuntou as Sciencias com a Pintura, pedia de cada hum dos seus discipulos hum talento cada anno; Timanthes, celebre por causa do seu painel de Ifigenia, em que cobrira com hum veo a dor, que com palavras se naõ póde exprimir, de Agamemon; Apelles, discipulo de Panfilio, e Pintor de Alexandre, que expunha as suas obras á vista dos passageiros, a fim de se aproveitar das suas criticas; Protogenes, competidor de Apelles, a quem o mesmo Apelles elogiava, porém accrescentando, *que elle naõ sabia largar o pincel*; isto he, que peccava por hum excesso de exactidaõ, e de correcçaõ.

Parrhasio.

Panfilio.

Timãthes.

Apelles.

Protogenes.

As honras, e as recompensas, que prodigamente se davaõ aos Artistas, eraõ, sem duvida, o melhor meio para estimular, e aperfeiçoar os talentos. Os Athenienses naõ pódem ser arguidos senaõ de excessivos. Tanto mais vivamente julgavaõ os Athenienses do preço das Bellas Artes, quanto mais deveriaõ julgar da superioridade das virtudes, das bel-

Recompẽsas excessivas dos Artistas.

bellas acções, e do merecimento essencial, que em lugar de entreter os Cidadãos, os illustra, e os governa a fim de lhes segurar a sua felicidade. Quando os talentos agradaveis tem maior consideraçaõ do que os outros; quando estes absorvem as recompensas devidas aos serviços; quando para elles se exhaurem riquezas, que a Patria reclama; e quando se preza de os avaliar, olhando para tudo mais com desprezo; entaõ os Costumes, as Leis, os Principios, e o Governo, tudo a ameaça ruina.

Corrupçaõ, que resulta das excessivas recõpẽsas.

Athenas o experimentou. Ao mesmo tempo em que Athenas naõ se occupava senaõ em Estatuas, em Paineis, e em Espectaculos, a Meretriz Frynea, amiga de Praxiteles, e de outros muitos, teve o desaforo de se empenhar em querer reedificar Thebas, com tanto que huma inscripçaõ declarasse; *Alexandre destruio Thebas, e Frynea a reedificou.* Zeuxis, coberto de Purpura, e de ouro, caprichava com ostentaçaõ pelo seu orgulho nos Jogos Olympicos. Parrhasio mostrava-se insolentemente com huma Coroa de ouro na cabeça ao mesmo tempo que Socrates, e Focion bebêraõ a cegude.

Importante estimaçaõ da Musica.

Huma das cousas mais notaveis em os costumes da antiga Grecia, he a impor-

portante estimaçaõ, que se dava á Musica; a qual fazendo de algum modo parte da constituiçaõ, pertencia ás mesmas Leis. A austera Sparta cuidava na Musica, como hum objecto de taõ grande consequencia, que toda a innovaçaõ em semelhante genero era severamente prohibida. Plataõ sustenta a necessidade daquella lei; da qual nenhum outro motivo imagino senaõ a grande sensibilidade dos Gregos, e a forte impressaõ, que a harmonia lhes fazia.

Sua verdadeira utilidade.

Tinha-se experimentado as utilidades da harmonia, ou para civilizar os Póvos, e suavisar os ferozes costumes, ou para excitar o valor em os combates, ou para inspirar o amor da virtude, e animar para as grandes acções por meio dos louvores aos Homens Grandes; porque o Canto, e a Poezia eraõ inseparaveis, e tendiaõ a este mesmo fim. Em huma palavra a Musica era huma das partes essenciaes da educaçaõ da Mocidade. Polybio, Author grave, e judicioso, observa que a Musica era taõ necessaria particularmente para os Arcades, que huma das suas Cidades (Cynetha) tendo-a desprezado, fezse famosa com as excessivas ferocidades, e barbaridades, de que em outra qualquer parte haviaõ poucos exemplos. Plutarco, depois dos mais celebres Filosofos,

fos, representa a Musica, como hum meio admiravel para socegar as paixões, e para regular o animo, e o coraçaõ. Porém trata-se de huma Musica varonil, simples, e magestosa, que nada tinha daquella molleza licenciosa, que Plataõ, e Aristoteles arguiaõ ao Theatro do seu Seculo. Os seus principios devem-se applicar á Poezia, e á Dança, ambas comprehendidas na idéa geral de Musica. Os Romanos deixáraõ para os escravos humas Artes taõ estimadas dos Gregos.

Musica antiga.

A lyra ao principio tinha sómente tres cordas. Timotheo, no reinado de Filippe, multiplicou-as até onze; depois accrescentáraõ-lhe outras mais. He hum problema entre os Sabios, se os Antigos conheciaõ o *contraponto*, ou os concertos de muitas partes. A sua Musica se dividia em dezoito tons, que se notavaõ com caracteres particulares. A gamma, inventada no undecimo seculo por Gui de Arezzo, fez a Arte muito mais facil; e parece, que assim neste genero, como em outros muitos, os Modernos excedem superiormente aos Antigos. Póde-se consultar a obra de Burette, em as Memorias da Academia das Bellas Letras, *Tom. V.*

§. III.

§. III.

Arte Militar.

Arte Militar.

A PERFEIÇAÕ das Bellas Artes naõ embaraçou os progressos da Arte Militar. As grandes victorias dos Gregos, devem-se attribuir á disciplina das tropas, e á habilidade dos Generaes. Entrarei tambem em algumas individuações a respeito da sua Milicia; porque importa ter huma idéa das causas, que produziraõ os grandes successos, e decidiraõ do destino das Nações.

Cidadãos Soldados.

Nascendo os Cidadãos para defender a Patria, devem ser seus soldados; e o Espirito Republicano, o amor da liberdade, e da gloria, produziaõ naturalmente Heróes. Qualquer Spartano marchava para os combates desde trinta até sessenta annos. Os moços, e os velhos guarneciaõ a Cidade, onde viviaõ mais asperamente do que os outros no exercito. A guerra unicamente suavizava hum pouco a austeridade daquelle Povo, cujas instituições todas tinhaõ a guerra por fim. Lycurgo tinha achado o segredo de lhes fazer amar a guerra. Em quanto aos Athenienses, desde a idade de dezoito annos, alistavaõ-se no serviço da Republica por meio

de hum juramento solemne, e serviaõ até sessenta annos. Homens que combatem pelos seus bens, pelas suas Mulheres, pelos seus filhos, e sobre tudo pela sua liberdade, devem ser superiores aos guerreiros ordinarios; com tudo, que vantagens naõ fazem nas Nações modernas a disciplina, e a mesma honra?

Soldo das tropas.

Quando as guerras chegáraõ a ser dilatadas, e se fizeraõ em terras remotas, foi necessario prover á subsistencia das tropas. Pericles estabeleceo hum soldo para os Soldados. Hum Infante tinha quatro obolos, hum cavalleiro huma drachma, e hum marinheiro tres obolos. Viraõ-se os mesmos Spartanos receberem o soldo dos Persas na Asia.

Armas dos Gregos.

As armas dos Gregos eraõ o capacete, a coiraça, o broquel, a espada, a lança, e o dardo, o arco, e as frechas. Estas armas se aperfeiçoáraõ com o tempo. Ificrates, Atheniense, fez os broqueis mais pequenos, e mais leves, as espadas, e os piques mais compridos; mandou fazer coiraças de linho molhado em vinagre, misturado com sal, as quaes eraõ, segundo dizem, melhores, que as coiraças de ferro: cousa bem difficultosa de comprehender. O mesmo Ificrates exercitava continuamente as tropas nas evolu-

çōes

ções militares, e esta importante parte adquirio muita perfeiçaõ.

Infantaria, Cavallaria.

A maior força dos exercitos Gregos consistia na infantaria. Os Gregos tinhaõ abandonado os carros taõ communs antigamente, e taõ inuteis, ou antes taõ perigosos. A sua cavallaria, muito pouco numerosa por falta de cavallos, combatia em boa ordem. Naõ se conheciaõ nem estribos, nem sellas, nem botas, e sabiaõ passar sem estes meios muito bem. O que a Historia refere dos Numidas, he mais admiravel. Aquelles Povos governavaõ perfeitamente os seus cavallos sem freio, e sem barbella. Tanto pódem suprir a huns soccorros, que nós julgamos necessarios, o costume, e a industria.

Arte dos ſitios.

Nas guerras de Sparta contra os Messenienses, a Cidade de Ithome, sómente por causa da sua situaçaõ sobre hum monte, sustentou hum sitio de dezenove annos. A Arte da guerra estava pois ainda no seu berço. A mesma Arte fez rapidos progressos á medida que a Grecia se illustrou, e que os Póvos reflectiraõ a respeito dos seus interesses. Os acampamentos vantajosos, as excellentes disposições de batalha, as sabias manobras, os segredos do ataque, e da defeza das Praças, perdêraõ em fim o merecimento de segredos.

Maquinas.

Serviraõ-se de todos os generos de má-

máquinas de guerra, catapultas, trabucos, torres movediças, tartarugas, e ariétes, ou vaivens, cuja descripçaõ se acha a cada passo. Basta ler os sitios de Syracusas, e de Tyro, para conceber os recursos, que o engenho, e o valor davaõ aos Antigos.

Meios de excitar o valor.

Naõ tenho necessidade de repetir que o vigor da disciplina, as recompensas, e os trabalhos, a paixaõ da gloria, e o temor da infamia, foraõ as principaes causas, que deraõ aos Gregos tanta superioridade sobre os seus inimigos. Os Gregos naõ perdiaõ meio algum de formar Homens invenciveis. Posto que os Spartanos fossem acostumados desde a infancia a desprezar a morte, traziaõ na guerra vestidos vermelhos, a fim que o seu sangue naõ apparecesse. Em todos os generos deve-se ajudar a Natureza; e algumas vezes pequenas cousas na apparencia produzem grandes effeitos. Que cousas naõ pódem pois produzir os dous grandes moveis do coraçaõ humano, a esperança, e o temor, quando a sua acçaõ se dirige com prudencia, e com sabedoria.

CA-

CAPITULO II.

Bellas Letras.

§. I.

Poezia.

Vantagens dos Gregos na litteratura.

HUM gosto delicado, huma imaginaçaõ viva, hum engenho facil, e fecundo, hum idioma rico, e harmonioso, talentos superiores, excitados por causa da mais forte, e vigorosa emulaçaõ, he o que deo a occasiaõ aos Gregos de ter a vantagem de serem a respeito da litteratura os Mestres, e os Modelos de todos os Póvos illustrados. A sua incomparavel lingua accommodava-se a tudo, tudo aformozeava. Já na penna de Homero aquella mesma lingua unia as graças, a força, a magestade, sendo digna de Jupiter, ou de Venus. O que prova evidentemente, se me naõ engano, que antes de Homero já tinhaõ havido bons Escritores; porque as linguas formando-se de vagar, naõ se aperfeiçoaõ senaõ com os trabalhos litterarios.

Sua lingua.

Origem, a objecto de Poesia.

A Poezia avançou-se quasi sempre mais, que os outros generos de litteratura; sem duvida por ser o fruto da imagi-

ginaçaõ, e do sentimento, e porque ambas estas faculdades exercitaõ-se antes da razaõ. Os Homens sensiveis se inclinaõ por huma especie de instincto, a cantar os seus gostos, a sua felicidade, os Deoses, que adoraõ, os Heróes, que admiraõ, e os factos, que querem imprimir na memoria. Esta a razaõ, porque se achaõ versos entre os Salvagens. A viveza das paixões contribuio para os progressos desta excellente Arte; porém o interesse da Humanidade tem sido muitas vezes o seu objecto. O fim da Iliada he suffocar na alma dos Gregos huma fatal discordia, e excitar entre elles o Heroismo por meio do espectaculo das proezas dos seus antepassados. As virtudes pacificas eraõ pouco conhecidas. Se Homero tivesse sentido as suas vantagens provavelmente as teria celebrado.

Tragedia.

Os seus Poemas saõ a origem da Arte Dramatica, inventada no tempo de Solon. Transportando para o Theatro acções, que agradavaõ na leitura, augmentou-se o prazer, e a utilidade. Eschylo, o verdadeiro fundador da Tragedia (os entremezes, ou farças de Thespis naõ mereciaõ aquelle nome) empregou a piedade, e o terror, a fim de commover o coraçaõ Humano. O mesmo Eschylo vivia no tempo da invasaõ de Xerxes, e

as

as suas Obras respiravaõ o odio da Tyrannia. Sofocles appareceo antes da morte de Eschylo, disputou-lhe o premio, e alcançando-o fez a Tragedia mais interessante pela regularidade do plano, e pela nobreza do estilo. Euripides, seu competidor, accrescentou-lhe aquella Filosofia, que introduz a Moral na acçaõ, a fim de fazer admirar a virtude.

Sua utilidade.

He difficultoso de crer que o fim daquelles Poetas fosse principalmente curar as paixões com a força do pathetico. Porém he certo que procurando a approvaçaõ dos espectadores, davaõ-lhes excellentes lições de sabedoria, e que o Theatro naõ retumbava maximas proprias para corromper os costumes, nem para perder as almas. Quaõ uteis naõ seriaõ as representações Theatraes, se o encanto do prazer naõ lhes servisse, senaõ de meio para instillar sentimentos nobres, e virtuosos?

Comedia antiga, media, e nova.

A Comedia, particularmente ridiculizando o vicio, poderia ser huma das melhores Escolas para a Sociedade. Naõ se póde conceber como os Athenienses, depois de ter approvado a Moral dos seus Poetas Tragicos, fossem capazes de applaudir as galantarias indecentes de hum Aristofanes. Os Athenienses quasi criminavaõ Euripides por ter posto na boca de Hip-

Licença concedida a Aristofanes.

Hippolyto as seguintes palavras: *A minha lingua sim pronunciou o juramento, porém meu coraçaõ naõ lhe deo o seu consentimento*, posto que o juramento, de que se tratava, parecesse contrario ao dever. E ao mesmo tempo consentiaõ, que se representassem os Deoses, o Governo, os Magistrados, e os Socrates, em Obras, que escandalizavaõ igualmente a Religiaõ, e a publica honestidade. A Comedia antiga naõ teve freio algum; tudo sacrificou á satyra; e os fragmentos, que ainda conservamos de Aristofanes, contribuem a esse respeito, para ser a infamia de Athenas. A Comedia media, inventada no tempo dos trinta Tyrannos, disfarçou sómente os nomes, e ultrajou as pessoas. Aquella Comedia, em lugar de extinguir a malignidade do Povo, pelo contrario a afiava. Finalmente Alexandre reprimio aquella atrevida liberdade. A nova Comedia descrevia os costumes sem offender os Cidadãos; pois apresentava hum espelho, segundo a expressaõ de Boileau, em que todos podiaõ reconhecer a sua imagem, rir dos seus proprios defeitos, e aprender agradavelmente a emendar-se. Menandro brilhou naquella immensa carreira. Perdemos as suas Obras, cuja perda naõ se poderia sentir sufficientemente, pois que formáraõ o gosto de Terencio, seu imitador.

Verdadeira Comedia.

He

Os Modernos superiores na Arte Dramatica.

He necessario ser, como Madame Dacier, bem Idólatra da Antiguidade, para naõ convir que os Modernos saõ muito superiores aos Gregos na Arte Dramatica. Reconhecendo que estes foraõ nossos Mestres, naõ nos ceguemos até o extremo de incensar os seus defeitos, á custa da justiça devida aos seus emulos. A prodigiosa fecundidade dos Antigos, provaria sómente que elles naõ eraõ senaõ mediocremente delicados na conducta, e na composiçaõ das suas Obras: de Sofocles contavaõ-se quasi cento e trinta Obras dramaticas.

Furor dos Athenienses pelo Theatro.

O furor dos Athenienses pelos espectaculos, os premios, que adjudicavaõ aos Poetas, a honra de ser preferido publicmente áquelles, que seguiaõ a mesma carreira, tudo accelerou os progressos de huma Arte taõ interessante. Foraõ-nos necessarios Seculos para substituir o bom gosto aos entremezes grosseiros dos nossos Avós; Athenas teve logo o seu Sofocles, e o seu Euripides. Aquelle Povo frivolo fez de algum modo do Theatro hum negocio de Estado. Poderia ser louvado, se a utilidade dos costumes tivesse sido sempre o seu objecto; porém Aristofanes, e seus semelhantes tinhaõ a authoridade de espalhar o veneno pela Republica. Que idéa se deve ter de hum Estado

do onde os bobos tem o direito de insultar a propria virtude, e o poder de rebellar contra ella os Cidadãos?

Todos os outros generos de Poemas, a Ode, a Elegia, a Poesia Pastoril, e o Epigramma nos vieraõ da Grecia, e todos se aperfeiçoáraõ pelos Romanos: He da ordem da natureza, que o engenho se aproveite dos modelos antigos, observe os seus defeitos, e imite as suas bellezas com maior gosto.

Outros generos de Poesia.

§. II.

Historia.

O CONHECIMENTO da Historia he huma das principaes obrigações, que nós devemos aos Gregos. Humas collecções confusas de factos sem ordem, tradições muitas vezes absurdas, transmittidas sem se saber como, serviraõ de Annaes ás Nações; e o bem que fizeraõ foi perpetuar a sua ignorancia, e a sua barbaridade, até que chegando a ser commum a Arte de escrever, alguns Escritores laboriosos, e illustrados recolhêraõ, examináraõ, e ordenáraõ os materiaes historicos, a fim de fazer delles hum corpo de instrucções interessantes. Por muitas que sejaõ as Fabulas, que insensivelmente se intro-

A Historia entre os Gregos.

duzissem em as Obras deste genero, quando se tratasse das Antiguidades, cujos monumentos naõ existissem, com tudo nellas se achaõ preciosas verdades, e o que naõ he talvez menos precioso, aprende-se nas mesmas Fabulas a suspender o seu parecer, e a formar dúvidas necessarias para descobrir a verdade. Os erros dos Antigos, depois de ter muito tempo enganado huma multidaõ de entendimentos credulos, fizeraõ nascer as regras da Critica, pelas quaes nos devemos livrar do erro.

Herodoto. Herodoto de Halicarnasso, Cidade de Caria, tido pelo Pai da Historia, nasceo poucos annos antes da expediçaõ de Xerxes na Grecia. A sua Obra principia em Cyro, e acaba no combate naval de Mycala. As suas digressões a respeito dos Egypcios, e de outros Póvos, em parte saõ fabulosas; porque estaõ cheias de Tradições dos seus Sacerdotes, e naõ se lhe deve dar sempre credito a respeito das circunstancias dos successos do seu Seculo. Herodoto era muito amante das maravilhas para discernir bem a verdade. O mesmo Herodoto diffunde, com hum modo de candura, aquellas brilhantes ficções, que attrahiraõ á Grecia o injurioso nome de falsidade (*Græcia mendax*). Se Herodoto os naõ

cer-

certifica sempre, ao menos parece dar-lhes credito; e comparado com tudo com os nossos antigos Authores de Chronicas, naõ sómente em quanto á forma, porém ainda em quanto ao fundamento, merece os maiores elogios. Vide *Tom. I. pag.* 257.

O seu exemplo anima a Thucydides.

Este Historiador pretendia agradar aos Gregos, e lisonjeou a sua credula vaidade. A leitura, que Herodoto fez das suas Obras nos Jogos Olympicos, e depois em huma das maiores Festas de Athenas, lhe attrahio os universaes applausos. Thucydides ainda rapaz, sendo testemunha, e transportado de huma especie de enthusiasmo, derramou lagrimas, como se estivesse presente a qualquer Tragedia. O Author percebendo-se daquella demonstraçaõ de sensibilidade, e de genio, exhortou o Pai do Mancebo para que o cultivasse, e instruisse com toda a vigilancia possivel. Hum exemplo basta muitas vezes para excitar, e para fixar, desde a menor idade, hum talento superior.

Thucydides.

Thucydides entregou-se pois ao estudo. Servio na guerra do Peloponneso; e occupado sempre com o projecto de escrever a sua Historia, examinou tudo, ajuntou os materiaes, e fez memorias exactas. Hum desterro de vinte annos deo-lhe occasiaõ, e tempo para trabalhar. De-

pois de voltar para a sua Patria, e depois da expulsaõ dos trinta Tyrannos, Thucydides pôz a ultima maõ naquella bella Obra, que contem os vinte e hum primeiros annos da guerra. A gravidade do estilo, e a sabedoria das reflexões sufficientemente daõ a conhecer, que o Author procurava menos agradar, do que instruir.

Critica pessima de Dionysio de Halicarnasso.

Dionysio de Halicarnasso, a quem se louva como hum bom Historiador, e hum bom Critico, fazendo o parallelo de Herodoto com Thucydides, põe o primeiro superior ao outro, por humas razões, que naõ julgo dignas nem de hum Critico, nem de hum Historiador. Dionysio argue o ultimo a respeito da eleiçaõ do seu assumpto, da tristeza dos espectaculos, que offerece o Leitor, a respeito da falta de episodios, e de digressões, e da severidade, com que realça os erros alheos &c. Assim Thucydides, como Herodoto deveriaõ ser arguidos, por ter collocado na Historia tantos discursos, que a aformoseaõ á custa da exacta verdade.

Xenofonte.

Xenofonte, e Ctesias, eraõ contemporaneos de Thucydides, porém mais moços. Já os dei a conhecer. O primeiro, além da Cyropedia, e da expediçaõ dos dez mil, continuou a Historia Grega depois

pois que Alcibiades voltou para a Attica. Xenofonte attendido ser hum Filosofo, discipulo de Socrates, parece muitas vezes muito credulo; porém respeita infinitamente a Religiaõ.

Polybio.

Polybio de Megalopolis, discipulo de Filopemenes, amigo do grande Scipiaõ, merece a preferencia sobre todos os Historiadores Gregos, e sobre a maior parte dos Latinos. Da sua *Historia Universal*, que incluia todos os successos desde os primeiros annos da segunda guerra Punica, até á conquista de Macedonia, só restaõ os sinco primeiros Livros com fragmentos. Dionysio de Halicarnasso diz que a leitura de Polybio he insoffrivel, porque ignora a ordem de collocar as palavras. Este Critico amava as bellas frases, e preferia certamente as palavras ás cousas. Porém Bruto na vespera da batalha de Farsalia estudava ainda por Polybio.

Dionysio de Halicarnasso.

As Antiguidades Romanas de Dionysio de Halicarnasso, escritas no reinado de Augusto, saõ huma Obra muito louvada, que contém muitas individuações interessantes a respeito dos costumes, e dos usos da Antiga Roma, porém onde a Critica descobre as preoccupações de hum Grego supersticioso, applicado a dar huma origem Grega ás cousas notaveis.

veis. Os seus onze primeiros Livros, que o tempo conservou, chegaõ sómente até ao anno de Roma 312. Os ultimos nove perdêraõ-se.

Diodoro de Sicilia.

Diodoro de Sicilia, copista de Ctesias, e muito desacreditado, como temos visto em outro lugar, vivia no tempo de Cesar, e de Augusto. A sua *Bibliotheca Historica* chega aos Seculos fabulosos, e á origem do Mundo, e acaba na guerra dos Gaulezes. Daquella Bibliotheca conservaõ-se sómente quinze livros. Este Author, que tinha viajado a fim de se instruir, he muito semelhante áquelles Viajantes sem Filosofia, cuja credulidade, ou mentiras enchêraõ a Historia de incertezas.

Plutarco.

Naõ ha Historiador algum Grego mais util do que Plutarco, contemporaneo de Nero; porque dá a conhecer os Homens, particularmente os Homens célebres, e porque a sã Moral he a alma dos seus Escritos. Plutarco algumas vezes se enganou, porém quasi sempre instrue, e interessa.

§. III.

§. III.

Eloquencia.

ATHENAS, antes de Pericles, teve Oradores; porque a Tribuna Oratoria era hum Theatro aberto para o zelo, e para a ambiçaõ. Com todo attribue-se a Pericles a origem da verdadeira Eloquencia, que une, e concorda a Arte de convencer por meio da razaõ, com o talènto de persuadir por meio do sentimento. A verdadeira Eloquencia naõ podia deixar de florecer em huma Cidade, onde as honras, e a fortuna eraõ o fructo das approvaçóes populares; onde dava hum Imperio a respeito das deliberaçóes, e a respeito da mesma Republica; onde o Homem mais eloquente chegava tambem a ser o mais poderoso. Eloquencia em Athenas.

Naõ nos admiremos, se Demosthenes excitado por hum motivo semelhante, fez grandes esforços para exceder nesta carreira. A primeira vez que Demosthenes orou publicamente teve grandes vaias attrahidas pela fraqueza da sua voz, e por hum defeito da lingua. Hum Comediante, a quem o mesmo Demosthenes mostrava a sua desesperaçaõ, o consolou dizendo-lhe, que o remedio era facil. Demosthenes. Seus trabalhos.

Man-

Mandou-lhe repetir alguns versos; e repetindo-os o mesmo Comediante com tanta força, e com tanta graça, Demosthenes os achou totalmente differentes. Aquella experiencia ensinou ao novo Orador, que o successo dependia em grande parte da acçaõ. Demosthenes edificou hum lugar subterraneo para se exercitar mezes inteiros, sem distracçaõ, e sem descanço. Humas vezes hia declamar á borda do Mar a fim de se acostumar ao estrondo; outras vezes declamava caminhando, e trepando, com seixinhos na boca, a fim de desembaraçar a lingua. De quantas cousas naõ he capaz o amor do trabalho, e o desejo do bom successo! Demosthenes obrigou a natureza, e reinou por causa da sua eloquencia. Eschines á sua vista era fraco; nem Demado, nem Focion, pudéraõ competir com Demosthenes. Este raio destruia tudo. Filippe temia mais Demosthenes, do que as frotas, e os exercitos de Athenas.

Isocrates, Orador mediocre.

A corrupçaõ da Eloquencia attribue-se a Demetrio Falereo, o qual preferio hum estilo florido á vehemencia, e ao vigor dos seus antecessores. Naõ sei se o famoso Isocrates devia ser antes tido pelo modelo daquelle máo gosto. Cicero lhe chama em algumas partes hum grande Orador; porém em outras, diz que

o seu

o seu genero de eloquencia, mais proprio para o apparato, do que para a acçaõ, foi desterrado das Salas da Audiencia, e mandado para os Gymnasios. (*Orat.* 41.) Isocrates, com effeito, naõ brilha senaõ por huma fria elegancia. Naõ move os animos; sómente discorre. Como naõ possuia os talentos exteriores, Isocrates limitou-se ao trabalho da composiçaõ, e á profissaõ de Rhetorico, em que grangeou grandes quantias de dinheiro. Conta-se que Demosthenes tomára lições de outros, por naõ ser sufficientemente rico para pagar as suas.

Sofistas Rhetoricos.

Assim que a Arte Oratoria teve sequito, apparecêraõ Mestres para a ensinar. Os Sofistas geralmente erigiraõ-se Rhetoricos. Os seus preceitos, e os seus exemplos deviaõ ser contagiosos. Em lugar de seguir os principios da verdade, e da Natureza, ensinavaõ a desnaturalizar todos os objectos, a mudar o pequeno em grande, a dar ao falso as côres de verdadeiro, a sustentar indifferentemente o pro, e o contra, finalmente a offuscar o entendimento com prestigios, cuja impressaõ naõ podia ter duraçaõ. Para dar, e ensinar huma boa Rhetorica era necessario hum Filosofo, como Aristoteles, ou hum Orador, como Cicero. Além de que só-

sómente o estudo dos grandes modelos, o exercicio frequente, e maiormente o talento, e o engenho, saõ os meios, que pódem fazer os verdadeiros Oradores. A Eloquencia deve-se estudar nas Filippicas, e em outros Chefes de obra semelhantes. As boas regras dirigem o gosto, e os bons modelos o animaõ, e o formaõ.

CAPITULO III.

Sciencias.

§. I.

Filosofia.

Como os animos se voltaõ para as Sciencias.

QUANDO os animos estaõ em movimento, e quando a curiosidade, a emulaçaõ, ou outros motivos, os inclinaõ ao estudo, naõ pódem todos seguir a mesma carreira; e se as Bellas Letras tem hum attractivo invencivel para huns, as Sciencias naõ saõ menos proprias para satisfazer os outros. A paixaõ de saber, e o amor da verdade manifestaõ-se no proprio centro das Musas. Assim que os gostos da razaõ principiaõ a descobrir-se, os da imaginaçaõ embotaõ-se para os engenhos serios, e activos, que preferem o sólido ao agradavel, ou por melhor dizer, que

que achaõ o agrado em tudo o que he verdadeiro. O Homem, a Sociedade, e a Natureza lhes offerecem huma materia immensa de reflexões, e de indagações. Abraçaõ a Filosofia, porque naõ achaõ em outra parte materia para satisfazer as suas inclinações.

Objecto dos primeiros Filosofos.

Os primeiros Filosofos foraõ huns Sabios, applicados principalmente ao estudo, e á prática das obrigações. Meditavaõ a respeito de tudo quanto póde segurar a felicidade dos particulares, e dos Estados; para este fim applicavaõ as contemplações mais profundas; naõ conheciaõ nem as vãs subtilezas, nem as disputas de nomes, nem o espirito de systema, e de seita, que produziraõ tantos erros, e extravagancias, quando huma vez se apartáraõ da esféra das cousas sensiveis para estabelecer novamente causas intellectuaes, e quando se sacrificou o amor da verdade ao desejo de fazer triunfar a opiniaõ. Perdêraõ-se nas hypotheses a respeito da origem do Mundo, da causa primaria, do soberano bem, &c. &c. A sabedoria se evaporou em delirios, e em sofismas. Aquillo que huma boa Mulher disse a Thales Mileto, vendo-o cahir na occasiaõ, em que contemplava os Astros, podia muito bem applicar-se á maior parte dos Filosofos anti-

tigos: *Como conhecerias tu o Ceo*, lhe disse ella, *pois que tu naõ vês a terra diante dos teus pés?*

Seitas Jonica, e Italica.

A Filosofia Grega divide-se em dous ramos, a Seita Jonica, e a Seita Italica; huma, e outra subdivididas em diversas Seitas. Thales contemporaneo de Solon, foi o Chefe da primeira, e Pythagoras o Chefe da segunda. Naõ fallarei senaõ historicamente, e em poucas palavras dos Filosofos mais celebres, limitando-me no que interessa mais o entendimento humano.

Pythagoras reformador dos costumes.

Pythagoras particularmente merece ser conhecido, porque trabalhou efficazmente a respeito dos costumes. Naõ he no tempo de Numa, como muitos suppozeraõ, mas no tempo de Tarquino o Soberbo, no anno de 540 antes da nossa Era, que este grande Homem fez tanta honra á Grecia, e tanto bem á Italia. A sua Patria julga-se que fora Samos. Pythagoras tendo ouvido os discursos de hum Filosofo a respeito da immortalidade da alma, entregou-se com huma especie de enthusiasmo á Filosofia; foi adquirir conhecimentos ao Egypto, á Fenicia, á Caldea, e provavelmente até á India. O mesmo Pythagoras, Geometra, e Astronomo, olhou para a Sabedoria, como a primeira das Sciencias, julgando-se

ser

ser nascido para lhe dar proselytos. Depois de ter ensinado na Grecia, passou para aquella parte da Italia chamada *a grande Grecia*, por causa das Colonias, que a povoáraõ. Crotona, Metaponto, e Tarento, foraõ a sua habitaçaõ ordinaria; onde o viraõ, naõ encerrar-se á sombra de hum Gabinete, ou de huma Escola; porém prégar de algum modo a virtude, e reformar os publicos costumes. Crotona, Cidade corrupta, mudou de face; as mesmas Mulheres se despojáraõ dos seus enfeites; as desordens cessáraõ, e a Santidade do Matrimonio foi inviolavelmente respeitada. Varias Cidades da Italia seguiraõ do mesmo modo as lições do Filosofo, e governáraõ-se pelos seus conselhos. Huma das suas maximas era naõ ser necessario declarar a guerra, senaõ a sinco cousas, ás enfermidades do corpo, á ignorancia do entendimento, ás paixões do coraçaõ, ás sedições das Cidades, e á discordia das familias.

Seus trabalhos na Italia.

A que cousas pretendia Pythagoras, que se declarasse a guerra.

Pythagoras vivia com os seus discipulos em communidade, mandando-lhes ter huma especie de noviciado, que durava ao menos dous annos, e algumas vezes sinco; em cujo tempo deviaõ instruir-se em silencio, sem poder perguntar a razaõ das instrucções. Pythagoras os suppunha muito pouco capazes de dis-

Modo como Pythagoras formava os seus discipulos.

cor-

correr, antes de se inteirar dos bons principios; empregava a Geometria para lhes formar o entendimento; no que se naõ póde reconhecer nem hum charlataõ, nem hum impostor. As suas palavras se recebiaõ, como Oraculos. *O Mestre o disse*, tapava a boca aos seus discipulos. Por ventura ordenava Pythagoras huma obediencia cega, ou dissipava as duvidas com a persuasaõ? O verdadeiro Filosofo naõ se póde erigir como Tyranno do entendimento Humano, e naõ he provavel que hum Geometra pretendesse que lhe dessem credito sobre a sua palavra.

Sua Doutrina a respeito da Divindade.

A sua doutrina a respeito da Divindade era admiravel. Pythagoras ensinava hum só Deos, Author de todas as cousas, espirito infinito, omnipotente, impassivel, incomprehensivel, que naõ se comprehende pelos sentidos, e a quem sómente a intelligencia póde perceber. O mesmo Pythagoras pretendia que todas as acções, e todos os estudos se dirigissem para nos fazer semelhantes a Deos, por meio da acquisiçaõ da verdade; accrescentando que para adquirir, e conhecer a verdade, era necessario procuralla com huma alma pura, e Senhora das paixões. Attribue-se a Pythagoras, talvez sem fundamento, a opiniaõ dos Stoi-

cos,

cos, que Deos he a alma do Universo, donde se tiráraõ as almas Humanas, como partes do seu todo. Porém ao menos naõ parece que o entendesse no sentido dos Materialistas.

A Metempsycosis, ou transmigraçaõ era hum ponto fundamental da sua doutrina. Consequentemente, Pythagoras prohibia matar, e comer os animaes. A recompensa dos bons, e o castigo dos máos estaõ unidas com aquella idéa, derramada pelo Egypto, e pela Asia. Este era, he necessario convir, hum erro util para aquelles, que naõ eraõ illustrados pela Revelaçaõ, a respeito da vida futura. Transmigraçaõ.

Publicáraõ-se a respeito de Pythagoras milagres, e absurdas Historias, porque era tido como hum Homem Divino: ao mesmo tempo, que o accusaõ de proferir imposturas contrarias á probabilidade. Huma prova da sua profunda sabedoria, no centro das trevas da Idolatria, saõ as Leis de Zaleuco, e de Charondas, seus discipulos, cujos preciosos fragmentos nos conservou Diodoro. O primeiro foi o Legislador dos Sybaritas, célebres antecedentemente por causa da sua frouxidaõ; o segundo, dos Locrienses da Italia. O preambulo das Leis de Zaleuco trata da existencia da Divin- Seus discipulos Legisladores.

vindade, a quem se devem attribuir todos os bens, que gozamos, que despreza as offertas, e os sacrificios dos perversos, e a quem he necessario honrar por meio da pureza dos costumes, e do exercicio das virtudes. Qualquer Legislaçaõ, que tenha hum fundamento semelhante, he tanto mais respeitavel, quanto he o amor das obrigações, que inspira, ao mesmo tempo que as impõe.

Thales, Anaxagoras.

Thales, Chefe da Seita Jonica, tinha dito que a agua era o principio de todas as cousas, e que Deos, intelligencia, que suppunha naõ ser senaõ a alma da materia, tinha formado tudo da agua. Anaxagoras, hum Seculo depois, ensinou que a ordem do Universo se deve attribuir ao Poder, e á Sabedoria de hum Espirito infinito. Anaxagoras julgava a materia eterna, e os seus Successores seguiraõ a mesma opiniaõ. Naõ obstante, elevar-se ao conhecimento de hum Ente Supremo, cuja Sabedoria tinha ordenado o Mundo, era o maior passo que a Filosofia póde dar. Anaxagoras para com os Athenienses foi sómente reputado, como hum impio, por definir ser o Sol huma materia inflammada, e se Pericles o naõ tivesse obrigado a sahir daquella Cidade supersticiosa, teria sido castigado.

Anaxagoras perseguido.

Taes

Taes saõ os juizos da ignorancia, excitada por hum zelo cego de Religiaõ: ao mesmo tempo, em que a mesma ignorancia imagina defender a Religiaõ, a deshonra. Perguntavã-se a este Filosofo, se queria que o transportassem depois da sua morte, para Clazomena, sua Patria: *Para que?* respondeo Anaxagoras; *o caminho para os Infernos he taõ distante de hum, como de outro lugar.*

Socrates, discipulo de Anaxagoras, remettendo tudo á Virtude, zombou da vaidade dos Sofistas, ensinou que a verdadeira Sciencia era conhecer-se o Homem a si mesmo, para se fazer melhor, consagrou a Filosofia ao bem publico, do qual já mais deveria separar-se, e bebeo a cegude como hum impio, em recompensa da sua piedade, e dos seus serviços. Socrates.

Plataõ, discipulo de Socrates, o qual nada tinha escrito, escreveo com estilo eloquente excellentes cousas a respeito da Divindade, da Alma, das Leis, e das Obrigações; porém misturou-lhes muitas idéas vãs, donde nascêraõ infinitas quimeras. A imaginaçaõ o dominava, e hum filosofo sómente deve attender á razaõ. Plataõ creou hum Mundo intellectual, onde os genios, os numeros, e as fantasticas correlações formaõ hum ver- Plataõ.

Abusos dos numeros.

dadeiro chaos. Pythagoras empregou os numeros, provavelmente como signaes: Plataõ os empregou como razões, e a Natureza desappareceo em os seus Systemas: a qual naõ se encontra nem na sua Metafysica, nem na sua Fysica, nem taõ pouco na sua Moral, e muito menos ainda na sua Politica, cujos principios se naõ pódem realizar. Com tudo Plataõ muitas vezes he taõ admiravel, que os seus proprios defeitos enganaõ. *Eu preferiria antes enganar-me com Plataõ*, diz Cicero, *do que pensar rectamente com os outros Filosofos.* (Tuscul. I.) Maxima estranha, a qual mostra quanto os melhores entendimentos saõ algumas vezes victimas das preoccupações.

Aristoteles.

Aristoteles, de Stagira na Macedonia, o mais celebre disciplo de Plataõ, apartando-se muito dos seus sentimentos, fundou a Seita dos Peripateticos. Quando Alexandre partio para a Conquista da Asia, Aristoteles veio ensinar para Athenas. Hum Sacerdote de Ceres, tendo accusado Aristoteles de Impiedade sem prova alguma, este se retirou, *a fim de impedir*, disse elle, *que os Athenienses naõ commettessem hum segundo crime contra a Filosofia.* A sua Doutrina a respeito da Divindade he equivoca. Humas vezes pretende que o Mundo seja Deos; outras ve-

vezes admitte hum Deos superior aõ Mundo. As trevas, que Aristoteles espalhou a respeito de quasi todas as materias, que trata, se augmentáraõ pela ignorancia dos Peripateticos modernos: Porém Aristoteles deixou monumentos preciosos, ou em materia de Politica, e de Historia natural, ou em materia de Litteratura, onde se admira tambem a extensaõ da sua sciencia, e sagacidade do seu engenho.

A Academia, ou a Escola de Plataõ logo se desgostou daquella Filosofia dogmatica, cujas opiniões arriscadas naõ podiaõ convencer os bons discursistas. Abraçou-se o methodo de Socrates, o qual nada affirmava de duvidoso. Arcesiláo, fundador da *Academia media*, passou de hum extremo para outro. O mesmo Arcesiláo pareceo duvidar de tudo; suspendendo o seu juizo sobre tudo, como se naõ existissem verdades no Mundo. *A nova Academia*, fundada por Carneades, seguio hum Systema menos excessivo na apparencia, e que vinha á ser quasi o mesmo. Esta Academia reconheceo que haviaõ verdades; porém taõ escuras, e confundidas com tantos erros, que naõ se podiaõ discernir com certeza. Deste modo permittia de se determinar á acçaõ, por meio da probabilidade,

Arcesiláo, Carneades.

com tanto que naõ se affirmasse absolutamente cousa alguma. Ao menos esta Filosofia era modesta. Quantos erros, e quantas disputas naõ teria esta Filosofia prevenido, se naõ tivesse estendido a duvida até aos principios melhor estabelecidos pela razaõ, e pelo sentimento?

Antisthenes, Chefe dos Cynicos.

Ao mesmo tempo que Plataõ discorria com menos solidez do que pompa, Antisthenes, outro discipulo de Socrates fundou a Seita dos Cynicos, taõ famosa por causa das suas Maximas austeras, e da audacia dos seus sequazes. Hum capote, hum sacco, e hum bordaõ por toda a sua riqueza podiaõ dar-lhes o direito para censurar o Genero Humano. Antisthenes fez consistir a felicidade unicamente na Virtude. Perguntava-se-lhe de que servia a Filosofia? *Para viver bem comigo mesmo*, respondeo elle. Hum Sacerdote, que o iniciava nos Mysterios de Orfeo, louvando-lhe a felicidade da outra vida, Antisthenes lhe disse asperamente: *por que razaõ pois naõ morres tu*? Antisthenes era hum Homem intratavel, melancolico, mais proprio para fazer aborrecer a Virtude pela sua aspereza, do que para a inspirar pelo seu exemplo.

Diogenes, seu discipulo.

O famoso Diogenes de Sinope, desterrado por crime de moeda falsa, quiz ser seu discipulo. Antisthenes o desprezou amea-

ameaçando-o com o seu proprio bordaõ. *Dá*, lhe disse o proselyto enthusiastico, *tu naõ acharás bordaõ taõ duro, que me aparte de ti em quanto fallares.* Diogenes tomou o sacco, viveo em hum tonel, naõ necessitando de nada, declarando a guerra aos vicios, e insultando todas as pessoas. Respondiaõ-lhe ás pedradas; lançavaõ-lhe ossos, como a hum caõ: e nem por isso era menos atrevido, nem menos insolente. *Eu pizo aos pés o fasto de Plataõ*, dizia Diogenes hum dia; *sim*, replicou aquelle Filosofo, *porém com outro fasto.* Huma semelhante filosofia naõ era na essencia senaõ hum insulto da Humanidade. Entre varias Maximas, que se citaõ de Diogenes, a seguinte parece-me a mais notavel: *Tem os bons para amigos, a fim que te animem a fazer o bem, e os máos para inimigos, a fim que te sirvaõ de impedimento para naõ fazer o mal.* Focion he contado entre os seus discipulos, porém este grande Homem soube ser moderado em a sabedoria.

Crates, e Hipparchia.

Crates, outro Cynico, vendeo o seu rico patrimonio, e lançando no Mar o dinheiro, exclamou: *Estou livre.* Crates era disforme: Hipparchia, irmã de hum Orador Atheniense, querendo naõ obstante casar com Crates, a pezar de toda a sua familia, tomou o bordaõ, e o sac-

o sacco, a fim de se fazer digna daquella felicidade. *O Cynismo* naõ podia deixar de fazer fanaticos, nem de degenenar logo em relaxaçaõ, como todo o Systema, que offende gravemente a Virtude, os principios, e os deveres.

Zeno, e os Stoicos.

Zeno, natural de Citio, em a Ilha de Chypre, foi o discipulo de Crates, e o fundador da Seita dos Stoicos. Zeno exercitava antecedentemente o negocio. Hum naufragio de que Zeno sempre se congratulou, deo-lhe o motivo para abraçar a Filosofia em Athenas. Zeno tomou o essencial da Moral Cynica, despojando-a daquelles exteriores indecentes, que a desacreditavaõ. Os Stoicos confundíraõ a Divindade com o Mundo material, de quem a mesma Divindade era, conforme a sua opiniaõ, a alma espalhada por toda a parte. A fim de se livrarem das objecções contra a Providencia, os Stoicos diziaõ que a Natureza fez quanto podia fazer melhor com os Elementos, que existiaõ. Este he em parte o Systema do Optimismo; porém uniraõ-lhe a Fatalidade, que nunca se poderá concordar com o Dogma da Providencia. Os mesmos Stoicos sustentavaõ que a Virtude he o Soberano Bem, que nos faz felizes em todas as infelicidades, e que os mesmos soffrimentos naõ saõ mal algum; em hu-

Seu Systema a respeito de Deos.

A respeito da Virtude.

huma palavra, que viver segundo a recta razaõ, causa essencialmente a felicidade.

O seu Sabio era hum Homem perfeito, sem paixões, insensivel á mesma piedade, que perturba a alma, e entregue com tudo a todas as obrigações da Humanidade. Os Peripateticos menos enthusiasticos, vendo o Homem composto de corpo, e de alma, dignavaõ-se contar por alguma cousa a dor, e o prazer Fysicos. O enthusiasmo dos Stoicos era superior á Natureza.

O Sabio dos Stoicos.

« Se eu podesse hum só instante, « diz Montesquieu, deixar de pensar, « que sou Christaõ, naõ me poderia im- « pedir de pôr a destruiçaõ da Seita de « Zeno no numero das infelicidades do « Genero Humano. Esta Seita naõ leva- « va ao extremo senaõ as cousas em que « ha grandeza, o desprezo dos gos- « tos, e da dor. A mesma Seita era a « unica, que sabia produzir Cidadãos, « e Homens grandes. » (*Espirito das Leis Liv.* 24.) Plutarco observa judiciosamente, que aquella Seita era alguma cousa perigosa para hum caracter ardente, e colerico; porém que em qualquer genio suave, e grave, obrava prodigios. (*In Cleomen.*) *Huma parte da Sciencia*, segundo Zeno, *consiste em ignorar o que naõ*

Juizo a respeito da Seita Stoica.

naõ se deve ſaber. Esta Máxima será sufficiente para o seu elogio. Cleantho, Chrysippo, Panelio, Epictetes, illustráraõ menos o Stoicismo, do que as virtudes de hum Cataõ, de hum Antonino, e de hum Marco-Aurelio.

Democrito.

Huma Seita bem differente, que Epicuro fez célebre, existia havia muito tempo, sem ser conhecida: Democrito, da Cidade de Abdera na Thracia, morto no anno de 461 antes de Jesu Christo, era o seu fundador. Este Filosofo tinha aprendido de Leucippo a Doutrina do vacuo, e dos atomos. Os conhecimentos, que Democrito adquirio nas suas dilatadas viagens, e as suas profundas meditações a respeito da Natureza, o constituiraõ hum dos homens mais sabios do Mundo. Os Abderitanos vendo a Democrito rir de tudo, (porque a vida Humana era para elle huma Comedia perpetua), chamáraõ Hippocrates para o curar da sua pretendida loucura. O Medico naõ se enganando com Democrito, lhes disse que mais loucos eraõ aquelles, que julgavaõ estar no seu juizo perfeito, e ser mais Sabios. De Democrito naõ nos restou obra alguma.

Epicuro, e os ſeus discipulos.

Epicuro, nascido na Attica, em o anno de 342 antes da nossa Era, introdu-

duzio a Doutrina daquelle Filosofo. Epicuro ensinou que o Mundo fora formado com o concurso fortuito dos atomos, que os Deoses naõ obravaõ em os successos naturaes, nem em as cousas humanas, e que a alma morria com o corpo. O mesmo Epicuro fez consistir o Soberano Bem, ou a felicidade na sensualidade; entendendo-a porém dos gostos da Alma, que a Virtude excita, e que suppõem a temperança. A sua vida he huma prova dos seus sentimentos a este respeito; pois que no seu jardim delicioso, naõ se comiaõ senaõ legumes, e naõ se bebia senaõ agua. Epicuro frequentava os Templos, ou por sobmissaõ ás Leis, e aos usos da terra, ou para se livrar da accusaçaõ de Impiedade: amava o bem publico; recommendava a obediencia; e dizia, que *se devia desejar Principes bons, e sujeitar-se áquelles, que governaõ mal.* A sua paciencia em huma enfermidade cheia de muitas dôres; o amor, e a veneraçaõ dos seus discipulos, refutaõ as calumnias, com que opprimiraõ a sua memoria. Origenes, S. Gregorio Nazianzeno, e outros Padres o justificáraõ a respeito dos costumes. Epicuro viveo sabia, e prudentemente, com huma Doutrina condemnavel, de que os Epicuristas abusáraõ pelo tempo adiante; aos prazeres,

O que Epicuro entédia por sésualidade.

O seu sabio, e prudente procedimento.

res, e divertimentos honestos, e virtuosos substituiraõ as grosseiras sensualidades; e naõ crendo nem na Providencia, nem na vida futura, largáraõ a redea ás suas paixões.

Seita Eleatica.

Pyrrhonismo.

Da Seita Eleatica, da qual Parmenides, Zeno de Elea, Leucippo, Democrito, &c. eraõ Chefes, nascêraõ o Pyrrhonismo, e o Atheismo. Pyrrho, natural de Elida em o Peloponneso, reprovou todas as verdades como incertas, e ensinou, que a justiça, e a injustiça dependiaõ unicamente das Leis, ou do uso. Viver, e morrer eraõ, segundo Pyrrho, a mesma cousa. Por que razaõ naõ morres tu pois? lhe disse hum certo. *Precisamente*, respondeo Pyrrho, *porque naõ ha differença entre a vida, e a morte.* Pyrrho vendo que zombavaõ hum dia delle por ter fugido de hum caõ, sahio-se bem, dizendo: *Despojar o Homem he difficultoso.* O Pyrrhonismo he muito ridiculo para chegar a ser contagioso. O sentimento interior basta para oppôr ás suas subtilezas huma resistencia invencivel.

Atheismo.

O simples Atheismo he capaz, pelo contrario, de produzir as maiores infelicidades, accommettendo huma verdade incomprehensivel, que naõ obstante he o mais firme apoio da Moral. Protagoras, discipulo de Democrito, tendo es-

Protagoras, e Diagoras.

escrito: *Eu naõ posso dizer se ha, ou se naõ ha Deoses*, os Athenienses mandáraõ queimar as suas Obras, e o expulsáraõ da sua Cidade. Diagoras atreveo-se a negar abertamente a existencia dos Deoses. Os Athenienses, mandando-o comparecer em justiça, fugio: prometteo-se hum talento a quem o matasse, e dous a quem o trouxesse vivo. Que Estado poderia tolerar hum erro taõ funesto ao Genero Humano? Porém lembremo-nos que Athenas mandou matar por Atheista o piedoso Socrates; e naõ confundamos as calumnias da Superstiçaõ com as justas queixas da Religiaõ offendida.

Accusações de Impiedade contra os Filosofos.

Tanto mais absurda era a Theologia Grega, quanto mais louvaveis eraõ os Filosofos por dissipar com prudencia os seus prestigios; e quanto maior era tambem o receio, que elles tinhaõ da demencia do Povo, animada pelo odio dos Sacerdotes. Pretendia-se que o Sol fosse Apollo, e que a Lua fosse Diana; porque de outro modo os Templos de Apollo, e de Diana perderiaõ huma grande parte das suas riquezas. Aquelles Fysicos, que naõ achavaõ na Natureza senaõ huma intelligencia infinita, e Fenomenos naturaes, eraõ tidos, e havidos por impios. De resto os Filosofos eraõ mais ignorantes a respeito da Divandade, do que o Povo de

hoje

hoje em día, illustrado com as luzes do Christianismo. Fallo do Povo instruido por huns Homens verdadeiramente dignos do Sacerdocio.

Parece essencialmente, que a Filosofia especulativa dos Gregos naõ produzio nenhuma outra cousa senaõ disputas, e erros; porque em lugar de experiencias, occupavaõ-se em Systemas, e deliravaõ em lugar de observar. O gosto dos Sofismas, as falsas subtilezas, a teima, e o orgulho foraõ communs em todas as Seitas. Donde procedêraõ tantas quimeras, e tantas loucuras, que se perpetuáraõ até aos nossos tempos.

§. II.

Geometria. Astronomia. Geografia.

Geometria.

COM tudo cultivava-se a Geometria, aquella Sciencia, que naõ procedendo senaõ de demonstraçóes, he taõ propria para desgostar o entendimento de qualquer opiniaõ incerta. Pythagoras ensinava a Geometria aos seus discipulos. Anaxagoras, Plataõ, Aristoteles, &c. usáraõ da Geometria. Euclides de Alexandria, cujos *Elementos* seráõ sempre estimados, aperfeiçoou a Geometria no anno de 300 antes de Jesu Christo. Archimedes no nos-

nosso Seculo teria sido outro Newton. As maquinas, que Archimedes empregou contra os Romanos no sitio de Syracusas, naõ lhe pareciaõ senaõ hum brinco, em comparaçaõ dos seus scientificos descobrimentos. O mesmo Archimedes tendo proferido, que se lhe déssem hum ponto fixo fóra da terra, a moveria como outro qualquer corpo; provou, segundo dizem, aquella estranha proposiçaõ, movendo huma das maiores galeras, e das mais carregadas, por meio de huma máquina, que fez sómente tocar na ponta. Rollin teria podido duvidar daquella experiencia. Porém naõ se póde duvidar que Archimedes naõ fosse hum prodigio de engenho. Archimedes com o soccorro da Hydrostatica, descobrio o roubo de hum Ourives, o qual, em huma Coroa feita para o Rei Hieron, tinha misturado outro metal com o ouro de que se devia compor. O seu espelho para queimar a frota de Marcello era tido nos nossos tempos por huma quimera. Depois de se ver o espelho de Buffon, ninguem se atreve a negar o outro.

Astronomia. Thales. Anaximandro.

A Astronomia foi introduzida na Grecia por Thales, que descobrio o movimento do Sol, e da Lua, o anno Solar, a causa dos eclipses, e a Ursa pequena

na taõ necessaria para os navegantes. Anaximandro, seu discipulo, inventou a Esfera, segundo Plinio, ou as Cartas Geograficas, segundo Strabaõ, e usou dos relogios do Sol. Porém aquellas pretendidas invençóes dos Gregos vinhaõ provavelmente, ou do Egypto, ou da Fenicia. A sua ignorancia, em quanto á Astronomia, dissipou-se muito de vagar. O mesmo Anaximandro naõ julgava que o Sol fosse maior do que o Peloponneso; e a pezar das lições de Thales, o anno, no tempo de Demetrio de Falera, naõ era senaõ de trezentos e sessenta dias. Meton publicou, naõ obstante, em Athenas, no espaço da guerra do Peloponneso, a sua *Enneadecaterida*, chamada hoje *o numero de ouro*, o qual he hum Cyclo de dezenove annos, no fim dos quaes a Lua principia novamente o seu curso com o Sol, com differença de huma hora, e alguns minutos.

Meton.

Eudoxo, e Pytheas.

Eudoxo, discipulo de Plataõ, achando muito pouco recurso em Athenas para a Astronomia, a foi estudar no Egypto, donde trouxe o conhecimento das Constellações, e dos Planetas. Quasi no mesmo tempo, Pytheas de Marselha, Colonia dos Foceos, fez a respeito da sombra do Sol, no tempo do Solsticio, huma observaçaõ celebre, pela qual determinou a Latitude da sua Patria. Pytheas,

theas, passando do Mediterraneo para o Oceano, adiantou-se até á Ilha de Thulé (a Islandia); e penetrou depois pelo Mar Baltico, até á embocadura de hum Rio, ao qual lhe dá o nome de Tanais, que he provavelmente o Vistula. O mesmo Pytheas tendo observado, que os dias chegavaõ a ser maiores no Solsticio do Veraõ, á proporçaõ que se adiantava para o Norte, estabeleceo a distinçaõ dos Climas pelo comprimento dos dias, e das noites.

Juizos precipitados contra hũs factos naturaes.

Strabaõ, e tambem Polybio accommettêraõ a realidade das viagens de Pytheas, suppondo inhabitaveis os Climas, que dizia ter corrido. Tanto importa suspender cada hum o seu juizo a respeito das cousas, que se ignoraõ: Herodoto naõ podia deixar de se rir (estes saõ os seus proprios termos) daquelles, que julgavaõ que o Oceano cercava a Terra, e naõ imaginava que os Naveganres de Nechos podessem ter visto o Sol em huma posiçaõ contraria áquella, em que nós o vemos na Europa. Acaso muitos Seculos depois naõ se pretendeo fazer huma Heresia daquella verdade de facto?

Observações Astronomicas.

As Observações Astronomicas illustráraõ a Aristoteles, a respeito da figura, e da grandeza da Terra. A redondeza da sua sombra em os eclipses da Lua, a des-

i-

igualdade das alturas meridianas, segundo os Climas, lhe deraõ a conhecer que a Terra era esforoida. Alexandria tendo chegado a ser o Asylo das Sciencias, Eratosthenes fez nella, governando Ptolomeo Evergetes, novas Observações a fim de medir a circunferencia do Globo. Hipparco, seu contemporaneo, tambem fez em Alexandria a enumeraçaõ das Estrellas fixas, e descobriò o seu movimento particular á roda dos Pólos da Ecliptica. Plinio intitula a Hipparco o *confidente da Natureza*. Reinando Antonino publicou o famoso Ptolomeo hum corpo completo de Astronomia.

Geografia. A Geografia, que depende daquella Sciencia, pois que as Observações Astronomicas servem para medir a Terra, e determinar a posiçaõ dos Lugares; naõ se podia adiantar senaõ vagarosamente, á proporçaõ que se descobrissem, e se examinassem as terras. Homero (cousa estranha) sabia mais Geografia que Herodoto: os Gregos no tempo de Xerxes, imaginavaõ ainda que de Egina a Samos era taõ distante como ás columnas de Hercules. A Navegaçaõ os illustrou; o Commercio estendeo os seus conhecimentos. As Conquistas de Alexandre foraõ utilissimas para a Geografia, que fez grandes progressos no tempo dos Suc-

ces-

cessores daquelle Principe. Strabaõ, no tempo de Augusto, e depois Ptolomeo augmentáraõ muito a Geografia. Ptolomeo applicou-se a determinar a longitude, e a latitude: unico methodo para conseguir huma exacta precisaõ

Superioridade dos Modernos.

Assim neste genero, como em todas as Sciencias exactas, os Modernos saõ muito superiores aos Antigos. A sua Geografia está cheia de erros. Como naõ estaria, pois que Delisle provou pelas Observações Astronomicas, que haviaõ erros muito consideraveis ainda nos melhores Mappas dos Modernos? Delisle encurtou á Asia o espaço de quinhentas legoas, e ao Mediterraneo do Occidente para o Oriente de trezentas legoas. Admiremos como os Antigos pudéraõ fazer progressos taõ grandes, com taõ pouco soccorro; e como sem telescopios, e sem algarismos arabicos pudéraõ ser Astronomos, e Geometras: » Elles fizeraõ, « diz o Marquez do Hospital, o mesmo que os nossos bons engenhos teriaõ feito em seu lugar; e se estivessem em o nosso lugar, he de crer que teriaõ tido as mesmas idéas que nós. » (*Prefac. de l' Anal. des infiniments petits.*)

Descobrimentos

Alguns Escritores lhes fazem a honra dos nossos descobrimentos mais ad-

modernos atribuidos aos Antigos.

miraveis. Os Pythagoricos julgavaõ que a Terra, e os Planetas giraõ á róda do Sol. Empedocles (a quem huma tradiçaõ ridicula suppõe ter-se precipitado no Volcaõ do monte Etna) referia ao peso do ar o Fenomeno de hum cano recurvo, onde a agua fica suspensa, em quanto se tapa a boca com o dedo. O mesmo Filosofo tinha imaginado huma especie de força attractiva, pouco differente da attracçaõ Newtoniana. Cicero, e Seneca explicavaõ o fluxo, e o refluxo por meio da impressaõ da Lua. Porém naõ eraõ estas senaõ humas conjecturas sem provas, huns Systemas casuaes. A gloria dos Modernos he ter achado por meio da Observaçaõ o segredo da Natureza.

§. III.

Medicina.

Medicina.

A MEDICINA, mais necessaria por certos respeitos, pela culpa dos Homens, do que pela fraqueza da Natureza, ainda era hum uso cego, e muito limitado, pouco tempo antes da guerra do Peloponneso. Desde o Seculo de Homero, em que nem os unguentos, nem os emplastros eraõ, sem duvida, conheci-

cidos, pois que Homero naõ trata delles, quando falla dos menores remedios; naõ se vê que a mesma Medicina se aperfeiçoasse. Se Pythagoras merece hum lugar entre os Medicos celebres, como Celso pretende, poderia ser talvez por causa da sua reputaçaõ equivoca de Homem Universal. Herofilo, que vivia quasi 570 annos antes de Jesu Christo, parece com tudo ter adquirido conhecimentos. Certifica-se que Herofilo obtivera a licença de anatomizar ainda vivos os criminosos condemnados á morte; se dermos credito a Tertulliano, Herofilo anatomizou seiscentas pessoas. Porém acaso póde-se-lhe dar credito?

Herodico de Sicilia, Mestre do célebre Hippocrates, he tido pelo Chéfe de duas Seitas de Medicina, chamadas *Dietetica*, e *Gymnastica*, cujos remedios consistem na dieta, no regime, e nos exercicios do corpo. Herodico devia pois ser muito superior aos charlatães, os quaes distribuiraõ antes do seu tempo tantas receitas, ou perniciosas, ou inuteis. Herodico.

Finalmente nasceo Hippocrates na Ilha de Cos, no anno 460 antes da nossa Era. Quando se duvidasse dos serviços, que Hippocrates fez aos Gregos, segundo a maior parte dos Historiadores, no tempo Hippocrates.

da famosa peste de Athcuas, as suas Obras ainda subsistentes, e sempre admiradas como Chefes de Obra, fariaõ bastantemente o seu elogio. Hippocrates tinha-se instruido fazendo huma collecçaõ de todas as observações de seus predecessores; e tinha observado melhor que pessoa alguma. Os remedios os mais simples lhe pareciaõ os mais efficazes, e ainda estes os empregava o menos que podia. A sincera confissaõ, que Hippocrates faz de alguns erros, e de diversas curas inuteis, prova quanto era superior á cega presumpçaõ, dedicando toda a sua gloria ao bem publico. O célebre Galeno, no reinado de Marco-Aurelio, respeitava Hippocrates como seu Mestre.

Seitas na Medicina.

He triste cousa para a Humanidade, que os Medicos, assim como os Filosofos, se tenhaõ dividido em diversas Seitas competidoras, cujos principios oppostos conduziaõ para práticas contrarias. *Empiricos*, *Dogmaticos*, *Methodicos*, &c. saõ nomes que naõ pódem inspirar senaõ terror, quando suppõem hum homem systematico, e que naõ olha para as enfermidades, senaõ por entre as nuvens da preoccupaçaõ. Cataõ fallava provavelmente de gente semelhante, quando dizia: *Tudo se perde, se os Gregos, trazendo-nos a sua litteratura, nos enviaõ sobre*

tu-

tudo os seus Medicos; os quaes juráraõ matar por meio da Medicina todos aquelles, a quem chamaõ bárbaros. (Plin. 29).

Botanica, Anatomia, &c.

A Botanica, da qual a Medicina nenessita particularmente, ainda estava, para assim dizer, na sua infancia. Dioscorides, e Plinio naõ tiveraõ mais conhecimento do que de seiscentas plantas. Desde o principio do decimo sexto Seculo conheciaõ-se mais de seis mil plantas; e depois, pelo methodo se aperfeiçoou muito a Sciencia. A Quimica Medicinal he huma Sciencia moderna, que tira dos Arabes a sua origem. A Anatomia naõ pôde fazer progressos senaõ em os ultimos Seculos, em os quaes a superstiçaõ naõ impedio mais o anatomizar os cadaveres. Deste modo a Cirurgia, e a Farmacia, separadas presentemente da Medicina, da qual antigamente faziaõ parte, adquíriraõ huma perfeiçaõ admiravel, e incognita a toda a Antiguidade. Porém os exercicios do corpo, a luta, a barra, a carreira de cavallo, aquelles jogos, em que os Gregos gostavaõ tanto de se distinguir, os exercicios militares, que faziaõ parte das obrigações do Cidadaõ, finalmente a acçaõ, e a sobriedade valiaõ mais que todos os remedios.

§. IV.

§. IV.

Sciencia Economica.

Sciencia Economica muito desprezada.

HUMA Sciencia essencial para o governo, muito pouco cultivada pelos Gregos, ou ao menos muito desprezada pelos seus Escritores, he a Sciencia Economica. Apenas sabemos alguma cousa a respeito das suas rendas, da sua administraçaõ, dos seus principios nesta materia, e de infinitas individuações, mais uteis em si mesmo, do que aquellas, com que augmentáraõ as suas Historias. A sabia Athenas parece preferir sempre o especioso ao solido. Os seus Filosofos, excepto hum muito pequeno numero, exhauriraõ-se em especulações vagas, em discursos excellentes a respeito das generalidades; e desprezavaõ aquillo, que juntamente com os costumes, e com as Leis, faz a base da felicidade dos Cidadãos. Tantos Systemas a respeito da origem do Mundo, e do Soberano Bem naõ faziaõ os Homens mais Sabios, nem o Estado mais florecente. Por ventura a Republica imaginaria de Plataõ era dotada de bons principios a respeito da vida commum, e do governo do Estado?

Tratado Economico

Temos dous Tratados de Xenofonte,

te, hum intitulado *Economico*, e outro *das Rendas*. O primeiro trata da Economia particular; e o segundo das rendas de Athenas. Estes fragmentos preciosos, modernamente traduzidos em Francez, posto que muito superficiaes, merecem ser lidos. O Author louva com razaõ os cuidados domesticos, particularmente a Agricultura, sem dar muitas instrucções a respeito desta materia. Xenofonte naõ falla nem ainda do enxerto. Conforme o seu parecer, a Arte consiste na observaçaõ da Natureza; e o motivo das Terras naõ se cultivarem, naõ he por ignorancia, mas sim por preguiça. Este principio, geralmente verdadeiro, seria falso, e pernicioso, se excluisse qualquer methodo novo: porque por mais que se louvem os antigos usos, acaso naõ se achaõ reformados em muitos pontos? Com tudo todos devem convir, que o trabalho fará mais, que todo o resto. Inspirar o seu amor pelos lucros, que deve produzir, esta he a grande Arte para fazer a Terra fecunda.

de Xenofonte.

O Tratado sobre os meios de augmentar as *Rendas* da Attica he mais curioso, porque offerece cousas mais incognitas. Sem repetir o que já em outro lugar fica dito, exporei simplesmente algumas idéas de Xenofonte, dignas de hum

Seu Tratado das rendas.

hum exame particular. Xenofonte applica-se principalmente para o Commercio, que era com effeito o recurso de huma Terra esteril; insiste a respeito das vantagens da situaçaõ de Athenas, exaggerando, quando pretende que se considere aquella Cidade, naõ sómente como o centro da Grecia, porém como o centro do Universo, e recommenda com razaõ attrahir-lhe os estrangeiros por todos os generos de meios, a fim de se aproveitar da sua industria, e da sua felicidade. Cada Estrangeiro pagava hum tributo de doze drachmas. *Ponhamos os Estrangeiros*, diz o Author, *no caso de nos amar, e de nos servir utilmente.* Xenofonte mostra evidentemente a necessidade, que ha de prohibir a liberdade do Commercio, sobre tudo de abbreviar os Processos, que demoraõ as operações, e apartaõ os Estrangeiros. O mesmo Xenofonte propõe se edifiquem Praças publicas para mercados, armazens, e navios mercantes, mostrando o lucro que de tudo se tiraria: emprezas bem dignas de se preferirem a todas as emprezas do luxo, e do ornato, as quaes arrastaõ algumas vezes a ruina dos Póvos.

Attrahir os Estrangeiros.

Facilitar o Cõmercio.

A respeito da administraçaõ de trabalhar nas minas, Xenofonte expõe que

Abundancia do ou-

que *o dinheiro naõ he semelhante aos outros productos da Terra, e que a grande abundancia nunca o faz diminuir de preço; que o ouro chegando a ser mais commum do que a prata, faria levantar esta, e diminuir a si mesmo.* A ultima proposiçaõ he provavel. Porém se a grande abundancia do dinheiro o naõ faz diminuir de preço, acaso naõ augmenta o preço dos fructos? naõ he necessario mais dinheiro para viver? e naõ he isto, como se o dinheiro diminuisse; ou abaixasse?

ro, e da prata.

Julgando sobre a administraçaõ do trabalho das minas pela mesma Obra de Xenofonte, os Athenienses estavaõ mediocremente illustrados a respeito dos Contratos, e da Economia Politica. Alguns particulares se enriqueciaõ em a administraçaõ do trabalho das minas, ao mesmo tempo em que o estado desprezava aquelle recurso. O Author propõe meios para conciliar o interesse do Estado com o interesse dos particulares, observando prudentemente, que naõ se deve emprender tudo juntamente; que he necessario proporcionar as emprezas ás difficuldades, que o feliz successo de qualquer primeiro estabelecimento facilitará o segundo, attrahindo outros muitos com o mesmo successo. Parece que Xenofonte se applica a huma idéa quimerica, quando re-

Administraçaõ do trabalho das minas.

requer que se estabeleçaõ Magistrados para fazer observar huma paz perpetua; porém adverte que *o meio mais seguro para vencer os seus inimigos, he naõ dar motivo algum de os ter.* O mesmo Xenofonte conclue com huma exhortaçaõ para consultar os Oraculos, a fim de saber se o Ceo authoriza a execuçaõ dos seus projectos, e de qual Deos he necessario implorar particularmente o soccorro. Por ventura poder-se-hia imaginar que hum Filosofo julgasse os Oraculos necessarios, em huma materia de Contratos? Sem duvida, tudo aquillo era a fim de conservar a superstiçaõ da Terra.

A Theorica dos Contratos mais necessaria hoje em dia.

Se aos Gregos faltou a boa Theorica a respeito deste objecto, em que se occupaõ tanto as modernas Nações, a razaõ he porque tinhaõ menos razões para se applicar a elle. As guerras eraõ menos dispendiosas, ou porque ordinariamente voltava-se para as suas Terras depois da campanha, ou porque os exercitos eraõ pequenos, e raras vezes compostos de Mercenarios. Além de que a marinha, que fazia a força principal dos Athenienses, custava pouco á Republica. Por meio de huma Lei de Solon, os mil e duzentos Cidadãos mais ricos dividiaõ-se em setenta e sinco companhias de dezeseis Homens, cada huma das quaes pro-

A Marinha custava pouco aos Athenienses.

Lei de Solon.

provia huma galera, que era governada pelos dezeseis, cada qual a sua vez. Como haviaõ disputas a respeito de mais, ou menos riquezas, Demosthenes ordenou por meio de outra Lei, que todo o particular, cuja riqueza chegasse a dez talentos, armaria huma galera; duas galeras, tendo o dobrado; e os que possuissem menos de dez talentos, se ajuntariaõ com outros para a despeza. Athenas, com semelhantes recursos na necessidade, e com a industria, e Commercio, podia-se sustentar sem a Sciencia Economica dos Modernos, ignorada pelos seus visinhos. Os vicios, e naõ a falta de dinheiro, causáraõ totalmente a sua ruina.

Outra Lei de Demosthenes.

Estas individuações parecêraõ-me importantes, para dar a conhecer até que ponto se elevou o Humano entendimento, e até que ponto se deteve, em a Naçaõ, que illustrou a arbitra do Mundo. Roma entra a offerecer-nos espectaculos de outro genero. O valor, a pobreza, a Virtude, ou a ambiçaõ faráõ a sua grandeza, primeiro que as Artes, e as Sciencias, penetrando nella consecutivamente depois das riquezas, a façaõ competidora de Athenas; de Athenas destinada para lhe dar lições, e para receber as suas Leis.

ADVERTENCIA.

A HISTORIA Romana, que faz a parte principal da Historia Antiga incluida nesta Obra, acaba no estabelecimento do Mahometismo, e em o setimo Seculo; posto que eu principie a Historia Moderna, no estabelecimento da Monarquia Franceza, quasi no fim do quinto. Pareceo-me necessario seguir o fio dos successos, até á Epoca da decadencia total do Imperio Romano. No Oriente, as Conquistas dos Arabes precipitárão a sua ruina.

HIS-

HISTORIA UNIVERSAL.

HISTORIA ANTIGA.

TERCEIRA PARTE.

HISTORIA ROMANA.

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES.

Plano desta Historia.

COMO a Historia Romana absorve, para assim dizer, a Historia das outras Nações, principiando hum dilatado fio de factos, os quaes terminaõ na Historia Moderna; nós a dividiremos em Epocas, para melhor observar a serie, e a correlaçaõ dos principaes successos: distinguiremos tambem cada Epoca, tanto quanto for possivel, naõ sómente com hum facto importante, segundo o uso, mas com huma idéa relativa ao espaço de tempo que incluir.

Os

A Hiſtoria dos primeiros Seculos de Roma muito incerta.

Os primeiros Seculos de Roma se achaõ cobertos de trevas, e de incertezas. Fabio Pictor, seu primeiro Historiador, vivia no tempo da segunda Guerra Punica, mais de quinhentos annos depois da fundaçaõ daquella Cidade. Quantas Fabulas se naõ espalhariaõ, quando a ignorancia cegava todos os entendimentos, quando a Superſtiçaõ cria tudo, e quando a Escritura era rara, e os Monumentos dos Pontifices, eraõ huns archivos das maravilhas! Ainda aquelles Monumentos, conforme Tito-Livio, perecêraõ quasi todos no incendio, que lançáraõ os Gaulezes. Donde se origináraõ tantas tradiçóes absurdas, recebidas pelos Historiadores; e aquelles prodigios accumulados sem sombra de verisimilhança. Roma julgando-se Divina, adoptava tudo quanto lisonjeava as suas preoccupaçóes.

A pezar daquella incerteza ha tradiçóes dignas de fé.

Pódem-se ler nas *Memorias da Academia das Inscripçóes, e Bellas Letras, Tom. VI.*, as dissertaçóes de Pouilly, e do Abbade Sallier, a respeito da Historia dos quatro primeiros Seculos. Sustenta hum, o que o outro pretende destruir. A disputa daquelles dous Sabios parece conduzir para o Pyrrhonismo; porém a Critica deve guardar hum meio justo, reprovar o absurdo, e o incrivel, sem negar o verdadeiro, que se acha confundido com o fal-

falso. Excepto os factos, de que nós mesmos fomos testemunhas oculares, como Freret o observa, (*ibid.*) toda a Historia naõ tem certeza, senaõ aquella que resulta da nossa confiança no testemunho de outrem; deste modo tudo he de alguma sorte tradiçaõ. A tradiçaõ naõ escrita, posto que menos forte do que a outra, deixa subsistir a certeza para os factos publicos, e frequentes, cuja lembrança a memoria dos Homens conserva muito facilmente. Por ventura as circunstancias maravilhosas, qúe se lhe ajuntaõ algumas vezes, destruiráõ a verdade? Será pois necessario negar toda a Fé aos contemporaneos, que divulgáraõ algumas maravilhas semelhantes? Além de que, ainda existiaõ Monumentos, dos quaes se aproveitáraõ os Historiadores de Roma. O essencial para nós, he de naõ tirar das suas narraçóes senaõ o que importa saber.

Data da fundaçaõ da Roma.

O nosso Plano nos aparta das discussóes Chronologicas, materia eterna de disputas pouco interessantes. Se a data da Fundaçaõ de Roma he incerta, ao menos naõ diversifica senaõ em hum pequeno numero de annos. A opiniaõ mais provavel a determina no principio do quarto anno da sexta Olympiada, 573 annos antes de Jesu Christo, qua-

quasi 120 annos depois que Lycurgo publicou as suas Leis, e 140 antes de Solon publicar as suas; quatorze annos antes da Era de Nabonassar, tempo, ao qual os Sabios modernos referem, como temos observado, as grandes obras de Babylonia, attribuidas pelos Antigos a Semiramis. Ordinariamente põe-se a data, assim do anno de Roma, como do anno antes da nossa Era. Para evitar aquella confusaõ de algarismos, limitar-me-hei no primeiro methodo, o qual he facil de combinar com o segundo. He sómente necessario substrahir de 753 o numero, que exprime a data de Roma.

PRIMEIRA EPOCA.

FUNDAÇAÕ DE ROMA.

OS REIS.

Espaço de 244 annos.

ROMULO.

ROMA, a pezar de toda a sua grandeza, teve a pequena vaidade taõ ordinaria ás Nações, de fazer a sua origem maravilhosa, pois pretendendo descender de Eneas, dava por Pai a Romulo, seu Fundador, o Deos Marte, e o fazia ser criado milagrosamente por huma loba. No centro daquelles absurdos, vê-se Romulo, Chéfe de salteadores, e homicida de Remo seu irmaõ, edificar cabanas em hum territorio dependente da Cidade de Alba, e fundar quasi com tres mil Homens, hum Estado, que devia absorver em si as mais vastas Monarquias. O mesmo Romulo augmenta o numero dos seus subditos, abrindo hum asylo a todos os ladrões, e a todos os facinorosos, que quizessem obedecer-lhe. Os Sabinos negaõ-lhe Mulheres para o fim da po-

Anno de Roma 1. Romulo Chefe de Salteadores, Fundador de Roma.

voaçaõ: Romulo attrahindo-os para huns jogos, rouba-lhes as suas filhas com maõ armada, e as casa com os seus soldados. Se remontarmos á origem da maior parte dos Imperios, acharemos semelhantemente só violencias, e roubos commettidos á força das armas.

Politica de Romulo, e idéa da sua Monarquia.

Se Romulo naõ tivesse sido senaõ hum aventureiro atrevido, os Póvos visinhos teriaõ, sem duvida, destruido a Cidade nova. Porém Romulo tinha idéas politicas, e firmou a sua obra tanto com as Leis, como com as armas. O governo de Roma, desde a sua infancia, merece a nossa attençaõ. Foi esta huma Monarquia mixta, conforme ao caracter, e aos costumes dos Barbaros, que conservavaõ a maior liberdade, elegendo Reis, a cujo dominio se entregavaõ. Romulo revestido com aquelle titulo, julgou bem que o Povo naõ se deixaria sobjugar, e que era necessario dar-lhe parte no governo, ou renunciallo por si mesmo. Dividio logo a Colonia em tres Tribus, e cada Tribu em dez Curias. Repartio o territorio em tres porções desiguaes, huma para o Culto Religioso, outra para as necessidades do Estado, e a terceira para os Cidadãos, que tiveraõ cada hum quasi duas geiras de Terra. Depois estabeleceo hum Senado composto de cem

Divisaõ do Povo em tres Tribus.

Estabelecimento do Senado.

pes-

pessoas, ao qual confiou o cuidado de fazer observar as Leis, de deliberar a respeito dos negocios grandes, e de apresentar as deliberações nos Comicos, ou Assembléas do Povo. O supremo direito de decidir pertencia ao Povo, porém as suas decisões se deviaõ confirmar pelo Senado. O mando dos exercitos, a convocaçaõ dos Comicios, e do Senado, a sentença das causas mais importantes, e a dignidade de Soberano Pontifice, competiaõ ao poder do Rei.

Os tres poderes.

Romulo, confundindo deste modo os tres poderes; soube conservar o Povo, e satisfazer a sua propria ambiçaõ. Podia governar o Senado, cujos membros eraõ eleiçaõ sua. As forças militares, a Religiaõ, e a Justiça ficavaõ no seu poder, a fim de conter o Povo na dependencia: e posto que lhe tivesse deixado os principaes direitos da Soberania, como o de dar Leis, e de eleger os Magistrados, o direito de decidir sobre a guerra, e paz, Romulo tinha reservado para si os meios de dirigir os votos, o que essencialmente o constituia, de alguma sorte, arbitro de tudo. Doze Lictores lhe serviaõ de guardas, apparato util á Dignidade de Rei; e lhe accrescentou hum corpo militar de trezentos Homens, que combatiaõ a pé, e a cavallo. Es-

Romulo tinha-se reservado industriosamente muita authoridade.

Cavalleiros Romanos.

ta he a origem dos Cavalleiros, chamados no principio *Celeres*.

Patronos, e Clientes, estabelecimento admiravel.

Romulo, a fim de prevenir as divisões entre o Senado, e o Povo, fez hum regulamento, (ao menos lho attribuem assim como outras muitas cousas) o qual contribuio muito para a prosperidade de Roma. Permittio a qualquer plebeo eleger para si hum Patrono em o Senado. Humas reciprocas obrigações uniraõ os Patronos, e os Clientes; aquelles protegiaõ os outros, por quem eraõ soccorridos em caso de necessidade. Aquelles laços de humanidade inspiráraõ a concordia, e a moderaçaõ. Esta a razaõ porque naõ houve sangue derramado em as primeiras perturbações, que o ciume das ordens excitou, depois do estabelecimento da Republica. A feliz sorte da sociedade depende sobre tudo da uniaõ dos Cidadãos; e se os pequenos nada representaõ á vista dos grandes, o Povo será ou rebelde, ou opprimido.

Leis barbaras a favor dos Maridos, e dos Pais.

Os Barbaros tem poucas Leis, e as suas Leis trazem o sello da barbaridade. Citarei sómente duas Leis de Romulo. A primeira permittia que os Homens repudiassem as suas Mulheres, e as mandassem tambem matar, naõ sómente por crimes grandes, mas por ter bebido vinho; a mesma Lei prohibia ás Mulhe-

lheres a separaçaõ de seus Maridos debaixo de qualquer pretexto. A segunda fazia os Pais senhores absolutos de seus filhos; os quaes os podiaõ vender até tres vezes em toda a idade, condemnallos á mesma morte; podiaõ mais engeitar aquelles, que nascessem muito disformes, com tanto que tomassem antecedentemente o parecer de sinco pessoas da visinhança, naõ sendo obrigados a semelhantes procedimentos a respeito das filhas segundas.

Dous objectos de Romulo, ter Homens, e Terras.

Ter Homens, e Terras foi o objecto principal de Romulo. Alguns consideraõ Romulo, como o Author da Politica Romana, sempre attenta aos meios de engrandecer, e de fortificar o Estado, ou por meio de allianças, ou por meio de Conquistas. Romulo inclinou-se principalmente á guerra, da qual necessitava para se engrandecer, e para exercitar por fóra o genio turbulento dos seus vassallos.

As primeiras guerras dos Romanos pouco dignas de individuações.

A Italia era naquelle tempo semelhante á antiga Grecia, dividida em muitos Póvos pequenos, a maior parte dos quaes se assemelhavaõ por hum valor feroz, e de resto nada tinhaõ commum. Roma esteve successivamente em guerra com todos, por hum dilatado espaço de tempo. He facil julgar, reflectindo ácerca

ca da sua origem, que nem os sitios, nem as batalhas daquelle tempo, quaesquer que fossem os effeitos, que dellas devessem resultar para o futuro, naõ mereciaõ as pomposas descripções, que dellas fazem os Historiadores.

8 Tacio, Rei dos Sabinos, collega de Romulo.

Contra os Sabinos he que a nova Colonia exercitou logo o seu valor. Os Sabinos formavaõ huma especie de Republica confederada, cujas forças unidas podiaõ parecer dignas de se temerem: algumas das suas Cidades foraõ com tudo reduzidas a se sujeitar. Porém hum dos seus Principes, Tacio, Rei de Cures, penetrou até dentro de Roma. Tacio talvez a tivesse destruido, se as Sabinas roubadas pelos Romanos, naõ conservassem a paz entre os seus esposos, e os seus Pais. Ambos os Póvos se uniraõ á custa do poder de Romulo; porque dividindo Romulo a Dignidade de Rei com Tacio, admittio no Senado cem principaes Sabinos. O seu collega tendo sido assassinado seis annos depois, Romulo obrou de modo, que naõ lhe nomeáraõ outro Successor.

Romulo assassinado pelos Senadores.

Depois de novas victorias, cujo frucbo era sempre augmentar o numero dos Cidadãos, admittindo-lhes os vencidos; o Rei, certo, e inteirado do affecto dos seus soldados, contando já quarenta e se-

sete mil vassallos, entregou-se muito ao gosto do dominio; pretendendo governar sem o Senado. Os Senadores conspiráraõ, e livráraõ-se de Romulo occultamente; e a fim de occultarem o seu attentado, publicáraõ, que Romulo tivera sido arrebatado para o Ceo. Depois exercitáraõ alternativamente hum depois de outro o Poder Real, por espaço de hum anno de interregno. Romulo reinou trinta e sete annos.

NUMA.

O POVO cançou-se de obedecer a tantos Reis, e o Senado foi obrigado a fazer huma eleiçaõ. Como aquelle Povo se compunha de Romanos, e Sabinos em igual numero, os dous partidos disputavaõ a Coroa entre si. Concordáraõ finalmente ajustando-se, que os Romanos elegeriaõ, e que a sua eleiçaõ cahiría em hum Sabino. Numa Pompilio, vivendo retirado no campo, e indifferente ás honras, pareceo ser o Homem mais capaz de governar, ou o menos proprio para inspirar temor. Numa foi eleito, e acceitou, a seu pezar, hum poder, de que fazia menos caso, do que da sabedoria, e do

39 Numa Pómpilio, eleito Rei.

do estudo. Onde tinha numa podido tomar aquelle gosto da Filosofia ? nós o ignoramos.

Numa cõserva a paz para formar a Naçaõ.

Taõ grande era a paixaõ, que Romulo tinha pela guerra, quanto foi o zelo, que seu Successor teve pela paz. Numa Pompilio julgou dever abrandar os costumes de hum Povo feroz, o qual naõ estando corrupto, achava-se no ponto em que huma Legislaçaõ naõ podia deixar de acertar. Quando as Leis formaõ os costumes, os costumes chegaõ a ser de algum modo o fundamento das Leis. A sua reciproca influencia era a gloria de Sparta: Roma tambem experimentou as suas vantagens; e por este meio principalmente he que Roma merece elogios.

Influencia reciproca das Leis, e dos costumes.

Numa inclina-se á Religiaõ.

A piedade, e a politica, duas qualidades, que raras vezes se achaõ juntas, se viaõ unidas em Numa. Huma, e outra lhe serviraõ de regra. Numa mostrou-se inspirado, supponendo corresponder-se com a Nynfa Egeria. Este artificio servio-lhe para espalhar os religiosos sentimentos, de que elle mesmo se achava penetrado. A Religiaõ foi o movel principal, de que o novo Rei se servio, para sujeitar ás obrigações o caracter aspero dos Romanos. O mesmo Numa imprimio profundamente em a sua alma o temor do Ente invisivel, o qual vê, e castiga o crime

me. Erigio hum altar á *Boa Fé*, a fim de fazer sagradas as promessas; e instituio as Festas do Deos Termo, para que os limites das herdades fossem inviolaveis. Estabeleceo as ceremonias do Culto; porque unem os corações aos pés dos Altares, e porque, sem estas, a Divindade faria pouca impressaõ em a maior parte dos espiritos; dividio os Ministros da Religiaõ em diversas classes, sendo a primeira a classe dos Pontifices. O Summo Pontifice presidia a todas, e aquelle importante emprego pertencia á Dignidade de Rei, como hum dos eixos do Governo.

Instituições religiosas.

Conforme a conjectura de hum Author moderno, (Pelloutier, Historia dos Celtas,) os Antigos Romanos sendo huma mistura de Sabinos, de Latinos, e de Toscanos, todos Celtas de origem; a sua primeira Religiaõ deveria ser, assim como a Celtica, muito differente do que chegou a ser, quando os Deoses da Grecia foraõ introduzidos em Roma, contra huma Lei de Romulo, que excluia as Divindades estranhas. Os Celtas naõ tinhaõ Simulacros: os Romanos, segundo a relaçaõ de Plutarco, naõ tiveraõ Estatuas, senaõ 160 annos depois da fundaçaõ da sua Cidade. Os Celtas tributavaõ honras ao fogo, e entregavaõ-se á Arte dos agouros: razaõ porque no tempo

Primeira Religiaõ de Roma, provavelmẽte Celtica.

Estabelecimento das Vestaes.

po de Numa se vem agouros, hum Templo levantado em honra de Vesta, e as Vestaes estabelecidas para conservar o Fogo Sagrado. Esta instituiçaõ de virgens consagradas ao Culto, he tanto mais notavel, quanto a virgindade, sem clausura, era huma obrigaçaõ, a qual naõ podiaõ violar senaõ com o risco de ser enterradas vivas. As Vestaes eraõ muito respeitadas. Tendo a liberdade para se casar depois de servirem trinta annos, preferíraõ ordinariamente as honras do Sacerdocio, ou porque o habito lhes alliviava o seu constrangimento, ou porque a idade dos prazeres lhes tinha já passado, ou porque a ambiçaõ, ou a piedade as inclinava ao Altár. Nunca houveraõ mais de seis Vestaes.

Os Feciaes.

Attribue-se igualmente a Numa outro estabelecimento utilissimo, o estabelecimento dos Feciaes. Revestidos os Feciaes de hum caracter sagrado, decidiaõ da justiça de huma guerra, e cuidavaõ vigilantemente na observancia dos Tratados de paz. Os Feciaes deviaõ declarar a guerra aos inimigos, tomando o Ceo por testemunha da sua injustiça; e fazendo imprecações contra Roma, se a guerra fosse injusta a seu respeito. Este era o freio mais necessario para hum Povo guerreiro, e ambicioso. Var-

A guerra revestida com as cores da Religiaõ.

raõ

raõ observa que os Romanos olhando para a guerra com olhos de piedade, naõ se determinavaõ a emprendella senaõ vagarosamente, e sem paixaõ. Porém acaso naõ tinhaõ elles huma paixaõ encoberta, capaz de córar muitas injustiças, o desejo das Conquistas? Nós veremos Roma manifestar-se com o tempo, sustentar-se tambem sobre motivos, ou pretextos de Religiaõ, e olhar para o Mundo inteiro, como para huma victima, que o Ceo lhe destinava. O interesse facilmente engana os Homens os mais religiosos. O interesse muitas vezes faz da Religiaõ o instrumento das suas injustiças.

Numa inspira o gosto da Agricultura.

A Agricultura foi huma origem verdadeira de felicidade, e de virtude, que Numa abrio para o seu Povo. Distribuindo as Terras conquistadas em o ultimo Reinado, formou grandes espaços de Terreno, onde os cultivadores se applicavaõ a trabalhos uteis; e nomeou Homens para ter o cuidado de recompensar a industria, e de castigar a preguiça. Deste modo he, que a Agricultura chegou a ser huma occupaçaõ taõ amada pelos Romanos. Os primeiros Homens do Estado acháraõ nella o seu prazer; e nunca o Estado foi mais glorioso, senaõ quando depois do triunfo se corria para o arado.

Ha-

Corpos de Officios estabelecidos para unir os Romanos, e os Sabinos.

Havia ainda na Cidade hum principio de divisaõ, por causa do ciume nacional entre os Romanos, e os Sabinos. Numa, segundo dizem, conseguio destruir aquelle ciume. O Povo distribuido em corpos de officios, e em sociedades, cada huma das quaes tinha os seus privilegios, esquecendo-se dalli em diante de toda a distinçaõ do Paiz, naõ conheceo dahi em diante senaõ aquella da sua classe; com esta vantagem a respeito dos Egypcios, que as classes naõ eraõ separadas, de modo que excitassem os odios, ou suffocassem os talentos.

Novo Kalendario.

Finalmente Numa teve a gloria de empregar a sciencia para o bem publico. O anno de Romulo era sómente de dez mezes. Numa substituio-lhe o anno Lunar de doze mezes, o qual unio com o anno Solar por meio das intercalações. Isto he o que os Historiadores dizem; porém parece-me difficultoso conceber, donde Numa extrahira tanta sciencia, no meio de hum Povo barbaro. Os Athenienses apenas tinhaõ a menor idéa da Astronomia; e eis-aqui hum Sabino Astronomo.

Lei, que permittia emprestar as Mulheres.

Huma Lei singular, attribuida a Numa, permittia aos Maridos emprestar suas Mulheres a outros, depois de terem filhos dellas. Era este hum costume de Spar-

Sparta compativel entaõ com a pureza dos costumes, porque naõ se procurava, senaõ dar bons Cidadãos ao Estado, sem ter a respeito do Matrimonio as sublimes idéas, que nos dá a Religiaõ.

Morte de Numa.

Numa morreo depois de hum Reinado pacifico de quarenta e tres annos. A sabedoria das suas Leis, e o conhecimento que tinha do Supremo Ser, o fizeraõ considerar, como discipulo de Pythagoras, posto que este Filosofo naõ apparecesse, senaõ no tempo do ultimo Tarquino. Em o anno de Roma 572, achá-raõ-se alguns Livros de Numa em hum cofre, que continhaõ os seus sentimentos a respeito da Religiaõ. O Pretor Petilio tendo-os lido, disse ao Senado, que aquelles Livros eraõ perigosos, porque naõ concordavaõ com a Religiaõ estabelecida. Sobre aquella representaçaõ, o Senado os mandou queimar. Esta he huma prova, (supposto o facto,) da superstiçaõ, que havia alterado o Culto dos primeiros Romanos, e do interesse, que os Grandes tinhaõ em a conservar.

Os seus Livros a respeito da Religiaõ queimados pelo Senado, muito tempo depois.

TUL-

TULLO HOSTILIO.

83 Tullo Hostilio.

TULLO Hostilio he eleito para Successor de Numa. Tullo principia o seu Reinado, distribuindo por todos os que naõ tinhaõ Terras, hum campo do dominio da Coroa. Tendo por este modo grangeado a si os corações, anima novamente o ardor militar, o qual huma paz dilatada naõ pudéra extinguir. A emulaçaõ de Alba contra Roma atea a guerra. Os dous Póvos disputaõ entre si a preeminencia. Nomeaõ-se de ambas as partes Campeadores, para decidir a contenda por meio de hum duelo singular. Da parte de Roma, Horacio, vencedor dos tres Curiacios, assegura a superioridade pela sua Patria. Sabe-se como Horacio matou sua irmã, que chorava por hum dos Curiacios, seu futuro esposo. Tullo o mandou julgar por dous Commissarios, e lhe aconselhou que appellasse para o Povo da sentença de morte. Assim foi o Povo reconhecido por Juiz supremo.

Guerra cõ os Albanos.

Horacio, e os Curiacios.

Tito-Livio digno de critica.

O modo com que Tito-Livio descreve aquelles diversos successos, os excellentes discursos, com que os aformozea, parecem mais depressa partos da ima-

imaginaçaõ, do que passos da Historia. Este Excellente Escritor abrio caminho, seguindo o exemplo dos Gregos, manejando as antigas tradições, muito imitado nisto por Rollin, e outros Modernos. Por ventura he no seio da Barbaridade que se pódem achar discursos escritos com tanta Arte? O mesmo combate dos seis Campeadores he muito duvidoso, que parece ser copiado da Historia Grega.

Alba destruida. Morte de Tullo.

Sufecio, General dos Albanos, culpado de perfidia, foi esquartejado por ordem de Tullo. A Cidade de Alba, á qual se daõ quinhentos annos de Antiguidade, foi destruida em huma hora, e os seus habitadores passáraõ para Roma, onde os principaes entráraõ no Senado. Roma ganhava terreno. Tullo derrotou os seus visinhos, quando se atrevêraõ a pegar nas armas. Porém, nos estragos de huma peste, elle naõ se pôde livrar das superstições, que produz ordinariamente o temor. Alguns Authores referem seriamente que Jupiter o ferira como raio ao mesmo tempo, que fazia hum Sacrificio Magico. Conjectura-se que Tullo fora assassinado.

AN-

ANCO MARCIO.

113 Anco Marcio.

O POVO, e o Senado deraõ a Coroa a Anco Marcio, neto de Numa por parte de sua Mãi: elle se mostrou digno do seu avô, cujas virtudes unia ao valor, e animo de Romulo. Os seus primeiros cuidados foraõ a respeito da Religiaõ, e da Agricultura. Os Latinos desprezando-o entaõ como hum Principe frouxo, commettêraõ hostilidades que perturbáraõ aquelles pacificos cuidados. Mandou-se-lhes pedir satisfaçaõ. Os Latinos recusáraõ, e o Fecial lhes declarou a guerra em nome do Povo. Naõ se falla do Rei em a Formula, cujos termos saõ os seguintes: *Por causa dos danos que os Latinos causáraõ ao Povo Romano, o Povo Romano, e eu declaramos a guerra aos Latinos, e a principiamos.* A estas palavras, lançou o Fecial no territorio inimigo hum dardo ensanguentado. Aquella guerra, e outras que se seguiraõ, serviraõ de gloria para Anco, e de beneficio a Roma.

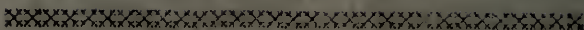
Guerras declaradas aos Latinos. Formulario do Fecial.

Nada faz tanta honra a hum Rei guerreiro, como occupar-se depois da victoria em objectos muito mais interessantes para o bem publico. As obras de An-

Obras uteis de Anco.

Anco o teriaõ podido immortalizar, independentemente das suas proezas. Anco Marcio incluio no circuito da Cidade, que se limitava desde a sua fundaçaõ no monte Palatino, o monte Aventino, e o monte Janiculo, comprehendidos antecedentemente na Etruria. Mandou levantar huma ponte sobre o Tibre, a fim de communicar com o Janiculo; edificou o porto de Ostia, na embocadura daquelle Rio; e mandou cavar marinhas de sal na borda do Mar, distribuindo ao Povo huma grande parte do sal, que dellas se tirava. Semelhantes distribuiçōes de trigo, de azeite, &c. fizeraõ-se ao depois communs, com o nome de *congiaria*, e se convertêraõ em abusos, como o observaremos em outro lugar. Anco edificou huma cadeia, tanto mais necessaria, quanto devia augmentar-se a demasiada liberdade juntamente com o numero dos vassallos. Este Principe morreo depois de hum glorioso Reinado de vinte e quatro annos.

Porto de Ostia, marinhas de Sal, &c.



TARQUINO O ANTIGO.

139 Tarquino o Antigo procura ambiciosamente, e obtem a Dignidade de Rei.

TARQUINO, por sobrenome o Antigo, quinto Rei, naõ deveo a sua elevaçaõ senaõ á facçaõ, cujo uso elle introduzio. Natural de Tarquina, na Etruria, e filho de hum Commerciante rico de Corintho, tinha-se estabelecido em Roma, com a esperança de que a sua qualidade de estrangeiro naõ serviría de obstaculo á sua ambiçaõ de conseguir as honras, as dignidades, e tinha trocado o seu nome de Lucumon, em Tarquino, extrahido do lugar do seu nascimento. Hum merecimento verdadeiro, sustentado com as riquezas, e com huma industriosa politica, lhe tinha procurado, juntamente com a boa amizade de Anco, hum lugar em o Senado. Anco, quando morreo, o nomeou Tutor dos seus dous filhos, dos quaes o primogenito ainda naõ tinha quinze annos. Posto que a Coroa naõ fosse hereditaria, a veneraçaõ do ultimo Rei podia determinar os votos a favor da sua familia. Tarquino procurou a Coroa abertamente sem attender aos seus pupillos: e manejando taõ bem os animos a seu favor, o Povo, ou comprado, ou persuadido lhe ordenou, que *se encarre-*

gas-

gasse da administraçaõ dos negocios publicos, isto he, o elegeo Rei.

Tarquino, a fim de augmentar o seu credito em o Senado, tanto como para recompensar os seus sequazes, creou cem Senadores novos, extrahidos das plebeas familias (*patres minorum gentium*). Elle grangeou muito mais o amor do Povo, edificando hum circo para os Jogos, seguindo o exemplo dos Grégos. Todo o Povo gosta dos espectaculos, e póde-se fazer conta de lhe agradar, quando se lhe daõ divertimentos.

Tarquino augmenta o Senado, e edifica hum Circo.

Os Latinos, os Etruscos, e os Sabinos, os quaes rompendo sempre com Roma, naõ accommettiaõ de acordo, experimentáraõ successivamente o valor do novo Rei. Tarquino, semelhante aos seus Predecessores, soube aproveitar-se da victoria, encorporando os vencidos com os Cidadãos. Estabeleceo a ceremonia pomposa do triunfo: a qual foi depois hum motivo poderoso de emulaçaõ. Em quanto a Tarquino este era unicamente o meio de augmentar o respeito para com a sua pessoa.

O numero dos Cidadãos augmentado por meio das victorias.

Triunfo estabelecido.

Já em Roma se formavaõ aquellas idéas de grandeza, taõ proprias para dar principio a grandes cousas. As obras executadas por Tarquino foraõ prodigios, em hum Seculo de barbaridade. Tarqui-

Construcções de Tarquino.

no construio aqueductos, e canos soberbos, rompendo os outeiros, e os rochedos para utilidade da Cidade. Aquelles que julgaõ do merecimento pela utilidade, poráõ os canos de Roma superiores aos fastosos edificios de Pericles. Hum carro carregado de feno podia passar por baixo da abobada, e Plinio ainda os admirava oitocentos annos depois da sua construcçaõ. Tarquino edificou tambem Templos, Salas de audiencia, e escolas destinadas para a educaçaõ: terraplanou o cume do monte Tarpeio, onde depois se levantou o Capitolio.

Fabula do agoureiro Nevio.

He necessario que a Superstiçaõ tenha hum Imperio incrivel, ainda sobre os bons entendimentos, pois que no centro daquelles factos dignos da Historia, Tito-Livio colloca o conto do calháo, cortado sem esforço, com huma navalha de barbear, pelo agoureiro Accio Nevio, a fim de mostrar que a sua Arte era Divina. O mesmo Cicero, posto que tambem agoureiro, zombava daquella vã tradiçaõ. Santo Agostinho inclinava-se a darlhe credito, segundo a observaçaõ de Rollin; porém o virtuoso Rollin podia accrescentar, que dar-lhe fé, e fazer intervir o poder do Demonio, naõ he huma razaõ. Huma Estatua erigida a Nevio prova sómente que se enganáraõ com al-

guma

guma apparencia de prodigio, que se deo credito a huma Fabula, e que Homens poderosos se interessáraõ em consagrar a sua memoria.

Com effeito, a Arte de prognosticar o futuro, por meio do voo dos passaros, ou de outras circunstancias semelhantes, as quaes nenhuma correlaçaõ pódem ter com o futuro; aquella Arte dos Etruscos, mais insensata do que a Astrologia Judiciaria, chegou a ser em Roma húma das grandes maquinas do governo, e huma das cadeias com as quaes se prendeo o Povo. Tarquino I., Etrusco de nascimento, e Grego de Origem, estabeleceo provavelmente as superstiçóes da Etruria, e da Grecia, julgando-as uteis para a sua politíca. A Religiaõ simples de Numa se alterou muito no tempo do seu Reinado, e recebêraõ-se os Deoses estrangeiros.

Superstições da Etruria, e da Grecia introduzidas por Tarquino.

Este Principe morreo quasi de oitenta annos, assassinado pelos filhos de Anco Marcio, que o viaõ com pezar preparar a fortuna de Servio Tullio, seu Genro. Porém Tanaquil, Mulher de Tarquino, occultou industriosamente a sua morte, até que assegurou a Coroa a Servio: o qual era hum Latino, cuja Mãi tendo sido levada cativa a Roma, foi creado, e educado pelo ultimo Rei, com a ternura de hum Pai.

Tarquino he assassinado pelos filhos de Anco Marcio.

SER-

SERVIO TULLIO.

175 Servio Tullio se apossa do Throno, e grangea o amor do Povo.

TENDO Servio tomado a authoridade sem o consentimento do Povo, e do Senado, por muito grande que fosse além disso o seu merecimento, Servio naõ podia reinar tranquillamente em hum Estado livre, se naõ suprisse de algum modo a falta dos direitos legitimos. Elle grangeou o amor do Povo, pagando as dividas dos pobres, dividindo por elles as Terras, de que alguns Cidadãos se haviaõ apossado, e diminuindo o intervallo que separava as duas ordens. O mesmo Servio se lamentou depois publicamente de huma conspiraçaõ formada pelos patricios * contra a sua vida, e requereo que se elegesse hum Rei, como se elle estivesse pronto para largar o Throno, O Povo naõ teve trabalho em se decidir a seu favor.

Novas guerras.

Servio seguindo o exemplo de Tarquino, levantou Templos á superstiçaõ; e alcançou victorias contra os visinhos de Ro-

* Os Senadores eraõ chamados Pais (*Patres*), donde procedia o nome de patricios, o qual distinguia as familias nobres.

Roma. Os Tratados, que aquellas Republicas pequenas tinhaõ concluido com hum Rei, julgavaõ-se isentas delles a respeito do seu Successor. O odio, e o ciume lhes faziaõ pegar novamente nas armas. Donde se originavaõ perpetuamente novas guerras. Aquelle era sempre hum exercicio para o valor dos Romanos, e hum meio de augmento para o Estado: porque adquiriaõ-se ou Terras, ou Cidadãos.

Servio emprende uteis innovações.

Sem embargo de Servio ser ambicioso, pareceo entregar-se á paixaõ do bem publico. O seu Reinado fez brotar salutiferas mudanças, de que a Republica precisava. Os Romanos naõ pensavaõ, como os outros Póvos, que se naõ deve já mais tocar nem no governo, nem nos usos estabelecidos; elles devêraõ a sua prosperidade, em grande parte, a humas innovações, das quaes se indignariaõ os Egypcios, e alguns Filosofos enthusiasticos. Reformar os abusos com prudencia he hum dever da Politica. E onde se naõ achaõ abusos para se reformar?

Dous abusos para reformar: os tributos iguaes por cabeça, e a superiori-

Haviaõ em Roma dous abusos consideraveis. Os tributos pagavaõ-se por cabeça, e posto que naõ ficasse mais vestigio algum da antiga igualdade de riquezas, aquelles tributos eraõ ainda iguaes; o que arruinava o pobre em beneficio do rico.

dade da infima plebe em os Comicios.

rico. Porem assim como o pobre, o rico naõ tendo senaõ o seu voto, em as Assembleas do Povo, onde tudo se decidia pela pluralidade dos votos; os negocios os mais importantes estavaõ entre as mãos de hum Povo numeroso, facil de enganar, de esquentar, e que naturalmente devia imitar os excessos da Democracia Atheniense. Servio emprendendo extirpar aquelle segundo principio de desordens, o conseguio.

Dá-se poder ao Rei para executar o seu plano de reforma.

Servio expôz logo em huma Assemblea geral, o abuso das contribuições ordinarias, e a necessidade de as proporcionar aos bens de cada particular. O Povo, lisonjeando-se com a esperança de hum allivio, deo-lhe o poder para estabelecer o plano da reforma, que julgasse conveniente. Este plano que nós veremos executado, tem huma correlaçaõ essencial com a Historia.

Tribus da Cidade, e do campo.

Os habitantes da Cidade se dividiraõ em quatro Tribus, segundo os bairros; e os Camponezes em quinze Tribus, ás quaes se ajuntáraõ outras muitas depois; de modo que entre todas houveraõ trinta e sinco Tribus. Cada qual tinha as suas *Curias*, semelhantes ás nossas Paroquias, cujo Sacerdote se intitulava *Curiaõ*. A conta exacta dos Cidadãos fez-se facil por aquelle methodo. Já se con-

Meio para facilitar o censo.

contavaõ oitenta mil Cidadãos em estado de pegar nas armas. Huma ordem severa de fazer exacta declaraçaõ de todos os bens, deo ao Rei os conhecimentos de que necessitava para terminar a sua Obra.

Servio formou depois de todo o Povo Romano seis classes, subdivididas em Centurias. A primeira classe comprehendia os ricos, cujos bens chegassem ao menos ao valor de dez mil drachmas, ou de cem mil azes de cobre, como os Romanos contavaõ naquelle tempo. Esta classe teve noventa e oito Centurias; entre as quaes dezoito eraõ de Cavalleiros, a quem o Estado dava, e provia os cavallos. (As viuvas, até entaõ isentas de impostos, foraõ taxadas para aquelle objecto.) As quatro classes seguintes eraõ proporcionadas ás suas riquezas, e faziaõ em tudo noventa e sinco Centurias. A sexta composta de pobres, posto que a mais numerosa, naõ tinha senaõ huma unica Centuria. Os seus membros se chamáraõ *Proletarii*, porque os seus serviços consistiaõ em dar filhos para a Patria; e *Capite censi*, por fazer numero, sem pagar impostos, e sem serem obrigados como os outros, a hir á guerra.

Os Cidadãos divididos em seis classes, e as classes em Centurias.

Esta nova divisaõ produzio hum grande effeito. Em os Comicios, recebêraõ-

A primeira Classe do-

minava em os Comicios.

raõ-se os votos por Centurias, e naõ por cabeça. Deste modo a ultima classe, conservando o direito de votar, naõ teve verdadeiramente nenhuma influencia a respeito das deliberações; em lugar que a primeira era a unica que decidia, quando as suas Centurias concordavaõ. A primeira Classe comprava esta vantagem com o dinheiro, e com os Homens que provia; porque cada Centuria devia dar para o Exercito huma certa quantia, com hum certo numero de Soldados. Porém acaso era justo fazer os ricos arbitros das deliberações? Julgar-se-ha pela continuaçaõ.

A ultima Claſſe excluida da milicia.

Os moços, e os velhos se distinguiaõ em cada Classe, excepto a ultima. « A razaõ he, diz o célebre Rousseau de « Genebra, porque naõ se concedia á « plebe, da qual aquella Classe se com- « punha, a honra de pegar nas armas « pela Patria: era necessario ter fógos « para obter o direito de os defender; e « daquellas innumeraveis tropas de men- « dicantes, com que hoje em dia bri- « lhaõ os Exercitos dos Reis, naõ ha « talvez hum, que naõ tivesse sido ex- « pulsado com desprezo de qualquer co- « horte Romana, quando os Soldados eraõ « os defensores da liberdade. « (*Contr. Social*, *Liv. IV.*) O Genebrez exaggera nes-

neste lugar, assim como em outra qualquer parte, porém he sem duvida, que se defendem os proprios fogos com maior valor, do que os direitos, ou as pretenções alheas. Xenofonte dizia judiciosamente: *por ventura qualquer Terra naõ inspira valor ao seu possuidor?*

Censo, Lustro.

Servio antevendo, que sendo as riquezas sujeitas a mil accidentes, varios Cidadãos se achariaõ logo depostos das suas Classes; ordenou que o Censo se renovasse todos os sinco annos, com as ceremonias que foraõ a causa de lhe dar o nome de *Lustro*. Os *Lustros* chegáraõ a ser entre os Romanos huma conta do tempo, assim como as Olympiadas entre os Gregos.

Suavidade da sorte dos escravos.

A sorte dos escravos merecia a compaixaõ de hum bom Principe, e Servio a suavizou como bom Politico. Elle via bem, a pesar da barbaridade dos costumes, quanto horroroso era, que a escravidaõ se transmittisse de Pais a filhos, sem que a Humanidade podesse nunca recuperar os seus direitos; quantos escravos reduzidos á desesperaçaõ deviaõ necessariamente ser inimigos de seus Senhores; quaõ facil seria, unillos ao Estado, fazendo-lhes esperar de chegar a ser seus membros. Servio penetrado daquellas razões, as quaes o Senado teve gran-

Libertos admittidos

de

no numero dos Cidadãos.

de trabalho em as approvar, permittio naõ sómente que se désse a liberdade aos escravos, porém que se encorporassem os libertos em o numero dos Cidadãos. O nome de libertos, que estes conservavaõ, excitava idéas humildes; naõ obstante, escapar da condiçaõ servil era huma grande felicidade; tanto mais que os Romanos naõ differençavaõ os seus escravos das suas bestas. Os libertos entráraõ em as quatro Tribus da Cidade, as menos consideraveis de todas.

Servio socega a animosidade dos Sabinos, e dos Latinos.

Outro projecto executado por Servio merece todos os nossos elogios. A força das armas, e os tratados, unindo os Sabinos, e os Latinos á Republica Romana, naõ podéraõ extinguir a sua animosidade contra hum Povo levantado sobre as suas ruinas. O Rei a fim de fortificar a paz, cujas vantagens representou vigorosamente, obrigou-os a edificar hum Templo em Roma, em honra de Diana, onde sacrificariaõ todos os annos em commum. Servio regulou, que depois dos sacrificios, se terminariaõ as differenças amigavelmente, e que se deliberaria a respeito dos meios de conservar a concordia, e a amizade; que depois haveria huma feira, onde cada qual podesse prover-se das fazendas, de que necessitasse. A Religiaõ, as Conferencias, e

o Com-

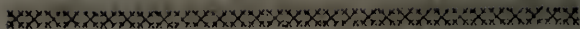
o Commercio, tudo concorreo com o tempo para fazer daquelles estrangeiros outros tantos Romanos; e assim elles como Roma lográraõ os mesmos beneficios. As condições do tratado, posto que feitas na lingua Latina, foraõ gravadas em huma columna, em caracteres Gregos. Dionysio de Halicarnasso, que se esforça em dar huma origem Grega aos Romanos, naõ deixa de insistir a respeito desta prova. Por ventura naõ se provaria do mesmo modo que os Godos, os Francos, e os Lombardos, provem de Roma, porque se serviraõ de caracteres Romanos.

Tratado na lingua Latina, e em caracteres Gregos.

Certifica-se que Servio sacrificando tudo ao bem do Estado, pensava em depôr a Dignidade de Rei, a fim de estabelecer hum Governo republicano, quando foi arrebatado aos seus vassallos por meio de hum crime atroz. Tullia, sua filha, monstro de ambiçaõ, e de crueldade, tinha casado com Tarquino, neto do Rei do mesmo nome. Ambos emprendem tirar o Throno a Servio. A conspiraçaõ termina-se com o Regicidio, cujo cadaver foi pisado debaixo do carro da sua execravel filha. De seis Reis de Roma, todos dignos de elogios, saõ quatro, os que morrem de morte violenta.

Assassinio de Servio.

TAR-



TARQUINO O SOBERBO.

219 Tarquino o Soberbo.

MANCHADO com o sangue mais precioso, usurpador do Throno, sem dignar-se de recorrer nem o Povo, nem ao Senado, Tarquino devia reinar como Tyranno. Em lugar de Leis vio-se a injustiça, e a violencia. Porém Tarquino, como Tyranno sagaz, naõ desprezou meio algum de estender, e de fazer firme o seu poder. Attrahindo-lhe as vexações o odio dos Cidadãos, procurou hum apoio em o Exercito. A sua brandura, e os seus beneficios grangeáraõ-lhe o amor de huma parte dos soldados. Huma guarda numerosa de Estrangeiros o defendia, ao mesmo tempo em que as denuncias, e os supplicios espalhavaõ o terror, e as Assembleas do Povo sendo suspensas por Decretos, naõ havia recurso algum contra as emprezas da Tyrannia.

Sua Tyrãnia.

Como Tarquino sobjuga os Gabios.

O seguinte passo he dos mais celebres da politica de Tarquino. Varios Patricios, refugiados em Gabias, Cidade dos Latinos, tinhaõ sublevado os seus habitantes contra Tarquino. Sexto, seu filho, cujos passos eraõ dirigidos por Tarquino, affecta ser-lhe traidor, com o pretex-

texto de alguma discordia, e retira-se para aquella Cidade; onde Sexto executa taõ bem o seu fingimento, que chegou a alcançar o mando das tropas. Entaõ Sexto manda consultar a seu Pai, sobre o modo, com que deve proceder. Tarquino naõ querendo explicar-se nem por palavra, nem por escrito, conduz o Emissario a hum jardim, abate na sua presença as cabeças das papoulas que excediaõ as outras, e o manda partir sem outra resposta. Sexto adevinhou o enigma, e mandando matar os Gabios principaes, entregou a Cidade a seu Pai.

O Tyranno unia o valor com a crueldade, alcançando victorias contra todos os seus inimigos. O Senado estava sem forças, o Povo abatido soffria o jugo sem se atrever a queixar-se: Roma parecia reduzida áquelle ponto de frouxidaõ, e de abatimento em que principia ordinariamente a escravidaõ das Nações.

As suas victorias augmentaõ o seu poder.

Huma fraude politica, (porque naõ se póde dar outra idéa a respeito deste objecto) pôz em obra a Superstiçaõ, a fim de fazer o Povo mais docil. Os Historiadores referem que huma Mulher incognita apresentou ao Rei nove volumes, pelos quaes pretendia huma grande quantia; que naõ os tendo querido o Rei pagar taõ caro, a Mulher queimára tres vo-

Livros Sibyllinos, uteis para senhorear o Povo.

volumes, e dos outros seis tornára a pedir o mesmo preço; que depois de huma nova recusaçaõ, a mesma Mulher queimára ainda outros tres volumes; que depois principiára novamente a mesma scena; e que tendo sido reconhecidos os Livros que ficáraõ, como oraculos da Sibylla de Cumes, Tarquino os comprára; depois do que a Mulher desappareceo. Aquelles Livros guardados preciosamente foraõ no poder do Principe, e depois do Senado, os infalliveis interpretes da vontade dos Deoses. Em caso de necessidade, faziaõ-se fallar os Livros, donde se extrahiaõ os Oraculos, que o interesse presente podia dictar. Com huma máquina semelhante, naõ havia duvida de senhorear huma Naçaõ supersticiosa.

Capitolio edificado.

Fabula que servio para elevar o animo dos Romanos.

Ao mesmo tempo se executou o projecto do primeiro Tarquino, de edificar o Capitolio, e foi esta huma occasiaõ para fabricar outra Fabula, que naõ produzio menores effeitos. Cavando-se a Terra para os alicerces do Templo de Jupiter, se achou, segundo dizem, huma cabeça de Homem taõ fresca como se fora cortada naquelle mesmo instante. Os agoureiros consultados sobre aquelle prodigio, declaráraõ que Roma chegaria a ser a Capital da Italia. Donde se originou

nou o nome de *Capitolio*, que se deo ao monte Tarpeio. Semelhantes ficções feriaõ os entendimentos, elevavaõ as almas, e inspiravaõ huma especie de enthusiasmo, ao qual foraõ os Romanos em parte devedores dos seus successos. Persuadidos de que os Deoses lhes destinavaõ o Imperio, os Romanos corriaõ para os combates, como para humas victorias certas, e seguras.

Com tudo Tarquino colhia os fructos da sua politica. As quimeras, com que entretinha o Povo, acabavaõ, e aperfeiçoavaõ o que a violencia havia principiado. Tarquino reinava como Despotico; e provavelmente teria gozado até ao fim de hum poder usurpado, se o attentado de Sexto seu filho contra a casta Lucrecia naõ excitasse a mais viva indignaçaõ. Junio, por sobrenome Bruto, cujo Pai tinha sido huma das victimas do Tyranno, de quem elle mesmo se naõ livrára, senaõ fingindo-se louco, aproveitou-se do instante de se vingar, quebrando os ferros da Patria. A sua eloquencia animou novamente o valor dos Senadores. O Povo, ao nome da liberdade, e á vista do cadaver de Lucrecia, que se matára pelas suas proprias mãos, sahio do seu entorpecimento. Tarquino sitiava Ardea. O mesmo Tarquino, e a sua

Lucrecia violada pelo filho de Tarquino.

Bruto faz proscrever a Dignidade de Rei.

posteridade foraõ condemnados a hum desterro perpetuo; consagrou-se com maldições aos Deoses infernaes todo o que tentasse restabelecer a Tarquino: o Governo Republicano se substituio ao Governo Monarquico. Esta grande revoluçaõ naõ foi tanto effeito da tyrannia de Tarquino, como do crime de seu filho. Lucrecia violada fez abominavel hum poder, do qual nenhuma outra cousa se vio mais que o abuso. Athenas ao mesmo tempo sacudio o jugo dos Pisistratidas. Ha huma correlaçaõ singular entre as causas, e as circunstancias de ambas estas revoluções.

Roma deve muito aos seus Reis.

Sete Reis governáraõ Roma por espaço de 244 annos. Elles lançáraõ os fundamentos da sua grandeza, porque todos eraõ grandes Principes, sem exceptuar o ultimo, ao qual devem-se arguir as injustiças, porém naõ negar-lhe a gloria do engenho, e dos talentos. Montesquieu diz a seu respeito: « Desgraçada a reputaçaõ de qualquer Principe, « que he opprimido por hum partido, « que chega a ser o dominante. » He provavel com effeito, que se a Coroa de Tarquino tivesse ficado na sua familia, a sua memoria teria sido menos denegrida, e ainda celebrada em os Annaes de Roma. Os Historiadores saõ suspeitos de ter

ter encarecido a descripçaõ da sua Tyrannia.

Duvidas a respeito da Historia destes Reis.

Pergunta-se como sete Reis electivos, quatro dos quaes morrêraõ assassinados, e o ultimo foi privado do Throno, abraçaõ na Historia hum espaço de 244 annos, ao mesmo tempo em que os Reinos hereditarios naõ daõ exemplo de huma igual duraçaõ de sete Reinados. Pergunta-se por que prodigio todos aquelles Reis mostraõ qualidades superiores; o que tambem naõ tem exemplo. Donde se tira huma prova contra a sua Historia. A difficuldade he grande sem duvida. Eu lhe naõ opponho nem probabilidades, nem conjecturas. Naquelles principios, as datas, e certas particularidades pódem ser falsas; porém julgo ter relatado cousas uteis.

SEGUNDA EPOCA.

OS CONSULES EM LUGAR DOS REIS.

O Povo opprimido pelo Senado desde o anno de Roma 245, até 260.

246

Dous Consules substituidos ao Rei pelo Senado.

OS Romanos, juntos em Tribus, e em Curias, tinhaõ publicado o Decreto irrevogavel contra a Dignidade de Rei. Aquella era verdadeiramente a Obra da Naçaõ, pois que nesta especie de Comicios, naõ valendo de nada as riquezas, todos os votos eraõ iguaes. Porém quando foi necessario prover o Governo da Republica, os Patricios, attentos aos seus interesses, preferiraõ os Comicios por Centurias, onde a primeira classe excedia a todas as outras. Do seu corpo se tiráraõ dois Magistrados annuaes, os quaes com o nome modesto de Consules, exercitáraõ a Real Authoridade. Bruto, Author da Conspiraçaõ, e Collatino, Marido de Lucrecia, foraõ nomeados para o Consulado. O nome de Rei tinha, sem duvida, alguma cousa de sagrado, pois que naõ o aboliraõ inteiramente. Creou-se hum novo Sacerdocio, ao qual se

O nome de Rei unido com o Sacerdocio.

se unio aquelle titulo; porém o *Rei dos Sacrificios* nenhuma authoridade teve em os negocios civís.

Nada he mais proprio para inflammar os animos, e para produzir acções extraordinarias, do que huma passagem repentina da Tyrannia para a liberdade; ainda quando a liberdade he menos real do que apparente. Os perigos, e os trabalhos naõ intimidaõ; tudo se sacrifica para se manter em hum Estado, onde todos se julgaõ arbitros de tudo, os animos ardentes esquentaõ os outros, e a paixaõ do bem publico parece só animar o Povo inteiro. Roma dá diversos exemplos dos effeitos da liberdade bastantemente conhecidos.

Enthusiasmo da liberdade.

Tarquino, abandonado das suas tropas, tinha-se refugiado em Tarquinia. Os Etruscos mandáraõ huma Embaixada, com o pretexto de pedir a restituiçaõ dos seus bens. Alguns mancebos Romanos sendo enganados por aquelles perigosos Embaixadores, conspiráraõ a favor de hum Rei, a quem julgavaõ perseguido, ou cujos favores desejavaõ ambiciosamente. Tendo sido descoberta a conspiraçaõ por hum escravo, e achando-se ambos os filhos de Bruto incluidos no numero dos culpados, o mesmo Pai pronunciou contra elles a sentença de morte, e os

Bruto condemna á morte os seus dous filhos.

man-

mandou executar na sua pre ença. Exemplo horroroso, o qual Bruto julgou ser necessario a fim de cortar o mal até á sua propria raiz. Os bens de Tarquino foraõ entregues ao Povo. Os Embaixadores Etruscos, cuja perfidia tinha violado o direito das gentes, foraõ despedidos. Este lance de moderaçaõ faz tanta maior honra aos Romanos, quanto mais odiosos lhes deviaõ parecer os inimigos da sua liberdade.

Collatino renuncia o Cõsulado, e Bruto morre em huma batalha.

Collatino pareceo suspeito, unicamente por se ter mostrado menos severo do que Bruto para com os conspiradores; e o teriaõ desterrado, se naõ renunciára o Consulado, conforme o parecer do seu collega. Este morreo com as armas na maõ em huma batalha contra Aruns, filho do Rei. Bruto, e Aruns mutuamente se feriraõ mortalmennte, e a liberdade fortificou-se com o sangue do seu Author Bruprincipal. Fez-se a Oraçaõ funebre de Bruto; as Mulheres andáraõ de luto por hum anno inteiro.

Procedimento de Publicola a favor do Povo.

O espirito de liberdade he taõ suspeitoso, que Valerio Publicola, novo Consul, e homem popular, foi suspeito de aspirar á Tyrannia, por edificar huma casa em hum terreno, que dominava a Praça publica. Publicola, a fim de grangear novamente a confiança dos Romanos,

nos, desmantelou a sua casa, tirou as alabardas aos seus Lictores, em lugar do que lhes mandou dar lanças, com as quaes quiz que se fizessem continencias na presença da Assemblea do Povo; permittio matar qualquer que tentasse erigir-se como Soberano; permittio appellar para o Povo das sentenças dos proprios Consules; finalmente confiou o Thesouro publico a dous Senadores eleitos pelo Povo. Valerio Publicola foi eleito Consul quatro vezes por causa do seu procedimento, que naturalmente devia desagradar ao Senado, muito cioso da authoridade, porém necessitava-se de Povo contra o inimigo.

Porsena sitía Roma.

Porsena, o mais poderoso Rei da Etruria, tomou como propria a causa de Tarquino; e appareceo logo ás portas de Roma. O Senado havia-se acautelado, ou fazendo provimentos de viveres, ou alliviando os Cidadãos pobres de todo o imposto, os quaes por causa de descontentamento podiaõ excitar a rebelliaõ. Declarou-se, que os filhos que elles davaõ para a Republica, eraõ hum tributo sufficientemente grande, que pagavaõ. Com tudo a Cidade talvez tivesse ficado vencida, sem a acçaõ quasi incrivel de Horacio Cocles, que defendeo só a ponte do Tibre, ao mesmo tempo, em que se

Acções de Horacio Cocles, e Mucio Scevola.

tra-

trabalhava para a desmanchar. O sitio mudou-se em bloqueio, e a fome temia-se. Se se deve dar credito a Tito-Livio, porque o silencio de Dionysio de Halicarnasso faz o facto muito duvidoso, Mucio Scevola, mancebo intrepido, julgando que tudo lhe era licito a fim de libertar a Roma, entrou no campo do Rei Etrusco, e penetrou até á sua propria tenda, com a resoluçaõ de o assassinar á custa da sua propria vida. Mucio naõ executando o golpe por inadvertencia, declarou altivamente a Porsena, que outros muitos Cidadãos tinhaõ formado o mesmo projecto. *Obrar, e soffrer como Heróe*, lhe disse Mucio, *he o caracter Romano.* Por ventura hum homicidio era pois cousa taõ heróica? E como poderaõ os Historiadores de Roma celebrar aquella acçaõ, condemnada por todas as Leis das Nações? Só o Fanatismo consagra tudo quanto he contrario á Humanidade.

Porsena faz a paz.

Porsena mostrou-se mais generoso, mandando livre o assassino, e concluio a paz com os Romanos. Passo em silencio a Historia de Clelia, e das suas companheiras, dadas em refens, as quaes saõ obrigadas a passar novamente o Tibre a nado debaixo de hum chuveiro de frechas. As maravilhas entretem os meninos, porém aos outros unicamente ensina a des-

Clelia.

desconfiar das tradições antigas. Horacio Cocles, Mucio Scevola, e Clelia foraõ, segundo dizem, cheios de honras, e de recompensas. O certo he que Roma formava Heroes honrando o valor. Roma perdeo em Valerio Publicola hum verdadeiro modelo do patriotismo; o qual morreo pobre, havendo sido quatro vezes Consul. As suas exequias se fizeraõ á custa do Publico; e o luto, que trouxeraõ hum anno as Senhoras Romanas, assim como por Bruto, foi huma expressaõ manifesta dos sentimentos da Patria.

Morte de Publicola.

Com tudo as intrigas de Tarquino continuavaõ. Trinta Cidades do Lacio alliáraõ-se, e uniraõ-se ao seu partido. Roma tinha em seu seio hum principio de sublevaçaõ. Os Patricios geralmente, em lugar de ser como antecedentemente os Pais do Povo, unicamente aspiravaõ a fazer-se os seus Senhores. A desigualdade da fortuna crescia todos os dias, e trazia comsigo juntamente as sementes da divisaõ. Nenhuma outra cousa se via, senaõ ricos, e pobres. Posto que as riquezas fossem mediocres em hum Estado pequeno sem Commercio, com tudo eraõ excessivas em comparaçaõ da indigencia daquelles, que careciaõ de tudo. Aquelles desgraçados naõ possuindo ter-

O Povo vexado pelos Patricios.

ras

ras algumas, ou poucas, naõ tendo industria alguma, e naõ sabendo desprezar a morte em os combates, viviaõ de emprestimo; a usura chegava a doze por cento. Depois de ter accumulado dividas sobre dividas, achavaõ-se expostos ás violencias dos Credores impios, os quaes ou os mandavaõ prender, ou os reduziaõ á escravidaõ. O Povo opprimido por causa das vexações, declarou, que naõ se alistaríaõ para a guerra, menos que as dividas naõ se abolissem. Alguns até ameaçáraõ que abandonariaõ a propria Cidade. « Que nos importa, diziaõ elles, huma « Patria, onde naõ se nos deixa cousa « alguma mais que a obrigaçaõ de verter « por ella o nosso sangue? acaso naõ vi- « veremos nós igualmente em outra qual- « quer parte? ao menos naõ acharemos « lá credores. »

Crueldade dos Credores.

Murmurações dos pobres.

Inquieto o Senado com semelhantes murmurações delibera a respeito de hum negocio taõ grave. Valerio, irmaõ de Publicola, propõe a aboliçaõ das dividas, como hum partido, que a humanidade, e a prudencia exigem. Os Senadores mais doceis, os mais pobres applaudem o seu discurso. Porém Appio Claudio, Sabino rico, estabelecido novamente em Roma, altivo, cruel, e inflexivel, representa que abolir as dividas, se-

Propõe-se a aboliçaõ das dividas, á qual se oppõe Appio Claudio.

seria arruinar a Fé publica, a base da Sociedade; que o mesmo Povo padeceria, pois que em caso de necessidade acharia por este meio fechadas todas as bolsas; que se podia ter indulgencia para os devedores, que naõ haviaõ merecido a sua infelicidade, por causa de hum máo procedimento; porém que os outros sendo a vergonha de Roma, naõ se devia ter delles saudades, se a abandonassem; que de resto afrouxando-se, a sediçaõ se excitaria; e que naõ era necessario senaõ hum, ou dous exemplos de severidade, para conter os amotinadores. Aquellas especiosas razões naõ convinhaõ de modo algum na presente situaçaõ do Povo: o mal era muito geral. Perdiaõ-se totalmente, reduzindo á desesperaçaõ aquelles, que faziaõ a força do Estado.

O Povo recusa pegar nas armas.

Em huma crise semelhante, o Senado devia fazer pouca conta dos expedientes, cujo effeito pareceria duvidoso. O mesmo Senado differio a decisaõ para depois da guerra, contentando-se de suspender todas as dividas naquelle intervallo. O inimigo avisinhava-se. Os amotinadores esquentavaõ-se mais. Excepto os plebeos mais ricos, e os clientes, que estavaõ unidos com os Nobres por causa de huma obrigaçaõ particular, todos os

os mais recusaõ pegar nas armas, até que se lhes conceda o que elles pedem. Entaõ imaginou a Politica hum meio para enganar o Povo. Propoz-se a fim de finalizar as dissensões, crear hum Magistrado com o nome de Dictador, o qual fosse inteiramente senhor de toda a authoridade, e governasse como Soberano a Republica em humas conjuncturas, em que as regras ordinarias eraõ faltas de poder: o Dictador naõ podia exercitar o seu Emprego, senaõ seis mezes, com receio de que o seu poder degenerasse em Tyrannia.

Enganase o Povo, propondose a Dictadura.

O Povo, sempre facil em se deixar enganar a respeito do futuro, que naõ prevê, approvou sem grande trabalho aquelle expediente. A nomeaçaõ do Dictador reservava-se para hum dos Consules. O Povo a devia sómente confirmar. Longe de desejar ambiciosamente aquelle grande Emprego, ambos os Consules, Clelio, e Larcio, disputáraõ generosamente entre si, sobre quem nomearia o seu collega. Larcio cedeo, e foi Dictador. Deve-se admirar como hum dos fenomenos principaes da Historia, que dando a Dictadura o direito de vida, e de morte, e o poder mais despotico, tenha sido muitas vezes a salvaçaõ de Roma; que nenhum ambicioso tenha abusado daquel-

255 Creaçaõ de hum Dictador.

A dictadura foi utilissima.

quelle poder; e que tenhaõ renunciado o mesmo cargo de Dictador antes dos seis mezes, logo que o seu objecto se completava. Sylla foi o primeiro exemplo de usurpaçaõ a este respeito. Taõ grande era o imperio que as Leis tinhaõ sobre a alma dos Romanos!

O Dictador Larcio reprime a sediçaõ.

Larcio creou logo hum General da cavallaria (*Magister equitum*), cujo emprego devía durar tanto tempo, como o seu; o que sempre depois se praticou. O mesmo Larcio depois com hum cortejo de vinte e quatro Lictores armados com alabardas, mostrou-se resoluto a castigar severamente o crime, e a rebelliaõ. Sendo os seus juizos sem appellaçaõ, os amotinadores tremêraõ, e sentiraõ a necessidade da obediencia.

Resenha exacta dos Cidadãos.

Fazendo-se a resenha exacta dos Cidadãos, acháraõ-se mais de cento e sincoenta mil superiores á idade de puberdade *. O Dictador formou tropas como quiz. Os Latinos, que ameaçavaõ Roma, desejáraõ huma suspensaõ de

* Naõ sei se nos devemos fiar em as resenhas exactas dos Cidadãos, taes como os Historiadores as referem. A oitava resenha, em o anno 279 de Roma, só consta de cento e tres mil Cidadãos; e a nona, em 288, he de cento e cincoenta mil duzentos e quinze. As guerras, e as doenças podiaõ diminuir muito o numero em hum espaço pequeno de annos. Porém como se acha esta resenha taõ augmentada em taõ breve tempo?

de armas; Larcio concluio a tregoa, e depôz logo a Dictadura.

Batalha da Regilla, a qual affegura o estabelecimento da Republica.

Assim que a tregoa espirou, os Latinos pegáraõ novamente nas armas. Pareceo ser necessario hum segundo Dictador. Posthumio revestido daquella Dignidade marchou contra os inimigos. O seu exercito se compunha de quarenta e tres mil Homens. Posthumio tinha unicamente vinte e sinco mil Homens; porém as suas tropas, tendo para combater o filho de Tarquino, estavaõ transportadas de todo o ardor que a Tyrannia póde inspirar. A sanguinolenta batalha de Regilla determinou a sórte da Republica. Naquella batalha morrêraõ Tito, e Sexto, filhos do Tyranno. Apenas se salváraõ dez mil Latinos. Este Povo pedindo a paz aos Romanos, sujeitou-se para sempre.

Os Latinos sujeitos inteiramẽte.

Morte de Tarquino.

Tarquino morreo em Cumas na Campania, cheio de annos, e de infortunios. A liberdade de Roma era o fructo do seu despotismo, e Tarquino experimentou que a ambiçaõ, ainda a mais feliz, póde conduzir para o precipicio. Nisto he em que os ambiciosos nunca pensaõ, a pezar da experiencia de todos os Seculos.

Os Patricios principiaõ no-

Os Patricios tinhaõ conservado alguns respeitos para com o Povo, em quanto receavaõ ver chegar o momento,

em

em que chamassem novamente a Tarquino, e livres daquella inquietaçaõ, reduplicáraõ as suas violencias. Executou-se mais rigorosamente que nunca a odiosa Lei, que permittia carregar de ferros, e tambem vender os devedores, que naõ podessem pagar. Toda a Cidade se encheo logo de vexações, e de murmurações. Hum velho foge da prizaõ, mostra-se na Praça, magro, e horrendo; descobre as cicatrizes das feridas, que recebeo na guerra, e os sinaes ainda frescos dos golpes, com que hum credor impio, o mandou despedaçar; e relata as suas desgraças causadas por accidentes, e pela avareza alheia. O Povo se enfurece; o Senado se ajunta; e Appio Claudio vota, como antecedentemente tinha feito, em naõ conceder cousa alguma, e em castigar.

vamente as suas vexações.

Sediçaõ do Povo.

Aquelle parecer era insupportavel, e muito mais em huma occasiaõ, em que os Volscos tendo violado hum Tratado de paz, se lhes tinha declarado a guerra. De repente chega a noticia, que os Volscos se avançaõ com hum exercito numeroso. Os plebeos naõ dissimulando o seu contentamento, declaraõ que os Patricios pódem hir combater, pois que elles sómente se aproveitaõ da victoria. Porém a docilidade do Consul Servilio,

Procedimẽto prudente do Cõsul Servilio a fim de socegar o Povo.

as suas promessas, que se satisfaria o Povo, entre tanto concedida a suspensaõ das dívidas, e o amor da Patria novamente animado pela esperança, socegaõ aquelles valerosos Cidadãos. Os devedores se fazem alistàr á porfia huns com os outros. Servilio derrota os Volscos, e reparte todo o despojo pelos soldados. Appio, seu collega, arguindo a Servilio de huma condescendencia popular, determinou o Senado para lhe negar a honra do triunfo. Servilio, indignado de semelhante affronta, ajunta o Povo no campo de Marte, queixa-se da injustiça do Senado, ordena elle mesmo o triunfo, e marcha com toda a pompa para o Capitolio, seguido do exercito, e entre as acclamações de todo o Povo.

O Senado nega-lhe o triunfo; o mesmo Servilio o ordena.

He para admirar, que o Senado, cuja sabedoria, e prudencia tanto se celébra, se obstinasse em os pártidos de rigor; como se o horroroso estado do grande numero dos plebeos naõ tivesse pedido hum remedio prompto; e como se fosse possivel ter sempre opprimido hum Povo guerreiro, sem o qual naõ se podiaõ defender. A Aristocracia he o mais cruel de todos os Governos. Os Senadores a pretendiaõ estabelecer, e o seu procedimento bastava para a fazer detestar. Debalde sollicitou o Povo a execuçaõ das

Crueldade inflexivel do Senado, seguida de huma rebeliaõ.

das promessas de Servilio. O inexoravel Appio sempre esteve firme contra as queixas dos infelizes. Entaõ estes se ajuntaõ, cercaõ os Tribunaes, insultaõ os Senadores, e recusaõ absolutamente alistar-se contra os Sabinos, os quaes com o favor daquellas perturbações levantáraõ o Estandarte da rebelliaõ.

Appio persiste em sustentar no Senado, que he necessario reprimir a insolencia, e o insulto com o terror: que a appellaçaõ dos juizos Consulares he a origem das sedições; e que para as remediar, basta nomear hum Dictador, cujo poder absoluto suffocará o espirito de rebelliaõ. O seu parecer he seguido. Valerio he elevado á Dictadura. Felizmente era este hum Homem prudente, e moderado. As suas promessas obrigaõ os Plebeos para a defeza commum. Valerio, depois de derrotar os Sabinos, requer que as dividas sejaõ abolidas. O mesmo Valerio acha os mancebos Senadores teimosos em negar a extinçaõ das dividas, e sendo tambem insolentemente accusado de ser traidor aos interesses do seu corpo, a favor da plebe, sahe cheio de indignaçaõ, convoca o Povo, e depois de lhe ter dado conta da má vontade do Senado, depõe a sua Dignidade de Dictador.

O Dictador, Valerio debalde se esforça em applacar o Senado.

Os Soldados detidos a seu pezar, por causa do juraméto.

Tanto maior foi o reconhecimento, e o respeito, que lhe mostráraõ, quanto mais se entregáraõ ao odio contra o corpo dos Patricios. A sediçaõ já estava quasi para se manifestar. Os Consules, que tinhaõ ainda cada hum o seu exercito prompto, ordenáraõ aos Soldados, que os seguissem com o pretexto de huma nova guerra. Os Consules fiavaõ-se na força do juramento, de que a Religiaõ fazia huma Lei inviolavel para com os Romanos. Todos os Soldados alistando-se juravaõ de obedecer aos Generaes; e até que fossem despedidos, aquelle juramento os obrigava para o serviço militar. Foi pois necessario sahir de Roma. Os mais furiosos pensáraõ matar os Consules, a fim de se desobrigar do seu juramento; até que ponto naõ cegaõ as paixões a consciencia? Representáraõ-lhes, que hum vinculo sagrado naõ se podia quebrar por meio de hum crime. Naõ obstante imagináraõ outro expediente frivolo, que servisse para illudir a lei. Este foi roubar furtivamente as insignias, ou as bandeiras, e retirarem-se com ellas. Os soldados tambem juravaõ de naõ as abandonar, e julgáraõ ser fieis ao juramento, sendo traidores os Consules, seguindo as suas insignias. Os mesmos soldados nomeando-se Officiaes, estabelecêraõ o seu cam-

Os Soldados iludem o juramento, e retiraõ-se para o Monte Sagrado.

campo no Monte Sagrado, além de Teveron, tres milhas distante de Roma.

Aquella imprevista deserçaõ ensinou ao Senado, quanto damno se tinha feito a si proprio, por meio da sua crueldade, e da sua injustiça. O Povo sahia em multidaõ correndo para o monte Sagrado. As guardas que se mandáraõ pôr nas portas, naõ podêraõ resistir. Os Deputados que se mandáraõ aos Sediciosos, nenhuma outra resposta trouxeraõ, senaõ que depois de violadas tantas promessas, naõ era possivel fiarem-se mais no Senado; que querendo os Patricios dominar, como arbitros de Roma, podiaõ ficar sendo seus Senhores; porém que os pobres Cidadãos queriaõ ser livres, e que a sua Patria seria o lugar, onde gozariaõ da sua liberdade. O que he mais admiravel, he a ordem, e a disciplina, que se vê reinar no seu campo. Nenhum tumulto, nenhumas violencias. Descem do Monte a buscar viveres, contentaõ-se com o puro necessario, e tornaõ tranquillamente para o seu posto. Nunca exercito algum tinha parecido mais digno deste nome, no tempo dos Consules. Naõ se acharia em parte alguma exemplo de hum Povo amotinado, armado, e desesperado, que se fizesse notavel por meio da moderaçaõ.

Deserçaõ do Povo.

A sua moderaçaõ admiravel.

O Senado envia Deputados ao Povo.

O Senado porém estava inquieto por causa daquella propria moderaçaõ, que annunciava alguma empreza bem concertada, e forças formidaveis promptas para cahir sobre a Cidade. A consternaçaõ foi geral. Ninguem se atreveo a pretender o Consulado; até foi necessario obrigar a dous Senadores para o receber. Deliberou-se novamente a respeito do negocio das dividas: nomeáraõ-se dez Deputados para tratar com o Povo; concedêraõ-lhes pleno poder para concluir, com as condições que julgassem uteis á Republica. Appio, e os moços Senadores debalde se oppuzeraõ áquelle partido. Os seus violentos conselhos tinhaõ tido consequencias muito funestas, para suffocar ainda os sentimentos de Humanidade. As cousas haviaõ chegado ao ponto, que sem conceder muito ao Povo, era impossivel restabelecer a boa ordem, e a paz. Deste modo he que as rebelliões se movem pelo abuso da authoridade.

TERCEIRA EPOCA.

TRIBUNOS DO POVO.

O Povo adquire authoridade; desde o anno de Roma 260, até 302.

CAPITULO I.

Desde a creação dos Tribunos do Povo, até ao desterro de Coriolano.

TRES Homens havia na frente da Embaixada do Senado, que eraõ dignos da confiança do Povo, Larcio, e Valerio, os quaes tinhaõ exercido a Dictadura, e Menenio Agrippa, Consular illustre, e Author do conselho prudente, que se acaba de seguir. O Povo, a pezar do seu descontentamento, amava a Patria. O mesmo Povo os recebeo com alegria, e teria sido muito tratavel, se naõ tivesse dous Chefes sediciosos, cujo impeto violento entretinha a discordia. Menenio empregou, segundo dizem, com feliz successo o apologo do estomago, e dos membros. Os membros rebellados contra o estomago, ao qual accusavaõ de se aproveitar do seu trabalho, e de nada fazer a fa-

260 Os Deputados do Senado saõ bem recebidos pelo Povo.

Apologo dos membros, e do estomago.

favor dos membros, foraõ desenganados por huma triste experiencia: os membros negando-lhe os seus serviços, cahiraõ em huma debilidade mortal. Esta era a imagem do Povo, muito prevenido contra o Senado. Os espiritos tranquillos podiaõ comprehender a exactidaõ daquelle apologo; porém o Povo necessitava de outros motivos. Menenio fez certamente maior impressaõ, declarando que as dividas se aboliriaõ pelo Senado.

Junio Bruto obriga o Povo a pedir Magistrados plebeos.

Nenhuma outra cousa desejava o Povo. Hum dos seus Chefes, chamado Junio, que affectava tomar o nome de Bruto, como sendo o Restaurador da liberdade, aproveitou-se da occasiaõ para injuriar a má Fé, que o Senado até entaõ havia mostrado. Junio representou que se deviaõ acautelar para o futuro; e requereo que houvessem Magistrados plebeos, os quaes se encarregariaõ unicamente de cuidar nos interesses do Povo. Requerimento fundamentalmente justo, pois que o passado dava occasiaõ a recear as mais crueis injustiças. Os Deputados, vendo-se perplexos com semelhante proposiçaõ, julgáraõ devella relatar ao Senado; e partiraõ fazendo esperar o seu consentimento.

Creaçaõ dos Tribu-

Estava-se na infeliz necessidade, ou de

de soffrer a guerra civil, ou de conceder ao Povo o que elle pedia. Appio sem embargo de declamar com força, e com vehemencia, e de tomar os Deoses, e os Homens por testemunhas das infelicidades, que prognosticava; as quaes se poderiaõ prevenir por expedientes sabios, e prudentes: a sua crueldade, e a sua altivez tendo fechado outra qualquer via de conciliaçaõ, o Senado consentio na eleiçaõ dos Tribunos do Povo. Este he o nome daquelles novos Magistrados, extrahidos do corpo dos Plebeos para os proteger. Declarou-se por huma Lei, que a sua pessoa seria sagrada; que se alguem os maltratasse, seria amaldiçoado, e os seus bens confiscados para o serviço de Ceres; e que o homicida poderia ser morto sem fórma alguma de justiça.

nos do Povo.

A ſua peſſoa ſagrada.

Os Tribunos do Povo naõ foraõ condecorados com sinal algum de Dignidade. Sentados á porta do Senado, naõ podiaõ entrar nelle, senaõ por ordem dos Consules. O seu poder limitava-se quasi no circuito de Roma; era-lhes prohibido o ausentarem-se da Cidade. Porém se hum unico se oppozesse a qualquer Decreto do Senado, era o que bastava para o annullar: o seu *veto* suspendia tudo. Veremos a sua authoridade augmentar-se de dia em dia, e fazer-se formidavel, assim

O ſeu poder ſem ſinaes de Dignidade.

sim como a authoridade dos Eforos de Sparta. Se os Tribunos muitas vezes abusáraõ della, (o que se poderia prevêr) ao menos livráraõ o Povo da oppressaõ. Os Tribunos ao principio foraõ sinco, e depois dez. O seu emprego durava hum anno. Desde o principio os mesmos Tribunos fizeraõ eleger dous Edis, Magistrados Plebeos, que eraõ seus Officiaes, encarregados da Policia dos edificios.

Edis.

Tomada de Coriolos, Capital dos Volsços.

Tendo o estabelecimento do Tribunato, e a suppressaõ das dividas reduzido o Povo a cumprir com o seu dever, o Consul Posthumio Cominio derrotou os Volscos, e tomou Coriolos sua Capital. Posthumio deveo principalmente os seus felizes successos ao valor de Marcio, Patricio moço, o qual tinha todas as qualidades de Heroe, porém naõ a moderaçaõ de hum Sabio. O Consul depois de o ter coroado com a sua mão, o quiz enriquecer, para o que lhe destinava a decima parte do despojo: Marcio a rejeitou. O sobre-nome de Coriolano foi huma recompensa mais digna de Marcio; elle a recebeo dos soldados, por quem era admirado.

O Povo faz o gasto das exequias de Menenio Agrippa.

A pezar dos exemplos de avareza dados por hum numero de Patricios, o desprezo das riquezas distinguirá ainda por muito tempo os Heroes da Republica.

Aquel-

Aquella nobre virtude, que no mesmo tempo fazia Aristides superior a todos os Homens Grandes de Athenas, era taõ amada por Menenio Agrippa, que morreo sem deixar com que se fazerem as suas exequias. O Povo se fintou entre si para lhe fazer exequias magnificas, e naõ quiz tornar a receber o seu dinheiro, posto que o Senado encarregasse os Questores da despeza; o mesmo Povo deo aquella quantia de dinheiro aos filhos do defunto.

Tomulto popular a respeito da fome.

Depois daquella disputa de generosidade entre as duas Ordens, succedeo hum novo tumulto, occasionado por causa da fome. O que era huma consequencia da retirada do Povo para o Monte Sagrado. As Terras naõ se tinhaõ semeado. Por muito grandes que foraõ os cuidados, que o Senado teve a fim de remediar aquella penuria, padeceo-se, e murmurou-se. O Povo padecendo ordinariamente he injusto, porque sem reflectir a respeito das causas da sua miseria, o sentimento das desgraças o irrita contra aquelles, de quem espera em vaõ os soccorros. Suppôz-se que os Senadores guardavaõ o trigo todo para as suas familias. Os Tribunos, offendidos porque os Senadores tinhaõ mandado duas Colonias a pezar da sua opposiçaõ, acre-

Os Tribunos esquêtaõ o Povo.

di-

ditárao aquella noticia, e esquentárao os cabeças. Appio, injuriando-os em o Senado, inspira a resoluçao de os reprimir, e de os castigar. Os Consules para este effeito ajuntao o Povo, e interrompidos pelos Tribunos, pretendem tapar-lhes a boca, disputando-lhes o direito de fallar nas Assembleas. Esta contenda deo occasiao aos Tribunos para estenderem a sua authoridade.

Os Tribunos irritados por causa dos Consules os impedirem de fazer hũ Discurso Oratorio ao Povo.

Junio Bruto, hum dos Edis, aquelle mesmo sedicioso, cuja audacia temos visto, tendo obtido dos Consules a licença de fallar, como para terminar a disputa, lhes perguntou, por que razao impediao elles aos Tribunos o fallar ao Povo. « A razao he, respondeo hum dos « Consules, porque tendo nós mesmos « convocado a Assemblea, nos pertence a nós o fallar. Se os Tribunos a « tivessem convocado, alem de nao os in« terromper, eu os nao viria ouvir. » Este dito imprudente teve grandes consequencias. « Vós tendes vencido, ó « Plebeos, exclamou Junio. Tribunos, « deixai discorrer os Consules. A'manhã « eu vos mostrarei qual he a Dignidade, « e o Poder dos vossos Empregos. » Com effeito os Tribunos por conselho seu, no dia seguinte ao romper da manhã apparecem na Praça publica acompanha-

dos

dos de quasi todo o Povo. Hum delles chamado Icilio, representa ser essencial para o exercicio das suas occupações, convocar Assembleas, e poder fazer Discursos Oratorios ao Povo a respeito dos seus interesses, sem recear serem interrompidos. Todos applaudiraõ, e approváraõ huma Lei, que o mesmo Julio formára naquella noite com os seus collegas.

Plebiscito, ou Lei, feita pelo Povo, que permitte aos Tribunos ajuntar o Povo, e prohibe contradizellos.

Aquella Lei declara: « Que nas Assembleas dos Tribunos ninguem os « poderá nem interromper, nem contradizer; que se alguem se atrever a fazer o contrario, dará fiador á condemnaçaõ pecuniaria, em que for condemnado, e se naõ quizer dar fiador, seja « punido com pena de morte. » Por este meio os Tribunos augmentavaõ consideravelmente o seu Poder; mas sem aquelle privilegio elles naõ poderiaõ proteger o Povo, senaõ fracamente. Os abusos da Aristocracia conservavaõ variações, que deviaõ produzir outros abusos. Huma Lei semelhante, dava hum golpe terrivel ao Senado, o qual a naõ quiz logo confirmar, sustentando ser aquella Lei a obra de huma Assemblea illegitima. Declarou-se-lhe que se o Senado recusasse os *Plebiscitos*, *ou Leis do Povo*, se recusariaõ os *Senatus-Consultos*, ou *Decretos*

cretos do Senado; e finalmente cedeo o Senado, ou por necessidade, ou por condescendencia.

Os Tribunos ansiosos em augmentar os direitos do Povo.

Tanto mais poderes adquiriraõ os Tribunos, quanto mais extensaõ davaõ aos direitos do Povo, os quaes tinhaõ hum interesse pessoal em augmentar. Se os Tribunos obravaõ por ambiçaõ, e se trabalhavaõ para si mesmos, tambem trabalhavaõ para restringir, e coarctar a authoridade do Senado nos limites de hum Governo mixto, em que a Aristocracia temperada pela Democracia naõ podesse opprimir os Cidadãos. A occasiaõ de fazer huma nova experiencia das suas forças logo se offereceo. O feliz successo correspondeo tambem aos seus desejos.

Pessimo cõselho de Coriolano contra o Povo.

Tinha-se recebido trigo da Sicilia, precioso recurso na occasiaõ da penuria. O Povo miudo sempre padecia, mas sem commetter violencia alguma, e contentando-se com o pouco, que a terra lhe dava para viver. A áltiva crueldade de Coriolano o enfureceo. Quando se tratou no Senado do uso, que se faria do trigo de Sicilia, huns propozeraõ, que o distribuissem gratuitamente pelos pobres, conselho dictado pela Humanidade; e outros, que o vendessem muito caro, a fim de castigar, e de domar a audacia do Povo. Coriolano sustentou, que era necessa-

sario aproveitar-se das circunstancias, a fim de abolir o Tribunato, e de abrogar as convenções do Monte Sagrado. Aquelle Heroe, cuja probidade, e desinteresse tanto se louva, ignorava as doceis virtudes, que grangeaõ os corações. Coriolano julgava que tudo devia ceder á authoridade do Senado: a sua imprudencia sómente servio para diminuir a authoridade do Senado, e para se perder a si mesmo. Era pois taõ difficultoso prever que huns partidos violentos naõ fossem hum motivo de violencias?

Coriolano desfreza o Povo, e os Tribunos.

Os Tribunos scientes do que se passava, invocaõ os Deoses vingadores do perjurio. O Povo se enfurece, e pretende matar cruelmente a Coriolano. Aquelles Magistrados suspendem o Povo, e citaõ a Coriolano para comparecer perante elles. O soberbo Patricio despreza a súa citaçaõ. Os Tribunos emprendem prender Coriolano, e saõ rechaçados por Senadores moços. Finalmente os Tribunos convocaõ huma Assemblea, onde Coriolano, muito longe de fazer a sua apologia, e de evitar o resentimento popular, repete com hum tom imperioso tudo quanto disse no Senado; protesta que naõ reconhece por seus Juizes senaõ os Consules, e que se apparecia naquella Assemblea de sediciosos naõ era senaõ

pa-

para os arguir da sua insolencia; o mesmo Coriolano jurou aos Tribunos hum odio irreconciliavel, chamando-lhes *o veneno da tranquillidade publica.*

Hum Tribuno o cita para o juizo do Povo.

Sicinio, hum dos Tribunos, de sua authoridade propria condemna logo Coriolano á morte; e ordena que o precipitem do rochedo Tarpeio. O mesmo Sicinio vendo que os Patricios se dispunhaõ para o defender, e que a plebe naõ se movia por respeito aos Consules, o cita para o Juizo do Povo dentro do termo de vinte e sete dias. Era costume naõ se terminarem os negocios publicos, senaõ depois de tres mercados, a fim que os habitantes do campo podessem ter delles conhecimento; e o mercado se fazia todos os nove dias. Sicinio ajunta á citaçaõ, que se o Senado naõ regulasse a distribuiçaõ do trigo, os mesmos Tribunos lhe dariaõ as providencias.

O Senado consente que Coriolano seja julgado.

Nunca o Senado se tinha visto exposto a hum accommettimento taõ perigoso. Esforçou-se, mas em vaõ, de reparar o golpe. Pôz o trigo ao mesmo preço, em que estava antes das perturbaçóes; porém nada pôde alcançar no animo de Sicinio, nem o fazer desistir da sua accusaçaõ, e nem obrigallo a entregar aos Senadores o primeiro exame da causa, como os Reis o haviaõ praticado. Os ou-

outros Tribunos, nenos violentos, ou mais habeis, receando fazerem-se odiosos por causa de huma inflexivel obstinaçaõ, consentiraõ em deixar julgar pelo Senado, se o negocio devia transferir-se para o Povo. O Senado delibera; disputa-se com ardor. Appio, segundo o seu costume, exclama que tudo está perdido, se naõ se reprimem os sediciosos. Valerio lhe oppõe os perigos, as desgraças de huma guerra civil, e sustenta que dando ao Povo qualquer mostra de condescendencia, o faráõ favoravel ao accusado. O maior numero seguio o ultimo parecer. Entaõ Coriolano perguntou aos Tribunos qual era o crime, de que o accusavaõ? *De ter affectado a Tyrannia*, respondêraõ os Tribunos. *Se naõ se trata senaõ de refutar húma accusaçaõ semelhante*, replicou atrevidamente aquelle Heroe, *eu comparecerei perante o Povo.*

Os Tribunos obtem os Comicios por Tribus.

Os Tribunos, resolutos a vingarem-se, formáraõ as suas baterias com toda a industria imaginavel. Elles previaõ, que se os Comicios se ajuntassem por Centurias, conforme o Systema estabelecido por Servio, o Senado disporia dos votos. Os mesmos Tribunos exigiraõ que se ajuntassem os Comicios por Tribus, pretendendo, que todo o Cidadaõ devia dar igualmente o seu voto, em hum nego-

cio

cio que interessava os direitos do Povo. Cedeo-se tambem a respeito daquelle ponto essencial; e desde entaõ se mudou a fórma do Governo em vantagem dos Plebeos. Tal he a instabilidade de huma constituiçaõ imperfeita, e tempestuosa.

262 Coriolano desterrado.

Chegado o dia dado para o Juizo, estando juntas as Tribus, o Consul Minucio faz a sua Oraçaõ a favor do illustre Cidadaõ, o qual se apresenta no Tribunal do Povo; Minucio insiste sobre o seu nascimento, as suas proezas, e os seus serviços; pede em nome de todo o Senado, que o naõ tratem como criminoso. O Tribuno Sicinio naõ prosegue menos a sua accusaçaõ. Os esforços, e ós empenhos, que Coriolano tinha feito para abolir o Tribunato, para impedir que o preço do trigo naõ diminuisse, eraõ segundo elle mesmo provas certas de que Coriolano aspirava á Tyrannia. Coriolano destroe aquella imputaçaõ mostrando as cicatrizes das suas feridas, e nomeando os Cidadãos, que salvou em batalhas. Porém Decio, outro Tribuno, o argue de ter distribuido hum despojo, do qual as Leis, dizia elle, naõ lhe permittiaõ dispôr, posto que houvessem muitos exemplos do contrario. O accusado refuta frouxamente aquelle aggravo imprevisto.

Co-

Coriolano he condemnado a hum desterto perpetuo. De vinte e nove Tribus sómente houve nove, que lhe foraõ favoraveis.

CAPITULO II.

Desde o desterro de Coriolano, até ao estabelecimento do Decemvirato.

O POVO, depois da condemnaçaõ de Coriolano, triunfou como de huma victoria decisiva alcançada contra os Patricios; devendo antes arguir-se a sua ingratidaõ para com hum Cidadaõ respeitavel, de quem recebêra os serviços mais notaveis, e cujo crime, a manter-se nos termos da accusaçaõ, era imaginario, e sem provas. Naõ tardou muito tempo, que naõ se experimentasse, quanto importa conservar huns Homens, taõ capazes pelo seu caracter de offender, como de servir. Coriolano naõ ouvio mais que a voz da vingança; e tendo-se retirado para Ancio, Terra dos Volscos, obrigou-os a pegar nas armas contra a sua Patria. Coriolano fazendo-se seu General, entrou no territorio de Roma, e derramou por toda a parte o susto, o medo, e o terror.

262. Coriolano vinga-se da injustiça, combatêdo pelos Volscos.

Enviaõ-se-lhe Deputados.

Vio-se entaõ o Povo, e o Senado mudar de procedimento a seu respeito. O Povo governado pelos successos requeria o seu perdaõ, ao qual o Senado se oppunha por ver unicamente em Coriolano effeitos de hum inimigo da Republica. O perigo porém abrandou os Senadores; os quaes enviáraõ huma Embaixada ao implacavel Coriolano, que a recebeo com desprezo. Os Sacerdotes tambem vieraõ por sua vez, e foraõ despedidos do mesmo modo. A illustre Veturia, na frente das Senhoras Romanas, desarmou finalmente hum filho rebelde. Os sentimentos da Natureza domáraõ aquella alma orgulhosa. *Roma está salva*, exclámou elle, *porém perdestes o filho.* Coriolano fez a paz *, e morreo, segundo alguns Authores, assassinado pelos Volscos; e segundo outros, padecendo em huma triste velhice, e cheio de saudades da sua Patria.

Coriolano he desarmado por sua Mãi.

Sua morte.

Quanto superiores eraõ naquelle tempo os Gregos aos Romanos.

Themistocles, seu contemporaneo, experimentou huma fortuna semelhante, depois de ter salvado Athenas, por meio da sua Politica, e do seu valor. Comparando estes dous Homens celebres, facil he

* Em memoria do serviço, que Veturia tinha feito, o Senado edificou hum Templo á *Fortuna das Mulheres*, no qual unicamente as damas tiveraõ o privilegio de entrar.

he observar a superioridade da Grecia, entaõ victoriosa da Asia, a respeito de huma nova Republica, da qual os unicos inimigos eraõ huns pequenos Póvos da Italia, situados ao redor della. Porém Roma, sempre armada contra os seus visinhos, mostrava por meio de guerras pequenas, que algum dia subjugaria as mais poderosas Nações.

267 Lei Agraria do Consul Cassio.

Com tudo as disputas se renováraõ na occasiaõ de huma Lei Agraria, proposta pelo Consul Cassio. Esta Lei, segundo dizem, foi-lhe inspirada unicamente pela ambiçaõ, como hum meio para alcançar o Poder Soberano. Cassio pretendia que se dividisse, naõ sómente pelos Romanos, porém pelos alliados, huma parte das Terras conquistadas, e que os Patricios haviaõ usurpado havia muito tempo. O artigo dos alliados desagradou ao Povo, o qual reservava para si todo o lucro da divisaõ. O Senado conveio, que naquella divisaõ naõ teriaõ parte os estrangeiros, excepto aquelles, que tivessem ajudado, e soccorrido para a conquista; determinou, por hum Decreto, que dez Senadores seriaõ encarregados da execuçaõ da Lei. Em nenhuma outra cousa se cuidava, senaõ em ganhar tempo, a fim de arruinar o projecto de Cassio. Assim que aquelle Consul acabou o seu emprego,

dous Questores o accusáraõ perante o Povo de ter aspirado á Tyrannia. Cassio, segundo Dionysio de Halicarnasso, foi convencido, e castigado com pena de morte. O seu mesmo Pai, segundo a relaçaõ de alguns Escritores, foi o seu accusador no Senado, e o fez executar em sua casa. O que he certo, he que Senado recorreo muitas vezes á accusaçaõ da Tyrannia contra os que se interessava em perder.

Caſſio he caſtigado com pena de morte, como ſe tiveſſe aſpirado á Tyrannia.

Como o seu Decreto naõ era mais que hum artificio a fim de enganar o Povo, a sua execuçaõ se requereo inutilmente. Tudo annunciava huma proxima rotura. Naquelle tempo he que os Consules puzeraõ principalmente a sua politica, em excitar continuamente novas guerras, em as quaes se podesse occupar por fóra o ardor inquieto dos Plebeos. Naõ querendo estes alistar-se os obrigavaõ com o ameaço de hum Dictador. Os Equos, os Volscos, os Veienses, e os Etruscos, ficáraõ derrotados em diversos choques. Refere-se que em huma daquellas guerras, a unica familia dos Fabios, composta de trezentos e seis Homens, atemorizou por muito tempo os inimigos; e que finalmente foi sorprendida, e opprimida pelo maior numero, sem escapar hum unico Homem da

O Povo deſcontente.

O Senado o occupa por meio da guerra.

Familia dos Fabios.

da tropa. Porém esta geraçaõ naõ se acabou.

As perdas dos Romanos, sempre reparadas com felizes successos, eraõ pouca cousa em comparaçaõ das infelicidades, que a discordia produzio. Apenas se depozeraõ as armas, logo as dissensões se renováraõ na Cidade, particularmente a respeito da Lei Agraria. Tambem houveraõ grandes disputas na eleiçaõ dos Magistrados. Os Plebeos pretendiaõ hum Consul do seu partido, e o nomeavaõ; os Patricios elegiaõ o outro. O Senado chegou a ser mais atrevido, e mais severo por causa da morte subita de hum Tribuno, a qual consternou os seus collegas, como se os Deoses se tivessem declarado contra os seus projectos. Os Consules mandáraõ açoutar todos aquelles, que naõ quizessem alistar-se. Voleron, antigo Official Plebeo, appellou para o Povo de huma sentença semelhante; o Povo naõ se descuidou de o soccorrer, expulsou os Lictores, quebrou as suas alabardas, e elegeo algum tempo depois Voleron para hum dos seus Tribunos.

As differ-sões continuaõ.

Severidade do Senado.

Voleron appella para o povo.

Aquelle Magistrado, sem mostrar resentimento algum pessoal, prejudicou a authoridade dos Patricios, os quaes tinhaõ muita influencia na eleiçaõ dos Tribunos, que se fazia por Curias. Assim os Comicios

281 O Tribuno Voleron pretende fazer passar a eleiçaõ

dos Tribunos para os Comicios por tribus.

cios das Curias, como os Comicios das Centurias, naõ podiaõ ajuntar-se senaõ por hum decreto do Senado; em aquellas Assembleas sempre se ouviaõ os Auspicios, e os Patricios sendo unicamente agoureiros, tinhaõ na maõ o poder de dirigir, e de desfazer aquellas Assembleas, sujeitas a huma politica superstiçaõ. Pelo contrario os Comicios das Tribus eraõ sem auspicios, e sem consentimento do Senado. Todos os moradores do campo menos unidos com os Patricios, do que os moradores da Cidade, tendo o direito de votar nos Comicios das Tribus, naõ o tinhaõ nos Comicios das Curias. Finalmente o Povo por causa do numero decidia nos Comicios das Tribus. Para estes Comicios, he que Valeron emprendeo fazer passar a eleiçaõ dos Tribunos, a eleiçaõ dos Edis, e geralmente todos os negocios, que podessem ser do interesse do Povo.

Grande contenda a respeito da sua Lei, a qual finalmente se publica.

A sua Lei encontrou a mais forte opposiçaõ da parte do Consul Appio Claudio, filho daquelle, que vimos taõ ardente por causa das prerogativas do Senado. Appio, menos capaz ainda que seu Pai de se accommodar com as conjuncturas, blasfemou em huma Assemblea com tanto fel, e altivez, que chegou a rebellar todos os Plebeos, posto que a do-

doçura de Quincio seu collega os tivesse grangeado. Chegáraõ a dar huns nos outros. Se fosse uso trazer armas pela Cidade, a contenda teria sido sanguinolenta. A moderaçaõ do Senado prevenio as suas consequencias. Naõ sómente declarou o mesmo Senado, que estando ambos os partidos animados pelo zelo, era necessario esquecer-se dos excessos commettidos por huma, e por outra parte; mas tambem approvou a Lei de Voleron.

O Exercito de Appio deixa-se vencer por causa do odio, que tinha a este Consul.

A Tyrannia antiga dos Senadores havia sido a causa de todas aquellas mudanças; as quaes, sem duvida, naõ se teriaõ movido, se houvesse hum procedimento recto, e moderado. Appio, muito fogoso, para receber a liçaõ da experiencia, descarregou o seu genio feroz sobre o exercito, que mandava contra os Volscos; e Tyranno dos seus Soldados, os teve por outros tantos inimigos. Os Romanos sendo traidores ao seu dever, deixáraõ-se vencer a fim de se vingar do seu General. O seu furor, e a sua ira manifestáraõ-se por meio de terriveis execuções. Os centuriões foraõ açoutados, e degollados, e todas as tropas foraõ dizimadas. Pelo contrario, o Consul Quincio, adorado pelos seus Soldados, gozava em outra parte da victo-

toria. Que differença deve produzir a boa, ou má vontade das tropas!

Appio accusado pelos Tribunos.

Depois daquelle Consulado, os Tribunos tornáraõ a tratar da Lei Agraria, origem inexhaurivel de disputas. Os Consules eraõ de parecer, que os contentassem; porém a vehemencia de Appio excedeo a todas as suas razões. Os Tribunos, irritados com hum novo desprezo, accusaõ perante o Povo aquelle, que he a causa de tudo. Appio comparece, mais como juiz, do que como réo; e de tal modo impõe com a sua presença, que os Tribunos naõ se atrevem a pronunciar nada contra elle. O mesmo Appio mata-se depois a si mesmo, prevendo que seria condemnado na segunda Assemblea. O seu filho, a pezar dos Tribunos, fez a sua Oraçaõ funebre, que foi applaudida pelo mesmo Povo, taõ grande era a admiraçaõ, que tinha excitado a valerosa constancia do Pai! Se huns Homens semelhantes se moderassem, fariaõ a felicidade, e a gloria da sua Patria; porém como hum violento, e soberbo espirito fez muitas vezes as suas mesmas virtudes perigosas, entretiveraõ nella o fogo da discordia.

Sua constancia.

Continuaçaõ das perturbações.

Os Patricios, e os Plebeos ricos, possuidores das Terras, naõ se querendo despojar dellas, e sendo a Lei Agraria sem-

sempre sustentada pelos Tribunos, aquella oposiçaõ de interesses naõ podia deixar de perpetuar as perturbações civis. Chegou-se ao ponto, que o Povo se ausentou dos Comicios por Centurias; e que os Consules foraõ eleitos huma vez pelos votos dos unicos Patricios, e dos seus Clientes. Roma no meio das dissensões conservava invenciveis encantos para os seus Cidadãos, os quaes naõ queriaõ estabelecer-se em Colonias: *os Romanos preferiaõ antes*, diz Tito-Livio, *pedir Terras em Roma, do que as receber em outra qualquer parte.* Aquelle amor da Patria preparava já de longe as emprezas, por meio das quaes haviaõ de obter o Imperio do Mundo.

Amor da Patria.

Porém longe de poder formar naquelle tempo vastos projectos, naõ havia taõ pouco Leis civis, proprias para regular a conducta, e manter a fortuna dos Cidadãos. Os Consules sentenciavaõ todos os pleitos, por meio ou dos principios da equidade natural, ou dos antigos usos, ou de algumas Leis de Romulo, e dos seus Successores, cujos vestigios apenas se haviaõ conservado em os Livros, que o Povo desconhecia. Aquella Jurisprudencia arbitraria era hum segredo mysterioso entre os Patricios, que della extrahiaõ huma parte da sua autho-

Roma estava falta de Leis.

thuridade; e o Povo tinha a infelicidade de ignorar aquillo mesmo, que lhe devia servir de regra, e decidir da sua sorte.

291 Lei Terencia para fazer publicar hũ Codigo, e diminuir o poder dos Consules.

O Tribuno Terencio, ou Terentillo emprendeo remediar as desordens. Hum numero de Patricios morreo por causa da peste; ambos os Consules se achavaõ ausentes por causa de expedições: aquelle instante pareceo-lhe muito favoravel para o seu intento. Terencio propôz publicar hum Corpo de Leis, o qual todos seriaõ obrigados a seguir na administraçaõ da Justiça. O mesmo Terencio naõ parando aqui, e depois de ter declamado contra o Poder despotico dos Consules, os quaes descrevia como dous Monarcas absolutos, requereo a eleiçaõ de sinco Commissarios, para fixarem os limites ao seu poder. Tal foi o objecto da famosa Lei Terencia, taõ capaz de inquetar os Senadores, como a Lei Agraria. A Lei Terencia foi accommettida, e defendida com o ardor, que he ordinario em iguaes circunstancias. A uniforme individuaçaõ daquellas fortes, e vivas contestações naõ entra em o nosso plano de Historia. De huma, e de outra parte o interesse particular prevalecia muitas vezes ao interesse geral; e os Tribunos naõ eraõ os menos apaixonados. Quincio Ceson, comparavel-

Disputas violentas a esse respeito.

Ceson ac-

vel com Coriolano, e filho do grande Cincinnato, de quem logo fallaremos, foi a victima da sua colera, por se oppôr á sua empreza. Ceson, accusado falsamente, sahio de Roma sem esperar pela sua sentença. Dez Cidadãos o abonáraõ por huma quantia. Seu Pai depois de a pagar, foi obrigado a viver em huma pequena quinta, unico bem que lhe restava.

cuſado pelos Tribunos.

Herdonio, Sabino rico, aproveitando-se do favor daquellas perturbações, se faz Senhor do Capitolio. Os Consules ordenaõ ao Povo, que se arme contra o inimigo. Os Tribunos o dissuadem, certificando ser aquella ordem hum artificio do Senado. Finalmente, as instancias, e as promessas do Consul Valerio determinaõ o Povo á obediencia. Todos concorrem ao Capitolio, e o Capitolio ficou livre. Morto Valerio no assalto, tiraõ Quincio Cincinnato do arado a fim de o pôr no seu lugar. Quincio Cincinnato, confundindo a constancia com a docilidade, restabelece a boa ordem; torna a dar vigor á Justiça, e faz esquecer de algum modo os Tribunos. Depois do seu Consulado, Minucio hum dos seus Successores deixa-se cercar pelos Equos, aos quaes fazia a guerra. Assim que aquella noticia chega a Roma, o perigo do Exercito Romano obriga a crear hum Dic-

O Capitolio tomado por hum Sabino, e liberto.

Quincio Cincinnato tirado do arado para ser Conſul, e depois Dictador.

Dictador. A eleiçaõ cahe em Cincinnato. Este illustre Lavrador deixa novamente o seu campo, põe-se na frente dos Cidadãos, liberta Minucio, sobjuga os Equos, volta em triunfo, vê seu filho Ceson justificado, e chamado, renuncia a Dictadura, e vai outra vez pegar no seu arado, do qual faz maior caso do que das honras.

Amor da pobreza, e Disciplina Militar.

Por ventura os que fazem menos apreço destes admiraveis exemplos dizendo que os Romanos ignoravaõ naquelle tempo a corrupçaõ das riquezas, reflectiraõ sufficientemente nas acções de avareza, taõ communs entre os Patricios desde o principio da Republica? O amor da pobreza sómente pertencia aos Homens grandes. Se esta virtude era rara, a pobreza ao menos desviava os vicios corruptores, e a disciplina Militar, junta com a força do corpo, e com a valentia, devia fazer invenciveis os Romanos. Quando Cincinnato salvou a Minucio, fezlhe renunciar o Consulado, por se ter deixado sorprender pelo inimigo. *Tu, ó Minucio, deves aprender a arte da guerra como Tenente, antes de mandar as Legiões como Consul.* O Exercito de Minucio naõ teve parte alguma no despojo, por ter estado quasi em perigo de ser vencido. Os Romanos, com huma disciplina taõ ex-

exacta, e huns sentimentos taõ elevados, estando quasi sempre em guerra, necessariamente deviaõ ou morrer, ou sobjugar todos os demais Povos.

Os Tribunos impedem que o Povo se aliste.

Porém os Romanos naõ se podiaõ unir entre si. Os Tribunos, persistindo sempre em os seus projectos, impediraõ que o povo se alistasse, até que se lhes désse satisfaçaõ. O Senado recorreo a Cincinnato, o qual deixou o seu campo para o vir ajudar com os seus conselhos. Como as terras da Republica estavaõ assoladas, sem que ninguem pegasse nas armas, Cincinnato foi de parecer, que os Patricios unicamente com os seus Clientes marchassem contra o inimigo. O Povo envergonhado com aquelle exemplo, mostrou-se mais docil. Os Tribunos consentiraõ nas levas, com tanto que se augmentasse o seu numero de sinco. Cincinato, como Politico illuminado, julgou que os Tribunos seriaõ menos unidos á proporçaõ que chegassem a ser mais numerosos; e o Senado cedeo ás suas razões. Eis-aqui pois agora dez Tribunos do Povo. Grangear, e corromper hum Tribuno, era o meio de suspender as emprezas dos outros. Os novos Tribunos juráraõ entre si de sustentar o que a pluralidade decidisse em o seu conselho. Aquella harmonia naõ podia durar muito tempo.

Cincinnato faz augmentar o seu numero a fim de os dividir.

Fi-

O Senado consente na Lei Terencia. Creação dos Decemviros.

Finalmente, depois de novas disputas, onde se vê a animosidade, e a violencia, em lugar de zelo, e de Justiça, o Senado, temendo a total ruina da Republica, deo o seu consentimento á Lei Terencia. Resolveo-se que dez Commissarios seriaõ encarregados de compilar hum Corpo de Leis; que seriaõ revestidos por hum anno do Poder Soberano; que todas as Magistraturas cessariaõ naquelle espaço de tempo, sem exceptuar o mesmo Tribunato, cuja authoridade se havia conservado no tempo dos Dictadores; e que as sentencas dos Decemviros seriaõ sem appellaçaõ, aos quaes sómente pertenceria o poder de fazer a paz, ou a guerra. Os Tribunos naõ pudéraõ obter que houvessem Plebeos no numero daquelles novos Magistrados. Nomeou-se logo Appio Claudio, Consul naquelle tempo, filho do segundo Appio, que se havia morto pelas suas mesmas mãos. O seu Collega foi nomeado seu socio, com outros Consulares, e com tres Senadores, que tinhaõ ido, como deputados, a Athenas, a fim de fazer huma compilaçaõ das Leis da Grecia.

QUAR-

QUARTA EPOCA.
OS DECEMVIROS, E AS DOZE TABOAS.

Variações perpetuas em a Republica desde o anno de Roma 302, até o anno de 363.

CAPITULO I.

Desde a Creaçaõ dos Decemviros, até ao estabelecimento da Censura.

OS Decemviros, ou porque fossem animados com sentimentos patrios, dignos da sua importante Commissaõ, ou porque quizessem fazer firme, e permanente a sua authoridade, com hum principio respeitavel, governáraõ no principio como verdadeiros Pais da Patria. As insignias, e as demonstrações do Poder Consular estavaõ nas mãos de hum unico, e os outros sómente eraõ distinctos da Plebe por hum Official, que os precedia. Os Decemviros presidiaõ alternativamente, hum dia cada hum, e postos no Tribunal assim que amanhecia, terminavaõ as demandas com tanta bondade, como justiça.

302 Os Decemviros principiaõ com prudencia, e sabedoria.

O

O mesmo Appio chegou a ser as delicias do Povo, por quem antecedentemente era abominado; e Roma depois de tormentas taõ violentas, gozava de hum socego feliz, desconhecido depois de extincto o dominio dos seus Reis.

Leis das doze taboas approvadas pelo Povo.

Sendo a Legislaçaõ o principal objecto do novo Governo, os Decemviros trabalháraõ no seu Codigo com ardor. As Leis, que vieraõ de Athenas, foraõ interpretadas por hum Grego, desterrado de Efeso. Os Decemviros ajuntáraõ á compilaçaõ, que dellas fizeraõ, huma parte das antigas Ordenações Regias. Acabada esta obra, a expuzéraõ ao Publico em dez taboas de azinheira, convidando os Cidadãos para as examinar, para escolher, em huma palavra, para ser os seus proprios Legisladores. O Senado tinha approvado as Leis por hum Decreto. O Povo examina pouco o que deseja. Arrebatado com a fingida moderaçaõ dos Decemviros, confirmou as dez taboas em os Comicios por Centurias. As outras duas taboas propostas no anno seguinte, foraõ do mesmo modo acceitas, a pezar de hum artigo odioso, que prohibia aos Patricios alliarem-se com as familias plebeas.

Elogio que dellas faz Cicero.

Aquellas diversas Leis serviraõ sempre de fundamento para o Direito Publico,

co, e para o Direito civil dos Romanos. Cicero faz dellas hum magnifico Elogio: e naõ teme propôr que todos os principios da sociedade se achaõ em as doze Taboas, que saõ superiores a todas as Bibliotecas dos Filosofos, assim pelo pezo da authoridade, como pelas utilidades, que dellas resultaõ. » Porque, « diz Cicero, nós aprendemos na Sciencia do Direito Civil, que a honestidade, « e a virtude se devem preferir a tudo; « esta Sciencia nos mostra por huma parte o verdadeiro merecimento honrado « por meio das recompensas, das dignidades, e da gloria; por outra parte, os « vicios, e as injustiças castigadas por « meio de condemnações pecuniarias, de « ignominia, de prizaõ, dos açoites, do « desterro, e da morte; cujas lições nos « dá naõ por meio de dilatadas, e vãs « disputas; porém com hum tom de authoridade, que nos faz domar as nossas paixões, pôr hum freio aos nossos « desejos, e conservar os nossos bens « sem pôr nem olhos, nem mãos ávidas « no bem alheo. « (*L. I. de Orat.* 193.) Tal deveria ser a Legislaçaõ. De mais, esta descripçaõ parece mais persuasiva, do que verdadeira a certos respeitos.

As Leis das doze Taboas, das quaes res- Algumas

destas Leis eraõ crueis. resta unicamente hum pequeno numero de fragmentos, eraõ claras, e concisas, superiores neste ponto ás Leis de Solon, posto que muito menos conformes com a Humanidade. Estas Leis respiravaõ em diversos Artigos o espirito da Tyrannia, que os Decemviros naõ dissimuláraõ muito tempo. Os Pais conservavaõ a respeito dos seus filhos hum poder absoluto, e os Senhores a respeito dos seus escravos. Os devedores eraõ entregues ás violencias dos Crédores: depois do terceiro dia de mercado, os Credores podiaõ despedaçar o corpo de hum devedor, que naõ tinha por onde pagar, e dividillo entre si; (esta he a opiniaõ commum; porém póde-se acaso crer que huma Lei taõ atroz fosse recebida?) penas capitaes contra os Authores dos Libellos, e os Poetas; e outras muitas disposiçoẽs crueis, as quaes foi necessario logo suavizar, daõ a conhecer o espirito dos Legisladores.

Leis a respeito dos ladróes. Era licito matar, naõ sómente o ladraõ de noite, porém o ladraõ de dia, quando sendo perseguido, se defendia. A Lei obrigava, naõ obstante, a gritar naquella occasiaõ, e a chamar os Cidadãos. « Esta he huma cousa, diz Montesquieu, « que as Leis, as quaes permittem fazer-« se justiça a si mesmo, devem sempre « exi-

« exigir: o exclamar da innocencia, he « quem no mesmo instante da acçaõ, « chama testemunhas, chama Juizes. » O ladraõ sorprendido com o furto devia ser açoutado, e reduzido a ser escravo, se tivesse a idade de puberdade; aquelle que tivesse já occultado o seu roubo, era sómente condemnado a pagar o valor duplicado. Por que razaõ havia huma semelhante differença?

A respeit das Succes sões, e do Testamentos.

Os parentes da parte materna naõ succediaõ, a fim que os bens naõ podessem passar de huma para outra familia; porém todos podiaõ fazer o seu testamento, e eleger para herdeiro tal Cidadaõ, que quizessem, em prejuizo dos seus proprios filhos: o Pai, tendo o direito de vender os seus filhos, com maior razaõ os podia desherdar. Acaso esta só determinaçaõ naõ prova que as Leis Romanas taõ louvadas, eraõ sujeitas a grandes abusos? Roma tinha com tudo grande utilidade em receber Leis, que servissem de huma regra determinada, e fixa para os Cidadãos; e provavelmente o Povo considerou mais aquella vantagem, do que os inconvenientes de algumas tyrannicas disposições.

Os Proces sos logo julgados.

Duas Leis daquellas deviaõ produzir hum bem infinito, resumindo, e abreviando os Processos. As mesmas Leis or-

denaõ que se os Litigantes naõ concordaõ entre si, o Juiz tome conhecimento da sua causa desde o nascer do Sol até ao Meio-Dia, e que a sentença se passe antes do Sol se pôr. Pela continuaçaõ do tempo, viraõ-se obrigados a conceder hum pouco mais tempo, porque as Causas chegavaõ a ser mais numerosas, e mais difficultosas; porém os Romanos naõ conhecêraõ nem os desvios, nem as dilações da trapaça moderna, que muitas vezes fazem triunfar a injustiça, arruinaõ igualmente ambos os partidos, e fazem ser os Processos hum dos maiores flagellos da Sociedade.

Os Decemviros fazem-se Tyrannos.

Se o Decemvirato sómente tivesse produzido as doze Taboas, teria sido huma Epoca gloriosa para a Republica. Porém degenerou em Tyrannia. Appio conseguio, por meio da sua hypocrisia, e da sua docilidade, fazer-se nomear segunda vez para servir naquella Magistratura, estabelecida sómente por hum anno. Concedêraõ a Appio os collegas que quiz, e logo o mesmo Appio juntamente com os seus collegas tiráraõ a mascara. Foraõ estes dez Tyrannos, unidos com mutuas obrigações, cada hum escoltado por doze Lictores, pizando aos pés as Leis, e os Cidadãos, exercendo hum terrivel Despotismo, do qual fugiraõ os principaes do

do Estado. Acabado o anno, os Decemviros conserváraõ o seu Emprego sem consentimento nem do Povo, nem do Senado. Ter-se-hia dito, que as doze Taboas tinhaõ estabelecido o direito do mais poderoso.

Dentato assassinado por ordem dos Decemviros.

Hum Povo, tal como os Romanos, cioso da liberdade, e costumado a desprezar a morte, naõ podia soffrer por muito tempo huma violenta oppressaõ. Dous crimes atrozes precipitáraõ a ruina dos Decemviros, os quaes tinhaõ levantado tropas contra os Equos, e Sabinos, que aproveitando-se da fraqueza de Roma, vinhaõ assolar o seu territorio. Aquellas legiões descontentes deixáraõ-se vencer. Sicinio Dentato (a quem Tito-Livio dá o nome de L. Siccius) hum dos seus Officiaes mais valerosos, Plebeo zeloso, taõ livre nos seus discursos, como intrepido em os combates, foi assassinado á traiçaõ por ordem dos Tyrannos. O attentado de Appio contra Virginia ainda os fez mais abominaveis.

Attentado de Appio contra Virginia.

Appio tendo ficado em Roma, em quanto os seus Collegas peleijavaõ, namorou-se de Virginia, filha de Virginio, Plebeo valente, a qual estava promettida em matrimonio a Icilio, Tribuno antigo do Povo. Appio depois de vãs tentativas para satisfazer a sua paixaõ, quiz co-

como Juiz, mandar arrebatar aquella, que tinha resolvido deshonrar, suppondo-a filha de huma Escrava de hum dos seus Clientes, que a reclamava. Icilio defende Virginia com o ardor de hum amante; o Povo move-se, e Appio he expulsado do seu Tribunal. Porém a força o teria logo feito triunfante, se Virginio, advertido do perigo da sua filha, naõ tivesse partido com diligencia do campo em que estava, para voar a seu soccorro. Virginio chega, litiga a sua causa, e vê o formidavel Decemviro prompto para mandar executar huma sentença de rapto. Virginio, transportado, e fóra de si mesmo, a fim de salvar a honra de sua filha, passa-lhe o seu peito com huma faca, e mostrando a Appio a ensanguentada faca: *He por este sangue*, lhe disse Virginio, *que eu faço voto da tua cabeça aos Deoses infernaes*. Appio ordena que o prendaõ, porém em vaõ. Virginio abre caminho por entre o Povo, cujo odio excita contra os Tyrannos; e vai espalhar entre os soldados o desejo da liberdade, e da vingança.

Virginio mata sua filha a fim de salvar a sua honra.

Humas Scenas taõ tragicas naõ deixaõ de produzir o seu effeito, quando os Homens soffrem o jugo com impaciencia. Excepto hum numero pequeno de almas servís, todos abandonáraõ os Decem-

304 Abrogaçaõ do Decemvirato.

cemviros, e se entregáraõ aos sentimentos Republicanos. Ambos os Exercitos se ajuntáraõ no Monte Sagrado, para onde o Povo os seguio, e acompanhou em grande multidaõ. O Senado naõ sabia que partido devia tomar. Finalmente tendo sido obrigados os Decemviros a depôr o seu poder por causa do geral clamor, mandáraõ dous Deputados ao Povo, Horacio, e Valerio, seus inimigos, com pleno poder de concluir a pacificaçaõ. Restabelece-se o Tribunato, e o direito de appellaçaõ, considerados como o fundamento da liberdade; abroga-se o Decemvirato, porém sem permittir violencia alguma contra os Decemviros. Valerio, e Horacio foraõ eleitos Consules. Humas Leis populares, que estes estabelecêraõ, augmentáraõ a affeiçaõ, que todos lhes tinhaõ. Os mesmos Consules prohibiraõ que se creasse Magistratura alguma, da qual naõ fosse permittido appellar, e ordenáraõ que as Leis plebeas emanadas dos Comicios por Tribus, obrigariaõ a todos os Cidadãos, assim como as Leis emanadas dos Comicios por Centurias. Esta Lei muito favoravel para os Tribunos naõ podia deixar de affligir o Senado, que foi obrigado a consentir nella por causa das circunstancias.

Novas Leis em utilida de do Povo

Virginio era Tribuno, e desejava mui-

Os Decen viros cast gados.

muito mais do que os seus Collegas castigar os Decemviros. O mesmo Virginio declara-se por accusador de Appio, e o manda prender, naõ obstante huma appellaçaõ ao Povo, dizendo que hum monstro naõ estava no caso de reclamar a protecçaõ das Leis, e que merecia ser posto na mesma prizaõ, á qual elle mesmo chamava insolentemente a *habitaçaõ dos Plebeos.* Appio morre na prizaõ antes do dia da sentença, ou fosse por huma morte voluntaria, como certifica Tito-Livio, ou fosse por ordem dos Tribunos, como conjectura Dionysio de Halicarnasso. Oppio, outro Decemviro, he accusado, e morre do mesmo modo. Os outros oito desterraõ-se voluntariamente a fim de se pôr em seguro. Os seus bens saõ confiscados; depois publica-se hum perdaõ geral, que dissipa os temores.

Os Tribunos pretendem conservar-se no emprego.

A desgraça da Sociedade he, que os Homens raras vezes se contem em os limites da Justiça; e que os mais ansiosos em punir o abuso da authoridade em os outros, abusaõ voluntariamente da sua, quando tem o seu poder. Os Tribunos pretendiaõ conservar os seus Empregos, e talvez se fariaõ taõ perversos como os Decemviros, se naõ tivessem tido por collega Duilio, Homem sabio, e bom Cidadaõ, o qual fez frustrar o seu pro-

jecto.

jecto. Por outra parte o Senado mostrava-se pouco recto. Os Consules Valerio, e Horacio tendo derrotado os inimigos, o Senado lhes negou a honra do triunfo, por causa do descontentamento de serem populares. Quando se naõ faz justiça aos outros, o prejuizo sempre cahe naquelle mesmo, que naõ a faz. Os Consules, picados contra o Senado, dirigiraõ-se ao Povo, e obtiveraõ o seu triunfo.

Injuſtiça do Senado para com os Conſules populares.

Porem o Povo, menos illustrado, e mais inclinado aos excessos, logo se deshonrou por meio de huma injustiça a mais infima. Os Aricianos, e os Ardeatas disputando entre si hum territorio, o elegêraõ para arbitro da sua differença. Hum velho Plebeo declarou que aquelle territorio pertencia a Roma, sendo huma dependencia de Coriolos; e aconselhou se tomasse posse do territorio. Em vaõ representáraõ os Consules, quanto seria odioso hum procedimento semelhante, o qual tiraria aos Romanos a estimaçaõ, e a confiança das Nações; e que em materia de honra, e de probidade, as perdas eraõ inestimaveis. As suas demonstrações foraõ inuteis, e as Tribus se adjudicáraõ o territorio, sem pensar que algum dia se envergonhariaõ daquella infamia. Pouco tempo depois o Senado fez tudo quanto pô-

Injuſtiça do Povo, o qual ſe adjudica hum territorio, de que era arbitro.

pôde para a desvanecer, entregando as Terras.

308 Novas dissensões.

As intestinas discordias, flagello unido de algum modo ás Republicas, cuja constituiçaõ está ainda fluctuante, reinavaõ em Roma mais do que nunca. Cada Tribuno queria fazer-se notavel por meio de victorias a respeito do Senado: porque quando se alcançaõ felizes successos nas suas emprezas, sempre se fazem mais atrevidos. Os Matrimonios entre os Patricios, e os Plebeos eraõ prohibidos por huma Lei das doze Taboas; o que levantava entre aquellas duas Ordens huma barreira odiosa. Os primeiros, possuidores do Consulado, julgavaõ realmente ser nascidos para o Imperio: os outros, soccorridos pelo Tribunato, tendiaõ continuamente ao restabelecimento da igualdade natural.

Liberdade dos Matrimonios entre os Patricios, e os Plebeos.

Canuleio, Tribuno atrevido, favorecido pelos seus Collegas, protestou solemnemente oppôr-se a qualquer leva de tropas, até conceder-se a liberdade dos Matrimonios, e regular-se que tanto os mesmos Plebeos, como os outros, poderiaõ ser nomeados Consules. Nas vesperas de huma guerra era necessario haver condescendencia. O Artigo dos Matrimonios se conced o. Porém com o receio de fazer o Consulado vil, os Senadores propuzéraõ a Creaçaõ de

de tres Tribunos Militares, os quaes occupariaõ o lugar de Consules, e seriaõ eleitos indifferentemente entre os Patricios, e os Plebeos. O Povo tendo approvado aquelle projecto, deo huma singular prova de moderaçaõ; e nomeou tres Patricios para a nova Dignidade. Estes renunciáraõ alguns mezes depois, porque os auspicios, segundo se dizia, naõ tinhaõ sido favoraveis. Este foi, sem duvida, hum artificio do Senado, para repôr as cousas no antigo pé. O Consulado foi effectivamente restabelecido. Os Tribunos naõ tinhaõ interesse algum em se lhes oppôr desde que o Povo estava resoluto a dar os seus votos aos Patricios, cujos talentos, e sagacidade mereciaõ a preferencia.

Tres Tribunos Militares, em lugar de Consules.

CAPITULO II.

Desde o estabelecimento da Censura, até ao desterro de Camillo.

HAVIA dezesete annos, que se naõ tinha feito o Censo, ou a resenha dos Cidadãos, e a interrupçaõ deste sabio, e prudente uso perturbava a ordem da Republica. Os Consules Quincio Capitolino, e M. Geganio, cuidáraõ em o restabelecer.

310 Estabelecimento dos Censores.

cer. Cheios, e opprimidos com negocios, a fim de satisfazer por si mesmos a hum emprego semelhante, como faziaõ os antigos Consules, introduziraõ huma nova Magistratura, que foi encarregada daquelle cuidado. Tal foi a origem dos Censores. A sua Dignidade pareceo logo taõ pouco importante, que os Tribunos naõ se dignáraõ de a disputar aos Patricios; porém em poucos annos se levantou quasi em parallelo com o Consulado. A Censura adquirio a inspecçaõ dos costumes, o direito de punir, e de degradar qualquer Cidadaõ, que fosse. A vigilancia das rendas, e a conservaçaõ dos edificios publicos se lhe confiáraõ. A' Censura he que se deve attribuir em parte a gloria, e a prosperidade de Roma; *porque*, segundo a excellente observaçaõ de Montesquieu, *ha huns máos exemplos, que saõ peiores do que alguns crimes*; *e muitos Estados acabáraõ mais depressa, por violar os costumes, do que por violar as Leis.* Os Censores, reprimindo o vicio, apartavaõ hum contagio fatal, que altera, dissolve, e extingue cedo, ou tarde o Corpo Politico.

Quanto augmentou a sua authoridade.

O tempo deste Emprego determinado em sinco annos, de hum até outro lustro, se reduzio pouco tempo depois a dezoito mezes; de modo que no es-

Duraçaõ da Censura.

espaço do resto do lustro, naõ havia Censores. O Dictador Emilio fez aquella mudança em 319. Assim que o Povo a approvou, Emilio renunciou a Dictadura, *a fim de mostrar, que os Empregos de dilatada duraçaõ naõ saõ do meu gosto*, disse o mesmo Emilio. Ambos os Censores daquelle tempo, indignos certamente do seu lugar, vingáraõ-se mandando riscar o nome de Emilio do registo da sua Centuria, o que era o mesmo, que privallo do direito de voto; e sujeitando-o a hum tributo oito vezes maior do que aquelle, que costumava pagar. Este grande Homem suspendeo a indignaçaõ do Povo, prompta a manifestar-se contra elles. Emilio desprezou huma ignominia, cuja causa era honorifica.

Injustiça dos Censores a respeito de Emilio.

Roma agitada sempre com partidos, e sempre em guerra com os seus visinhos, variou ainda muitas vezes em os seus systemas de Governo, teve novos Tribunos Militares, cujos lugares foraõ occupados novamente pelos Consules, e vio renascer as queixas dos Tribunos do Povo, a respeito dos Cargos, que se deixavaõ para os Patricios, e a respeito das Terras, cuja divisaõ se requeria. A Historia faz-se enfadonha com a repetiçaõ destas individuaçóes uniformes, das quaes deixo muitas, que seriaõ de pouca utilidade.

Variações, e perturbações em o Governo.

O

General morto pelos ſeus Soldados.

O Consul Posthumio, apedrejado pelos seus soldados, aos quaes o tinha feito odioso huma excessiva severidade, he o primeiro exemplo, depois da fundaçaõ de Roma, de hum General morto pelas tropas. Quando a Disciplina fôr destruida juntamente com os costumes, veremos que o proprio sangue dos Cesares naõ se conservará.

347 Dá-ſe huma paga ás tropas da Infantaria.

Em o mesmo tempo acha-se hum Decreto do Senado, para conceder huma paga aos Soldados, que servissem na Infantaria. O Povo gostoso applaudio muito hum Decreto semelhante. O serviço militar, que o Povo fazia á sua custa, era a causa dos emprestimos, da miseria, e das perturbações. O mesmo Povo deo testemunhas do mais forte reconhecimento aos Senadores, protestando que qualquer Cidadaõ prodigamente derramaria dahi por diante o seu sangue pela defeza da Patria, sentimento digno de hum Povo semelhante.*

Os Tribunos ſe lhe oppóem, porém em vaõ.

Os Tribunos, dispostos a hir contra tudo o que o Senado fazia, excla-má-

* No tempo de Polybio, o ſimples Infante tinha dois obolos por dia, o Centuriaõ quatro, e o Cavalleiro seis. Segundo Polybio, o alqueire de trigo valia ordinariamente quatro obolos, e era ſufficiente para qualquer ſoldado, para oito dias. A paga, em conſideraçaõ do alimento, era pois muito grande: porém nada mais ſe dava aos Soldados, como se dá hoje em dia.

máraõ contra aquelle Decreto, com hum zelo affectado; dizendo que a paga militar seria hum pezo para o Povo; que os soldados antigos, depois de ter servido á sua custa, naõ consentiriaõ que os novos fossem pagos da sua fazenda; e finalmente que huma semelhante innovaçaõ, chegaria a ser funesta á Republica, procurando algumas utilidades aos particulares. As suas declamações principiavaõ a persuadir os animos. Porém tendo-se os Patricios taxado generosamente, e os ricos Plebeos tendo seguido o seu exemplo, desvanecêraõ-se as murmurações; os mesmos pobres quizeraõ contribuir, e o Senado concebeo maiores intentos.

Utilidades desta instituiçaõ.

A guerra, até áquelle tempo, sómente tinha consistido em algumas incursões pelas terras inimigas, e em combates raras vezes decisivos. Qualquer campanha de vinte, ou trinta dias exhauria os recursos do soldado: era necessario voltar com diligencia, e nada se acabava. Huns exercitos entretidos á custa da Republica, eraõ os unicos, que podiaõ extender longe o seu poder. Logo esta mudança he notavel. O estabelecimento das tropas pagas fará a mesma Epoca em as Monarquias modernas.

348. Famoso si-

Resolveo-se logo o sitio de Veios, Ci-

tio de Veios.

Cidade de Etruria, visinha de Roma, rica, forte, e inimiga mortal dos Romanos; os quaes a accommettêraõ com hum methodo, de que a sua Historia ainda naõ deo exemplo algum. Os Romanos fizeraõ linhas de circunvallaçaõ, e contravallaçaõ, humas a fim de se acautelar contra as sahidas, e as outras contra os ataques dos que viessem soccorrer os sitiados. Os Tribunos Militares (porque naquelle tempo naõ havia Consules) querendo passar o Inverno em as linhas, ordenáraõ que as tropas construissem barracas naquelle sitio. Os Tribunos foraõ logo obedecidos, pois os soldados preferiaõ o campo á Cidade, onde a sua paga cessaria. Porém hum projecto taõ util, chegou a ser para os Tribunos do Povo hum assumpto de queixas, e de injurias; clamáraõ que os Generaes tinhaõ conjurado a perda dos soldados, e attentado contra a liberdade publica; tanto arruina as melhores cousas o espirito de partido. Felizmente naõ foraõ acreditados. Sorprendidos os sitiantes pelos Veienses, e vendo queimadas todas as suas maquinas, huma fatalidade semelhante, longe de excitar murmurações, reduplicou o zelo dos Cidadãos. Ricos, e pobres requerêraõ que queriaõ servir naquelle sitio, promettendo de naõ voltar senaõ depois da tomada de Veios.

Quexas injustas dos Tribunos contra os Generaes.

A

A discordia dos Generaes, a violenta paixaõ dos Tribunos do Povo, a peste, a superstiçaõ, e os esforços dos inimigos prolongáraõ a guerra. Camillo, creado Dictador, era digno de a terminar. O mesmo Camillo mandou abrir hum caminho subterraneo, a fim de penetrar dentro da Praça, que naõ esperava tomar de assalto. Acabada a obra, julgando-se Camillo certo, e seguro do feliz successo, escreveo ao Senado para saber o emprego, que se pretendia fazer do despojo. Depois de algumas contestações, se declarou que o despojo se dividiria entre o Exercito, e todo áquelle que ao Exercito se ajuntasse. Este era o meio de augmentar repentinamente o Exercito. Em quanto huma parte dos Romanos accommettiaõ as muralhas, os mais entráraõ pelo subterraneo da Cidade: Veios foi tomada depois de hum sitio de dez annos (357). Hum Tribuno pretendia que ametade dos Cidadãos se estabelecessem em Veios. Camillo, e o Senado reprováraõ prudentemente aquella proposiçaõ, receando que Roma, e Veios naõ chegassem a ser as Capitaes de dous Estados. Distribuiraõ-se sómente Terras por aquelles, que quizessem formar huma Colonia na Terra dos Veienses.

Camillo toma Veios depois de hum ſitio de dez annos.

Propoſiçaõ de eſtabelecer em Veios ametade dos Cidadãos.

Tomada de Falerias pelo mesmo General.

Falerias, Cidade dos Faliscos, foi sitiada algum tempo depois. Parece difficultoso crer-se que hum Mestre de escola, sahindo todos os dias da Praça com os seus discipulos, chegasse ao campo de Camillo, para lhe entregar aquella mocidade. Porém naõ se póde deixar de applaudir a acçaõ ou verdadeira, ou falsa do General. As palavras, que Tito-Livio põe na sua bocca, saõ a Lei da Humanidade: *Sem estar unidos por meio das convenções com os Faliscos, nós o estamos, e estaremos sempre unidos por meio da Natureza. A guerra tem suas leis, assim como a paz, e nós sabemos fazer a guerra com tanta justiça, como com valor.* Camillo, segundo o Historiador, enviou o traidor, com as maõs prezas atraz, açoutado pelos seus discipulos; e os sitiados admirados da virtude dos Romanos, pediraõ logo a paz.

Camillo accusado por hum Tribuno.

Voto que Camillo tinha feito.

Com tudo Camillo he accusado por hum Tribuno, de se ter apropriado de huma parte do despojo de Veios. He verdade, que Camillo depois da distribuiçaõ dos despojos, tinha pedido a decima parte delles, a fim de cumprir hum voto em honra de Apollo. Os Pontifices foraõ consultados a respeito daquelle voto, que se cumprio com fervor; e até as mesmas Mulheres concorrêraõ para elle sa-

sacrificando as suas joias. Rollin faz neste lugar huma reflexaõ, da qual se poderia abusar. « Os Romanos naõ ignoravaõ, « diz Rollin, que o voto he hum con- « trato, que se ajusta com a Divindade, « e huma promessa solemne que se lhe « faz, da qual naõ se permitte diminuir « de nenhum modo cousa alguma; e que « se he hum crime faltar á palavra a res- « to dos Homens, he huma impieda- « de, e hum sacrilegio faltar á palavra á « respeito de Deos. « Este pio Escritor naõ deveria accrescentar, que huns votos inspirados pela superstiçaõ pódem ser hum grande abuso; que neste caso naõ se lhes deveria applicar tanto valor; e que os Romanos mereceriaõ maiores elogios, se a sua piedade houvesse sido mais solida? A sua falsa Religiaõ os obrigou muitas vezes a cumprir votos; que huma razaõ illuminada impediria fazer.

Reflexaõ de Rollin a respeito do voto.

Seja o que for a respeito do voto de Camillo, o Povo irritou-se contra a sua pessoa, naõ sómente por causa da perda daquella porçaõ do despojo, que se lhe havia tirado, mas porque o General triunfára de hum modo muito cheio de fasto. Camillo desterrou-se voluntariamente, a fim de prevenir huma sentença injusta; supplicando aos Deoses, segundo alguns Escritores, que reduzissem a sua

Camillo desterra-se voluntariamente.

Patria ingrata a que sentisse a sua falta Aristides partindo para o seu desterro fez supplicas inteiramente contrarias. Se o Grego excede ao Romano na virtude, Roma naõ he menos competidora de Athenas na injustiça. Todo o merecimento superior, como Cicero observa, foi sempre a victima da perseguiçaõ em as antigas Republicas. *Que ninguem seja superior entre nós*, disseraõ os Efesios desterrando a Hermodoro; *se se encontrar qualquer Homem eminente, se retire logo para qualquer outro Povo.* (Tusc. 5.) Aquelle absurdo Proverbio, descreve hum sentimento muito commum naquelle tempo. Porém a necessidade faz sentir a falta dos Homens grandes. Os Romanos julgáraõ logo que naõ se podia achar Romano, que se substituisse a hum Camillo.

Os Homẽs grandes perseguidos em as antigas Republicas.

QUIN-

QUINTA EPOCA.

ROMA TOMADA PELOS GAULEZES.

Progressos dos Romanos na Italia, desde o anno de Roma 363, até 471.

CAPITULO I.

Irrupçaõ dos Gaulezes na Italia. —— Tomada de Roma. —— Leis de Licinio, &c.

Irrupçaõ dos Gaulezes na Italia.

OS Gaulezes, habitadores da Gaula Celtica, entre os Rios Sena, e Garona até aos Alpes, fizeraõ huma irrupçaõ na Italia no Reinado de Tarquino I.; depois vieraõ varias vezes procurar estabelecimentos na mesma Italia. Attribue-se aos Gaulezes a fundaçaõ de Milaõ, de Como, de Brescia, de Cremona, e de algumas outras cidades. Hum novo enxame daquelles Barbaros foi attrahido por Aruns, de Clusia na Etruria, a quem os seus Concidadãos naõ tinhaõ feito justiça (362). Os vinhos de Italia foraõ, segundo dizem, o attractivo, que Aruns offereceo aos Gaulezes, para os interessar na sua contenda. Clusia

Clusia implora o soccorro dos Romanos.

sia sitiada implorou o soccorro de Roma. Posto que o Senado naõ tivesse razaõ alguma particular para se interessar na sórte dos Etruscos, com tudo mandou tres Patricios mancebos, com ordem de contratar a paz. A imprudencia dos Embaixadores deo motivo para que toda a tormenta cahisse sobre a mesma Roma.

Os Embaixadores de Roma violaõ o direito das gentes.

Os Embaixadores perguntáraõ a Brenno, Chéfe dos Gaulezes, qual era o direito, que tinha a respeito da Etruria. Brenno respondeo que os Clusienses tendo terras inuteis, recusavaõ injustamente cedellas aos Gaulezes, os quaes tinhaõ nellas tanto direito, como os Romanos a respeito das terras, das quaes se haviaõ apoderado; que tudo pertencia á gente valerosa, e que a espada lhe dava o seu direito. Estas razões descrevem o caracter do Povo, a quem ellas eraõ familiares. Os Embaixadores, dissimulando a sua indignaçaõ, supplicáraõ que queriaõ entrar na Praça, com o pretexto de conferir com os sitiados. Porém em lugar de inspirarem a paz, puzeraõ-se á frente dos Clusienses, e derrotáraõ os Gaulezes.

Brenno pede satisfaçaõ, mas debalde.

Immediatamente Brenno marcha para Roma, manda por hum Rei de armas pedir satisfaçaõ, e pretende que os cul-

culpados sejaõ entregues á sua vingança. O Senado perplexo deixa ao Povo a decisaõ daquelle negocio. Os Embaixadores em lugar de serem condemnados, saõ nomeados Tribunos Militares para o anno seguinte; o que era provocar os Gaulezes. Brenno precipitou a sua marcha, certificando ser seu unico intento assolar, e destruir os Romanos.

363 Batalha de Allia seguida da tomada de Roma.

Os Romanos governados por seis Tribunos Militares, e sem Consules, partiraõ ao encontro do inimigo com forças muito desiguaes, e muito mais fracas por causa da relaxaçaõ da disciplina. Sómente o numero dos seus Generaes era hum grande inconveniente. Os Romanos ficáraõ derrotados na batalha de Allia, quasi sem combater. Naõ se tinhaõ consultado os agouros, que eraõ taõ respeitados pelo Povo, por causa da politica superstiçaõ do Senado: este foi sem duvida hum motivo da falta de valor dos soldados. Roma encheo-se de consternaçaõ, e de terror. Os Velhos, as Mulheres, e os Meninos, todos se refugiáraõ em as Cidades visinhas. A mocidade mette-se no Capitolio, a fim de o defender até á ultima extremidade.

Voto dos Senadores velhos.

Oitenta Senadores illustres fazem voto de se sacrificarem á morte; sacrificio patriotico, ao qual se unia a virtude de atemo-

morisar os inimigos. Os Gaulezes chegaõ, e mataõ cruelmente aquelles veneraveis Homens immoveis nas suas cadeiras Curules. Os mesmos Gaulezes atacáraõ o Capitolio, e tendo sido rechaçados, deitaõ fogo á Cidade. Neste tempo he, que os antigos Monumentos Historicos se queimáraõ.

Camillo perdoado, e nomeado Dictador.

Se Camillo tivesse preferido o triste gosto da vingança ás obrigações de Cidadaõ, Roma ficava perdida sem recurso algum. Porém Camillo sempre sensivel ao amor da Patria, e talvez á ambiçaõ de mandar os Romanos, empenhou os Ardeates, entre os quaes vivia desterrado, para tomarem armas contra os Gaulezes, huma parte dos quaes assolavaõ os campos, que havia nos suburbios de Roma. Camillo derrotou hum destacamento. Os Romanos animando-se novamente, lhe supplicáraõ que se puzesse na sua frente. Persuadido Camillo que o Poder Supremo residia naquelles, que defendiaõ o Capitolio, pretendeo obter a sua approvaçaõ, como necessaria. Hum Mancebo Plebeo se encarregou daquella perigosa commissaõ, e veio outra vez annunciar a Camillo, que estava nomeado Dictador.

O Capitolio salvado por Manlio.

Manlio, Consul antigo, salvou o Capitolio accommettido de noite pelos Gau-

Gaulezes. Póde-se duvidar que os gansos mais vigilantes, do que os cães, occasionassem o rebate, e acordassem Manlio. Porém assegura-se, que os gansos depois d'aquella occasiaõ se honráraõ em Roma, onde os cães foraõ abominados, e até castigados; porque naõ se deixava de empalar hum caõ todos os annos. Humas semelhantes ridicularias conservavaõ o Povo supersticioso na idéa, que o Ceo fazia Milagres pela Republica. Como os gansos eraõ consagrados a Juno, Juno sem duvida tinha empregado os seus clamores pela salvaçaõ de Roma.

Fabula dos gansos.

As circunstancias, que se seguem naõ tem maior probabilidade. Conforme Tito-Livio, e a multidaõ dos Historiadores, depois de sete mezes de bloqueio, os sitiantes, e os sitiados igualmente abatidos por causa da falta de viveres, e das enfermidades, começaõ a ter huma conferencia: Brenno pretende mil marcos de ouro; por semelhante preço ajustaõ-se a comprar huma paz vergonhosa; Sulpicio traz a quantia, e queixa-se de que os Gaulezes se servem de balança falsa; Brenno em resposta augmenta ao pezo a sua espada, exclamando; *desgraçados os vencidos*. Camillo chega naquelle mesmo instante, e como Dictador desfaz o ajuste: *He o ferro*, exclama Camillo, *e naõ o ou-*

Circũstancias pouco provaveis da salvaçaõ de Roma.

o ouro, que deve resgatar os Romanos. Combate-se de huma, e de outra parte; os inimigos saõ mortos cruelmente, dos quaes nem hum só fica para levar á Gaulia a noticia do desastre.

Relaçaõ contradictoria de Polybio.

Independentemente das maravilhas, que fazem aquella narraçaõ muito suspeitosa, a relaçaõ de Polybio naõ permitte dar-lhe fé. Polybio nos refere que os Gaulezes se ajustáraõ com os Romanos, restituiraõ-lhes a Cidade, e foraõ defender o seu proprio territorio accommettido pelos Venetos. Como desprezáraõ os authores Inglezes da Historia Universal huma observaçaõ taõ util, e taõ importante, que faz Rollin a pezar da sua pouca critica?

A Cidade reedificada sem arte.

Roma foi reedificada em hum anno, semelhante a huma Aldea, sem alinhamento algum, nem ordem: os canos se acháraõ debaixo das proprias casas dos particulares. Os Romanos em quanto ás Artes, em lugar de fazerem progressos, parecem ter declinado desde o estabelecimento da Republica. Os mesmos Romanos mais socegados no tempo dos Reis, pudéraõ executar, sem duvida, Obras mais excellentes. Além de que tudo sentia a confusaõ occasionada pelas circunstancias dos negocios.

Manlio ac-

Manlio, o Salvador do Capitolio, Pa-

Patricio distincto por causa dos seu serviços, o qual tinha merecido, e obtido trinta e sete recompensas militares, Corôas civicas, Corôas muraes, e outras muitas, (porque honrar o valor era hum dos principaes objectos da Politica Romana para o excitar); Manlio aspirava, segundo dizem, á suprema authoridade, sustentava, animava os plebeos contra os Nobres; pagava as dividas dos pobrés, livrando-os da perseguiçaõ dos seus Credores, e empregava o perigoso talento de lisonjear, e de grangear o Povo, com a idèa de o sujeitar. Porém o mesmo Manlio foi, como outros muitos a victima daquella ambiçaõ. Cosso, nomeado Dictador pelo Senado, o mandou prender, sem ninguem se atrever a pôr-lhe obstaculo. Tal era o Imperio da Dictadura.

cuſado por aſpirar á Tyrannia.

370 Manlio he punido cõ a pena de morte.

Manlio solto da prizaõ, assim que Cosso renunciou a sua Dignidade, renovou todas as suas intrigas. Manlio foi accusado perante o Povo. Os Historiadores dizem, que a fim de o fazer condemnar, foi necessario fazer a Assemblea fóra do campo de Marte, em hum lugar, donde se naõ podesse descobrir o Capitolio; taõ grande era a impressaõ, que aquelle objecto fazia em seu favor. Manlio foi precipitado do proprio Capitolio.

O

O Povo arrependendo-se, e chorando a sua perda, julgou que Jupiter colerico o vingava por meio de huma peste, que sobreveio immediatamente depois do seu supplicio.

Passo semelhante de Melio, succedido antecedentemente.

Muitos annos antes, (314) Melio, Cavalleiro Romano, havia-se feito do mesmo modo suspeito de aspirar á Tyrannia, distribuindo trigo pelo Povo em huma occassiaõ de fome. Cincinnato muito velho naquelle tempo, foi revestido da Dignidade de Dictador; e Servilio, General da Cavallaria, matou Melio, ao qual o Povo tinha tirado das mãos do Lictor. O Dictador felicitou a Servilio por ter livrado a Patria de hum Tyranno.

Póde-se suspeitar o Senado de injusto nestas accusações.

Etas especies de successos, frequentes na Historia, naõ provaõ talvez menos o inquieto ciume do Senado, do que o odio da Dignidade Real. O amigo do Povo dava sempre motivo de desconfiança aos Patricios; os quaes, duvido, que escrupulizassem a respeito das provas de Tyrannia, que fizeraõ morrer tantos Cidadãos illustres. O exemplo dos Graccos confirmará adiante esta conjectura. Tomemos outra vez o fio dos successos.

A vaidade de huma Mulher dá occasiaõ a grandes projectos.

As guerras pequenas começaõ de novo com os visinhos de Roma; porém o unico objecto digno de nos demorar, saõ as domesticas perturbações, e as mudan-

danças, que ellas occasionaõ. A vaidade de huma mulher dispõe o Povo para conseguir huma vantagem, que sempre se lhe tinha disputado. Duas filhas de Fabio Ambusto, Patricio, eraõ casadas, huma com hum Plebeo rico; a ultima achando-se hum dia em casa de sua Irmã, e vendo as honras que lhe faziaõ, como Mulher de hum dos primeiros Magistrados, preoccupou-se de huma violenta tristeza por se ver confundida com a Plebe. Esta Mulher apparecia sempre chea de melancolia. Seu Pai querendo saber a causa, lhe arrancou finalmente o seu segredo. *Vós me casastes*, lhe disse aquella filha, *em huma familia excluida das honras da Republica. Que differença entre minha Irmã, e eu!* Fabio a amava ternamente, e lhe prometteo que os seus desejos se satisfariaõ.

Nunca a experiencia provou melhor, como as pequenas causas pódem produzir grandes effeitos. Este Pai naõ pensou mais do que nos meios de satisfazer a sua filha. Licinio seu Esposo, e Sextio, Plebeo moço de hum merecimento superior, abraçáraõ as mesmas idêas de Fabio. Tendo estes sido eleitos Tribunos do Povo, propuzéraõ differentes Leis contrarias directamente aos interesses do Senado. Licinio, e Sextio queriaõ que se abolisse so-

377 Leis de Licinio contra os interesses do Senado.

sobre tudo o Tribunato Militar, que o Consulado se restabelecesse, e hum dos Consules fosse dalli em diante Plebeo. A fim de mandar publicar aquella Lei, accrescentáraõ-lhe outras duas mais formidaveis para os Patricios: A primeira, que se diminuiria do principal das dividas tudo o que estivesse pago em juros, e que o resto se satisfizese em tres pagamentos iguaes de hum para outro anno: a segunda, que nenhum Cidadaõ possuisse mais de quinhentas geiras de Terra, e o excedente se distribuisse pelos pobres, que naõ possuissem herdades algumas.

Os Tribunos oppostos entre si.

Facil he imaginar-se quanto inquietáraõ o Senado, e quanto alteráraõ o Povo aquellas Leis. A discordia se excita, multiplicaõ-se as intrigas, tudo chega a ser partido, tudo tumulto. Os Patricios recorrem á Politica: grangeáraõ os outros Tribunos, que com huma só palavra suspendem as deliberações, e impedem se recolhaõ os votos. Licinio, e Sextio, voltando as mesmas armas contra os seus Collegas, oppõem-se á eleiçaõ dos Magistrados, e continuando sempre em o seu Emprego, renovaõ as mesmas opposições sinco annos successivos. Deste modo vieraõ a cahir em huma verdadeira Anarquia. Huma guerra contra Velitres fez conhecer a necessidade, que ha-

Anarquia de sinco annos.

via

via de Chefe. Seis Tribunos Militares foraõ postos entaõ, como antecedentemente, á frente da Republica. Velitres he sitiada; porém as perturbações renascem em Roma.

Licinio, e Sextio inflammaõ o Povo contra o Senado.

Esta he a oitava vez, que saõ eleitos Tribunos do Povo. Licinio, e Sextio eraõ taõ formidaveis ao partido contrario, pois que faziaõ mover perfeitamente todas as maquinas do Coraçaõ Humano, vexando os Nobres com interrogações, ás quaes se naõ podia responder sem offender o Povo. « Por ventura he « justo, que vós possuais mais de qui« nhentas geiras de Terra, ao mesmo « tempo que a maior parte dos Ple« beos, reduzidos a duas geiras, apenas « conservaõ bastante espaço para edifi« car para si huma cabana, e huma se« pultura? Acaso he necessario que o Po« vo endividado eternamente se consu« ma em os ferros, e que cada casa de « Patricio seja huma prizaõ? Os Ro« manos pódem-se julgar livres do jugo « dos Reis em quanto gemerem debaixo « da Tyrannia dos Nobres? E por ven« tura ha outro algum remedio para « aquellas infelicidades, do que nomear « Consul a hum Plebeo juntamente com « hum Patricio » O Povo persuadia-se avidamente daquellas razões. Os Tribunos

nos estavaõ divididos. Licinio, e Sextio mostravaõ-se resolutos para vencer todos os obstaculos. O Senado, em huma posiçaõ taõ critica, vio a necessidade, que havia de hum Dictador: Camillo, que depois da liberdade de Roma, se havia distinguido com outras muitas victorias, foi nomeado Dictador.

Camillo, quinta vez Dictador.

Aquelle grande Homem naõ podendo reduzir os Tribunos á obediencia, renunciou asperamente a Dictadura, á qual porém foi novamente elevado quinta vez, posto que tivesse oitenta annos, porque os Gaulezes tornavaõ a accommetter Roma. As suas cortadoras espadas, manejadas com arte, e força foraõ huma das principaes causas da sua victoria de Allia. O Dictador, a fim de os privar daquella vantagem, deo aos Romanos vestidos de aço, mandou guarnecer os seus escudos com folhas de ferro, e os armou com lanças compridas, proprias para se defenderem dos botes das espadas. Camillo derrotou os Gaulezes, recebeo as submissões de Velitres, triunfou, e sempre teve disputas com os Tribunos.

Camillo derrota os Gaulezes.

386
O Dictador insultado em Roma.

Por muito grande que fosse o respeito, que todos tinhaõ á sua pessoa, a Dictadura já naõ imprimia o mesmo temor, nem a mesma veneraçaõ, como an-

antigamente, pois a fizeraõ ser muito commum. Os Homens familiarizaõ-se com os objectos que saõ costumados a vêr; e hum grande erro he gastar prodigamente aquillo mesmo, que deve ser raro para ser util. Como da Praça publica se tinha feito hum campo de batalha, Sextio, e Licinio chegáraõ a tanto com a sua audacia, que fizeraõ violencia ao Dictador. Hum dos seus Officiaes se atreveo a lançar-lhe a maõ. Os Patricios rechaçáraõ o insolente: Camillo marchou para o Capitolio; e fez voto de edificar hum Templo á Concordia, quando o socego estivesse restabelecido. Finalmente o Senado vio-se obrigado a ceder ao Povo, permittindo-lhe eleger hum Consul Plebeo; todos os passos dos Tribunos se referiaõ áquelle fim: o mais naõ era senaõ hum meio para chegar ao mesmo fim. Com tudo a Lei, que determinava as herdades das Terras, a quinhentas geiras, tambem foi acceita.

por se ter feito muito commum a Dictadura.

Cõcede-se ó Consulado aos Plebeos: determinaõ-se as herdades em quinhentas geiras de Terra.

CAPITULO II.

Os Plebeos admittidos ao Consulado. —— Estabelecimento da Pretura, e do Almotecelado rural. —— Negocios dos Campanios, e dos Latinos, &c.

Consul Plebeo.

VIO-SE hum novo Homem, o Tribuno Sextio, revestido da Dignidade Consular. A pezar das prevenções dos Nobres, o merecimento que podesse elevar os Plebeos ás primeiras honras, era hum bem para o Estado. Camillo obteve do Povo, como em troca, a creação de hum emprego novo reservado unicamente para os Patricios, a que deraõ o nome de Pretura. Os Consules, occupados pela maior parte das vezes na guerra, naõ podiaõ já mais administrar a justiça. O Pretor (naquelle tempo naõ houve senaõ hum) foi encarregado daquella parte essencial do Governo. Creáraõ-se tambem dous Edís Patricios, ou *Curiaes*, para cuidarem dos Templos, dos Theatros, dos Jogos, das Praças publica, dos muros da Cidade, &c. &c.

Creaçaõ da Pretura, e do Almotecelado rural.

Nobreza affecta ás Magistraturas Curules.

As Magistraturas Curules, (assim chamadas, porque davaõ o direito de andar em huma cadeira de marfim) eraõ o Consu-

sulado, a Censura, a Dictadura, a Pretura, e o novo Almotecelado. Estas Magistraturas transmittiaõ o titulo de Nobres aos descendentes daquelles, que as obtinhaõ. Deste modo houve alguma differença entre *Nobre, e Patricio.* A vaidade, sempre fecunda em distincções, distinguio tambem os Nobres Patricios, dos Nobres Plebeos.

Represen-tações scenicas; Lectisternio estabelecidos pela Superstiçaõ.

Huma peste, em que morreo Camillo, *Homem unico na felicidade, e na desgraça*, diz Tito-Livio, perturbou totalmente a commum alegria. Segundo a natural inclinaçaõ do Genero Humano, os animos consternados se entregáraõ á superstiçaõ; porem a superstiçaõ naquelle tempo nada teve de feroz. Pretende-se que a Superstiçaõ foi a causa da instituiçaõ das representações Scenicas, ou Theatraes, como hum meio para socegar os Deoses. A mesma Superstiçaõ fez renovar a ceremonia do *Lectisternio*, praticada já duas vezes, que consistia em levantar leitos nos Templos, em collocar nelles as Estatuas dos Deoses, e das Deosas, aos quaes se servia hum banquete, de que os Homens se aproveitavaõ.

Dictador para pregar o prego sagrado.

Nada fazendo cessar a peste, alguns velhos propuzeraõ, como o melhor remedio, huma pratica antiga, interrompida havia muito tempo, que con-

sistia em pregar solemnemente hum prego na parede do Templo de Jupiter Capitolino. Para semelhante operaçaõ era necessario hum Dictador. Manlio Imperioso foi eleito para pregar o sagrado prego. Antigamente os pregos serviaõ em Etruria, e Roma para contar o numero dos annos, por falta de Algarismos. O Consul os pregava, donde nasceo certamente a idea extravagante de dar a taõ pouca cousa huma importancia taõ grande. Em quanto á Superstiçaõ, nada he incrivel, especialmente da parte dos Romanos.

Acçaõ pasmosa do mancebo Manlio, para salvar seu Pai accusado.

Manlio altivo, severo, teria abusado da Dictadura, se os Tribunos do Povo o naõ obrigassem a renuncialla pouco tempo depois da ceremonia. Hum dos Tribunos o accusou depois por causa das violencias com os Cidadãos, sem exceptuar hum dos seus filhos, a quem fazia trabalhar no campo como hum escravo, por ter hum defeito na lingua. Sciente aquelle filho da accusaçaõ de seu Pai, e esquecendo-se dos seus máos tratos, partio para Roma, e correndo a casa do Tribuno, pôz-lhe o punhal na garganta, e obrigou-o a dar hum juramento de naõ continuar de nenhum modo aquella causa. O Povo approvou huma acçaõ, em que respirava a ternura fi-

filial, posto que por outra parte reprehensivel.

Naõ me demorarei em descrever o combate do Mancebo Manlio Torquato, contra hum gigante Gaulez, ao qual tomou o collar de ouro, depois de o matar á vista de ambos os Exercitos; nem hum semelhante combate de Valerio Corvo, que se suppõe ter sido soccorrido por hum corvo, posto em o seu capacete; nem o milagre do golfo, em que se diz, Curcio se precipitára, tendo declarado os agouros, que o golfo se taparia, quando nelle se tivesse lançado o que havia de mais precioso; nem outros factos desta qualidade, inventados, ou ornados pelo orgulho nacional. Apresso-me para chegar ao tempo da guerra Punica; e no intervallo resumirei aqui sómente o que póde dar materia para reflexões.

Acções maravilhosas que naõ merecem ser referidas.

O valor Romano exercita-se em continuadas guerras. Genucio, Consul Plebeo, deixa-se sorprender pelos Hernicos; as suas tropas o abandonáraõ; Genucio foi morto. Os Patricios entaõ exclamaõ novamente contra a nova Lei, como se hum General extrahido do Povo fosse isento de ser derrotado. Com tudo, Licinio foi elevado pela segunda vez ao Consulado, e naõ ficou derrotado.

Consul Plebeo vẽcido pelos inimigos.

As

Licinio viola a sua propria Lei das quinhentas geiras de Terra.

As suas Leis o tinhaõ feito odioso á Nobreza. O mesmo Licinio violando-as se attrahio huma justa accusaçaõ. Em lugar de quinhentas geiras, Licinio possuia mais de mil geiras; porém a fim de illudir a Lei, tinha feito huma cessaõ fingida da metade a seu filho, depois de o ter emancipado. Assim que Licinio naõ occupou mais o seu Emprego, foi convencido daquelle dolo, e condemnado a pagar huma multa pecuniaria.

Aquella Lei devia ser illudida pela avareza.

A avareza sempre he engenhosa em se livrar das cadeas, que o Governo lhe dá. Se a communidade dos bens naõ está solidamente estabelecida assim como em Sparta, parece impossivel incluir a propriedade em huma estreita circunferencia. Os Romanos adquirindo sempre Terras, e podendo dispôr dos seus bens por testamento, a Lei Licinia devia annullar-se per si mesma. O juro do dinheiro determinou-se a hum por cento cada anno; porém este foi hum meio para excitar os artificios da usura. Dez annos depois se diminuio ainda ametade do juro.

Reducçaõ do juro.

Esforçaõ-se em tirar o Consulado aos Plebeos, os quaes obtem ainda a Censura.

Os Patricios ciosos de ver a Rutilo, Dictador Plebeo, derrotar os Etruscos, se inflammáraõ mais por recuperar as suas antigas prerogativas, e conseguiraõ conservar o Consulado no seu corpo por espaço de alguns annos. O Povo queixou-

se,

se, as divisões animáraõ-se novamente, e foi necessario satisfazer aos Plebeos, os quaes naõ obstante abriraõ o caminho para se introduzirem na Censura. O poder de crear os Senadores, transferido dos Consules para os Censores, augmentou consideravelmente a authoridade daquelle Emprego.

Huma violenta guerra se atêa entre os Romanos, e os Samnites. Estes accommettiaõ, e estavaõ quasi para sobjugar os Campanios, Povo brando, cuja Capital, aquella famosa Capua, temia a chegada, e ataques do inimigo. Os Campanios imploraõ o soccorro de Roma. Responde-se-lhes que a Republica estando unida com os Samnites por meio de hum Tratado solemne, naõ o póde quebrar em seu favor. Os Campanios vencem aquella difficuldade entregando-se aos Romanos, que os recebem com os braços abertos. Mandaõ-se Embaixadores aos Samnites a supplicar-lhes que naõ emprendessem cousa alguma a respeito de huma Terra dependente de Roma. No caso em que as supplicas fossem mal recebidas, os Embaixadores deviaõ ameaçar. Os Samnites mostraõ a sua indignaçaõ assolando a Campania, e os Romanos logo lhes declaraõ a guerra.

410 Os Campanios se entregaõ aos Romanos a fim de obter o seu soccorro contra os Samnites.

A guerra foi vantojosa para o parti-

As trop

ti-

tido mais costumado a vencer. Porem huma triste experiencia mostrou logo, que a austeridade dos costumes taõ necessaria á Republica, naõ estava isenta do contagio. Os soldados Romanos, enganados com as delicias de Capua, fizeraõ huma infame conspiraçaõ a fim de expulsar os Campanios de Capua, e apoderar-se da sua Terra. Os effeitos daquella conspiraçaõ tendo sido prevenidos pelo Consul Rutilio, diversos sediciosos marcháraõ armados contra Roma. Era este hum attentado inaudito. Valerio Corvo foi nomeado Dictador; o qual empenhou-se em sujeitar os sediciosos, sem effusaõ de sangue. Em quanto aos Samnites, foraõ reduzidos por causa das suas derrotas a pedir a paz, e renovar a sua alliança.

Corrompem-se em Capua.

Com tudo os Latinos pretendiaõ ou livrar-se do jugo, ou ter parte nas primeiras Dignidades de Roma. Rebellaõ-se estes juntamente com os Campanios, e com alguns outros Póvos. Pega-se novamente nas armas. Nesta guerra distinguem-se ambos os Consules, Manlio Torquato, e Decio Mus. Vendo Decio, que os Romanos fraquejavaõ, sacrificou-se por hum voto, aos Deoses Infernaes, lançou-se entre os Latinos, e morreo como huma victima, que devia salvar a Patria. Manlio tinha condemnado o seu proprio filho

Rebelliaõ dos Campanios, e dos Latinos.

Voto, pelo qual Decio se sacrifica aos Deoses Infernaes.

Severidade

lho á morte, por ter combatido sem sua ordem. Manlio alcançou huma victoria completa, que se póde attribuir ao enthusiasmo, com que aquelles exemplos animáraõ os soldados. Muitos annos depois, o filho de Decio fez de si hum sacrificio, assim como seu Pai, em a guerra de Pyrrho, com o mesmo successo para o exercito. Estas grandes, e brilhantes acções, taõ proprias para mover as almas credulas, quasi sempre tem feliz exito, quando domina a superstiçaõ.

de Manlio para seu filho.

Tendo sido finalmente sobjugados os Latinos, o Consul Camillo, neto do celebre Dictador, aconselhou que lhes concedessem o direito de Cidadaõ, para os unir com o Estado, e augmentar o numero dos Cidadãos. *O unico meio*, diz Camillo, *para estabelecer solidamente huma dominaçaõ, he de fazer com que os Póvos sujeitos obedeçaõ com alegria, e contentamento.* Esta sabia, e prudente politica tinha contribuido mais que tudo para o poder Romano. O Senado seguio as Maximas antigas; porém pondo huma differença entre os vencidos, segundo parecessem mais, ou menos culpados. Varias Cidades Latinas obtiveraõ o direito de Cidade; algumas perdèraõ huma parte das suas Terras. Velitres foi arrasada,

O Direito de Cidadaõ concedido aos Latinos.

Castigáraõ-se os mais culpados.

da, por ter sido muitas vezes rebelde. Os Campanios foraõ despojados. Mandáraõ-se Colonias para diversas partes. Roma alcançou huma grande utilidade das suas ultimas victorias, que prognosticavaõ a Conquista total da Italia.

Dito atrevido de hum Privernato.

Priverna, Cidade dos Volscos, rebellando-se algum tempo depois, ficou logo vencida. A questaõ era saber como se tratariaõ os prisioneiros. Infinitos Senadores os julgavaõ dignos de morte. A nobre altivez de hum Privernato os salvou a todos. Perguntáraõ-lhe que pena mereciaõ os seus Concidadãos? *Aquella que merecem huns Homens, que se julgaõ dignos da liberdade*, respondeo o Privernato. Porém se acaso vos perdoarem, instou o Consul Plautio, de que modo vos conduzireis vós? *O nosso procedimento*, replicou o prisioneiro, *dependerá do vosso. Se vós nos concederdes condições justas, nós seremos constantemente fieis: e se nos impozerdes condições crueis, e injuriosas, a nossa fidelidade será breve.* Os Romanos tinhaõ hum fundo de grandeza de alma, e considerando serem aquelles Homens zelosos da liberdade, dignos da sua Republica, os fizeraõ Romanos.

Os Romanos admiraõ o Privernato, e perdoaõ aos rebeldes.

Conspiraçaõ pretendida de Mu-

Ao mesmo tempo em que a sua gloria crescia deste modo juntamente com o seu poder, cento e setenta Mulheres

(al-

(alguns levaõ o seu numero até trezentas, e setenta), foraõ convencidas, dizem os Historiadores, de ter preparado veneno para seus maridos, em hum tempo de epidemia, e preveniraõ o supplicio envenenando-se a si mesmas. Ainda naõ havia Lei contra os matadores de veneno; taõ pouco conhecido era aquelle crime. A conspiraçaõ se attribuio a huma especie de demencia, e julgando-se ser hum flagello da colera celeste; se elegeo hum Dictador para pregar o prego no Templo do Capitolio. Tito-Livio naõ se atreve a certificar hum facto taõ pouco provavel. Apenas seria capaz de hum frenesi semelhante a Cidade mais corrupta do Mundo: os bons costumes praticavaõ-se em Roma.

lheres contra feus Maridos.

Com tudo, o Povo gemia sempre por causa da crueldade dos credores. O direito de mandar prender os devedores que naõ podiaõ pagar, e de os tratar, como se fossem escravos, até satisfazer as suas dividas com os seus serviços, era-lhes concedido por huma Lei das doze Taboas. Publilio, Plebeo ainda moço, tinha-se sacrificado áquella escravidaõ a fim de libertar della seu Pai. O mesmo Publilio tendo sido tratado indignamente pelo credor, fugio, e queixou-se ao Povo. O Senado entaõ lavrou hum De-

Lei que prohibe prender o devedores

Decreto, pelo qual prohibia prender os devedores, cujos bens, e naõ a pessoa, deviaõ responder pela divida. Este Regulamento taõ precioso da liberdade se confirmou pelos Comicios; porém a avareza nem sempre o respeitou.

CAPITULO III.

Guerra dos Samnites. ----- Censura de Appio. ----- Plebeos admittidos ao Sacerdocio.

Papirio pretende castigar Fabio por ter vencido contra as suas ordẽs.

OS Samnites tinhaõ tomado novamente as armas. Fabio, General da Cavallaria, os derrota na ausencia, e contra as ordens do Dictador Papirio, que chegando para o castigar, ordena aos Lictores, que o despojem, e preparem as varas, e os machados. O exercito se lhe oppõe. Fabio refugia-se em Roma, e seu Pai appella para o Povo da sentença do Dictador. Papirio arrazoa contra elles; insiste sobre as Leis Militares, e a inviolavel authoridade do Commandante; cita finalmente os exemplos de Bruto, e de Manlio. Naõ se atrevendo o Povo a implorar a sua clemencia, os dois Fabios lançaõ-se aos seus pés, e supplicaõ o perdaõ. Este era o caso, em que a severidade das Leis podia

dia ser suavizada, sem detrimento da disciplina. O prudente Dictador servio-se para perdoar do seu poder absoluto.

Tantas victorias, das quaes se gloriavaõ os Romanos, lhes fizeraõ insupportavel a infamia, que padecèraõ em as Furcas Caudinas. Este he o nome, que se deo a hum desfiladeiro perto de Caudio, para onde Poncio, General dos Samnites, attrahio os Romanos por meio de hum artificio de guerra, e onde estes se acháraõ mettidos, como em huma prizaõ. O Pai de Poncio dava-lhe o conselho, ou de os tratar generosamente, ou de os matar cruelmente. Tomou-se hum máo partido, fazendo passar sob o jugo os Romanos, e mandando-os para a sua Terra sobre a palavra, que os Consules deraõ de acabar a guerra. Deixáraõ-lhes pois forças para se vingar.

432 Os Romanos deshórados em as Furcas Caudinas pelos Samnites.

Hum mudo furor devorava o coraçaõ dos Soldados; a sua ignominia espalhava por toda a Cidade maior cólera que consternaçaõ. O Senado declara, que o tratado sendo feito sem ordem sua, o Povo Romano naõ está ligado a observallo. O Consul Posthumio, que o tinha concluido, requer ser entregue aos Samnites juntamente com os outros Officiaes, a fim de desencarregar a Republica de todo

Artificio do Consul Posthumio a fim de renovar a guerra.

do o empenho. Este naõ he o lugar, onde brilha aquella boa fé, que se attribue aos Romanos. Hum Fecial tendo entregado Posthumio, este dá de proposito em o Fecial, exclamando: *Agora eu sou Samnite, e tu es Embaixador de Roma: tenho violado ultimamente o direito das gentes; Roma póde-nos fazer a guerra.* Poncio, justamente indignado de hum semelhante artificio, recusa entregar os prisioneiros que estaõ em seu poder. De huma, e outra parte preparaõ-se para a mais sanguinolenta guerra.

Os Romanos vingaõ-se.

Por espaço de muitos annos que a guerra durou, os Samnites continuamente derrotados, tiveraõ perdas irreparaveis. Poncio, seu General, foi conduzido em triunfo para Roma, com as mãos prezas atraz. Em lugar de honrar o seu valor, tiveraõ a barbaridade de lhe mandar cortar a cabeça. Vinte e quatro triunfos alcançados aos inimigos, haviaõ custado muito sangue. Finalmente o Senado recebeo proposiçóes de paz. Curio

Curio Dentato incorruptivel.

Dentato, Consul menos respeitavel pelo seu posto, que pelas suas virtudes, devia regular os Artigos. Este grande Homem, voluntariamente pobre, comia em pratos de páo, quando os Embaixadores Samnites o vieraõ supplicar que os ouvisse, e offerecer-lhe huma grande quan-

tia

tia de dinheiro, a fim de o attrahir ao seu partido. *A minha pobreza*, lhes disse Curio Dentato, *vos deo sem duvida a esperança de me corromper; porém eu prefiro antes governar os que possuem riquezas do que as ter.* Se estas palavras mostraõ orgulho, o orgulho he de huma alma nobre. Concluio-se hum tratado de Alliança, cujas condiçóes se ignoraõ. A guerra tinha durado quarenta e nove annos.

463 Tratado de Alliança cõ os Samnites.

Outros muitos Póvos da Italia, e particularmente os Gaulezes Senezes, estabelecidos nas costas do Mar Adriatico, ficáraõ vencidos quasi em o mesmo tempo pelos Romanos. Os Equos perdêraõ em sincoenta e sinco dias, quarenta e huma Cidades, que certamente naõ eraõ pela maior parte senaõ grandes Villas. Em aquelle tempo contavaõ-se duzentos e setenta e tres mil Cidadãos em estado de pegar nas armas. Deste modo Roma podia executar muito grandes emprezas.

Outros Póvos da Italia vencidos.

Nesta presente Epoca, houveraõ algumas mudanças notaveis. Appio Claudio, Censor no anno 441, cujo emprego exercitou por espaço de sinco annos, celebre especialmente por causa da construcçaõ de hum aqueduto de sete milhas de comprimento, e por causa da Via Appia seguida até Capua, declarou-se inimi-

Censura de Appio.

migo do Senado, para quem os seus antepassados tiveraõ hum grande zelo. Appio admittio no Senado filhos de Libertos; abuso, que se supprimio. O mesmo Censor distribuio por todas as Tribus a infima Plebe da Cidade, o que era contribuir para a fazer arbitra das decisões, pois que desde aquelle tempo o Povo formava a pluralidade dos votos. Fabio, illustre General, tendo chegado a ser Censor, deo logo remedio a todas as desordens. Fabio metteo toda a Plebe em as quatro Tribus da Cidade, cujos votos naõ podiaõ fazer pender o equilibrio. Por causa desta util reforma adquirio Fabio o sobrenome de Maximo, cujo titulo passou aos seus descendentes. As suas victorias, e os seus triunfos naõ lhe teriaõ alcançado tanta honra. He necessario tambem confessar que muitas vezes huma Lei boa produz utilidades muito mais superiores do que as victorias.

Filhos de Libertos no Senado.

A infima Plebe em todas as Tribus.

Fabio reduz a Plebe ás quatro Tribus da Cidade.

Os Patricios estiveraõ sempre na posse do Sacerdocio: o que era huma prerogativa importante entre hum Povo supersticioso, levado dos auspicios, e das ceremonias de Religiaõ. Dous Tribunos do Povo, chamados Ogulnios, os accommettêraõ a respeito daquelle ponto: os mesmos Tribunos fizeraõ crear quatro Pontifices, e sinco agoureiros Plebeos.

Os Plebeos admittidos ao Sacerdocio.

Pou-

Os fastos, e as formulas publicadas por Flavio em odio dos nobres.

Poucos annos antecedentemente, Flavio, filho de Liberto, feito Edil Curul, desprezado dos Nobres por causa do seu nascimento, tinha-se vingado publicando os fastos, e as formulas de Direito, das quaes faziaõ os Pontifices hum grande mysterio, a fim de manter a sua authoridade: porque sómente por via delles se podia saber assim os dias em que se permittia litigar, como as formulas, que se usavaõ em as causas. Os mesmos Pontifices naõ queriaõ senaõ perpetuar a ignorancia do Publico, a fim de perpetuar a sua dependencia. Isto he o que já observámos na Asia, no Egypto, &c. Este corpo teria sido menos poderoso em Roma, onde realmente os Sacerdotes eraõ mais Cidadãos, se o Sacerdocio se naõ considerasse pela nobreza, como huma parte dos seus direitos, e como hum meio ou de os sustentar, ou de os ampliar.

SEXTA EPOCA.

GUERRA COM PYRRO, SEGUIDA DA GUERRA PUNICA.

Os Romanos fazem-se formidaveis fóra da Italia desde o anno de Roma 471, até 552.

CAPITULO I.

Guerra dos Tarentinos com os Romanos. —— Pyrrho vencido em Italia. —— Acções particulares.

471 Os Tarentinos insultaõ os Romanos, e chamaõ Pyrrho em seu soccorro.

ROMA, combatendo, e sobjugando os seus visinhos, tinha descoberto hum caminho para mais vastas Conquistas. Chegava o tempo, em que a sua ambiçaõ devia espalhar-se por fóra. De algum modo, naõ era necessario senaõ huma faisca, para atear àquelle grande incendio, que abrazou successivamente todas as partes do Mundo descoberto. Passemos a ver o seu nascimento, e os seus progressos. Entre as Cidades da Grecia Maior, que comprehendia as costas Meridionaes da Italia, Tarento, Colonia de Sparta, distinguia-se por causa da sua opu-

opulencia, do seu luxo, das suas delicias, e do seu orgulho. Tarento desprezava os Romanos como Barbaros; e os aborrecia como terriveis Conquistadores. Já Tarento tinha tratado occultamente contra elles, quando se atreveo a provocallos de hum modo que naõ merece perdaõ. Os Tarentinos tendo insultado algumas galeras Romanas, as quaes se apresentáraõ defronte do seu Porto, augmentáraõ de mais a mais os ultrages, insultando os Embaixadores da Republica, encarregados de lhe pedir satisfaçaõ. Hum dos mesmos Tarentinos manchou com a sua ourina o vestido do Consular Posthumio, Chefe da Embaixada. O Povo applaudio com grandes gargalhadas de riso. *Ride agora*, exclamou Posthumio, *porque depressa chorareis. As manchas do meu vestido se lavaráõ com o vosso sangue.* Os Tarentinos, quando commettêraõ semelhante excesso, estavaõ bebados, e temendo logo a vingança, pediraõ soccorro a Pyrrho, Rei de Epiro, hum dos maiores guerreiros da Grecia, instruido na escola dos Capitáes de Alexandre.

Ambiçaõ do Rei de Epiro.

Este ambicioso Principe, taõ valeroso, como Alexandre, reduzido a hum pequeno Reino, e escuro, naõ procurava senaõ distinguir-se por meio de atrevidas emprezas, de que esperava grandes

Conselhos inuteis de Cyneas.

utilidades. O famoso Cyneas, seu Ministro, Discipulo de Demosthenes em quanto á eloquencia, grande Politico, e habil General, representou-lhe baldadamente, que corria apôs huma quimera de felicidades, e que seria mais venturoso gozando da sua fortuna com sabedoria, do que atormentando-se com Conquistas incertas, e inuteis. Pyrrho a nada attendia, senaõ á sua paixaõ dominante. Já Pyrrho se imaginava ser Soberano da Italia, donde o seu dominio se estenderia rapidamente por todas as partes. O mesmo Pyrrho para melhor occultar os seus intentos, affectou ter repugnancia em ceder aos votos dos Tarentinos; pedindo-lhes que o conservassem em Italia o menos tempo que possivel fosse.

Pyrrho sujeita os Tarentinos á Disciplina.

Cyneas chega immediatamente a Tarento com tres mil Homens, e se faz Senhor da fortaleza, em quanto o Rei naõ chegava. Pyrrho embarca tres mil cavallos, vinte elefantes, vinte mil Infantes armados pezadamente, e vai ter logo com o seu Ministro: Pyrrho acha os Tarentinos sepultados na indolencia, e na brandura, naõ pensando senaõ em continuar as suas delicias, em quanto por elles se combatesse. Porém depois de ter hum Senhor, tudo múda por ordem sua. Os Theatros fecháraõ-se, e os banque-

quetes cessáraõ. Este Povo sensual he obrigado a aprender a Disciplina Militar, e vê-se incorporado com as tropas Epirotas. Muitos fugiraõ; pois naõ podiaõ soffrer, ainda para defeza da sua Patria, nem oppressaõ, nem trabalhos. Este era hum Povo de Mulheres; tanto degeneraõ os Homens entre o luxo, e a ociosidade.

Pyrrho perdoa a insolentes.

Huma desculpa engenhosa salvou aos moços libertinos, os quaes em as desordens tinhaõ injuriado o Rei, que os mandou chamar no dia seguinte a fim de castigar a sua insolencia. Tendo sido reprehendidos asperamente: *Verdadeiramente*, disse hum dos culpados, *se o vinho naõ se acabasse, teriamos feito peior; pois te teriamos assassinado.* Pyrrho ou desprezou discursos de bebados, ou teve a gloria de os perdoar.

473 Batalha de Heraclea, onde os Romanos ficaõ vencidos.

Com tudo o Consul Levino entrava pela Terra dentro. Ambos os Exercitos combatêraõ com valor; e o Principe Grego, muito conhecido pelo esplendor das suas armas, esteve exposto aos maiores perigos. Pyrrho disfarçou-se com outras armas, sem mostrar menos valor. Os seus elefantes lhe alcançáraõ a victoria. Os Romanos naõ os tendo ainda visto, se atemorizáraõ por causa daquelles animaes monstruosos, os quaes viaõ carregados de combatentes; os Cavalleiros fo-

foraõ arrastados pelos cavallos espantados; a desordem introduzio-se por toda a parte, a fugida chegou a ser geral. Com tudo tinha-se feito huma tal mortandade nos inimigos, que Pyrrho proferio a respeito da sua victoria: *Se alcanço outra victoria semelhante, fico perdido.* Pyrrho naõ deixou de marchar para Roma, donde esteve distante sete legoas; porém vendo chegar dous Exercitos Consulares, retirou-se promptamente.

Fabricio enviado ao Rei de Epiro, faz-se admirar dos Gregos.

Enviaõ-lhe Embaixadores para tratar do resgate, ou troca dos prisioneiros. O virtuoso Fabricio, pobre entre os honorificos empregos, era da Embaixada. Os offerecimentos de dinheiro, que o Rei lhe fez, serviraõ para manifestar o seu desprezo das riquezas. Explicando-lhe Cyneas hum dia os principios da Seita dos Epicuristas, que elle professava: *O' Deoses*, exclamou o Romano, *permitti que os nossos inimigos possaõ seguir huma Doutrina semelhante, em quanto nos fizerem guerra!* Accrescenta-se que Pyrrho convidára a Fabricio para ficar na sua Corte, onde lhe promettia o primeiro lugar: *Eu naõ te aconselharia semelhante proposta,* respondeo Fabricio, *porque os teus vassallos, depois de me terem bem conhecido, mais gostariaõ ter-me por seu Rei, do que a ti.*

Cyneas

Este Principe desejava a paz com hum

hum Povo taõ difficultoso de vencer. Cyneas foi encarregado de acompanhar os Embaixadores Romanos, e de tratar do ajuste da paz. Os Romanos foraõ admirados pelo habil Ministro. Ninguem, nem homens, nem mulheres, quiz acceitar os presentes mandados pelo Embaixador em nome do Rei seu Amo. O Senado depois de huma grande, e dilatada deliberaçaõ, excitado pelo velho Appio, deo a seguinte memoravel resposta, em que se vê impresso o caracter constante da Republica: « Primeiramente he necessario que Pyrrho saia da Italia, depois mandará pedir a paz; porém em quanto se conservar na Italia, Roma lhe fará sempre guerra. » Cyneas teve ordem para partir no mesmo dia. O mesmo Cyneas dando conta ao Principe da sua Embaixada, disse que *Roma lhe parecêra hum Templo, e o Senado huma Assemblea de Reis.*

trata da paz em Roma.

Os Romanos requerem com instancia que Pyrrho saia da Italia.

Algum tempo depois o Medico de Pyrrho offereceo-se aos Romanos, segundo dizem, para o matar com veneno por dinheiro. (Cousa difficultosa de se crer; por ventura podia este Medico esperar em Roma melhor fortuna, do que em huma Corte?) O Consul Fabricio avisando generosamente ao Rei da traiçaõ, mereceo, conforme Eutropio, o se-

Fabricio avisa a Pyrrho da traiçaõ do seu Medico.

seguinte Elogio da sua parte: *Sería mais facil desviar o Sol do seu curso, do que Fabricio do caminho da probidade, e justiça.* Refiro de bom agrado estas acções, como interessantes lições de virtude; daquella varonil virtude, que despreza o mesmo, que as almas corruptas adoraõ. Em humas póde a Critica suspeitar haver fingimento; porem concordaõ com o caracter dos mais illustres Romanos, cuja grandeza de alma tinha certamente motivos para abater inimigos sensuaes, acostumados ás riquezas, e ao luxo.

478 Pyrrho vẽcido em Benevẽto.

Pyrrho, cançado de huma guerra infructuosa, valendo-se de hum pretexto para se retirar da Italia, passa á Sicilia aonde era chamado pelos Syracusanos a fim de os soccorrer contra os Carthaginezes; em cuja empreza foi ao principio bem succedido, e perdendo depois toda a esperança, voltou para a Italia. Curio Dentato, accommettido por Pyrrho, junto a Benevento, alcança a victoria, e o põe em fugida. Já os Romanos naõ se admiravaõ dos elefantes, os quaes feridos com humas especies de dardos inflammados, que os Romanos lhes arremessavaõ, e traspassados com lanças, se enfurecêraõ tanto, que aquelle furor, como muitas vezes havia succedido, voltou-se contra os donos dos elefantes.

O

O campo de Pyrrho, onde o lugar de todos os corpos de tropas estava marcado em hum só circuito, ensinou aos vencedores a arte dos acampamentos. Os Romanos sempre attentos a imitar o que achavaõ bom nos costumes estrangeiros, ajuntavaõ os vastos recursos do engenho, aos recursos da disciplina, e valor. Imitando he o meio por onde se chega a aperfeiçoar as boas cousas, a fim de crear depois outras novas.

Arte dos acampamentos.

Pyrrho, seis annos depois do principio da guerra, abandonou a Italia; e foi toirar a Macedonia a Antigono Gonatas; e levando a guerra até ao Peloponneso, foi morto no sitio de Argos. Pyrrho, atrevido, resoluto, porém inconsiderado, e temerario, naõ era senaõ hum illustre aventureiro, que devia ceder á firme constancia dos Romanos. As Cidades de Tarento, Crotona, Locros, toda a Grecia Maior, e toda a Italia propriamente assim chamada, logo se acháraõ debaixo do dominio Romano; ao menos como Póvos alliados, muito fracos para se oppôr aos intentos da Republica. A causa principal dos seus progressos era a severidade da Disciplina; do que se vio hum novo exemplo muito memoravel.

Pyrrho abandona a Italia, onde dominaõ os Romanos.

Rhegio, Colonia Grega, situada na ex-

Excessos da

guarniçaõ de Rhegio severamẽte castigados.

extremidade Meridional da Italia, pondo-se debaixo da protecçaõ de Roma, tinha recebido huma guarniçaõ de quatro mil Homens. Os Soldados tomando os costumes da Terra, e entregando-se ás delicias, foraõ finalmente conduzidos a commetter todo o genero de crimes pelo gosto da sensualidade. Por meio de huma abominavel conspiraçaõ, fizeraõ-se senhores de tudo, matando cruelmente os Cidadãos. O castigo de semelhante atrocidade estava suspenso por causa da guerra de Pyrrho. Hum consul foi encarregado da publica vingança. Os rebeldes foraõ sitiados em Rhegio pelo mesmo Consul, e obrigados a render-se depois de huma grande, e furiosa resistencia. A maior parte expuzeraõ-se á morte; trezentos foraõ os prisioneiros, que foraõ todos condemnados pelo Senado a padecer o ultimo supplicio, e executados naõ obstante a opposiçaõ de hum Tribuno. Os Romanos, sem aquelles exemplos de disciplina chegariaõ a ser huns Salteadores.

Severidade da Censura.

Cornelio excluido do Senado

A severidade da Censura naõ contribuio menos para a conservaçaõ dos costumes, em que essencialmente se fundava a gloria de Roma. Os Censores excluiraõ do Senado a Cornelio Rufino, que havia sido Dictador, e Consul duas ve-

vezes, por possuir alguma cousa mais de quinze marcos de prata em sua baixella. Posto que Cornelio Rufino tivesse a reputaçaõ de hum Homem ávido, e injusto, o mesmo Fabricio tinha contribuido para o fazer elevar ao Consulado. *Eu prefiro antes*, dizia este grande Homem, *ser saqueado por hum Consul, do que ser conduzido prisioneiro pelo inimigo.* Entre os Candidatos daquelle anno naõ havia hum bom General, que fosse Homem honrado.

por causa da sua baixella de prata.

Julgar-se-hia que o incorruptivel Curio fosse accusado no mesmo tempo, de ter lucrado grandes quantias de dinheiro sobre o despojo da guerra? Curio a fim de se justificar produzio hum vaso de páo, de que se servia em os Sacrificios, jurando ser aquelle todo o despojo, que recolhêra em sua casa. Depois da derrota de Pyrrho, tendo-lhe offerecido o Senado sincoenta geiras de Terra conquistada, Curio respondeo que vivia bem com sete geiras, e que nunca se resolveria a dar hum máo exemplo.

Pobreza de Curio.

Hum desinteresse taõ nobre excitava a emulaçaõ na Republica. Huns Embaixadores mandados ao Egypto, a fim de fazer alliança com Ptolomeo Philadelpho, trouxeraõ ricos presentes daquelle Principe; que tendo-os recebido a seu pe-

Desinteresse dos Embaixadores enviados ao Egypto.

pezar, os depositáraõ no Thesouro. O Senado agradeceo aos Embaixadores, por terem feito, pelo seu procedimento, respeitaveis ás Nações estrangeiras os costumes Romanos. As riquezas na verdade naõ eraõ muito conhecidas, pois que em Roma naõ se bateo moeda de prata, senaõ depois da fugida de Pyrrho; porém vio-se, que naõ saõ o ouro, nem a prata os unicos alimentos da avareza.

Primeira moeda de prata.

CAPITULO II.

Introducçaõ para as guerras Punicas. —— Republica de Carthago. —— Revoluções de Sicilia.

Introducçaõ ás Guerras Punicas.

NO'S vamos vêr abrir-se hum Theatro maior para as armas, e para a Politica Romana. Antes de traçar a descripçaõ das Guerras Punicas he necessario ter conhecimento de Carthago, daquella famosa competidora de Roma, taõ poderosa pelo seu Commercio, e pelas suas riquezas; porém chegada já ao ponto fatal, em que as Potencias se arruinaõ pela excessiva ambiçaõ.

Governo de Carthago.

Carthago fundada pelos Tyrios quasi setenta annos antes da fundaçaõ de Roma, tinha hum Governo mixto dig-

digno, sem duvida, de elogios, pois que gozou por mais de sinco Seculos da paz interior, e da liberdade civil. Dous Magistrados annuaes chamados *Suffetas*, eraõ semelhantes no poder aos Reis de Sparta, ou aos Consules Romanos. Os negocios importantes decidiaõ-se no Senado, sendo unanimes os votos; de outro modo passavaõ para o povo. Havia hum Tribunal de cento e quatro Senadores, ao qual os Generaes davaõ conta do seu procedimento: Tribunal muito severo; porque os mesmos máos successos eraõ castigados de morte, como se a fortuna podesse ser governada pelo melhor General. Sinco daquelles Juizes formavaõ hum Conselho superior semelhante ao Conselho dos Eforos; os lugares vagos do Tribunal principal se proviaõ por nomeaçaõ sua.

Senado.

Tribunal dos sinco.

Aristoteles observa dous consideraveis defeitos na distribuiçaõ dos Empregos; hum era porque se davaõ muitos Empregos a huma só pessoa, o que raras vezes se póde ajustar com o bem commum; e outro era porque os pobres tinhaõ exclusiva para os primeiros Empregos, o que dá muita consideraçaõ ás riquezas, e deixa muito pouca emulaçaõ ao merecimento. Com tudo he necessario confessar, que se os pobres naõ fo-

Dous defeitos, que Aristoteles critica neste Governo.

Reflexões a respeito deste objecto.

forem Aristides, ou Fabricios, as Magistraturas poderiaõ chegar a ser mais perigosas entre as suas mãos do que entre as mãos das pessoas menos expostas á tentaçaõ de se enriquecer. Além de que, em huma Republica Commerciante, poucos Cidadãos bem educados ha, que naõ sejaõ ricos. A desgraça de Carthago, he porque tendo-lhe as riquezas introduzido a corrupçaõ, e irritado a avareza, tudo se vendeo, posto que nada fosse propriamente venal; e entaõ, segundo a observaçaõ do Filosofo, os Magistrados naõ tiveraõ escrupulo de reparar os seus pagamentos, que haviaõ adiantado, á custa dos particulares, e do Estado.

Vicios dos Carthaginezes.

Os Carthaginezes occupados sómente com o seu Commercio, desprezando as Artes, e as Sciencias, que naõ conduziaõ para as riquezas, eraõ velhacos, viciosos, e crueis. A superstiçaõ fez sobre tudo atrozes os seus costumes, pois sacrificando a Saturno victimas humanas, os seus proprios filhos naõ eraõ isentos de ser sacrificados, e as Mãis suffocando a voz da Natureza, viaõ sem derramarem de seus olhos huma só lagrima aquelles horrorosos Sacrificios. Plutarco na consideraçaõ de semelhantes horrores, julgava ser mais injuriosa á Divindade a superstiçaõ, do que o Atheismo. Em o tem-

Sacrificios Humanos.

tempo de Xerxes, Gelon, Rei de Syracusas, tendo derrotado os Carthaginezes, impôz-lhes por condiçaõ de paz, que abolissem os humanos sacrificios; porém huma Lei taõ salutifera naõ se observou, senaõ em quanto se naõ pôde violar sem risco algum. Os adevinhos eraõ consultados em todos os negocios importantes, e a credulidade consagrava todos os erros.

Temperãça prescrita aos Magistrados, e ás tropas.

Parece que a temperança era huma virtude dos Carthaginezes, ou ao menos que a exigiaõ daquelles, cuja intemperança ordinariamente he mais funesta. Os Magistrados em quanto exercitavaõ os seus Empregos, abstinhaõ-se de vinho; e os soldados o naõ podiaõ beber em quanto estavaõ na Campanha. Posto que a Naçaõ naõ fosse guerreira, e se servisse de tropas mercenarias, a fim de conservar o sangue, e o Commercio dos Cidadãos, tinha hum uso proprio para excitar o ardor do serviço. Os Militares traziaõ tantos anneis, quantas eraõ as Campanhas em que se acháraõ. Aquelles anneis eraõ huma gloriosa distincçaõ. A honra he o estimulo dos guerreiros.

Recompensa Militar.

Poder, e Commercio de Carthago.

Carthago unida sempre com Tyro, donde derivava a sua origem, tinha-se insensivelmente levantado pelas suas Colonias, e pelo seu Commercio, chegan-

gando a ser superior áquella famosa Cidade. Sardenha, e huma grande parte da Sicilia, e da Hespanha lhe estavaõ sujeitas. Carthago, Senhora do Mar, recolhia de toda a parte sem grandes gastos o superfluo de differentes Terras, para o vender por alto preço em outra parte. Naõ achando concurrencia alguma, Carthago facilmente impunha aquella especie de tributo ás Nações.

Viagem de Hannon.

Hannon, hum dos seus maritimos, tinha tido ordem para fazer o gyro de Africa pelo Estreito de Gibraltar. Os mantimentos faltáraõ-lhe na viagem; sem o que Hannon teria executado, assim como os Fenicios no tempo de Nechos, huma das maiores emprezas que os Antigos pudéraõ imaginar. Porém Carthago dilatando o seu Imperio, tendia para a sua ruina; porque o animo conquistador, perigoso a todos os Povos, he incompativel com o regime, e interesse dos Póvos commerciantes.

Tratados antigos dos Carthaginezes com os Romanos.

Carthago tinha feito varios tratados com a Republica Romana; o primeiro no Consulado de Bruto, pelo qual determinavaõ-se certos limites á navegaçaõ dos Romanos, e os Carthaginezes obrigavaõ-se a naõ fazer damno algum em o Lacio. Este Tratado, que Polybio nos transmittio todo por extenso, prova

que

que desde aquelle tempo se levantava entre ambos os Póvos huma mutua desconfiança. Por meio do segundo Tratado, em o anno de Roma 405, 348 annos antes de Jesu Christo, convieraõ ambas as Nações, entre outros Artigos, que os Romanos naõ poderiaõ negociar em Sardenha, nem em Africa, excepto em Carthago, onde lhes seria permittido vender as fazendas naõ prohibidas, assim como os Carthaginezes fariaõ em Roma. Convenções renovadas depois com algumas mudanças. Estas convenções suppõem da parte dos Carthaginezes hum poder superior, e da parte dos Romanos bastantes forças para se fazer temer. Ambos os Póvos quizeraõ sobjugar a Sicilia; e a ambiçaõ ateou logo a guerra. Antes de fazer a sua narraçaõ, fallemos hum pouco ácerca das revoluções da Sicilia.

Dionysio o Tyranno.

Dionysio o Tyranno, feito Senhor de Syracusas, sessenta annos depois de se livrar do jugo da familia de Gelon, e onze annos depois de derrotar os Athenienses, obrigando-os a fugir, (405 annos antes da nossa Era), havia estabelelecido nesta Ilha o seu dominio pelos seus talentos, pelas suas victorias, e crueldades. Dionysio foi o vencedor dos Carthaginezes; e os expulsou totalmente da Sicilia. A sua vaidade ridicula de Poeta, á sua

Revoluções de Sicilia depois

da guerra com os Athenienses.

a sua paixaõ pelas Coroas Olympicas, os seus rigores contra os amigos da verdade, a sua cruel, e desconfiada Tyrannia, a sua falta de Religiaõ escandalosa, estavaõ juntas a huma força de engenho, e de valor, que o manteve no Throno trinta e oito annos, rodeado de huma multidaõ de inimigos domesticos.

Acções deste Tyranno.

Entre varias acções, que se referem a respeito de Dionysio o Tyranno, as seguintes me parecem notaveis. Dionysio tinha mandado prender o Filosofo Filoxenes por se atrever a naõ admirar, nem elogiar os versos, de que Dionysio se gloriava. Depois de o mandar chamar no dia seguinte, e lendo-lhe outra Obra nova, perguntou-lhe o seu parecer. Filoxenes voltando-se para os guardas, disse: *Levem-me outra vez para a cadea.* O Tyranno, por esta vez, dissimulou a zombaria, que delle se fazia. Dionysio tendo necessidade de dinheiro, roubou hum Templo de Jupiter, e tirou hum manto de ouro massiço, com que o Deos estava ornado. *Este manto*, proferio Dionysio, *he muito pezado para o Veraõ, e muito frio para o Inverno.* Dionysio mandou-lhe pôr hum manto de lã, proprio para todas as Estações. Este desgraçado Principe naõ queria para seus barbeiros senaõ as suas filhas; e receando ainda entre as

suas

suas mãos as tesouras, e a navalha, lhes ensinou a queimar-lhe os cabellos com cascas de nozes. Dionysio o Moço, seu filho, succedeo-lhe sem obstaculo.

Dionysio, o Moço.

Aquelle Principe, brando, e sensual, logo se entregou aos enganos da fortuna, parecendo naõ reinar senaõ para se sepultar nas delicias. Porém Dion seu cunhado, o mais sabio, e o mais prudente dos Syracusanos, persuadindo-lhe attrahir para a Corte o famoso Plataõ, o estudo, a Filosofia, e os costumes entráraõ na Corte juntamente com aquelle Filosofo. Se os Cortezãos tivessem abraçado a reforma, Syracusas teria tido hum Principe bom. Os Cortezãos inventando imposturas contra Dion, o fizeraõ desterrar. Plataõ tambem foi desterrado. *Vós naõ deixareis de me desacreditar com os vossos Filosofos*, lhe disse o Principe, quando o despedio. *Deos nos livre*, respondeo o Filosofo, *que estejamos no caso de pensar em vós por falta de assumpto na nossa Academia!* Logo as mais escandalosas injustiças cumuláraõ a desgraça de Dion. Os seus bens se vendêraõ, e a sua Mulher foi dada a outrem. A Sicilia, opprimida como elle, reclamou o seu soccorro contra o Tyranno. Dion resolveo, á pezar dos conselhos de Plataõ, o qual desapprovava semelhante empreza, vingar a sua Patria,

Dion perseguido, expulsa Dionysio.

e a si mesmo por meio de huma grande, e manifesta revoluçaõ. Com effeito, Dion livrando Syracusas, a governou algum tempo com sabedoria, e prudencia; porém o Povo ingrato, a quem offendia a severidade dos seus costumes, se esqueceo repentinamente dos seus beneficios; Dion foi assassinado por hum perfido amigo, e Dionysio subio novamente ao Throno, donde havia dez annos que tinha descido Dionysio. Vencido novamente pelo famoso Timoleonte, a quem os Corinthios mandáraõ soccorrer Syracusas, Colonia sua, foi desterrado para Corintho, onde acabou os seus dias miseravelmente. Os Spartanos julgáraõ atemorizar a Filippe com o seu exemplo, respondendo as duas seguintes palavras a huma carta, que lhes escreveo, em a qual os ameaçava: *Dionysio em Corintho.*

Agathocles, outro Tyranno de Syracusas.]

A Sicilia naõ gozou muito tempo da liberdade, e da paz, que Timoleonte lhe havia alcançado. Agathocles, contemporaneo de Alexandre, fazendo-se Senhor de Syracusas, atreveo-se a dilatar a guerra até á Africa, e derrotou as tropas de Carthago; depois padecendo hum revéz, abandonou o seu exercito com cobardia, e envenenou-se.

Os Syracusanos cha-

Syracusas, sitiada novamente pelos Carthaginezes, recorreo a Pyrrho, o qual man-

mantinha a guerra na Italia. Este Principe foi combater por Syracusas, alcançou logo o successo mais feliz, e acabou com os infelizes revezes da fortuna. Pyrrho, deixando a Sicilia, exclamou: *Que formoso campo de batalha deixamos nós aos Carthaginezes, e aos Romanos!* Os Syracusanos elegêraõ a Hieron para seu Rei. Naquelle tempo he que principiáraõ as guerras Punicas, que se origináraõ antes da Politica ambiciosa de Roma, do que da necessidade, e da justiça.

maõ Pyrrho contra os Carthaginezes.

Os Syracusanos elegem Hieron para seu Rei.

CAPITULO III.

Primeira Guerra Punica, e suas consequencias.

Os Mamertinos, Póvos originarios da Campania, tinhaõ-se apoderado de Messina por meio de hum attentado, semelhante áquelle da guarniçaõ Romana de Rhegio, que se castigou severamente, como temos relatado. Hieron os accommetteo; Carthago os soccorreo. Porém temendo os Mamertinos as emprezas dos Carthaginezes, tanto como as emprezas do Rei de Syracusas, puzéraõ-se debaixo da protecçaõ dos Romanos. A honra naõ permittia que o Senado se declarasse a favor dos

489
Os Romanos fazem a guerra injustaméte na Sicilia.

dos Mamertinos. O Povo menos delicado a respeito das decencias, queria huma guerra, de que esperava tirar grandes utilidades. A vontade do Povo fez a Lei; recorrêraõ ás armas. O Consul Appio Claudio passou o estreito com huma frota pequena, derrotou Hieron, e os Carthaginezes, os quaes se tinhaõ unido juntamente, deixou guarniçaõ em Messina, e voltou coberto todo de gloria; pois os Romanos até áquelle tempo naõ tinhaõ experimentado as suas armas fóra do continente.

Hieron faz alliança cõ os Romanos.

Hieron, ou por prudencia, ou por fraqueza, fez hum tratado com Roma, a fim de salvar os seus Estados. Os Carthaginezes eraõ Senhores de huma grande parte das costas, e das Cidades maritimas; das quaes porém podiaõ ser expulsados com o soccorro dos Syracusanos.

493 Os Romanos formaõ huma Marinha formidavel.

Agrigento, Cidade famosa, foi tomada depois de hum sitio dilatado; os inimigos foraõ derrotados em huma grande batalha. Dando aquelles successos aos Romanos novas esperanças, dilataõ as suas idéas, e vendo a necessidade, que havia de huma Marinha, emprendem formalla; porque os Romanos nunca tiveraõ frota digna daquelle nome, sendo os seus baixeis mais depressa huns barcos,

do

do que huns navios. Huma galera Carthagineza, que havia dado á costa em Italia, lhes serve de modelo. Trabalha-se com tanta força, que em dous mezes, segundo Polybio, armaõ-se cem galeras de sinco ordens de remos, e vinte de tres ordens. Os remadores tinhaõ-se exercitado na borda do Mar, assentados em bancos, como se tivessem manobrado em chusma nas galés. Com tudo as galeras, e a manobra dos Romanos naõ podiaõ igualar ao principio com as de hum Povo, que tinha o Imperio do Mar. Para alcançar a superioridade, era necessario achar o meio de combater a pé firme sobre as ondas, e de inutilizar a destreza, e a sciencia maritima dos Carthaginezes. Que cousas naõ ha de inventar o engenho, excitado por grandes mvtivos?

Victoria naval do Consul Duilio.

O Consul Duilio mandou pois accrescentar a cada galera huma maquina, chamada *corvo*, que cahindo em hum navio inimigo, o devia aferrár, e formar huma especie de ponte para a abordagem. Aquella invençaõ teve todo o successo possivel. Duilio derrotou os Carthaginezes, matou-lhes sete mil Homens, fez sete mil prisioneiros, metteo a pique treze galeras, e tomou oitenta. Nunca os Romanos tiveraõ huma victoria taõ agradavel. Duilio gozou toda a sua vida de hu-

huma honra extraordinaria. Quando Duilio voltava para casa depois de cear fóra, era precedido de huma tocha accesa, e de hum tocador de instrumento musico.

Outros succesos.

Em poucos annos, as heroicas acções, e as victorias se succedem quasi sem interrupçaõ. Corsega, e Sardenha foraõ tomadas ao inimigo. Calpurnio, Tribuno Legionario, salva o Exercito em Sicilia por huma acçaõ semelhante á acçaõ de Leonidas contra os Persas. Os seus trezentos companheiros morrem; Calpurnio he o unico, que escapa, coberto de feridas, e huma coroa de relva basta para sua recompensa. A batalha de Ecnoma, ganhada pelos Romanos, os quaes tomáraõ mais de sessenta galeras, os pôz em estado de accommetter a Africa.

Acçaõ heroica de Calpurnio.

Regulo vai á Africa depois da victoria de Ecnoma.

Regulo, hum dos Consules victoriosos, dilata a guerra até á Africa, e no fim do seu Consulado recebe ordem de a continuar em qualidade de Pro-Consul. Regulo entaõ se lamenta, e requer hum Successor, allegando por motivo, que hum ladraõ lhe roubou os instrumentos da sua lavoura, e que se elle naõ fôr mandar cultivar o seu pequeno campo, corre o risco de morrer de fome juntamente com a sua familia. O Senado ordena que o Campo de Regulo se cultive,

e a

e a sua familia se sustente á custa do Publico. O Povo Romano, diz Seneca, chegou a ser o seu rendeiro. Deste modo tambem a pobreza realça a gloria dos Generaes. Porém he difficultoso crer, que Regulo naõ tivesse algum outro motivo occulto para pedir a sua demissaõ. Qualquer simples exposiçaõ de necessidade lhe teria alcançado, sem duvida, o mesmo soccorro. Talvez que Regulo suspirasse pelo triunfo, do qual o poderia frustrar qualquer revez da fortuna. A continuaçaõ dos factos authoriza esta conjectura.

497 Regulo vécido por Xantippo, e por culpa sua.

Regulo tendo-se adiantado até ás portas de Carthago, e querendo finalizar a guerra, offerece ao inimigo humas condições de paz taõ intoleraveis, que a pezar do geral terror saõ desprezadas. O mesmo Regulo, dizendo, *que he necessario saber vencer, ou sujeitar-se ao vencedor*, tinha alentado novamente o animo dos vencidos por meio da vergonha, e da desesperaçaõ. Auxiliares Gregos, pagos pelos Carthaginezes, chegaõ em huma circunstancia taõ critica. O Lacedemonio Xantippo forma as tropas, ensina-lhes a Arte Militar, acostuma os soldados á disciplina, e enche-os de ardor, e confiança. Xantippo accommette o presumido Regulo, o qual julgando-se invencivel, nenhuma cautela tomava para vencer:

cer. Os Romanos ficaõ derrotados, e o seú General prisioneiro. Exemplo muito proprio, conforme a reflexaõ de Polybio, para confiar menos em nós, e ser mais prudentes. Saibamos por meio da experiencia dos erros, e infelicidades alheas evitar aquelles erros, aquellas infelicidades. Este he o precioso fruto da leitura. Xantippo tinha salvado os Carthaginezes, e receando-se do seu ciume, retirou-se occultamente.

Os Romanos continuaõ a guerra com ardor.

Roma reduplica os seus esforços, arma grande numero de galeras, e continua com força huma guerra, cujos primeiros successos naõ podiaõ desvanecer-se. As tempestades, e os naufragios destroem a frota. Renuncia-se o imperio do Mar. Depois prova-se a grande superioridade, que o Mar dá ao inimigo; e trabalhaõ com ansia para armar huma nova frota. Antes que a frota estivesse prompta, o Pro-Consul Metello alcançou junto a Panorma (Palermo) huma completa victoria. Sessenta elefantes serviraõ de ornato ao seu triunfo. Este foi hum novo espectaculo para os Romanos.

Fim heroico de Regulo, segundo a maior parte dos Historiadores.

Finalmente a frota parte, e vai sitiar Lilybea, a praça mais forte, que os Carthaginezes tinhaõ na Sicilia. Em aquelle tempo mandáraõ os Carthaginezes Embaixadores propôr a troca dos prisioneiros.

ros. Se he necessario dar credito a muitos Historiadores, a pezar do silencio de Polybio, Regulo, que tinha acompanhado os Embaixadores, persuadio a naõ fazer aquella troca, e voltou para Carthago a padecer o supplicio mais horroroso. Os Romanos, a fim de vingarem a sua morte, entregáraõ os prisioneiros principaes ao furor da sua Mulher, e dos seus filhos, os quaes naõ se mostráraõ menos barbaros, que os Carthaginezes. He certo que com a propria virtude confundia-se a ferocidade.

Ambos os Póvos, no espaço de nove annos que durou o sitio de Lilybea, serviraõ-se de todos os seus recursos. Claudio Pulcher, Consul orgulhoso, e imprudente accommettendo a frota dos Carthaginezes no porto de Drepano, perdeo a frota de Roma, que foi destruida por Adherbal. Refere-se que Claudio sabendo, antes da batalha, que os Frangãos Sagrados naõ comiaõ, os mandára lançar ao Mar, dizendo por zombaria: *Se os Frangãos naõ quizerem comer, ao menos bebaõ.* Naõ era necessario mais para que a superstiçaõ abatesse o animo dos Romanos. Outras muitas infelicidades, assim como tempestades, e naufragios, anniquiláraõ a marinha. Sómente alguns armadores preparavaõ corsarios á sua custa, e in-

504 Batalha de Drepano, onde os Romanos perdem a sua frota

e inquietáraõ o inimigo com os seus corsos. Em fim o zelo dos Cidadãos suprio á falta do Thesouro. * Todos, conforme as suas posses, contribuiraõ para hum novo preparativo de guerra; a Republica, cujas promessas naõ enganavaõ, obrigou-se a embolçar algum dia os avanços, que lhe fizessem. Depressa se preparáraõ duzentas galeras de sinco ordens de remos. O consul Lutacio destruio a frota de Hannon, depois derrotou Amilcar Barcas, Pai do grande Annibal, obrigou os Carthaginezes a pedirem a paz, e dictou-lhes as suas condições imperiosomente.

Os Romanos reparaõ esta perda, e alcançaõ victorias.

511 Tratado de paz.

Estipulou-se que os Carthaginezes evacuariaõ toda a Sicilia; que pagariaõ aos Romanos no espaço de vinte annos dous mil e duzentos talentos de prata, avaliados quasi em quatro milhões de cruzados; que entregariaõ sem resgate os prisioneiros, e fugitivos; finalmente que naõ fariaõ a guerra nem a Hieron, nem aos seus alliados. O Povo Romano confirmou aquelle Tratado, exigindo de mais mil

Os Romanos daõ as Leis com força.

* No principio do sitio de Lilybea, era o dinheiro taõ raro, que hum alqueire de trigo em Roma naõ custava senaõ hum as, a decima parte do dinheiro, ou do drachma. Pelo mesmo preço tinha-se hum *congio* de vinho, que vem a ser mais de tres canadas: doze arrateis de carne, dez libras de azeite, &c. (*Plin. Liv. XVII. C. III.*)

mil talentos pelos gastos da guerra, reduzindo a dez annos o termo do pagamento da outra quantia, e obrigando os Carthaginezes a abandonar todas as Ilhas situadas entre a Sicilia, e a Italia. A Sicilia, excepto o Reino de Syracusas, foi declarada *Provincia* dos Romanos. Aquelle nome deo-se ás Terras conquistadas fóra da Italia; para onde se mandava todos os annos hum Pretor, e hum Questor, o primeiro para sentenciar as causas civís, e o segundo para a arrecadaçaõ dos tributos.

A Sicilia Provincia Romana.

Deste modo, he que os Romanos, depois de vinte e quatro annos successivos de guerra, sem riquezas, sem experiencia em a Marinha, e depois de ter perdido setecentas galeras, deraõ as Leis áquella opulenta Carthago, cujas perdas eraõ menos consideraveis, e os recursos muito mais amplos. Huma constancia inflexivel nas resoluções, huma paixaõ invencivel pela gloria, e conquistas, o continuado costume dos combates, e a exacta severidade da disciplina, determináraõ a fortuna a declarar-se por parte de Roma. Hum Povo unicamente guerreiro devia exceder a hum Povo, que só fazia a guerra por causa do Commercio.

Quanta superioridade tinhaõ os Romanos na guerra.

De mais disso, os Carthaginezes, cru-

O rigor da disciplina

naõ inspirava senaõ valor.

crucificando os seus Generaes, quando eraõ vencidos, inspiravaõ maior terror, do que emulaçaõ; os Romanos castigando a desobediencia, e cobardia, degradando todo o que faltasse á sua obrigaçaõ, desprezando resgatar os prisioneiros, inspiravaõ valor sem fazer crime dos infelizes successos, dos quaes ninguem está isento. Quatrocentos Cavalleiros moços commandados para trabalhos urgentes, e indispensaveis, naõ querendo obedecer, foraõ privados dos seus cavallos pela sentença dos Censores. Porém aquelles naõ eraõ subditos perdidos para a Republica; pois podiaõ desvanecer a sua infamia; podiaõ novamente elevar-se; hum castigo salutifero servia de tornar a animar o sentimento da obrigaçaõ. Em huma palavra, Roma com muita ambiçaõ tinha excellentes soldados; a mesma Roma sem descanço encaminhava-se ao fim da sua Politica, á sua grandeza, e os seus Consules eraõ taõ efficazes em obrar bem, quanto menos era o tempo, que tinhaõ para mandar. Este he sobre tudo o meio, por onde Roma venceo as Nações. No fim da primeira Guerra Punica, se achou o numero dos Cidadãos diminuido consideravelmente.

514 Rebelliaõ

As tropas de Carthago, compostas de Africanos mercenarios, em lugar de ser-

servir com aquella actividade, que inspira o amor da Patria, estavaõ dispostas para a rebelliaõ pelos seus proprios interesses. Determinou-se despedir aquellas tropas, e diminuir o seu soldo. Este foi o sinal de huma terrivel sediçaõ. A Cidade, sem hum defensor tal, como Amilcar, teria sido tomada, e saqueada. Os mercenarios se fazem Senhores da Sardenha, e a offerecem aos Romanos. Estes, depois de terem desprezado o seu offerecimento, valem-se de hum pretexto para tomar aquella Ilha, por julgarem ser-lhes ella conveniente, e ordenaõ aos Carthaginezes, que a renunciem, obrigando-os a pagar os gastos dos preparativos de guerra, por cujo meio se tinhaõ della apossado. Carthago, naõ podendo ainda vingar-se, cedeo.

na Sardenha contra os Carthaginezes.

Os Romanos, a pezar da paz, se apoderaõ daquella Ilha.

Huma paz geral deo occasiaõ a se fechar o Templo de Jano, que tinha estado sempre aberto desde o Reinado de Numa. Poucos mezes depois se abrio novamente o Templo, o qual só Augusto fechou. A guerra era o elemento dos Romanos. E he possivel que a maior parte dos Authores louvem a sua humanidade, e a sua justiça!

Templo de Jano fechado.

Os Romanos mandaõ huma Embaixada á Illyria pedir a indemnisaçaõ dos damnos causados a alguns Mercadores pe-

523

Pirataria dos Illyrios.

pelos corsarios Illyrios. A Rainha Teuta responde, que os Romanos naõ seráõ accommettidos por piratas, porém que os Reis daquella Terra naõ costumaõ prohibir os corsos aos particulares. *Entre nós*, replica atrevidamente o Embaixador mais moço, *o damno feito a qualquer Cidadaõ he vingado pela Republica; nós vos obrigaremos a reformar os vossos costumes.* Teuta irritada por hum semelhante insulto, manda matar os Embaixadores. Os Romanos submettem a Illyria, e aproveitaõ a occasiaõ de apparecer na Grecia. Athenas, e Corintho admittem os Romanos nos seus jogos, e nos seus mysterios, sem prevêrem que algum dia chegariaõ a ser escravos daquelle Povo antes desconhecido.

Roma queixa-se, e a Illyria fica sujeita.

Honras, que na Grecia recebem os Romanos.

Com tudo os Gaulezes faziaõ os seus preparativos contra Roma, a qual distribuindo as Terras dos Senonezes, os tinha irritado. Os Pontifices foraõ consultados a respeito dos meios de se escapar da tormenta, e com a sua resposta, dous Gaulezes foraõ enterrados vivos. A barbara Superstiçaõ parecia ordenar por toda a parte o homicidio, em honra da Divindade, que o prohibe, e o castiga. Aquella barbaridade enfureceo mais os Gaulezes, os quaes derrotáraõ em Etruria hum Exercito consideravel; porém com-

Guerra contra os Gaulezes de Italia.

combatendo meio nús foraõ derrotados em diversas batalhas. Os Romanos em 530 atravessaõ a primeira vez o Rio Pó; tomaõ Milaõ, Capital da Insubria; e senhoreando-se da Liguria, fazem de ambas aquellas Terras huma Provincia com o nome de Gaula Cisalpina. Estabeleceo-se em Cremona huma Colonia, e outra em Plasencia. Depois sobjugaõ a Istria, e a Illyria. Eu aponto sómente estes successos. A segunda Guerra Punica nos offerece successos mais memoraveis.

A Gaula Cisalpina reduzida a Provincia, &c.

CAPITULO IV.

Segunda Guerra Punica, até á batalha de Cannas.

OS Carthaginezes naõ estiveraõ muito tempo sem reparar as suas perdas, por meio de novas Conquistas em Hespanha, até onde Amilcar estendêra a guerra, depois de ter feito jurar a Annibal, seu filho, hum odio irreconciliavel contra os Romanos. Amilcar no espaço de nove annos, dilatou muito por aquella Terra o dominio de Carthago, a qual extrahia de Hespanha thesouros immensos. Asdrubal, seu Genro, succedeo-lhe no mando, seguio os seus passos, fundou

Progressos dos Carthaginezes em Hespanha, no tẽpo de Amilcar, e Asdrubal.

Carthagena, e augmentou hum poder, cujos progressos naõ podiaõ deixár de inquietar Roma, a qual vendo-se ameaçada pelos Gaulezes, empregou as negociações com a sua perigosa competidora, que da sua parte temia a renovaçaõ da guerra. Ajustou-se que os Carthaginezes naõ passariaõ o Ebro, e que Sagunto, Cidade consideravel, alliada dos Romanos, ficaria livre, e independente.

Annibal mandado á Hespanha.

Era impossivel que a paz subsistisse muito tempo entre duas Nações taõ ambiciosas, e com interesses taõ contrarios. Asdrubal naturalmente pacifico observou o Tratado; porém tinha pedido, e obtido que lhe enviassem o Moço Annibal. Asdrubal morreo; Annibal foi seu successor, e implacavel inimigo de Roma, e naõ desejando senaõ guerra, entregou-se logo aos vastos projectos do seu genio, e da sua paixaõ. Annibal de idade de vinte e seis annos, já unia a prudencia com a heroicidade. Os soldados o adoravaõ por ser ao mesmo tempo o seu modelo, e o seu bemfeitor. O mesmo Annibal, sobrio, vigilante, incançavel, acostumado com os trabalhos, naõ dando ao somno senaõ o tempo em que podia respirar depois dos negocios, dormindo algumas vezes pelo chaõ entre as sentinellas, recompensava liberalmente em os outros as

Seu caracter.

ac-

acções, e as virtudes Militares, das quaes elle mesmo parecia fazer as suas delicias; e para desgraça dos Romanos, Annibal possuia os talentos de huma politica artificiosa, como se já fosse hum completo General.

Posto que o partido Barquense, de que seu Pai tinha sido Chefe, dominasse em Carthago, e se tivesse declarado pela guerra; como o outro partido podia algum dia ser vencedor, Annibal naõ quiz emprender cousa alguma sem approvaçaõ da Republica. Annibal lamentando-se dos Saguntinos pelos seus Emissarios, fazendo os Romanos suspeitos, e odiosos, alcançou hum pleno poder de obrar a respeito de Sagunto, como julgasse conveniente aos interesses de Carthago. Sagunto sitiada implora o soccorro de Roma. Mandaõ-se Embaixadores, cujas representações naõ produzem effeito algum. Os Saguntinos, depois de sete mezes de sitio, reduzidos á ultima extremidade, queimaõ quanto tem de mais precioso, lançaõ fogo ás casas, onde morrem a maior parte juntamente com suas Mulheres, e filhos. Tudo o mais foi passado ao fio da espada.

534 Annibal sitia, e toma Sagunto, alliada de Roma.

Roma arguio-se fortemente por naõ ter soccorrido huns alliados taõ fieis, e taõ uteis, e preparando-se logo para a guer-

Os Romanos declaraõ a guerra a Carthago.

guerra, mandou huma nova Embaixada a fim de pedir razaõ de huma empreza contraria aos Tratados, e ao direito das Gentes. Em lugar de entregar Annibal, como os Romanos pretendiaõ, justificáraõ-se com o seu proprio exemplo do sitio de Sagunto. Fabio, Chefe da Embaixada, sem entrar naquellas superfluas discussões, fazendo huma prega no seu vestido: *Eu trago aqui comigo a paz, ou a guerra*, disse Fabio atrevidamente, *escolhei.* O Chefe do Senado, com hum tom tambem altivo, lhe declarou, que elle mesmo podia eleger. *Ahi tendes a guerra*, replicou Fabio. O partido Barquense a desejava; a guerra foi acceita voluntariamente.

Exame dos motivos da segunda Guerra Punica.

Esta he huma grande questaõ da politica saber, se aquella guerra era justa, ou naõ. O ultimo Tratado declarava expressamente, que os Carthaginezes naõ accommetteriaõ Sagunto, e sobre este ponto tinhaõ violado a sua convençaõ. Porém a invasaõ da Sardenha, e Corsega pelos Romanos, o novo tributo, que haviaõ imposto a Carthago depois da conclusaõ da paz, naõ eraõ emprezas menos odiosas. Como o Tratado concluido com Asdrubal, naõ tinha tido outro consentimento, da parte da Republica Carthagineza, senaõ hum silencio de muitos an-

nos,

nos, naõ deixava de haver pretexto para illudir a sua observancia. De huma, e outra parte, achamos injustiça, violencia, aspereza, e hum ciume ambicioso, que sómente espera as favoraveis circunstancias. A voz da piedade, e as regras da boa fé, tem pouca força, quando governaõ as paixões. Esta he a razaõ, porque a guerra a mais justa na apparencia, he quasi sempre condemnavel em o seu principio. Roma parece ter direito para vingar Sagunto; porém Roma queria mais que tudo abater, e despojar Carthago.

Pouca Moral em a Politica.

Em quanto a universal Politica naõ se dirigir pela Moral, lamentemo-nos do Genero Humano. Entaõ os mesmos Tratados seráõ hum laço fragil. Entaõ os Estados, sempre postos em cautela, e sempre desconfiados huns a respeito dos outros, seráõ inimigos com a apparencia da amizade; e como a primeira Lei Natural obriga cada hum a cuidar na sua propria conservaçaõ, succederá algumas vezes, que os horrores da guerra se possaõ justificar, sómente pela necessidade de prevenir certos ataques, dos quaes se naõ defenderiaõ por outro meio.

Roma sollicita em vaõ o soc-

Os Embaixadores Romanos, os quaes decorrêraõ pela Hespanha, e pelas Gaulas para attrahir os Póvos á sua alliança, achá-

corro dos Hespanhoes, e Gaulezes.

acháraõ na mesma Hespanha, e entre os proprios Gaulezes grandes prevençóes contra a Republica. Em Hespanha respondêraõ-lhes, que a ruina de Sagunto naõ inspirava o desejo de ter semelhantes alliados. Na Gaula, se achou muito ridiculo, que depois de ter maltratado tanto aos Gaulezes, viessem propór os Romanos huma guerra para defeza de Roma. A Republica achou-se pois reduzida ás suas proprias forças, as quaes eraõ consideraveis. Além de seis Legiões, compostas de vinte e quatro mil Infantes, e de mil e oitocentos cavallos, houve hum corpo de quarenta e oito mil Homens dos outros Póvos da Italia, e huma frota de duzentas e quarenta vélas. Ambos os Consules tiráraõ por sorte o Governo das suas repartições. Sempronio partio para Africa, e Publio Scipiaõ devia combater em Hespanha.

Preparos de Annibal para a guerra da Italia.

Com tudo, tendo Annibal na sua mão o mando dos Exercitos, e o poder de fazer quanto julgasse conveniente, sem estar comprimido, assim como os Consules pelos limites do tempo, preparava-se para hir fazer a guerra na Italia. Nunca empreza foi concertada nem com maior valor, nem com mais prudencia. Annibal tomou as melhores medidas para a segurança do Estado; informou-se ex-

exactamente dos obstaculos, que no caminho encontraria; conciliou a si huma grande parte dos Gaulezes, por meio da sua bondade, e das suas liberalidades, e fez-se senhor do coraçaõ dos Soldados. Nenhum perigo atemorizava Annibal, porque tudo tinha previsto, e posto que devesse encontrar por toda a parte terriveis perigos, estando certo de os poder vencer, partio com a confiança de hum verdadeiro Heroe.

535 Annibal passa os Alpes, a pezar das maiores dificuldades.

A passagem do Ebro, e dos Pyreneos, por onde gloriosamente deo principio á sua empreza, naõ he nada em comparaçaõ da passagem do Rhodano, e dos Alpes. Scipiaõ, com a noticia da sua marcha, tinha chegado a toda a diligencia a Marselha, resoluto a combater na Gaula. Porém enganado por causa da promptidaõ do inimigo, nem o pôde encontrar, nem impedir de passar o Rhodano. A rapida corrente daquelle Rio, os Gaulezes, que defendiaõ a outra borda do mesmo Rio, nada suspende aquelle grande Homem. Annibal salva os seus proprios elefantes, e depois de chegar ás faldas dos Alpes em o mez de Outubro, os acha cobertos de gelo, e de neve, e guardados por huns montanhezes ferozes, os quaes podiaõ destruir as suas tropas ás pedradas. Annibal passa os Alpes em

em quinze dias com infinito trabalho, e chega em fim ao bello Paiz, que propunha aos seus soldados, como a recompensa dos seus trabalhos. Havia sinco mezes e meio, que Annibal tinha partido de Carthagena á frente de sincoenta mil Homens de infantaria, e de vinte mil cavallos, dos quaes naõ conservava senaõ vinte mil infantes, e dous mil cavalleiros.

A sua marcha desde a Hespanha he huma das mais memoraveis expedições.

Esta marcha de quasi quatrocentas legoas por entre innumeraveis obstaculos, se deve celebrar entre as proezas dos Conquistadores mais famosos. A relaçaõ, que Polybio nos deixou de semelhante marcha, he admiravel, posto que nella se naõ encontrem nem as maravilhas, nem a pompa de Tito-Livio. O vinagre, com o qual este Author faz dissolver os rochedos dos Alpes, hé muito semelhante ás quimeras de Herodoto. Que vinagre naõ seria necessario para semelhante fim!

Primeiras expedições de Annibal em Italia.

Depois de Annibal ter dado algum descanço ás suas tropas, quiz fazer-se notavel com expedições, que fizessem soar ao longe o terror do seu nome, e das suas armas. A tomada de Turin foi o seu preludio. Scipiaõ tinha vindo promptamente soccorrer a Italia. Este Consul encontrando-se com os Carthaginezes além do

Rio

Rio Tesino, combate, e fica ferido; a sua cavallaria julgando-o morto, foge; e Scipiaõ torna a passar o Pó seguido de perto por Annibal. Os Gaulezes o abandonaõ, e unem-se com o inimigo.

Batalha do Rio Trebia perdida por Sempronio.

Sempronio, sendo chamado da Sicilia, vaõ, e presumido, lisonjeando-se de vencer sem o seu collega, que ainda estava enfermo da sua ferida, obstina-se em dar batalha, a pesar das representações de Scipiaõ; e como Sempronio naõ procurava o tempo dos negocios, mas sim o seu tempo, (reflexaõ admiravel de Polybio) toma taõ contrarias medidas, que ambos os Exercitos Consulares ficaõ derrotados na margem do Rio Trebia. Sempronio, desde o principio da acçaõ, attrahido por huma industria de Annibal, tinha passado aquelle Rio, a pezar da neve, que cahia. Os seus soldados cheios de frio, e padecendo fome, apenas podiaõ pegar nas suas armas, ao mesmo tempo que os Carthaginezes estavaõ armados contra os rigores da estaçaõ, e da fadiga. Podia-se prognosticar o successo, á vista de hum erro semelhante.

Marcha perigosa de Annibal até á Etruria.

O vencedor tenta entaõ a passagem do Monte Apenino, a qual as circunstancias fazem quasi taõ perigosa, como a passagem dos Alpes. Huma horro-

ro-

rosa tempestade lhe opprimio o seu Exercito por espaço de dous dias inteiros, sem poder levantar as barracas. Naquella tempestade morrem sete elefantes, e juntamente infinita gente, e muitos cavallos. Annibal, ao sahir dos montes, ainda accommetteo o Consul Sempronio, e depois de hum aspero combate, sem victoria decisiva, penetra com diligencia pela Etruria dentro pelo caminho mais breve. Acha diversas legoas para passar; novo perigo invencivel para qualquer outro. As suas tropas estaõ com os pés em agua por espaço de quatro dias, e quatro noites. Annibal montado no unico elefante, que lhe fica, apenas se tira do lodo, e perde hum olho por causa de hum defluxo occasionado pelo máo ar, e pela fadiga. Quanto mais dignos de admiraçaõ seriaõ estes prodigios de valor, se tivessem por alvo a felicidade da Humanidade!

536 Os Romanos derrotados em Trasimeno.

Hum novo Consul, indigno de mandar, o temerario Flaminio, prepara-se a augmentar a gloria de Annibal. Flaminio entra logo atemorisando a Superstiçaõ Romana, com hum desprezo arrogante dos auspicios; depois, impaciente por combater, metteo-se em hum desfiladeiro junto ao lago Trasimeno. Os inimigos o investem, o mataõ, e derrotaõ o seu

seu Exercito. Sómente seis mil Romanos escapaõ da mortandade; e no dia seguinte saõ obrigados a render-se. Quatro mil Homens, que vinhaõ ajuntar-se com Flaminio, tambem saõ derrotados. Annibal parecia dominar a fortuna.

Sabia politica do vécedor.

Annibal, sempre politico, ainda entre tantos felizes successos, tratou com grande humanidade os alliados de Roma, remettendo os seus prisioneiros sem resgate, a fim de os attrahir ao seu partido. Annibal fazendo-se Libertador daquelles Póvos, despojados pela ambiçaõ, e injustiça, sómente achou soccorro nos Gaulezes.

Fabio nomeado Dictador.

Tudo se perdia, se o mesmo Senado contra todas as regras naõ tivesse nomeado hum Dictador capaz de restabelecer os negocios. Fallo de Fabio, cuja prudencia eclipsa os Conquistadores mais celebres. O Povo da sua parte nomeou Minucio para General da Cavallaria; má eleiçaõ, que réalçou o merecimento do Dictador. Fabio principiou por actos de Religiaõ, tanto mais necessarios, pois que os supersticiosos terrores combatiaõ os animos. Fabio mandou cumprir hum antigo voto desprezado, ao qual se suppôz estava annexo o feliz successo das armas. Tendo-se posto na frente das tropas, resolveo prudentemente deixar consumir-

se

A sua prudencia cõfunde Annibal.

se o inimigo por falta de viveres. Fabio se acampa nos altos, evita o combate, cança Annibal, e o confunde com este novo genero de guerra. Minucio, taõ intrepido, quanto prudente era Fabio, em vaõ desacreditou o seu procedimento, á vista das assolações, que fez o Carthaginez nas terras dos alliados. Em vaõ a cruel, e quasi unanime reprehensaõ de cobardia desacreditava o Dictador: Fabio teve a constancia de naõ temer o desprezo, nem a ridicularia de sacrificar a Patria á sua propria gloria, e de naõ fazer conta alguma da opiniaõ pelo preço do seu dever. *Eu sería verdadeiramente cobarde*, dizia Fabio, *se commettesse erros por temor da zombaria.*

Fabio naõ teme o desprezo, nem a zombaria.

As injustiças manifestaõ a sua virtude.

Finalmente, Fabio he accusado de ter intelligencias com Annibal; a razaõ era, porque este poupava as suas terras, com a idêa de o fazer suspeito. Fabio ordena a seu filho, que venda as terras, e empregue o dinheiro em resgatar os prisioneiros. O mesmo Fabio he obrigado a voltar para Roma; e vendo-se injuriado por hum Tribuno do Povo, contenta-se de responder: *Fabio naõ póde ser suspeito pelos seus Concidadãos.* A injustiça chega até dividir a authoridade do mando entre Fabio, e o seu General de Cavallaria: Fabio entrega áquelle teme-

merario ametade das tropas. O mesmo Fabio vê logo a Minucio travar batalha com os Carthaginezes, e quasi ficar cercado de todas as partes, e quasi inteiramente derrotado. Fabio, naquelle tempo, cahe sobre o inimigo, e o corta. Para resistir a tanta virtude, era necessario naõ ser Romano. Minucio envergonhou-se dos seus excessos; depôz a sua authoridade nas mãos do Dictador. Esta campanha he huma das melhores lições, que a Historia póde dar, ou seja aos Generaes, ou aos Cidadãos.

Fabio salva o temerario Minucio.

CAPITULO V.

Batalha de Cannas, e continuaçaõ da guerra, até ao mando de Scipiaõ Africano em Hespanha.

A EXPERIENCIA tinha ensinado, quanto influia no bom successo da guerra, a eleiçaõ do General. Porém o Povo nada se aproveita da experiencia, a preoccupaçaõ o arrasta, e a intriga lhe fecha os olhos. Terencio Varraõ, filho de Carniceiro, cujo officio elle mesmo exercitou, e cuja elevaçaõ deveo á lisonja, com que concorreo para os populares gostos; Varraõ, sem outro algum merecimento, mais

Varraõ, Consul pessimo.

mais que huma presumida arrogancia, foi nomeado Consul, a pezar da nobreza.

Emilio seu Collega.

Emilio, seu collega, tendo as virtudes de hum bom Cidadaõ, e os talentos de hum bom General, encontrou em Varraõ hum adversario mais formidavel do que os proprios Carthaginezes. Oito Legiões, cada huma composta de sinco mil Homens de infantaria, e de trezentos de cavallaria, sem contar as tropas dos alliados, formavaõ, ás ordens de ambos os Consules, hum Exercito poderoso; o qual sómente governado por Emilio, teria sido invencivel; porém a temeridade de Varraõ foi causa da sua perda na famosa batalha de Cannas na Apulha.

537 Batalha de Cannas, perdida por culpa de Varraõ.

Dous Generaes, tendo huma igual authoridade, e principios totalmente contrarios, mandando alternativamente cada qual o seu dia, saõ duas cabeças, que querem conduzir o mesmo corpo com sentimentos oppostos. Huma infelicidade certa he inevitavel por causa da sua discordia. Varraõ aproveitou-se do seu dia, em que mandava, para se precipitar. Nada ha mais imprudente, como as suas disposições, e nada ha mais bem combinado, como as disposições de Annibal. Os Romanos foraõ cercados, e ficáraõ derrotados. A mortandade foi taõ horrorosa, depois de tres horas de combate, que o General Cartha-

thaginez exclamava pela conservaçaõ dos vencidos. Emilio perdeo a vida juntamente com quasi quarenta mil Homens, entre os quaes havia perto de tres mil Cavalleiros. Varraõ fugio para Venusa acompanhado de hum pequeno numero de cavallos.

Admiravel procedimento do Senado depois da derrota.

No meio da consternaçaõ inexplicavel, causada por semelhante desastre, he que se mostra a magnanimidade Romana com toda a sua força. Os conselhos de Fabio finalmente saõ attendidos. Prohibe-se ás Mulheres sahir de suas casas, porque os seus alaridos augmentavaõ a perturbaçaõ, e o terror; fechaõ-se as portas por causa dos timidos Cidadãos, os quaes pensavaõ em se retirar; recebem-se occultamente os correios com medo, que naõ espalhem o temor; e cada Senador corre pela Cidade, a fim de apaziguar a agitaçaõ dos animos. Varraõ ajuntou dez mil Homens das reliquias do Exercito, e voltóu para Roma; o Senado marcha em corpo ao seu encontro, e lhe agradece solemnemente *por naõ ter perdido a confiança da Republica.* Esta unica acçaõ equivale a hum triunfo. Que cousas se naõ devem esperar de huns Senadores, quando chegaõ a imitar as virtudes dos Fabios?

Esforços dos Romanos.

Ao mesmo tempo levaõ os Senadores todo o seu dinheiro para o Thesou-

ro.

nos a fim de sustentar ainda a guerra.

ro. Os Cavalleiros, e todas as Tribus seguem o seu exemplo. Alista-se a mocidade desde a idade de dezesete annos; armaõ-se oito mil escravos *; e nega-se pagar o resgate dos prisioneiros, ou seja a fim de conservar as rendas, ou a fim de animar as tropas a cumprir a sua obrigaçaõ, ou a fim de abater as esperanças do inimigo. Na Cidade levantaõ-se quatro Legiões, e dez mil cavallos, e os alliados daõ as tropas, que se lhes pedem. Aquelles, que arguem Annibal de naõ ter sabido aproveitar-se da victoria, sitiando Roma, nada reflectem a respeito dos obstaculos, que teria encontrado sómente no caracter dos Romanos.

Hannon sustenta em Carthago, que he necessario fazer a paz.

Hannon, adversario inflexivel do Partido Barquense, discorria talvez melhor em Carthago. Annibal tendo mandado a seu Irmaõ Magon annunciar a victoria de Cannas, e pedir soccorro, Hannon persistio em o seu sentimento; sustentando que, pois que os Romanos naõ davaõ sinal algum de desesperaçaõ, naõ davaõ nenhum passo para obter a paz, e naõ

* Antes de os alistar, perguntava-se-lhes, se queriaõ servir. Elles respondêraõ, *volo*, (*eu quero*): donde veio o nome, que lhes deraõ de *Volones*. Esta pergunta naõ se fazia aos Cidadãos, por serem obrigados a servir.

e naõ mostravaõ della o menor desejo, naõ estavaõ reduzidos, como se dizia, á ultima extremidade; que se podia alcançar huma paz vantajosa, e util, attendidas as circunstancias; porem que huma unica derrota podia arruinar todos os projectos de Annibal. O mesmo Hannon concluio dizendo, que naõ era necessario mandar soccorro algum para Italia. « Annibal naõ necessita de soccorros, » disse aquelle Senador, se tem alcan» çado victorias decisivas; e se nos en» gana com falsas relações, naõ os me» rece. » Fez-se ludibrio de semelhante parecer, o qual se justificou pelo que succedeo. Como a individual narraçaõ das expedições nos levaria muito longe, limitar-me-hei puramente no que he meramente necessario.

Os Carthaginezes corrõpem-se em Capua.

Capua tendo sido traidora a Roma, e recebendo Annibal em seus muros, chegáraõ as delicias daquella Cidade a ser para o proprio Annibal hum precipicio funesto. Annibal passou em Capua o Inverno entre as delicias. O exemplo do Chefe he contagioso. Os seus soldados se afrouxáraõ; em lugar do militar descanço, de que necessitavaõ sem duvida, entregáraõ-se a hum descanço effeminado, e cobarde, que lhes enervou o corpo, e a alma. Aquelles mesmos soldados acos-

tumados, e fortes com todos os trabalhos da guerra, fugiaõ de Capua levando em sua companhia mulheres meretrizes, donde nascêraõ as frequentes deserções. Já os soldados naõ respiravaõ mais, senaõ pelas doçuras da Campania. *Ricos depois de tantas victórias*, diz Montesquieu, *por ventura naõ encontrariaõ elles por toda a parte outra Capua?* Naõ, se a disciplina se mantivesse com vigor.

Vantagens alcançadas pelos Romanos. Os seus escravos se distinguem.

Por muito formidavel que Annibal fosse sempre, os Romanos logo lhe foraõ superiores. Sempronio com huma tropa de escravos derrotou hum Exercito Carthaginez. O mesmo Sempronio tinha promettido a liberdade a todo aquelle, que lhe trouxesse a cabeça de hum inimigo; e tendo-se apercebido, quando estavaõ empenhados em qualquer acçaõ, que os escravos perdiaõ o seu tempo em cortar cabeças, mandou publicar huma ordem, que naõ se daria liberdade a nenhum escravo, em quanto se naõ ganhasse a batalha. Entaõ reduplicando aquelles valentes escravos as suas forças, compráraõ por meio da victoria huma gloriosa liberdade. Acaso era necessario mais para ensinar quanto offende a Humanidade a escravidaõ? Filippe, Rei de Macedonia, a quem Annibal tinha mettido na sua alliança, appareceo na Grecia

Filippe alliado de Annibal.

Maior,

Maior, e perdendo huma batalha contra Levinio, logo se tornou a embarcar. O mesmo Annibal se retirou, evitando o encontro do Consul Marcello, o qual ao depois se immortalizou pelo sitio de Syracusas, hum dos maiores successos da presente guerra.

539 Marcello vai sitiar Syracusas, que se tinha declarado contra Roma.

Hieron, alliado fiel dos Romanos, acabava de espirar em huma idade muito adiantada. Hieronymo, seu neto, e seu Successor, tinha seguido outras maximas, unindo-se com os Carthaginezes. Este mancebo Tyranno, (outro nome naõ merece) tendo rebellado os seus vassallos, dos quaes Hieron era Pai, foi morto ás maõs dos conjurados. Os Syracusanos naõ deixáraõ de tomar partido contra Roma. Marcello, tendo chegado pouco tempo depois a Sicilia, intentou sobjugallos.

Archimedes a defende tres annos.

Syracusas tinha vencido antigamente aos Athenienses. O illustre Archimedes, parente dos ultimos Reis, o maior Geometra do seu seculo, fazia a sua Conquista mais difficultosa, do que era no tempo de Alcibiades. O prodigioso effeito das suas maquinas, com as quaes opprimia os Romanos, e submergia as suas galeras, obrigou a Marcello a mudar o sitio em bloqueio, depois de extraordinarios, porém inuteis esforços. Já o mesmo Marcello cuidava em se retirar, quando lhe repre-

sentáraõ que as escadas podiaõ chegar á altura de qualquer muralha. Intentando Marcello a escala de noite, se apoderou finalmente da Cidade, e honrou a memoria de Archimedes, que foi morto por hum soldado, sem o conhecer. A capacidade de hum unico Homem sustentava a sua Patria havia tres annos. Syracusas, cujo caracter era muito semelhante ao caracter de Athenas, chegou a ser juntamente com o resto da Sicilia huma Provincia de Roma.

Syracusas he tomada á escala.

542

Os Romanos tomaõ novamẽte Capua, e depois Tarento.

Os Romanos distinguem-se igualmente em Italia, e em Hespanha. Capua he sitiada, e opprimida pelos Romanos. Annibal, desesperando de a soccorrer, emprende o sitio de Roma para fazer diversaõ, précipita-se neste atrevido projecto, e Capua vê-se reduzida á ultima extremidade. Os principaes Authores da rebelliaõ mataõ-se a si proprios; os Cidadaõs se sujeitaõ. Os mesmos Cidadaõs saõ dispersos por diversas partes; e estabelece-se em seu lugar huma Colonia, para onde todos os annos se nomeava hum Prefeito, para hir nella administrar a Justiça. Fabio, pouco tempo depois, tomou Tarento aos Carthaginezes, os quaes se tinhaõ assenhoreado della. Fabio achou em Tarento quantidade de Estatuas, e Retabulos, chefes de obra da Arte, que des-

despresou. *Deixe-nos aos Tarentinos os seus Deoses irritados*, respondeo Fabio, quando lhe perguntáraõ que uso pretendia fazer delles. (Os Deoses de Tarento se representavaõ como guerreiros, segundo o uso de Sparta.) Marcello, Homem de bom gosto, tinha pelo contrario ornado os Templos de Roma com os chefes de obra de Syracusas, Este grande Capitaõ, vencedor de Annibal, cahio infelizmente em huma emboscada, em que foi morto. O Heroe Carthaginez fez-lhe as ultimas honras. Marcello foi chamado *a espada de Roma*, appellido digno dos seus serviços.

Morte de Marcello.

CAPITULO VI.

Fim da segunda guerra Punica.

A GUERRA em Hespanha naõ era menos viva, em a qual Publio Scipiaõ, e Cneo, seu Irmaõ, tiveraõ os maiores, e mais felizes successos, pois tinhaõ tomado novamente Sagunto; porém tendo-se separado, foraõ hum, e outro atacados por forças superiores, e perdêraõ a vida em o anno de 54. Marcio, Cavalleiro moço, teve a gloria de os vingar, e forçando o campo inimigo por hum noctur-

Ambos os Scipiões mortos em Hespanha.

turno ataque, alcançou duas vantagens. Com tudo a perda de ambos os Generaes parecia irreparavel, quando o grande Publio Scipiaõ, filho do Primogenito, se offereceo para continuar a guerra, naõ tendo mais de vinte e quatro annos. O mesmo Publio Scipiaõ foi nomeado Pro-Consul.

543 Scipiaõ, o Moço, he mandado, e toma Carthagena.

Os seus successos parecem prodigios, que em parte se devêraõ á Arte de mudar para o bem publico a vulgar Superstiçaõ. Se Scipiaõ naõ tivesse fingido, que Neptuno lhe tinha apparecido, para lhe aconselhar o sitio de Carthagena; e se naõ tivesse annunciado, como hum prodigio, o refluxo do Mar, que devia fazer o porto vadeavel; os Romanos teriaõ tremido sómente com a proposiçaõ da empreza. Carthagena foi tomada de assalto em hum dia; nella se acháraõ dezoito galeras, cento e trinta navios mercantes, carregados de provisões, os armazens, e arsenaes cheios, e immensas riquezas. Este golpe era mortal para o poder de Carthago.

Scipiaõ sujeita a Hespanha; a sua virtude contribue muito para os seus successos.

O Pro-Consul augmentou a sua gloria por meio do maior exemplo de virtude. Sendo-lhe conduzida á sua presença huma cativa moça, esta lhe encanta os seus olhos. Scipiaõ depois de lhe fazer varias perguntas, sabe que está desposa-

sada com hum Principe daquella Terra; elle a entrega ao seu esposo, o qual louvando a Scipiaõ, como se fosse hum Deos, lhe attrahe alliados. Em pouco tempo os Carthaginezes perdem Hespanha, a qual he dominada pelos Romanos. A actividade, o valor, a prudencia, e a reputaçaõ deste mancebo General, favorecido pelo seu amigo Lelio, o faziaõ por toda a parte terrivel, e respeitavel. Masinissa, Rei Numida, resolvendo-se desde entaõ a renunciar a alliança de Carthago, a fim de se unir com Scipiaõ, chegou a ser hum amigo zeloso de Roma.

548 Scipiaõ he chamado, e feito Consul.

Estando toda a Hespanha sujeita, o Senado manda Successores a Scipiaõ. Este grande Homem depõe a authoridade nas suas maõs, sem murmurar. Scipiaõ volta. Todas as Centurias, por huma unanime voz, lhe ordenaõ publicamente o Consulado antes da idade requisita. Hum merecimento taõ superior se exceptuava pelo mesmo espirito da Lei.

Asdrubal, Irmaõ de Annibal, tinha sido vẽcido em Italia.

Asdrubal, irmaõ de Annibal, tinha passado os Alpes com hum grande Exercito em 546. Os Consules haviaõ alcançado huma victoria completa contra Asdrubal; os inimigos perdêraõ nesta batalha, e acçaõ sincoenta mil Homens, e o seu General, cujo successo dissipou os receios da Republica de Roma. Se ambos

os

os Irmaõs estivessem unidos, seria quasi impossivel defender-se, tendo diminuido o numero dos Cidadaõs quasi huma metade, depois da primeira campanha de Annibal. Tanto mais eraõ os perigos, que se tinhaõ vencido, quanto mais forças davaõ a confiança, e o valor.

Scipiaõ, a pezar de Fabio, he mandado á Africa.

Outro qualquer que naõ fosse Scipiaõ, naõ teria com tudo concebido o intento de hir fazer a guerra em Africa. Scipiaõ propoz o intento; e as suas expedições de Hespanha o livravaõ da suspeita de temeridade. O velho Fabio, ou fosse por ciume occulto contra hum mancebo, que lhe fazia sombra, ou fosse mais depressa por excessiva circunspecçaõ natural dos velhos; porque devem-se interpretar favoravelmente, quanto he possivel, as intenções de hum Homem grande; Fabio, digo, combateo aquelle projecto com todas as suas forças, representando ser hum projecto muito proprio para arrastar a perda da Italia, ameaçada sempre por Annibal. O Senado, persuadido mais das razões do Consul, deo a Sicilia em repartiçaõ a Scipiaõ permittindo-lhe passar á Africa, se julgasse ser util. Todo o anno se passou em preparativos. Scipiaõ, posto que accusado falsamente pelos seus invejosos de ter gasto o tempo em as delicias, recebeo ordem de executar a em-

empreza na qualidade de Pro-Consul.

549 Masinissa, e Syfax.

Apenas chegou Scipiaõ ao Continente, e alcançou huma vantagem contra os Carthaginezes, logo Masinissa se declarou a favor dos Romanos. Syfax, outro Rei Numida, competidor de Masinissa, posto que antecedentemente aggregado a Scipiaõ, declara-se contra os Romanos. Scipiaõ derrota em varias batalhas sanguinolentas tanto a Syfax, como a Asdrubal, General Carthaginez. Masinissa sobjuga a Numidia, e casa com a famosa Sofonisba, que em outro tempo lhe fora promettida, e que tinha casado com Syfax. A sorte desta Princeza he singular; da escravidaõ passa ao Throno.

Annibal he chamado.

Com tudo Carthago treme de temor. Annibal, o qual tinha experimentado grandes perdas na Italia, he chamado. O mesmo Annibal deixa aquelle excellente Paiz, com o pezar de hum Conquistador, a quem se tira com violencia o seu despojo. A sua partida foi acompanhada de huma universal alegria, á qual sómente Fabio foi insensivel. A velhice tinha provavelmente ou afrouxado a sua alma, ou alterado o seu genio; Fabio mostrava-se muito prevenido contra o grande Scipiaõ. Se fosse ciume, como lhe arguiraõ, qual he pois a virtu-

tude, que naõ deva recear de se degradar pelo vicio? Fabio morreo antes do fim daquella guerra.

Morte de Fabio.

Conferencia de Scipiaõ com Annibal.

Tendo os Carthaginezes quebrado huma tregoa com o mais indigno modo, Scipiaõ, em os circuitos de Carthago, punha tudo a fogo, e sangue. Annibal recebe ordem para o accommetter, e manda logo espias, a fim de reconhecer o inimigo; os quaes saõ prezos, e conduzidos á presença do General Romano, o qual depois de os ter bem examinado, os manda embora, dando-lhes tambem algum dinheiro. Annibal, cheio de pasmo, e admiraçaõ com semelhante noticia, deseja a paz, e pede a Scipiaõ, que lhe conceda huma Conferencia; nella lhe expõe as revoluções da fortuna, esforça-se para lhe inspirar sentimentos pacificos, e offerece-lhe a cessaõ da Hespanha, e de todas as Ilhas, situadas para a banda da Italia. O Romano deo a mesma resposta, que Alexandre tinha dado a Dario. Separemo-nos para dar batalha.

551
Batalha de Zama ganhada por Scipiaõ.

A celebre batalha de Zama devia decidir da sorte de ambas as Nações. Os auxiliares de Carthago logo foraõ obrigados a fugir. Hum grande numero de elefantes, feridos, e espantados, contribuiraõ para a sua derrota. Porém já Scipiaõ perdia a esperança de romper a falan-

lange Carthagineza, que Annibal formára dos seus veteranos; quando Lelio, e Masinissa, voltando de hir no alcance dos fugitivos, a accommettêraõ pela retaguarda, e completáraõ a victoria. Os inimigos perdêraõ quarenta mil Homens, entre mortos, e prisioneiros, e os Romanos sómente dois mil. Annibal teve grande trabalho em salvar-se.

Vãtagem, que a cavallaria dava.

Observemos de passagem, que a cavallaria, ou a Numida, ou a Hespanhola, muito superior á cavallaria de Roma, tinha sido huma das causas principaes dos felizes successos do Carthaginez. A deserçaõ de infinitos Numidas, depois da residencia em Capua, e ao depois a alliança de Masinissa, reparáraõ a este respeito o prejuizo dos Romanos.

552 Tratado de paz, que acaba a segunda guerra Punica

O terror, que Roma experimentou depois da batalha de Cannas, experimentou Carthago, depois da batalha de Zama. O mesmo Annibal declarando, que o unico recurso, que havia, era a paz, a persuadio sem muito trabalho. Scipiaõ desejava concluilla, temendo que qualquer Consul naõ lhe tirasse a honra de ter terminado a guerra. O mesmo Scipiaõ impôz as seguintes condições: « Os Carthaginezes conservaráõ as suas Leis, e tudo quanto possuiaõ em Africa antes da guerra; porém Roma ficará com a Hespa-

» panha, e com as Ilhas do Mediterraneo. » Os Cathaginezes entregaráõ os prisio- » neiros, e os desertores, os seus elefan- » tes, e todas as suas náos de guerra, ex- » cepto dez galeras de tres ordens de re- » mos. Naõ poderáõ fazer guerra, nem » em Africa, nem em outra qualquer par- » te, sem o consentimento do Povo Ro- » mano. Pagaráõ dez mil talentos no es- » paço de sincoenta annos. Entregaráõ a » Masinissa tudo quanto lhe tomáraõ, ou » aos seus antepassados. Daráõ cem re- » fens, á eleiçaõ de Scipiaõ, para se- » gurança da sua fidelidade. »

O Tratado se ratifica em Roma.

Ainda que muitos Senadores quizessem a continuaçaõ da guerra, ou para satisfazer as suas idéas de ambiçaõ, ou para favorecer os novos Consules, aquelle Tratado se ratificou em Roma. Perguntando hum Senador ao Chefe da Embaixada Carthagineza: *Qual he o Deos, que vós tomareis para testemunha da sinceridade dos vossos juramentos?* O Embaixador respondeo: *Os mesmos, que castigáraõ taõ severamente os nossos perjurios*. Resposta humilde, que nenhum Romano daria. A differença de caracter de ambos os Povos, naõ he a menor causa da differença do successo.

Fim do Tomo Segundo.

TA-



TABOA

DA

GEOGRAFIA ANTIGA,

Para facilitar a intelligencia desta Obra.

A

ACAYA. Era ao principio huma Comarca do Peloponneso. Quando a Grecia foi sobjugada pelos Romanos, a Provincia Romana chamada *Acaya* comprehendia a Attica, a Beocia, a Focida, o Peloponneso, &c., e as Ilhas juntamente.

Adriatico. (Mar) o Golfo de Veneza.

Albania. Regiaõ da Asia, junto ao Mar Caspio, hoje chamada Schirvan, e Dagestan, onde fica Derbent.

Allobrogos. Povos da Gaula Narboneza, em huma parte do Delfinado, e quasi toda a Saboya.

Alpes. Montes, que se dividiraõ em varias partes, com differentes nomes. — *Alpes Cottiannos*, entre o Delfinado, e o Piemonte (o monte Cenis). — *Alpes Gregos* entre a Saboya, e o Piemonte (o pequeno Monte de S. Bernardo.) — *Alpes Juliannos*, entre a Istria, e a Carniola, em os Estados da casa de Austria. — *Lepontiannos* na Suissa — *Maritimos* entre a Provença, e o Estado de Genova. — *Noricos*, entre a Baviera, o Tirol, e a Carinthia. *Peninos*, entre o Milanez, e o Valés, (o grande Monte de S. Bernardo). — *Rheticos*, em o Tirol, &c.

Amano. Parte do Monte Tauro na Asia, que separa a Syria, da Cilicia.

Arabia. Regiaõ da Asia, entre a Palestina, o Mar Vermelho, e o Golfo Persico. A Arabia dividia-se na-

naquelle tempo, assim como hoje, em tres partes: 1. Arabia *Petrea*, em os confins da Palestina, e do Egypto. 2. Arabia *Deserta*, para o Norte, onde habitavaõ huns certos Povos, dos quaes havia huma Tribu chamada *Sarracenos*, nome que depois se fez commum para todos os Arabes. 3. Arabia *Feliz*, para o Meio-Dia. As suas Cidades principaes eraõ Jatrippa (Medina), Macoraba (a Meca), Saba (Sanaar.)

Armenia. Armenia Maior, para o Norte da Mesopotamia, hoje Turcomania. — Armenia Menor, na Asia Menor, era huma parte da Cappadocia, conquistada pelos Reis de Armenia.

Atlas, Monte grande da Africa, que se estende desde o Occidente até ao Oriente.

Asia Menor. Hoje Natolia, comprehendia a Frygia, a Lydia, a Bithynia, o Ponto, a Cappadocia, a Galacia, a Jonia, a Caria, a Cilicia, &c.

Assyria. Alem do Tigre. Ninive foi a Capital antiga. As outras Cidades famosas saõ Arbelles (Erbil), e Ctesiton, Capital dos Parthos. Esta Regiaõ chama-se hoje Kurdistan.

Attica. Comarca da Grecia, onde ficava Athenas, hoje Setines, ou Athéni.

B

BABYLONIA, ou Chaldea: para o Meio-dia de Mesopotamia, e de Assyria. Babylonia, sua Capital, situada junto ao Eufrates, destruio-se. Suppoz-se que Bagdad ficava no mesmo lugar: porém Bagdad fica junto ao Tigre. Esta Regiaõ chama-se, presentemente Irak-Arabi.

Bactriana. Provincia da Persia para cá do Oxo (o Gihon), he huma parte da Terra dos Tartaros Usbeckezes.

Balcares. Ilhas sujeitas á Hespanha, hoje Maiorca, e Minorca.

Beocia. Comarca da Grecia, situada para o Occi-

cidente da Attica. Thebas, (Thiva) era a sua Capital.

Betica. Provincia de Hespanha, o seu nome se derivava do Rio Bœtis, (o Guadalquivir). Esta Provincia comprehendia a Andaluzia, o Reino de Granada, e huma parte da Castilha Nova.

Bithynia. Provincia situada para o Norte da Asia Menor. As suas Cidades principaes eraõ Prusia, Nicea, Calcedonia, Micomedia &c. nomeadas hoje Bursa, Isnich, Scutari, Is-Nikmid.

Borysthenes. Dnieper, Rio, que desagua no Mar Negro.

Bosforo de Thracia. Estreito de Constantinopla, por meio do qual se communica a Propontide (Mar de Marmora) com o Ponto-Euxino, isto he, o Mar Negro. — Bosforo *Cimerio*, ou Chersoneso Taurico, hoje a Crimea.

Bretanha. A Grã-Bretanha, chamada tambem Albiaõ, comprehendia, assim como hoje, à Inglaterra, e a Escossia. Porém na Bretanha Romana nunca houve, senaõ a parte Meridional da Escossia juntamente com Inglaterra. — A Bretanha pequena, chamada tambem Hibernia, e algumas vezes Scotia, era a Irlanda.

Brutio. Parte da Italia Meridional, onde ficavaõ Crotona, Cosença, e Rhegio.

C

C*AMPANIA.* Parte da Terra de Labor, e do Principado ulterior em o Reino de Napoles.

Cantabrios. Povo da Hespanha Tarragoneza na Guipuscoa, Biscaya, e Navarra. Os Romanos tiveraõ muito trabalho em os sobjugar.

Cappadocia. Grande Provincia da Asia Menor, situada para o Mar Negro. Cappadocia formou hum Reino, cuja Capital era Cesarea. Esta Regiaõ chama-se hoje Amasia, ou Amnazan.

Caspias (as portas). Assim se chamava huma passa-

ſagem de Montes difficultoſiſſima, entre os Montes Caſpios, e o Mar Caspio. Esta passagem hoje pretende-ſe que fica junto á Cidade de Derbent.

Caucaſo. Ramo do Monte Tauro na Aſia, entre o Mar Negro, e o Mar Caſpio.

Cele-Syria. Comarca de Syria ſituada em hum Valle delicioſo. Os ſeus limites ſaõ pouco conhecidos. Vide *Syria.*

Celtica. Vide *Gaula.*

Choldea, ou *Caldea.* Vide *Babylonia.*

Cherſonneſo. Eſte nome dava-ſe a muitas Peninſulas. Cherſonneſo *Cimbrico*, (a Jutlandia.) — *Taurico*, (a Crimea) — De *Thracia.*, (a Romania)

Cilicia. Provincia Meridional da Aſia Menor, onde ficavaõ as Cidades de Tarſia, e de Iſſo.

Colchida, chamada depois Laſica. Regiaõ da Aſia, ſituada ao Oriente do Mar Negro, hoje Mingrelia.

Comagenes. Provincia da Syria, junto ao Rio Eufrates.

Corcyra. Ilha da Grecia, ſituada ao Occidente, em o Mar Jonio, hoje Corfu.

Creta, Ilha, em que ſe contavaõ varios Reinos: he a Ilha de Candia ſituada ao Meio-Dia do Archipelago.

Cyrenaica. Comarca da Lybia, que faz hoje a parte Occidental do Paiz de Barca.

D

DACIA. Terra, que comprehendia a Hungria Alta, Tranſilvania, Valachia, e Moldavia, ſituada além do Danubio. Os ſeus habitadores eraõ conhecidos com o nome de Getas. Os Romanos, tendo abandonado a Dacia Maior, deraõ aquelle nome a humas Comarcas ſituadas áquem do Danubio.

Dalmacia. Parte Oriental da Dalmacia de hoje, e da Boſnia, juntamente com a Servia Occidental.

As

As ſuas Cidades eraõ Salona, Belgrado (*Taurunum*), &c.

Dardania. Nos confins da Macedonia, fazendo algumas vezes parte da Dacia. Eſte nome dá ſe a outras Terras.

E.

EGEO (o Mar) hoje o Archipelago.

Egypto. Se dividia em tres partes. 1. O Egypto Baixo, cujas Cidades principaes foraõ Tanis, Pélusa, Canopa, e Alexandria: 2. O Egypto Central, ou Medio onde ficava Menfis: 3. O Egypto Alto, ou Thebaida, onde ficavaõ Thebas, Elefantis, e Svena.

Emilia. Comarca de Italia, ou da Gaula Ciſalpina, entre o Pó, e o Apenino: Emilia comprehendia o Eſtado de Parma, e eſtendia-ſe até Ravenna.

Epyro. Comarca da Grecia, hoje Albania Baixa. Ambracia (Larta), e Nicopolis (Preveza) edificada por Auguſto depois da batalha de Actium, eraõ as ſuas Cidades principaes.

Equos. Povo antigo de Italia, que habitava ao comprimento do Rio Anio, hoje o Teverone.

Espanha, e melhor Hespanha, logo ſe dividio pelos Romanos em duas partes: em Hespanha *Ulterior*, e Heſpanha *Citerior*, ou Tarragoneza. A primeira ſe ſubdividio depois em duas Provincias, a Luſitania, e a Betica. (Vide Luz., e Bet.) A ſegunda ſe dividio em tres Provincias: 1. A Tarragoneza propria, em que ficavaõ Tarragona, Saragoça, Pamplona, e Numancia: 2. A Gallecia, em que ficavaõ Braga, Porto, Lugo, e Leaõ: 3. A Carthagineza, em que ficavaõ Carthagena, Valença, e Toledo.

Ethiopia, ſituada ao Meio-Dia do Egypto, he hoje a Nubia, e a Abyſſinia. Na Ethiopia diſtinguiaõ-ſe os Trogloditos, que habitavaõ em cavernas, na Costa do Mar Vermelho.

Etolia. Comarca da Grecia, ſituada junto ao Golfo de Corintho, ou de Lepanto, hoje o Despotal, parte da Livadia.

Etruria. Hoje a Toscana, juntamente com a parte do Eſtado Eccleſiaſtico, ſituada ao Occidente do Tibre.

Eubea. Ilha do Mar Egeo, na coſta da Beocia, cuja Capital era Chalcis: o Rio Eupiro a ſeparava da Terra firme; hoje Negro-Ponto.

F

FALISCOS. Povo de Etruria junto ao Rio Tibre. A sua capital era Falerias.

Fidenates. Povo do Lacio, cuja Capital era Fidenas.

G

GALACIA, ou *Gallo-Grecia.* Provincia da Aſia Menor, onde ſe eſtabelecêraõ os Gaulezes. A ſua Capital era Ancyra, hoje Anguri.

Gaula. Dividida em quatro partes, Belgica, Celtica, Aquitania, e Narbonneza. 1. A Gaula *Belgica* comprehendia as Terras ſituadas entre o Oceano, o Rheno, e os Voges, até ao Sena, e o Marne. 2. A *Celtica*, o centro, e a maior parte da França. 3. A *Aquitania*, entre o Oceano, o Garonna, e os Pyreneos. Eſtas tres primeiras partes chamavaõ-ſe Gaula Cabelluda, (*Comata*), por ſe trazer nestas partes os cabellos compridos. 4. A *Narbonneza* (chamada tambem *Braccata*, nome originado de hum modo de vestir) incluia o Languedoc, a Provença, o Delfinado, e Saboya.

Auguſto eſtendeo a parte Narbonneza até ao Rio Loire. Succeſſivamente se fizeraõ novas divisões. No fim do quarto Seculo, a Gaula dividia-ſe em dezeſete Provincias; houveraõ duas Narbonnezas, tres

tres Aquitanias, tres Lyonnesas, quatro Belgas, a Viennesa, a Senonesa, a Sequanesa, &c.

Como a parte Septentrional da Italia era povoada de Colonias Gaulezas, os Romanos deraõ-lhe o nome de *Gaula Cisalpina*: os mesmos Romanos chamavaõ *Transalpina* á Gaula propria, situada além dos Alpes relativamente á Italia.

Germania. Comprehendia as Terras entre o Rheno, o Danubio, o Vistula, e o Oceano Septentrional. Razaõ por que se chamava a *Grande Germania.* A *Pequena* era huma parte da Gaula, para cá do Rheno, onde se tinhaõ estabelecido humas Povoações de Germanos.

Dinamarca, Suecia, Noruega, e huma parte da Polonia se incluiaõ na Grande Germania, porém naõ toda a Alemanha situada para o Meio-Dia.

Grecia. Parte Meridional da Turquia da Europa. A Grecia se dividia em seis partes; Macedonia, Epyro, Thessalia, Acaya, Peloponneso, e as Ilhas.

A *Grecia Superior* he a parte Meridional da Italia, onde se estabelecêraõ Colonias Gregas.

H

HELLESPONTO. Estreito, que separa a Europa da Asia: hoje o Estreito dos Dardanellos. O mesmo nome se deo á Terra situada na Asia junto a este Estreito. As Cidades de Lampsaco, e de Cisico faziaõ parte do Hellesponto.

Helvecios. Povo Celtico, cuja Regiaõ era a Suissa de hoje, excepto o Cantaõ de Basilea.

Hemo, (hoje Balkan). Monte que atravessa a Thracia.

Hercynia. (Mata de). Esta immensa mata cobria quasi toda a Alemanha, e se estendia desde Alsacia, e Suissa até a Transilvania.

Hypanis. Rio da Scythia na Europa, hoje o Rio Bog.

Hyrcania. Provincia da Persia situada ao Meio-Dia do Mar Caspio, hoje *Mazanderan*, ou Tabarista n.

I

IBERIA. Provincia da Asia entre o Mar Caspio, e o Mar Negro; he a Georgia. Dava-se tambem este nome á Hespanha, por causa do Rei Ebro (*Iberus*).

Illyria. Esta Regiaõ muito extensa depois das Conquistas dos Romanos, se dividio em oito Provincias, que ainda depois se subdividiraõ: 1. A Rhecia: 2. A Norica: 3. A Pannonica: 4. A Liburnia: 5. A Dalmacia: 6. A Illyria propria (onde ficaõ Scutari, e Durazzo): 7. A Mesia: 8. A Dacia. Os limites desta Regiaõ eraõ o Danubio, a lagoa de Constança, e o Rheno, os Alpes, o Mar Adriatico, a Grecia, e a Thracia.

India. Os Antigos naõ tiveraõ conhecimento algum desta Regiaõ, senaõ da Peninsula Occidental, e do que forma em grande parte os Estados do Mogor. Esta parte da *India* fica situada para cá do *Ganges*. A Regiaõ de Brachmanes situada além do Ganges, nas origens deste Rio, he o Tibete ou a Regiaõ dos Lamas. A Peninsula de Malaca se chamava *Chersoneso do ouro*. Na India incluia-se a Regiao dos *Sines* (dos Chinezes) que era sem duvida a parte Meridional da China, juntamente com a Cochinchina, e o Tonquin.

Insubria. Parte da Gaula Cisalpina, habitada pelos Gaulezes Insubres. Milaõ era a Capital.

Jonia. Comarca da Asia Menor, onde ficavaõ Milet, Efeso, Smyrna, &c.

Isauria. Regiaõ de Montanhas na Asia em os confins da Cilicia: hoje, Sauba, em a Caramania.

Italia, em o seu principio era sómente a parte Meridional desta Regiaõ conhecida hoje com este nome. Depois dividio-se toda esta Regiaõ em nove partes: 1. Gaula Cisalpina, ou *Togata* (depois

pois Lombardia) : 2. Etruria : 3. Ombria : 4. Piceno : 5. Samnia, e Sabina : 6. Lacio : 7. Campanha : 8. Grecia Superior : 9. Ilhas. Augusto fez da Italia onze Provincias, e Constantino dezesete.

Judea, na Asia, hoje parte da Suria.

L

LACIO, Regiaõ dos Latinos, dos Rútulos, dos Volscos, dos Hernicos, &c. he a Campanha de Roma, e a parte visinha á Terra do Labor.

Laconia, em o Peloponneso, Regiaõ dos Spartas; hoje Maina.

Lazica. Vide *Colchida*.

Lesbos, hoje Metelin, Ilha do Archipelago.

Libano. Corda de Montes, nos confins da Syria, e da Palestina.

Libya, hoje a Regiaõ de Barca, na Africa.

Liguria, hoje Costa de Genova, e parte do Piamonte, Monferrato, e Milanez, situada ao Meio-Dia do Pó.

Lucania. Parte da Grecia Superior, onde ficavaõ Sybaris, Roscianum, (Rossano), &c.

Lusitania. Provincia de Hespanha situada entre o Douro, o Guadiana, e o Oceano; comprehendia esta Provincia quasi todo o Portugal, com huma parte de ambas as Castellas.

Lycia. Comarca da Asia Menor, onde ficava Sardes.

M

MACEDONIA. Entre a Grecia, e a Thracia. Os Turcos daõ-lhe o nome de *Makidunia*. As suas Cidades principaes eraõ Pella, Jenitza, Thessalonica, ou Saloniki, &c.

Mauritania. Parte da Africa, situada ao Meio-Dia do Estreito de Gades (de Gibraltar). Os Romanos

nos accrefcentáraõ-lhe huma porçaõ da Numidia. Tudo fe dividio em tres Provincias, que comprehendiaõ os Eftados de Marrocos, juntamente com a parte Occidental de Argel.

Media. Provincia da Perfia, fituada ao Norte de Babylonia, hoje Irak-Agémi.

Mefopotamia, hoje Diarbeck. Provincia da Afia, entre o Tigre, e o Eufrates, onde ficavaõ Edeffa, Nifibe, Carres, Singara, Atra, &c.

Mefia. Efta Regiaõ corresponde á Servia Oriental de hoje, e á Bulgaria Occidental.

Meffenia. Regiaõ dos Meffenios, em o Peloponnefo, fituada ao Occidente da Laconia.

N

N*ORICA.* Comarca entre a Italia, e o Danubio, he huma parte dos Circulos de Baviera, e Auftria.

Novempopulania, fituada na Gaula, he a Gafcunha, e a Guienna Meridional.

Numidia. Efta parte da Africa, antes dos Romanos entrar nella, eftendia-fe muito longe. Numidia foi defmantelada pelos Romanos a fim de engrandecer a Mauritania. No tempo de Augufto, a mefma Numidia naõ era mais do que a parte Oriental do que fe chama Reino de Argel.

O

O*RCADAS.* Ilhas fituadas ao Norte da Grã-Bretanha, hoje Orckney.

P

P*ALESTINA.* Vida *Judea.*

Palus - Meotides. Hoje Mar de Zabacha, ou de A-

Azow, que communica com o Mar Negro.

Pannonia. Provincia da Illyria, ſituada ao Meio-Dia do Iſter (do Danubio), comprehendendo huma parte da Auſtria, e da Hungria. As suas Cidades eraõ Sirmio, Sirmich, *Vindobona*, Vienna, &c.

Parthia. Regiaõ dos Parthos, ſituada ao Oriente da Media. Eſta Regiaõ faz parte do Khoraſſan.

Peloponneſo. Grande Peninſula, unida com o reſto da Grecia pelo Iſthmo de Corintho, que hé a Morea.

Pergamo. Capital de hum Reino do meſmo nome, na Aſia Menor, onde ficava antigamente o Reino da Phrygia.

Perſia. Eſte nome deo-ſe ás Terras ſituadas além do Tigre até ao Indo. A Perſia propria era huma Provincia daquellas Terras, aſſim como a Media, a Parthia, a Bactriana &c., o que correſponde á Perſia de hoje, e a huma parte da Regiaõ dos Tartaros Usbeckeſes.

Phaſe. Rio célebre da Aſia, na Colchida; hoje Rione, ou Fache.

Phenicia. Regiaõ dos Fenicios na Aſia. Eſta Regiaõ era huma Coſta eſtreita entre o Mediterraneo, e o Monte Libano, hoje comprehendida em a Suria.

Phocida. Comarca da Grecia, ſituada para o Occidente da Beocia, onde ficavaõ a Cidade de Delfos, o Parnaſo, e Helicon.

Phrygia. Comarca da Aſia Menor, ſituada para a parte do Helleſponto, onde ficava a famoſa Troia.

O Ponto. Parte da Aſia Menor, ſituada nas Coſtas do Ponto Euxino; era o Reino de Mithridates.

Ponto Euxino; hoje o Mar Negro.

Propontide. Golfo entre o Helleſponto, e o Ponto Euxino; hoje Mar de Marmora.

Rhe-

R

RHECIA. Parte Occidental da Illyria. Esta he a Regiaõ dos Grisões, e huma parte do Tirol, da Suabia, e da Baviera.

Rhodopo. Monte da Thracia, quasi parallelo ao Monte Hemo, o qual atravessava huma Provincia do mesmo nome.

Rutulos. Povo do Lacio, cuja Capital era Ardea.

S

SABINOS. Povo de Italia, cuja Regiaõ corresponde á Sabina, no Estado Ecclesiastico, e se estendia até ao Abruzzo ulterior. Os Sabinos tinhaõ Cures (Vescovio), Reate (Rieti) &c.

Samnio. Regiaõ dos Samnitas na Italia, entre os quaes se contavaõ os Marsos, hoje o Abruzzo em o Reino de Napoles.

Sarmacia, se dividio pelos Antigos em Sarmacia Europea, e Sarmacia Asiatica. A Sarmacia Europea situada entre o Vistula, o Danubio, o Ponto Euxino, o Tanais, e os Montes Rifeos, comprehendia a Polonia, a Russia Europea, e a Tartaria Menor. A Sarmacia Asiatica era o que hoje se chama Kasan, Astrakan, e Circassia.

Scandinavia. Na Germania Septentrional, he a Suecia, e a Noruega. Tambem tinha o nome de Scandia, e Balcia.

Scythia. Parte Septentrional da Asia, hoje Tartaria Maior, parte, onde se collocava a Sarmacia Asiatica. A parte mais Oriental, que se estendia para o Meio-Dia até aos Brachmanes, e aos Sines, chamava-se Serica: esta era talvez a China Septentrional. — *A Scythia Menor* ficava na Europa na fóz do Danubio,

Sicambros. Povo celebre da Germania Occidental, os

os quaes juntamente com os outros Germanos, formáraõ a Liga dos Francos.

Sogdiana. Provincia da Perſia, ſituada entre o Oxo, (Gihon) e o Jaxarres(Sihon). A capital era Maracanda, hoje Samarkand.

Syria. Eſta Regiaõ da Aſia, chamada Oriente pelos Romanos, dividia-ſe ao principio em Syria, Fenicia, e Paleſtina. Fizeraõ-ſe novas divisões. A primeira parte ſe ſubdividio em ſinco Provincias; 1. a Syria propria, onde ficavaõ Antioquia, Seleucia, Emeſo, Cidades ſituadas junto ao Oronte (o Aſſi). 2. Comagena; 3. Oſroena; 4. Palmyrena; 5. Fenicia Damaſcena, antigamente Cele-Syria, onde ficavaõ Damaſco, e Heliopolis (Balbeck.)

T

TANAIS. Hoje o Don, Rio que deſagua no Mar de Zabache.

Tauro. Corda de montes na Aſia, cujos ramos tinhaõ differentes nomes.

Thebaida. Comarca do Egypto Superior, ſituada para a parte da Ethiopia. A ſua Capital era Thebas.

Theſſalia. Provincia da Macedonia, ſituada ao Meio-Dia do meſmo Reino, do qual ſe ſeparava pelas montanhas, hoje a Janna.

Thracia. Hoje a Romania, e a Bulgaria Occidental. A Thracia, no tempo dos Imperadores Romanos, ſe dividio em ſeis Provincias; 1. Thracia propria, junto da Macedonia; 2. Rhodope; 3. Europa, onde ficava Byſancio; 4. Hemimon; 5. Segunda Meſia; 6. Scythia Menor junto ás bocas do Danubio.

Lago de Thraſimeno. Hoje de Peruſa.

Ve-

V

VENETIA. Veneza, Regiaõ povoada pelos Gaulezes *Venetos*, que comprehendia o Eſtado de Veneza, e huma parte do Mantuano, do Milanez, e do Ferrarez. Mantua era huma das ſuas Cidades.

Volſcos. Povos do Lacio, que poſſuiaõ Anxur (*Terracina*), Arpinum (*Arpino*), Caſſinum (*o Monte Caſſino.*)

SUM-

SUMMARIO DAS MATERIAS
Deste Segundo Volume.

CONTINUAÇAÕ DA HISTORIA GREGA.

LIVRO IV.

Desde o Reinado de Filippe, até ao dominio dos Romanos na Grecia.

LIVRO V.

Em que se trata das Artes, da Litteratura, e Sciencias dos Gregos.

HISTORIA ANTIGA.

TERCEIRA PARTE.

HISTORIA ROMANA.

Plano desta Historia. A Historia dos primeiros Seculos de Roma muito incerta. A pezar daquella incerteza ha Tradições dignas de fé. Data da fundaçaõ de Roma.

PRIMEIRA ÉPOCA.

FUNDAÇAÕ DE ROMA

OS REIS.

Romulo, Chéfe de Salteadores, fundador de Roma. Politica de Romulo, e idéa da sua Monarquia. Divisaõ do Povo em tres Tribus. Estabelecimento do Senado. Os tres poderes. Romulo tinha-se reservado industriosamente muita authoridade. Cavalleiros Romanos. Patronos, e Clientes, estabelecimento admiravel. Leis barbaras a favor dos Maridos, e dos Pais. Dous objectos de Romulo, ter Homens, e Terras. As primeiras guerras dos Romanos pouco dignas de individuações. Tacio, Rei dos Sabinos, collega-

---

SEGUNDA ÉPOCA.

OS CONSULES

EM LUGAR DOS REIS.

TERCEIRA ÉPOCA.

TRIBUNOS DO POVO.

O POVO ADQUIRE AUTHORIDADE.

QUARTA ÉPOCA.

OS DECEMVIROS,

E AS DOZE TABOAS.

VARIAÇÕES PERPETUAS EM A REPUBLICA.

CAP.

QUINTA ÉPOCA.

ROMA TOMADA PELOS GAULEZES.

PROGRESSOS DOS ROMANOS NA ITALIA.

CAP.

SEXTA ÉPOCA.

GUERRA COM PYRRHO, SEGUIDA DA GUERRA PUNICA.

OS ROMANOS FAZEM-SE FORMIDAVEIS FÓRA DA ITALIA.

ta.

LIVROS *impressos por* FRANCISCO ROLLAND, *Impressor-Livreiro em Lisboa, no Largo do Loreto.*

ANNO Christaõ de Croiset, em 4. 2 Vol. 1797.
Atlas Moderno para aprender a Geografia, em 8. com 24 Mappas.
Aventuras de Telemaco, em 8. com notas.
Arte Poetica de Horacio, trad. e illustr. por Candido Lusitano, em 8.
Adagios, Proverbios, e Anexins da Lingua Portugueza em 8.
Amigo do Principe, e da Patria, ou o bom Cidadaõ, em 8.
Belizario de Marmontel, em 8.
Boa Lavradora, em 8.
Christaõ do tempo presente confundido pelos primeiros Christaõs, em 8. 1792.
Costumes dos Christaõs, por Fleury, em 8. 2 Vol.
Collecçaõ de Historias, Anecdotas, &c. para instrucçaõ da Mocidade, em 8. 3 Vol. 1799.
Catecismo Romano abreviado, em 8.
Cartas sobre as Modas, em 8.
Desvarios da Razaõ, em 8. 3 Vol.
Dicionario da Biblia, em 8. 1794.
Diario do Christaõ, em 12.
Discurso sobre o modo de fomentar a industria do Povo, em 8.
Dialogos dos Mortos, em 8.
Descripçaõ das enfermidades dos Exercitos, em 8.
Despedidas da Marchal de . . . a seus filhos, em 8.
Escolha das melhores Novellas, e Contos moraes, em 8. 7 Vol.
Escola Fundamental de lêr, escrever e contar, com os Elementos da Doutrina Christã, por hum Professor, em 12.
Elogios dos Reis de Portugal, em 8.
Espirito do Christianismo, em 8.
Elementos da Poetica por Pedro José da Fonseca, em 8.
Elementos da Civilidade, em 8.
Fabulas de Esopo, com applicações moraes, em 8.

Gozo de Si-mesmo por Caraccioli, em 8. 1792.
Historia Geral de Portugal por La Clede, em 8. 15 Vol.
Historia de Portugal por Damiaõ Antonio, em 8. 17 Vol.
Historia Ecclesiastica de Ducreux, em 8. gr. 9 Vol.
Historia Universal de Millot, em 8. gr. 9 Vol.
Heroismo da Amizade: David, e Jonatas, Poema, em 8.
Homem Escrupuloso, util para as almas escrupulosas, em 8.
Historia de Carlos Magno, em 8, 2 Vol.
Historia de Theodosio o Grande, por Flechier, em 8.
Historia da Virtuosa Portugueza, em 8.
Imitaçaõ de Christo por Kempis: Nova ediçaõ, em 12.
Imitaçaõ da SS. Virgem, em 12.
Laura de Anfriso, em 8.
Livro dos Meninos, Traduzido do Francez, em 8.
Mil e huma Noites, Contos Arabicos, traduzidos em Francez por Mr. Galland, e do Francez em Portuguez pelo Traductor do *Viajante Universal*, em 12. 3 Vol. 1801.
Medicina Domestica de Buchan, em 8. 8 Vol.
Miserere exposto em pensamentos, em 8.
Miscellanea Curiosa, e Proveitosa, em 8. 7 Vol.
Naufragio de Sepulveda, Poema de Jeronymo Corte-Real, em 8.
Noites Clementinas, em 8.
Noites d'Young, em 8. 2 Vol. com estampas.
Noticia da Mythologia, ou Historia do Paganismo, em 8.
Obras escolhidas do Marquez de Caraccioli, em 8. 8 Vol.
Officio da Semana Santa: Nova ediçaõ augmentada com Meditaçóes, e Oraçóes para a Confissaõ e Communhaõ, em 12. com estampas.
Origem, e Orthografia da Lingua Portugueza por Duarte Nunes de Lyaõ, em 8.
Obras de Sá de Miranda, com a sua Vida, e Comed. em 8. 2 Vol.
Obras Poeticas de Domingos dos Reis Quita, em 8. 2 Vol.
Obras Poeticas de Valadares Gamboa. em 8.

Panegyricos, e Difcurfos Evangelicos, em 8. 4 Vol.
Paraifo Perdido de Milton, em 8. 2 Vol.
Perfeito Pedagogo na arte de educar a Mocidade, em 12.
Peregrinaçaõ de Christaõ, debaixo da allegoria de hum sonho, em 8.
Pratica da Devoçaõ do Coraçaõ de Jesus pelo Padre Croiset, com a Vida da Vener. Marg. A-la-Coque, em 8. 1786.
D. Quixote, traduzido em Portuguez, em 8. 6 Vol. 1794.
Religiaõ do Homem Honrado de Caraccioli. em 8. 1792.
Reflexões fobre a Misericordia de Deos, em 8. 1786.
Reflexões fobre a vaidade dos Homens, em 8.
Regras da Verfificaçaõ Portugueza por hum Anonymo, em 8.
Retrato da morte, com hum Dialogo entre hum Vivo, e hum Morto, em 8.
Syntaxe Latina, explicada segundo o moderno systema filosofico, em 8.
Sciencia dos Costumes, em 8.
Tratado completo de Anatomia, ou Descripçaõ de todas as partes do corpo humano, escrito em Francez por Mr. Sabatier, e trasladado em vulgar. Em 8. 2 Vol.

Com brevidade sahirá o Tomo 3.

Theatro Estrangeiro, em 8. 6 Num.
Thefouro de Pregadores em 8. 2 Vol
Tratado das Obrigações da Vida Christã, em 8. 2 Vol.
Tratado das Aguas das Caldas, em 8.
Viajante Universal, ou noticia do mundo antigo e moderno. Obra recopilada dos melhores Viajantes, em 8. 15 vol. 1801.
Vida de D. Joaõ de Caftro por Jacintho Freire de Andrada, em 8.
Vida de Jefus Chrifto na Eucharistia, 8.